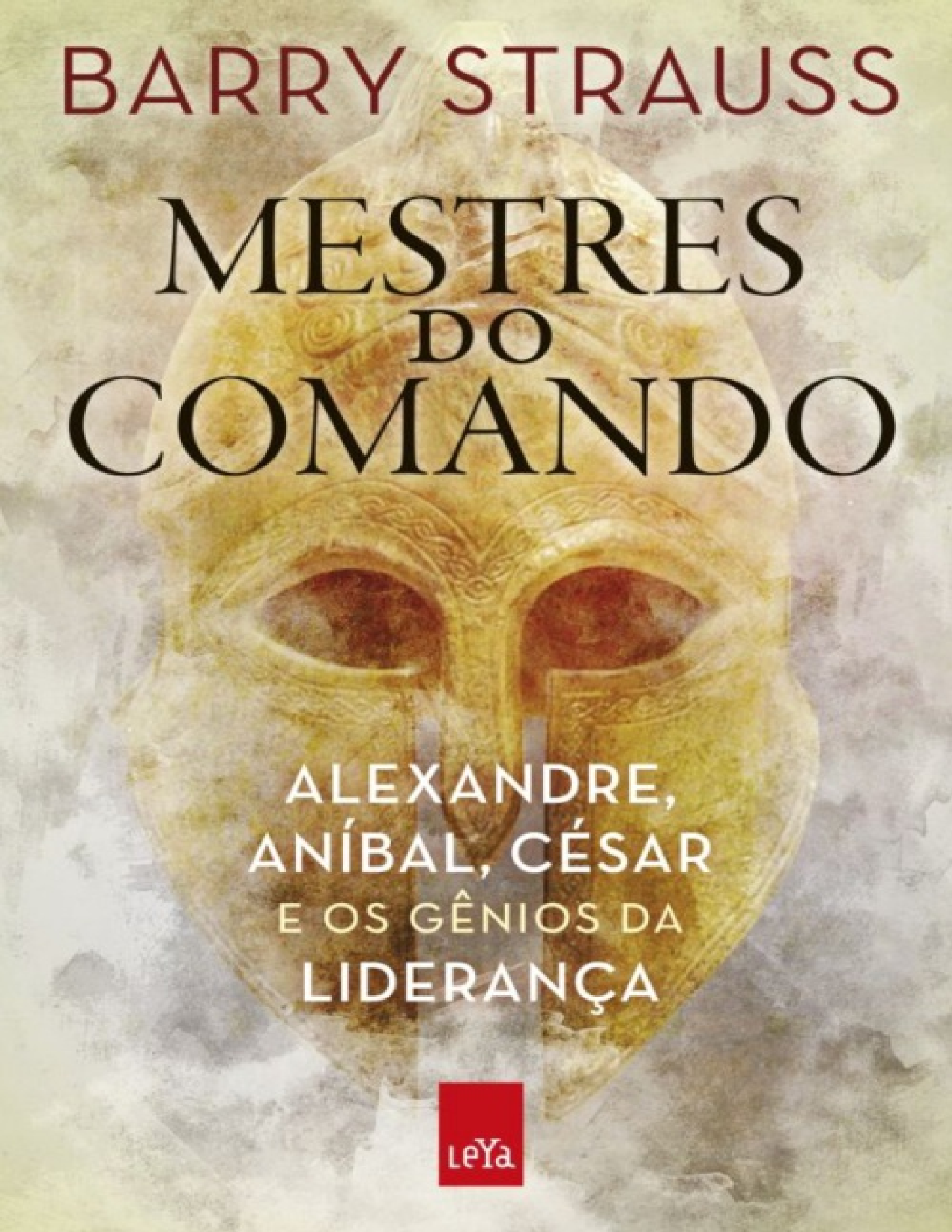
BARRY STRAUSS

MESTRES DO COMANDO



ALEXANDRE, ANÍBAL, CÉSAR E OS GÊNIOS DA LIDERANÇA

LeYa

Ficha Técnica

Copyright © 2014, Barry Strauss
Todos os direitos reservados.
Tradução para a língua portuguesa © 2014 Texto Editores Ltda.
Título original: *Masters of command*
Preparação: Iracy Borges
Revisão: Adriana Takimoto
Diagramação: Lira Editorial
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057
Strauss, Barry
Mestres do comando: Alexandre, Aníbal, César e os gênios da liderança / Barry Strauss; tradução de Marcelo Barbão. – São Paulo: LeYa, 2014.
ISBN 9788544100844
Título original: *Masters of Command*
1. Generais - Histórias 2. Comando de tropas 3. História militar antiga I. Título II. Barbão, Marcelo
14-0565 CDD–355.0092
Índices para catálogo sistemático:
1. Generais – militares - histórias
2014
TEXTO EDITORES LTDA.
Uma editora do Grupo LeYa
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 — Pacaembu — São Paulo, SP
www.leya.com.br

Barry Strauss

MESTRES DO COMANDO

Alexandre, Aníbal, César e os gênios da liderança



Para Donald Kagan, Walter LaFeber
e em memória de Alvin Bernstein

NOTA DO AUTOR

Nomes antigos são escritos de acordo com o trabalho de referência padrão, *The Oxford Classical Dictionary*, 3.ª ed. (Oxford: Oxford University Press, 1999).

Traduções do grego ou do latim são próprias do autor, a não ser quando indicado.

CRONOLOGIA

(Todas as datas são a.C.)

480-479 O império persa invade a Grécia, liderado pelo rei Xerxes, e é derrotado.

356 Nascimento de Alexandre.

338 Os macedônios derrotam os gregos na batalha de Queroneia; Alexandre comanda a cavalaria.

336 Filipe da Macedônia é assassinado; Alexandre se torna rei.

Maio-junho de 334 Alexandre invade o Império persa; batalha do rio Grânico.

Outono de 334 Sítio de Halicarnasso.

Junho de 333 Morte de Memnon de Rodes.

Novembro de 333 Batalha de Isso.

Janeiro-agosto de 332 Cerco de Tiro.

331 Revolta grega contra os macedônios.

1.º de outubro de 331 Batalha de Gaugamela.

330 Alexandre queima Persépolis; morte de Dario; execução de Parmênio e Filotas.

330-327 Campanhas em Báctria e Sogdiana.

Maio de 326 Batalha de Hidaspes.

Julho de 326 Motim na Índia.

325 Alexandre volta ao Irã.

324-323 Alexandre prepara a invasão da Arábia.

Verão de 324 Banquete em Ópis.

Outono de 324 Morte de Heféstion.

10 de junho de 323 Morte de Alexandre.

280-275 Invasão da Itália e da Sicília por Pirro.

264-241 Primeira Guerra Púnica.

247 Nascimento de Aníbal.

237 Amílcar Barca vai para a Espanha, levando Aníbal com ele.

228 Morte de Amílcar; Asdrúbal, o Belo, genro de Amílcar, agora está no comando da Espanha.

226 Tratado de Ebro.

221 Morte de Asdrúbal, o Belo; Aníbal agora está no comando da Espanha.

219 Aníbal captura Saguntum depois de um cerco de oito meses; Roma dá um ultimato.

218-201 Segunda Guerra Púnica.

Outono de 218 Aníbal cruza os Alpes; deixa seu irmão, Asdrúbal, no comando da Espanha.

Novembro de 218 Batalha do rio Ticino.

Dezembro de 218 Batalha do rio Trébia.

Primavera de 217 Os romanos derrotam a frota cartaginense na saída do rio Ebro na Espanha.

21 de junho de 217[1] Batalha do lago Trasimeno.

Verão-outono de 217 Fábio é apontado ditador e começa uma estratégia de cansaço.

2 de agosto de 216 Batalha de Canas.

Final de 216 Cápua se junta a Aníbal.

215 Aliança entre Aníbal e o rei macedônio Filipe V; Siracusa se une a Aníbal.

212 Aníbal toma Tarento, mas os romanos mantêm a fortaleza; Roma retoma Siracusa.

211 Aníbal marcha sobre Roma; Roma retoma Cápua.

210 Cipião toma Nova Cartago.

209 Batalha de Bécula; Roma retoma Tarento.

207 Batalha do rio Metauro; morte de Asdrúbal, irmão de Aníbal.

206 Batalha de Ilipa.

205 Magão invade a Itália; Aníbal coloca uma inscrição no templo de Hera Lacínia.

203 Aníbal volta para a África; morte de Magão.

Outono de 202 Batalha de Zama.

201 Cartago concorda em assinar um tratado com Roma terminando a Segunda Guerra Púnica.

196 Aníbal torna-se magistrado-chefe de Cartago.

195-183 Aníbal no Oriente.

183 Morte de Aníbal.

149-146 Terceira Guerra Púnica.

146 Cartago é destruída.

100 Nascimento de César.

82-81 Sula se torna ditador.

66-62 Pompeu conquista o Oriente.

61-60 Campanhas de César no oeste da Espanha.

58-50 César conquista a Gália.

12 de janeiro de 49 César cruza o Rubicão.

Fevereiro de 49 Cerco de Corfínio.

17 de março de 49 Pompeu evacua Brundisium.

Primavera-outono de 49 Cerco de Massília.

Junho-agosto de 49 Batalha de Ilerda.

4 de janeiro de 48 César cruza o mar Adriático.

Abril-julho 48 Campanha de Dirráquio.

9 de agosto de 48 Batalha de Farsala.

28 de setembro de 48 Morte de Pompeu.

Outono de 48 César conhece Cleópatra.

Inverno de 48-primavera de 47 Guerra de César no Egito.

2 de agosto de 47 Batalha de Zela.

25 de dezembro de 47 César deixa Roma, partindo para a África.

46 Cartago refundada como colônia romana.

6 de abril de 46 Batalha de Tapso.

Verão de 46 César comemora quatro triunfos.

17 de março de 45 Batalha de Munda.

Outubro de 45 César comemora seu quinto triunfo.

Fevereiro de 44 César é nomeado ditador por toda sua vida.

15 de março de 44 César é assassinado.

1 Todos os meses e dias específicos desta lista, a partir deste ponto, seguem o calendário romano em uso na época.

GLOSSÁRIO DOS NOMES PRINCIPAIS

Alexandre, o Grande ou Alexandre III (356–323 a.C.) Rei da Macedônia e conquistador do império persa.

Antípatro (ca. 397–319 a.C.) Governador da Macedônia na ausência de Alexandre, Antípatro organizou a defesa do *front* doméstico contra uma revolta das cidades-Estado gregas.

Bessos (m. 329 a.C.) Sátrapa de Báctria, organizador de um golpe contra Dario III e pretendente ao trono persa como Artaxerxes V, ele foi capturado e executado por Alexandre.

Crátero (m. 321 a.C.) Provavelmente o melhor general de Alexandre depois da morte de Parmênio, foi o responsável por importantes comandos em Isso e Gaugamela, bem como em Sogdiana e na Índia.

Dario III (m. 330 a.C.) Dirigiu o império persa a partir de 336 e organizou a resistência contra Alexandre, que enfrentou na batalha em Isso e Gaugamela.

Heféstion (m. 324 a.C.) O amigo mais próximo de Alexandre e possivelmente seu amante, Heféstion tinha enorme influência sobre o rei.

Memnon de Rodes (m. 333 a.C.) Mercenário grego a serviço da Pérsia, ele comandou a frota persa e foi o responsável pela pior derrota de Alexandre antes de sua morte prematura.

Parmênio (ca. 400-330 a.C.) General veterano de Filipe II, exerceu um papel central como comandante nas principais batalhas campais de Alexandre, mas acabou sendo executado como um rival.

Pérdicas (m. 321 a.C.) Um dos melhores generais de Alexandre, comandante tanto da infantaria quanto da cavalaria.

Filipe da Macedônia ou Filipe II, rei da Macedônia (382-336 a.C.) Pai de Alexandre; fundou o império macedônio e começou o projeto de conquistar a Pérsia.

Poro, rei indiano que lutou bravamente contra Alexandre na última grande batalha campal do macedônio, em Hidaspes (326 a.C.) Foi recompensado por Alexandre com mais terras, apesar de sua derrota.

Ptolomeu, filho de Lago, ou Ptolomeu I (367-282 a.C.) Um dos principais generais de Alexandre, mais tarde tornou-se rei do Egito e estabeleceu uma dinastia; também escreveu uma importante biografia de Alexandre.

Espitamenes (m. 328 a.C.) Chefe guerreiro de Sogdiana e um dos oponentes mais duros de Alexandre por um bom tempo, mas ele titubeou e seus próprios homens o mataram.

Caio Flamínio (m. 217 a.C.) Proeminente político e general romano que caiu na armadilha de Aníbal no lago Trasimeno e foi morto junto com a maioria de seu exército.

Caio Terêncio Varrão (fl. 218-200 a.C.) Cônsul e general romano em Canas (216 a.C.); Varrão, junto com o outro cônsul e segundo em comando, Lúcio Emílio Paulo, criou as táticas que levaram ao desastre.

Amílcar Barca (m. 228 a.C.) Pai de Aníbal e o maior general de Cartago em seus dias; começou a conquista do sul da Espanha e pode ter transmitido o ódio contra Roma a seus filhos.

Aníbal (247-183 a.C.) O maior general de Cartago; foi a força propulsora por trás da guerra contra Roma e o estrategista da invasão da Itália.

Asdrúbal (m. 207 a.C.) O irmão mais novo de Aníbal; a Espanha ficou a seu cargo, mas perdeu-a para os romanos. Marchou com as tropas sobreviventes por terra até a Itália, onde foi derrotado e morto em Metauro.

Magão (m. 203 a.C.) O irmão caçula de Aníbal; invadiu o noroeste da Itália por mar em 205, apoiando Aníbal, mas foi derrotado, ferido e morto no mar a caminho de casa.

Maharbal, filho de Himilcão (fl. 217-216 a.C.) Um dos principais membros da cavalaria de Aníbal; derrotou uma grande força de cavaleiros romanos depois de Trasimeno e pediu a Aníbal que enviasse sua cavalaria a Roma logo depois da vitória em Canas.

Massinissa (238-148 a.C.) Rei da Numídia cuja deserção de Cartago e apoio a Roma, com sua excelente cavalaria, selou o destino de Aníbal em Zama.

Políbio (ca. 200-ca. 118 a.C.) Historiador que escreveu o melhor livro que chegou até nossos dias sobre a Segunda Guerra Púnica; foi um estadista grego enviado à Itália como refém romano, e conquistou uma posição de influência com a família Cipião.

Pirro de Épiro (319-272 a.C.) Invadiu a Itália para apoiar as cidades gregas contra Roma e ganhou muitas batalhas, mas perdeu a guerra. Foi um modelo e uma fonte de preocupações para Aníbal.

Quinto Fábio Máximo Verrucoso (m. 203 a.C.) Ditador em 217 e um proeminente general e político durante a maior parte do resto da Segunda Guerra Púnica; liderou a política romana de adiamento e de guerra de atrito que bloquearam Aníbal na Itália.

Cipião Africano ou Públio Cornélio Cipião Africano (236-183 a.C.) O maior general de Roma na Segunda Guerra Púnica; conquistou a Espanha e o norte da África, derrotando Aníbal em Zama.

Catão, Marco Pórcio ou Catão, o Jovem (95-46 a.C.) O inimigo mais difícil e mais íntegro de César; seu suicídio o tornou símbolo da liberdade republicana.

Cícero, Marco Túlio (106-43 a.C.) O maior orador de Roma, hesitou durante a guerra civil antes de apoiar Pompeu; no final, foi perdoado por César. É mais importante para nós pela luz que suas cartas e discursos jogam sobre a vida pública romana.

Cleópatra ou Cleópatra VII (69-30 a.C.) Rainha do Egito e amante de Júlio César e, mais tarde, de Marco Antônio; era uma estadista brilhante que manobrou com habilidade o poder político e tentou preservar a independência de seu reino.

Caio Júlio César (100-44 a.C.) O maior general do final da república e talvez de toda a história romana, também foi um político astuto e excelente escritor.

Lúcio Domício Enobarbo (m. 48 a.C.) Político romano e inimigo de César, com quem lutou em Corfínio, Massília e Farsala.

Marco Antônio ou Marcus Antonius (83-30 a.C.) Um dos principais comandantes de César; provou

ser melhor general do que político.

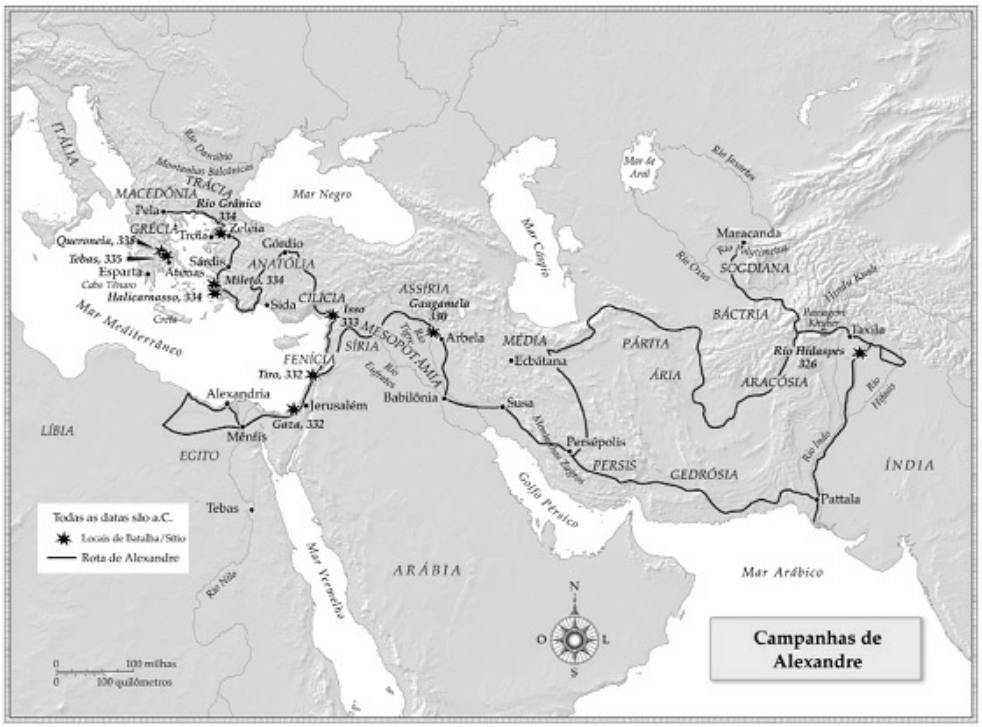
Metelo Cipião ou Quinto Cecílio Metelo Pio Cipião (m. 46 a.C.) Governador da Síria; comandou o centro das linhas de Pompeu em Farsala e fugiu para o norte da África, onde liderou a oposição a César e foi derrotado em Tapso. Matou-se depois disso.

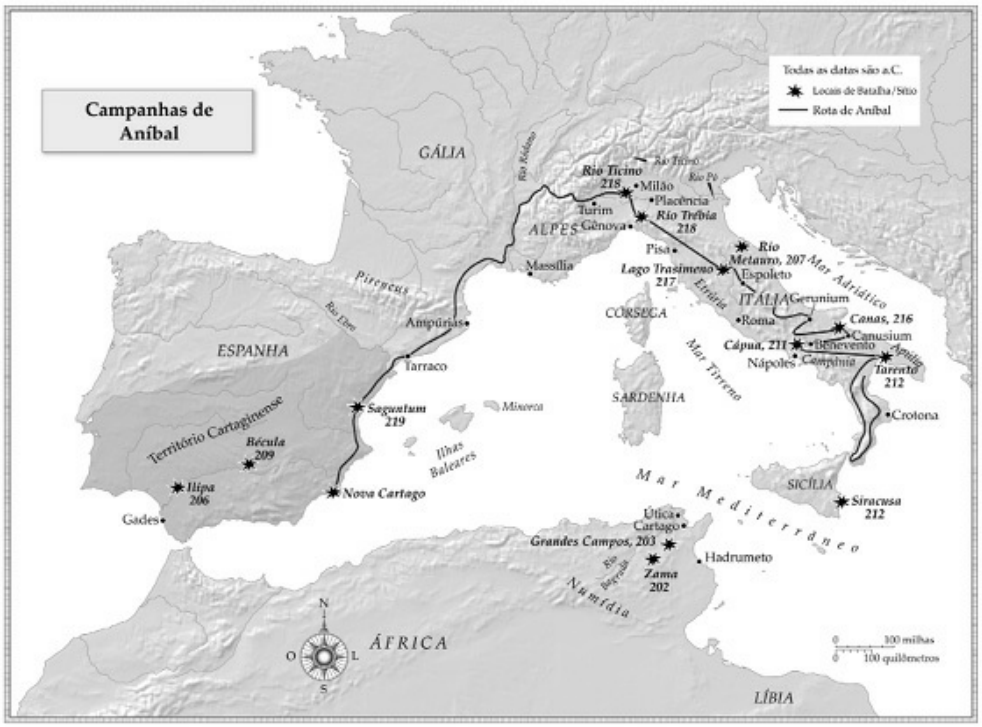
Fárnaces II (63-47 a.C.) Rei de Bósforo (na moderna Turquia) e filho de Mitrídates, um famoso inimigo de Roma; sofreu uma terrível derrota contra César em Zela e foi morto logo depois por um inimigo doméstico.

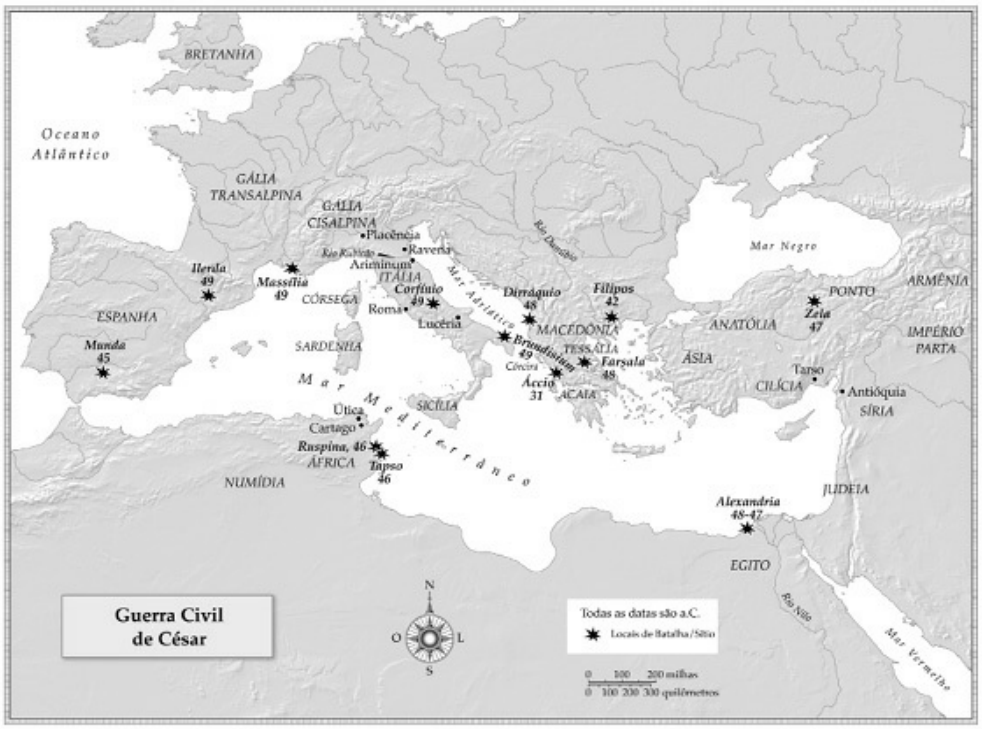
Pompeu ou Cneu Pompeu Magno (106-48 a.C.) Somente abaixo de César como comandante e estadista romano no final da república; passou de aliado a principal oponente de César – e o resultado foi a guerra civil.

Tito Labieno (ca. 100-45 a.C.) Segundo em comando de César na Gália; desertou para Pompeu e lutou até o final contra seu antigo chefe.

MAPAS


ITÁLIA
Rio Danúbio
Montanhas Balcânicas
TRÁCIA
MACEDÔNIA
Rio Grânico
334
Pela
Mar Negro
Mar de Aral
Rio Jaxartes
Mar Cáspio
GRÉCIA
Tróia
Zeleia
Querroneia, 338
Gôrdio
Maracanda
Rio Polytimetus
Rio Oxus
SOGDIANA
Tebas, 335
Sárdis
ANATÓLIA
Esparta
Atenas
Mileto, 334
Cabo Ténaro
Halicarnasso, 334
Sida
CILÍCIA
ASSÍRIA
Gaugamela
331
Mar Mediterrâneo
Creta
Isso
333
MESOPOTÂMIA
Tigre
Arbela
MÉDIA
PÁRTIA
BÁCTRIA
Hindu Kush
Passagem Khyber
Taxila
Ecbátana
Rio Hidaspes
326
FENÍCIA
SÍRIA
Tiro, 332
Rio Eufrates
ÁRIA
ARACÓSIA
Rio Hydaspes
Alexandria
Jerusalém
Babilônia
Susa
LÍBIA
Gaza, 332
Mênfis
Persépolis
Alexandria Eschate
PÉRSIS
GEDRÓSIA
Rio Indo
ÍNDIA
EGITO
Golfo Pérsico
Pattala
Tebas
Todas as datas são a.C.
Locais de Batalha/Sítio
Rota de Alexandre
Mar Vermelho
ARÁBIA
Mar Arábico
Rio Nilo
N
O
L
S
0 100 milhas
0 100 quilômetros
Campanhas de Alexandre


Campanhas de Aníbal
Todas as datas são a.C.
Locais de Batalha/Sítio
Rota de Aníbal
GÁLIA
Rio Ródano
Rio Tejo
Rio Pó
Rio Ticino 218
Milão
Placência
Turim
Rio Trébia 218
ALPES
Gênova
Pisa
Rio Metauro, 207
Lago Trasimeno 217
Espoleto
Massília
Mar Adriático
Etrúria
ITÁLIA
Gerunium
Pirenéus
Rio Ebro
Ampúrias
CÓRSEGA
Roma
Canas, 216
Canusium
Cápua, 211
Benevento
Nápoles
Campânia
Apúlia
Tarento 212
ESPANHA
Tarraco
Mar Tirreno
SARDENHA
Crotona
Saguntum 219
Minorca
Território Cartaginense
Bécula 209
Ilhas Baleares
Ilípa 206
Nova Cartago
Gades
Mar Mediterrâneo
SICÍLIA
Siracusa 212
Útica
Cartago
Grandes Campos, 203
Hadrumeto
Rio Bagrada
Zama 202
Numídia
ÁFRICA
N
O
L
S
100 milhas
100 quilômetros
LÍBIA


BRETANHA
Oceano Atlântico
GÁLIA TRANSALPINA
GÁLIA CISALPINA
Placência
Ravena
Rio Rubicão
Rio Ródano
Arimínum
ITÁLIA
Mar Adriático
Mar Negro
Ilerda 49
Massília 49
CÓRSEGA
Corfínio 49
Roma
Lucéria
Dirráquio 48
Filipos 42
MACEDÓNIA
ANATÓLIA
Zela 47
PONTO
ARMÉNIA
IMPÉRIO PARTA
ESPANHA
Munda 45
SARDENHA
Brundísium 49
Cércira
TESSÁLIA
Farsala 48
ÁSIA
Áccio 31
ACAIA
Tarso
CILÍCIA
Antióquia
SÍRIA
Mar Mediterrâneo
Útica
Cartago
SICÍLIA
Ruspina, 46
ÁFRICA
Tapso 46
NUMÍDIA
JUDEIA
Alexandria 48–47
EGITO
Rio Nilo
Mar Vermelho
Guerra Civil de César
N
O
L
S
Todas as datas são a.C.
Locais de Batalha/Sítio
0 100 200 milhas
0 100 200 300 quilómetros

CAPÍTULO 1

Dez qualidades de comandantes bem-sucedidos

Você não deixaria de ver o rei. A batalha era uma confusão de homens e cavalos se movendo, mas, mesmo assim, ele era inconfundível. Era baixo, mas musculoso, e estava em cima de um enorme corcel negro. Brilhando com sua esplêndida armadura, com altas plumas brancas fixas de cada lado de seu capacete, Alexandre, o Grande, rei da Macedônia, liderava a segunda onda dos Companheiros do Rei, a cavalaria de elite. Uma explosão de clarins e um rugido de gritos de guerra tinham feito com que avançasse, galopando pelo raso rio Grânico até a margem oposta, seguido pelos olhares expectantes dos melhores cavaleiros da Pérsia. Animados com a vitória sobre a primeira onda do ataque macedônio, os persas cobriram o inimigo com gritos.

Dois irmãos persas miraram no próprio Alexandre. Resaces e Espitrídates eram ambos aristocratas; Espitrídates era governador da Jônia, uma província rica onde atualmente é a costa turca do mar Egeu. Os irmãos atacaram e Espitrídates destruiu o capacete de Alexandre com sua cimitarra e roçou o cabelo do rei. Alexandre respondeu e enfiou a lança de madeira no peito de Espitrídates. Quando este caiu morto, seu irmão girou a espada sobre a cabeça desprotegida de Alexandre, preparando um golpe mortal. Um segundo antes de fazer contato, seu braço foi decepado pela hábil espada de Clito, o Negro, um oficial macedônio. Alexandre foi salvo. Era um dia de maio de 334 a.C. no noroeste da Anatólia (Turquia).

Cento e dezoito anos depois, o barulho da batalha soou pelas colinas do sul da Itália, onde os exércitos de Roma e Cartago estavam presos a uma luta mortal nos arredores da pequena cidade de Canas. Quando as legiões romanas marcharam avançando, os cartaginenses mostraram os dentes e retrocederam, com muitos feridos nesse caminho. Estariam colapsando com a ferocidade romana ou estariam levando os inimigos para uma armadilha?

Os comandantes dos dois lados lideravam à frente. O cônsul romano Paulo, bem no meio de tudo, incitava sua infantaria a destruir o inimigo. Seu oponente cartaginense não estava muito longe, no centro da linha de infantaria, posicionado no mesmo lugar desde o começo da luta, horas antes. Aníbal de Cartago comandava suas tropas pessoalmente.

Aníbal estava em cima de seu cavalo, usando um peitoral encouraçado e um capacete com plumas, carregando um escudo redondo. Seu rosto era famoso pelo olhar brilhante e feroz. Só tinha um olho bom, tendo perdido a visão do olho direito por uma doença, durante a longa e difícil marcha um ano antes.

A batalha tinha chegado a seu momento decisivo. Um pouco mais e os cartaginenses poderiam usar a armadilha, mas eles teriam que aguentar o poder de Roma. Sabendo disso, Aníbal caminhou entre os soldados, incentivando, animando seus homens e até lutando ele mesmo com o inimigo romano. Se o risco que estava assumindo não o matasse, Aníbal chegaria ao triunfo. Era a tarde de 2 de agosto de 216 a.C.

Cento e sessenta e oito anos depois, na primavera de 49 a.C., Roma estava tomada pela guerra civil. O conflito explodiu primeiro na Itália, Espanha e sul da França. Depois, o *front* central se moveu para o oriente. O foco passou para a costa de Épiro (a Albânia de hoje), a porta de entrada para o mar Adriático e a Itália. Dois grandes generais, Pompeu e César, estavam disputando uma posição nas terras próximas ao estratégico porto de Dirráquio (a moderna Durrës, Albânia). Cada homem liderava um grande exército, acampado do lado de fora da cidade.

Estavam fazendo o jogo da espera, pontuado por focos de batalha. Cada exército tentava superar o outro e subjugá-lo através de uma série de muros, fossos, fortes e torres que se espalhavam pelo terreno montanhoso. De repente, no começo de maio, o tédio deu lugar a um encontro sangrento.

Desertores do exército de César revelaram um ponto fraco em suas linhas. Pompeu usou a informação para atacar e pegar César desprevenido. Mas este aguentou e lançou um contra-ataque naquele mesmo dia. Começou bem, mas então seus homens se encontraram em um labirinto de muros e valetas abandonadas. Quando foram atacados, entraram em pânico.

César estava lá, entre seus homens, um exemplo de coragem. Alto e duro, ele permaneceu firme. Soldados correram recuando, ainda segurando seus estandartes de batalha – longos postes alinhados com discos de metal e a imagem de uma mão humana no alto. César agarrou os estandartes com as próprias mãos e mandou seus homens pararem. Suas palavras normalmente eram persuasivas, e seus olhos negros brilhavam com vigor. Mas nenhum homem parou; alguns olharam envergonhados para o chão, e outros até soltaram seus estandartes. Finalmente, um dos que levavam os estandartes, com sua lança de cabeça para baixo, ousou golpear o próprio César. A guarda pessoal do comandante cortou o braço dele no último momento e salvou a vida de César. Se não fosse por eles, a guerra civil poderia ter terminado naquele momento.

Três generais, três batalhas e um padrão: uma vida salva no auge do combate. Mas a batalha era somente o preço da admissão. Não eram apenas comandantes – eram soldados estadistas conquistando um império. Alexandre, o Grande; Aníbal e Júlio César são os três grandes da história militar antiga. Alexandre estabeleceu o padrão. Aníbal apareceu pouco mais de um século depois, afirmando que Alexandre tinha sido o maior general de todos os tempos. César apareceu mais ou menos 150 anos depois e lastimou, quando jovem, ao ver uma estátua de Alexandre, por ainda não ter conquistado nada.

Cada um foi um mestre da guerra. Tinham de olhar muito além do campo de batalha. Tinham de decidir não só como lutar, mas com quem e por quê. Tinham de definir vitória e saber quando terminar a guerra. Tinham de prever o mundo pós-guerra e criar uma nova ordem mundial que traria estabilidade e poder duradouro. Resumindo: não eram apenas comandantes, eram também estadistas.

Mas cada um provavelmente iria querer ser lembrado como herói da batalha. Não importavam as longas horas de contemplação silenciosa, o

contínuo debate de planos em conferências, as negociações para formação de alianças vitoriosas, os tediosos detalhes sobre os estoques nos silos ou a remoção de carroças presas no barro. O meio da batalha sangrenta – primitiva, elementar – era onde se sentiam em casa.

Na batalha, eles eram heroicos. Como comandantes, líderes do exército em combate e em campanha, eles eram incomparáveis. Como estrategistas, possuem um registro misturado. Seus planos de guerra chegaram aos céus, mas somente Alexandre e César chegaram ao alto. Como estadistas, os três não foram geniais. Nem Alexandre nem César, muito menos Aníbal, conseguiu resolver o problema de como criar ou manter a nova ordem mundial que cada um previu.

Alexandre (356-323 a.C.) conquistou o maior império que o mundo já viu – a Pérsia. Mas ele morreu pouco antes de completar 33 anos, depois de sofrer um humilhante motim de seus homens e sem ter um sucessor ou um plano para administrar seus vastos e novos domínios. Seu império colapsou imediatamente e entrou em guerra civil e caos. Cinquenta anos depois, consistia em meia dúzia de novos reinos, todos governados pelos gregos aliados de Alexandre, mas nenhum por sua família. Longe de estabelecer uma dinastia, Alexandre foi o último de sua linhagem a reinar.

Aníbal (247-183 a.C.) assumiu o comando de um império colonial na Espanha fundado por seu pai e expandido por seu cunhado. Então, Roma desafiou seu controle. Roma e Cartago eram inimigos mortais, já tendo guerreado pela Sicília, que Roma ganhara. Agora, com o apoio de seu governo local em Cartago, Aníbal lançou uma guerra para acabar de uma vez por todas com o poder de Roma. Ele conseguiu a espetacular proeza de cruzar os Alpes na neve com seu exército e seus elefantes e marchar contra a Itália. Ali protagonizou a maior derrota que Roma já tinha enfrentado, incluindo uma das mais completas vitórias nos anais da guerra, Canas (216 a.C.). Mas perdeu a guerra. Como Alexandre, foi o último membro da sua família a manter o poder político em seu Estado.

César (100-44 a.C.), depois da espetacular conquista da Gália, lutou e ganhou uma guerra civil contra a vasta riqueza e poder da república romana. César começou um programa legislativo para transformar a república em uma monarquia, mas se cansou da política. Ele estava mais interessado em começar uma nova campanha contra o império parta (um reino iraniano). Mas, antes de poder partir para a frente de batalha, foi esfaqueado por uma

multidão de senadores romanos, aos pés da estátua de seu inimigo nos Idos de Março. César, entretanto, estabeleceu uma dinastia – ou melhor, seu sobrinho-neto Otaviano (63 a.C.-14 d.C.) estabeleceu. Em seu testamento, César nomeou Otaviano como seu filho adotivo e herdeiro, mas Otaviano teve de lutar quinze longos e sangrentos anos antes que o resto do mundo romano o aceitasse. Otaviano ficou mais conhecido pelo nome que adotou mais tarde – Augusto, primeiro imperador de Roma.

Cada um dos três generais era um prodígio militar – e um apostador. Enfrentaram impérios: inimigos com exércitos muito maiores do que os seus; inimigos que desfrutavam do comando estratégico do mar; e inimigos com vantagens no domínio da terra. Mas esses generais arriscaram tudo pela vitória.

Os três lideraram suas forças em uma invasão importante do território inimigo: César cruzou o Rubicão; Aníbal cruzou os Alpes; e Alexandre, o Dardanelos. Alexandre começou uma longa guerra contra o império persa (334-323 a.C.); Aníbal deu início a uma luta contra Roma, conhecida hoje como a Segunda Guerra Púnica (218-201 a.C.); e César começou a guerra civil (49-45 a.C.). Cada homem chegou perto de experimentar uma mistura de sucesso e fracasso e, depois, conquistou uma vitória completa no campo de batalha. Mas, no final, Aníbal perdeu a guerra, e Alexandre e César ganharam vitórias vazias.

Escrevi este livro para explicar os motivos. A história desses três comandantes supremos é tão atual hoje quanto era há dois mil anos. Oferece lições para líderes em muitos aspectos da vida, do comando de guerra à sala de reuniões da diretoria – lições e avisos.

AS DEZ CHAVES PARA O SUCESSO

Quando Theodore Ayrault Dodge chamou Alexandre, Aníbal e César de “grandes capitães” em 1889 – em um livro de mesmo nome –, a maioria de seus leitores admirava a ambição imperial. Hoje, depois do sangrento século XX, não estamos tão seguros em apoiar essa ambição. A grandeza desses três excelentes generais inspira, mas sua letalidade é aterradora. São três deuses da guerra, mas também são três demônios. Admiramos esses homens pelas mesmas razões que podemos temê-los, porque parecem ser super-humanos de alguma forma. Eles se destacam pela grandeza – e pela ambiguidade. Eram

excelentes, mas não eram bons. Ou, melhor dizendo, o bom neles estava misturado com o mal.

Mais razões ainda para perguntar o que está ligado ao sucesso de um grande comandante – suas virtudes ou seus vícios? Cada um tem seu próprio estilo. Alexandre aparece no Livro de Daniel, da Bíblia, como uma cabra com um chifre, vigoroso e impetuoso, mas prefiro pensar nele como um cavalo – animado, rápido, duro e mais do que capaz de carregar uma carga pesada, se necessário. Aníbal era um grande felino predador, como um leopardo – astuto, forte, ágil, ligeiro, furtivo e oportunista. César era um lobo – rápido e implacável, um caçador habilidoso e assassino.

Mas a principal razão para o sucesso deles foi aquilo que tinham em comum. Sabiam como jogar o jogo da guerra e agregaram-lhe certas qualidades. Vamos começar descrevendo essas qualidades e, depois, vamos virar o jogo.

Algumas dessas qualidades são admiráveis, outras não. Algumas são admiráveis de forma moderada. Mas conquistadores raramente são moderados, menos ainda Alexandre, Aníbal e César.

Dez qualidades formam a base do sucesso na guerra desses três grandes comandantes. As nove primeiras são: ambição, julgamento, liderança, audácia, agilidade, infraestrutura, estratégia, terror e estilo. A décima é diferente, pois é algo que acontece com um comandante em vez de algo que ele possui – a qualidade da Divina Providência.

1. Ambição

Os gregos dizem melhor. A palavra que usam para “ambição“ é *philotimia*, que literalmente significa “amor pela honra”. A palavra deles para “impulso” é *horme*, que possui tons de emoção – pense em nossa palavra “hormônio”. E uma terceira palavra grega, *megalopsychia*, não tem uma boa tradução para o português, mas precisamos dela para entender esses três grandes líderes. Significa “grandeza da alma”, referindo-se a um impulso apaixonado para conseguir grandes feitos e ser recompensado com suprema honra.

Entram Alexandre, Aníbal ou César.

Eram membros do que Abraham Lincoln já chamou de “a tribo da águia”. Tinham muito talento. A autoconfiança deles não tinha limites. Homens com elevada ambição, tinham fome de honrarias. Nada menos do que a conquista

de novos mundos poderia satisfazê-los.

Seus objetivos eram elevados, mas também egoístas e injustos. Alexandre espalhou a democracia e a civilização grega, mas atacou a Pérsia para conquistar um império, não para acabar com alguma injustiça. Aníbal queria libertar seu país do controle de Roma, mas rejeitou as negociações, pois queria rivalizar as conquistas de Alexandre. César defendeu os interesses do povo comum, mas queria muito ser o primeiro homem em Roma e não hesitou em destruir a república.

Os grandes comandantes não eram contadores que encorajam CEOs a diminuir seus planos. Eles tinham tanta necessidade de conquistas quanto os leões de caçar.

2. Julgamento

Bom julgamento, guiado por educação, intuição e experiência, define o sucesso dos três comandantes na guerra. Quando se trata de política, no entanto, César possui uma classe especial, seguido por Alexandre e, num distante terceiro lugar, Aníbal.

Eram muito inteligentes, mas cada um tinha algo mais – uma qualidade conhecida como intuição estratégica. Quando enfrentavam uma nova situação, cada um podia tirar experiências do passado e surgir com a resposta correta. Eles sabiam como trabalhar sem a informação perfeita e eram inabaláveis sob pressão. Eram capazes de pensar de forma criativa, rápida e eficiente. E conseguiam ler os outros como um livro. Conheciam a guerra, mas também as pessoas.

Não precisavam de treinamento para saber o que tinham de fazer. Antes de cruzar o Helesponto, os Alpes ou o Rubicão, nossos três líderes tinham adquirido toda a proficiência na arte da guerra.

Alexandre e Aníbal aprenderam aos pés de seus famosos pais guerreiros – Filipe II, o conquistador rei da Macedônia, e Amílcar Barca, o general cartaginense que lutou contra Roma até o fim. César veio de uma família aristocrática e praticou as artes tradicionais da nobreza romana – oratória e guerra. Quando cruzou o Rubicão em 49 a.C., com 50 anos, ele tinha passado por uma das maiores escolas da guerra: tinha conquistado a Gália (quer dizer, o equivalente à maior parte do que é, hoje, a França e a Bélgica).

Apesar de supercompetentes como soldados, cada um dos três comandantes

tinha um ponto cego: Alexandre ignorava a marinha; Aníbal ignorava os cercos; e César conhecia muito pouco de logística. Eram debilidades importantes.

Antes de se tornar um conquistador, César era político e dominava o jogo do poder em Roma. Antes de invadir a Pérsia, Alexandre enfrentou a intriga e as traições da corte da Macedônia, mas isso estava muito distante de governar um império gigantesco. Quando atacou Roma, Aníbal não tinha colocado o pé em Cartago desde os 9 anos – quase duas décadas antes – e, sobre a política doméstica, ele apenas sabia o ABC. Eventualmente teria de pagar por essa ignorância.

3. Liderança

Eles tinham almas de ferro. Os grandes comandantes eram decididos, vigorosos e seguros. Tinham equipes que podiam ser consultadas – e que, frequentemente, prevaleciam sobre a opinião deles. Cresceram dando ordens. Os homens obedeciam, e não apenas por causa do posto: obedeciam porque o comandante tinha ganhado seu respeito. Os homens tinham aprendido a confiar suas vidas a seu líder.

Eles respiravam dignidade. Só Alexandre era rei, mas Aníbal e César eram nobres. Entretanto, todos tinham o toque comum, especialmente o político César.

“Não seguia a causa. Seguia o homem – e ele era meu amigo.”

Com essas palavras simples, um tenente de César resumiu o segredo do sucesso dos grandes comandantes. Eles apelavam a seus seguidores não apenas como conquistadores ou chefes, mas também como homens. Tinham essas qualidades pessoais especiais que inspiravam os outros em um nível profundo e emocional. Mais do que a habilidade oratória, apesar de ser algo importante, havia um gesto simples, mas eloquente. A visão de Aníbal em seu manto, dormindo no chão com seus homens, ou Alexandre no deserto, recusando um capacete cheio de água enquanto seus homens estavam sedentos, ou César dormindo no pórtico de uma cabana requisitada para que seu amigo doente Oppius pudesse descansar – eram cenas que inspiravam mais a confiança dos soldados do que centenas de discursos.

Não que os comandantes apostassem na amizade para dirigir seus exércitos – longe disso. Atores habilidosos, eles podiam colocar fogo em seus exércitos

ou extinguir a paixão deles. César parou um motim, certa vez, com uma única palavra: “cidadãos”. Ao tratar seus homens com um título civil, ele os colocou de novo em seus lugares – e lembrou o quanto importava a aprovação do chefe.

Eram mestres da recompensa e da punição. Usavam honras e prêmios em dinheiro para alimentar a bravura. Pagavam bem às suas tropas – ou teriam de enfrentar motins. Tinham grande coração e queriam que todos soubessem disso – mantinham uma parte relativamente pequena do saque para si mesmos e repartiam o resto entre seus amigos.

Quando se tratava de suas melhores tropas, como os macedônios de Alexandre, ou os africanos de Aníbal, eles faziam o máximo possível para ter um mínimo de baixas. Enquanto isso, não deixavam nenhuma dúvida de que, se o pior acontecesse, as viúvas e os órfãos receberiam grandes benefícios.

Alimentavam o fator medo punindo qualquer um que os enfrentassem, soldados ou oficiais. Surras, execuções e até crucificações – eram todas armas de liderança.

4. Audácia

A honra estava no coração de seu caráter. Coragem era o sangue vermelho em suas veias. Mas a virtude do guerreiro que melhor personifica Alexandre, Aníbal e César é a audácia.

Cada um deles estava, de sua própria forma, escalando o monte Everest. O rei da pequena Macedônia não deveria conquistar o vasto império persa. O governador da Gália não deveria derrubar o Senado romano e seus exércitos. E era inimaginável que o comandante cartaginense do sul da Espanha devesse cruzar tanto rios quanto montanhas e invadir a Itália. Mas eles ousaram fazer o que não poderia ser feito.

“Porque ele amava a honra, amava o perigo” – o que Plutarco falou sobre César na batalha se aplica a Alexandre e a Aníbal também. Eles lutaram no meio de tudo. Era perigoso: durante sua invasão do império persa, Alexandre registrou sete ferimentos, pelo menos três deles sérios, assim como uma doença da qual se recuperou. Também era eficiente, porque um general que passava pelos mesmos riscos de seus homens ganhava o coração deles.

Eram ousados nas campanhas militares que criavam. Apesar de a maioria dos generais evitar riscos na maior parte do tempo, esses três adoravam se

arriscar. Sempre tentavam aproveitar as oportunidades. Cada um apostou que poderia destruir o centro de gravidade do inimigo antes que o inimigo pudesse destruir o seu. Como todos os líderes bem-sucedidos, os três também sabiam quando *não* ser audaciosos.

Alexandre, Aníbal e César chegaram ocasionalmente a correr riscos muito altos, mas normalmente calculavam as suas chances. Corriam para a frente de batalha, mas raramente esqueciam-se de criar bases seguras. Mesmo assim, eles acreditavam no seu destino invencível e na boa sorte, o que os levava a apostar e, às vezes, falhar. Poucos homens se recuperavam tão rápido do fracasso quanto eles.

5. Agilidade

Eram soldados que enfrentavam o que fosse. Ou pelo menos quase tudo: gostavam de mudanças no campo de batalha, mas mesmo a agilidade que possuíam tinha limites. E quando deixavam o campo de batalha e se metiam com a política, enfrentavam desafios ainda mais difíceis.

Quando as condições de combate mudavam, eles se reorganizavam. Tendo conseguido brilhar na guerra convencional na Ásia, Alexandre mudou para a tática da contrainsurgência quando enfrentou uma guerrilha na Ásia central. Aníbal mudava sem esforço entre campos de batalha e emboscadas. César se sentia confortável no campo de batalha, mas se jogou na guerra urbana em Alexandria e conseguiu uma importante vitória.

Velocidade era o lema deles, enquanto mobilidade, uma marca registrada. A enorme cavalaria pesada de Alexandre, os cavaleiros ligeiros de Aníbal e a infantaria rápida de César eram os agentes do sucesso. Em suas mãos, até elefantes poderiam se mover com graça, como quando os elefantes de Aníbal foram colocados em jangadas para cruzar o Ródano.

Viajavam com poucas coisas, não mais do que uma carroça de suprimentos. Seus homens viviam da terra – os de Alexandre eram menos precários que os de Aníbal ou de César, já que os macedônios prestavam mais atenção à logística e faziam o trabalho necessário para assegurar suprimentos.

Eram mestres da multitarefa. César ditava cartas sobre seu cavalo, com um secretário montado de cada lado, cada um anotando um documento diferente. Eram workaholics hercúleos que gerenciavam o tempo com habilidade de pugilista. Só as necessidades de dormir e fazer sexo, dizia Alexandre, o

faziam lembrar que era humano.

Mas a agilidade tinha seus limites. Alexandre foi quase derrotado pela frota persa. Aníbal pagou caro por sua incapacidade de realizar cercos na Itália. César quase matou seu exército de fome durante o cerco mal organizado de Dirráquio.

Nem sempre guerreiros ágeis necessariamente são bons políticos. Guerra é clareza; política é frustração. Alexandre conquistou o império persa com garra, mas rapidamente perdeu o interesse na administração de seus negócios. Aníbal descobriu que ganhar aliados na Itália era mais fácil do que fazer com que obedecessem a sua vontade. César achava o campo de batalha menos desafiador do que o Foro; sua queda não veio dos exércitos senatoriais, mas das adagas na Câmara do Senado.

6. Infraestrutura

Ganhar uma guerra tem certas exigências: armas e armaduras, barcos, comida, dinheiro, dinheiro e mais dinheiro. Com dinheiro suficiente, você pode comprar o resto. Você pode adquirir mão de obra – até disciplinada e veterana, quer dizer, mercenários.

Uma coisa que o dinheiro não pode comprar é sinergia. Não pode comprar uma força armada combinada (infantaria leve e pesada, cavalaria junto com engenheiros) que esteja treinada para lutar em conjunto como um todo coerente – e unida com seu líder. Você precisa construir isso sozinho.

E construir do modo como nossos três generais fizeram. Cada um herdou um instrumento deslumbrante e transformou em algo ainda mais afiado e mortal.

Filipe II construiu o exército macedônio, e Alexandre acrescentou o toque glorioso de liderar a cavalaria à vitória na maior batalha de Filipe – Queroneia. Então, depois da morte de Filipe, Alexandre cavalgou à frente do exército em seus anos de glória na Ásia. Aníbal herdou os homens que tinham construído o novo império cartaginense na Espanha por seu pai, Amílcar. César pegou as legiões e assumiu como próprias. Forjados na provação das guerras gálicas, eles eram o melhor exército do mundo romano.

7. Estratégia

Em seu sentido original, do grego, estratégia se refere a tudo relacionado com as tarefas do general, de táticas de batalha à arte das operações (unir batalhas para alcançar um objetivo maior) até estratégia de guerra (como ganhar uma guerra). Acrescentemos a isso o que agora chamamos de grande estratégia – o objetivo político mais amplo que serve a uma guerra. Grandes comandantes devem dominar todos eles.

Alexandre, Aníbal e César tinham um domínio instintivo das operações. No entanto, o domínio de César sobre as táticas não se equiparava ao de Alexandre ou Aníbal.

Aníbal, em particular, era o mestre da surpresa. Sua marcha sobre os Alpes deixou o inimigo espantado. Ele criou círculos ao redor dos romanos com um conjunto de truques antes desconhecidos que conseguiu abrir os portões de uma forte cidade, lançar um ataque de cavalaria a partir de um ponto escondido nas costas do inimigo e liberar seu exército uma noite bem debaixo do nariz dos romanos.

Nem Alexandre nem César estavam à altura de Aníbal, mas tinham alguns truques na manga. Quando os persas bloquearam uma passagem montanhosa no coração do Irã, Alexandre conseguiu atravessar as colinas e surpreendê-los por trás. Quando César enfrentou Pompeu em uma batalha mortal, ele escondeu suas melhores tropas até o ataque da cavalaria inimiga – então usou seus homens e neutralizou o ataque.

Mas, quando falamos de estratégia de guerra, Alexandre e César deixam Aníbal para trás. Eles pensavam com antecipação e eram persistentes. Sabendo que não conseguiria vencer a Pérsia no mar, Alexandre preferiu conquistar os portos persas no Mediterrâneo – adiando a grande batalha que tanto ansiava. Pensando antecipadamente no confronto com Pompeu, César enviou a pilhagem que tinha conquistado na Gália de volta para casa, entregando-a ao povo comum da Itália – na verdade, comprando os seus votos. Aníbal era menos minucioso. Adorava a velocidade e a bruxaria, mas não tinha interesse em esmagar cada um dos aliados de Roma.

Apesar de todo seu sucesso, Aníbal fracassou no pensamento estratégico. Seus triunfos nos campos de batalha foram impressionantes, mas não destruíram Roma. Quando o inimigo se recuperou, Aníbal não tinha um plano B. Não sabemos quem foi o maior culpado, Aníbal ou seu governo, mas sabemos quem riu por último – Roma.

Todos os três comandantes tinham uma estratégia: Alexandre queria

conquistar o império persa; Aníbal, destruir o poder de Roma de uma vez; e César, conseguir a supremacia política. Mas esses objetivos deixavam muitos detalhes em aberto.

8. Terror

Estavam dispostos a matar inocentes e todo mundo sabia disso. Isso também foi um segredo do sucesso deles.

Cena de uma guerra civil: quando um jovem oficial tentou impedir que César entrasse no tesouro em Roma, César levantou a voz e ameaçou matá-lo se não saísse do caminho. “E jovem”, ele falou, “você precisa saber que falar isso foi mais difícil para mim do que realmente fazer”. O oficial aterrorizado fugiu.

Mas ameaçar a vida de um funcionário do governo não era nada comparado a massacrar cidades inteiras, como fizeram os grandes comandantes. César saqueou a pequena cidade grega de Gomfoi como punição por traí-lo. Alexandre destruiu a grande metrópole grega de Tebas só para mostrar o que fazia com rebeldes. Pior ainda aconteceria mais tarde na Ásia Central e do Sul, onde os furiosos macedônios massacraram todas as cidades.

César fez o mesmo na Gália, onde o biógrafo da Antiguidade, Plutarco, diz que matou um milhão de pessoas e escravizou outro milhão. Exageros – mas próximo o suficiente da verdade, o que fez que os italianos rapidamente se renderem quando ele cruzou o Rubicão. César então fez uma jogada inteligente e perdoou seus inimigos, o que ganhou o aplauso de um público aliviado.

A primeira coisa que Aníbal fez quando chegou à Itália em 218 foi massacrar o povo de Turim – um lugar pequeno naqueles dias – para quebrar a resistência nas áreas próximas. Quando ele finalmente deixou a Itália, quinze anos depois, em 203, massacrou aqueles italianos que se recusaram a ir com ele – e não hesitou em segui-los até um templo para fazer isso. Ou foi o que afirmaram os romanos.

9. Estilo

Homens com ambições imperiais não vão à guerra por coisas pequenas, como disputas de fronteira. Precisam de grandes causas e símbolos claros.

Todos os três eram camaleões. Nenhum era homem do povo, mas todos eram populistas.

Alexandre começou como um vingador e liberador e terminou como um semideus. Prometeu vingança pela invasão da Grécia pela Pérsia, 150 anos antes, proclamou a liberação das cidades gregas que conquistou e transformou-as em democracias, quisessem ou não. Quando chegou ao Irã, vestiu itens do guarda-roupa persa e insistiu que seus homens o saudassem ao estilo persa, em um aceno a seus novos súditos orientais. Enquanto isso, mandou que seus aliados gregos o venerassem como filho do deus Zeus.

Aníbal também lutou por vingança e libertação, além de fazer seu próprio caminho até os deuses. A Cartago, ele prometeu vingança por sua derrota anterior para Roma; aos italianos, prometeu liberdade do domínio romano. Afirmou ter o apoio do deus cartaginense Melcarte – ou Hércules. E encorajou seus seguidores celtas a considerá-lo um herói saído de seus mitos.

César passou por muitas dificuldades para mostrar que não era um mero governador provincial que havia se revoltado contra o governo de Roma. Dizia que estava lutando pelos direitos do povo romano e por seu próprio bom nome – este era um princípio importante para o coração romano. César também marcou uma diferença muito evidente entre ele mesmo e os generais anteriores que tinham marchado sobre Roma. Eles tinham selado suas guerras com reinos de terror, mas a política dele era de misericórdia.

Em relação aos deuses, a família de César traçava sua ancestralidade até Vênus. César recebeu honras divinas do Senado enquanto ainda estava vivo e foi divinizado depois de sua morte. Mas César adquiriu algo que era ainda mais valioso: celebridade. Seu texto *Comentários sobre a guerra gálica* o transformou em um símbolo de proeza militar. Quando cruzou o Rubicão dois anos depois, a reputação de César serviu como um multiplicador de força.

10. Divina Providência

Napoleão queria generais que não fossem apenas bons, mas também tivessem sorte. Ele teria ficado feliz, em muitas ocasiões, com Alexandre, Aníbal e César. Mas só a Divina Providência, e não apenas sorte, pode explicar as orientações e a proteção necessária para chegar às alturas que chegaram. Apesar de serem os nove fatores anteriores necessários, a Divina Providência

era essencial.

A Divina Providência guiou os passos dos jovens nascidos para serem conquistadores, como Alexandre e Aníbal, e também os passos de um político de meia-idade que foi à guerra e acabou se tornando o maior general de todos – César. Só a Divina Providência pode levar os inimigos de um homem para a beira do abismo. Sem precisar levantar um dedo, por exemplo, Alexandre viu seu pior inimigo morrer subitamente.

Os romanos se jogaram nas mãos de Aníbal ao enviar contra ele o maior exército que possuíam. Estava esperando em Canas. Ali, Aníbal conquistou uma das maiores vitórias do mundo, mas não conseguiu dar continuidade com uma marcha contra Roma – e isso lhe custou a guerra.

Como diz o ditado: o homem planeja, Deus ri.

OS CINCO ESTÁGIOS DA GUERRA

Um grande líder sabe o ritmo da guerra. Isso é muito importante porque na guerra, como em quase tudo, o ritmo é indispensável. Sucesso não é só uma questão das dez qualidades que acabamos de discutir, mas de saber quando implementá-las. Isso combina especialmente com o tipo de guerra que Alexandre, Aníbal e César tinham em mente.

As três guerras seguiram um padrão similar. Cada uma começou com uma combinação de ataque e defesa, mantendo uma regra básica de combate: sempre que você dá um soco, cria uma abertura para que seu oponente ataque, então é preciso se proteger. Da mesma forma, nossos generais invadiram o país do inimigo ao mesmo tempo em que antecipavam um contra-ataque do inimigo. Cada um passou por problemas antes, porque, na guerra, nem tudo sai como planejado, mas depois se reagruparam rapidamente. Em seguida, veio uma grande vitória em uma batalha campal que abalou a capacidade ofensiva do inimigo. E cada um dos três tentou finalizar o trabalho privando o inimigo de seu dinheiro e homens – dois deles conseguiram. O último passo foi colher os frutos da vitória em um acordo de paz para o mundo pós-guerra, mas nenhum dos capitães conseguiu isso.

Suas três guerras foram seguidas de um padrão similar, mas, na época, isso acontecia com a maioria delas. Apesar de muitas mudanças em tecnologia, desde os tempos antigos, os princípios da guerra mudaram pouco, da mesma forma que a natureza humana.

Cada uma dessas guerras consistiu em cinco fases. Eu as chamo de cinco estágios do conflito: (1) ataque, (2) resistência, (3) choque, (4) fechar o cerco e (5) saber quando parar.

No estágio do **ataque**, a decisão de ir para a guerra leva à deflagração da luta guiada por um plano. O plano da guerra é crucial – como diz o ditado, "fracassar em planejar é planejar para o fracasso". Mas todo plano enfrenta obstáculos – vamos chamá-los de **resistência**. Nesse estágio, o atacante precisa superar esses obstáculos ou vai fracassar. Nossos generais foram bem-sucedidos e forçaram seus oponentes a entrar em um **choque** – a batalha ou batalhas que deixaram evidente a supremacia do exército invasor. Mas vencer uma batalha não é suficiente. Um general bem-sucedido precisa deixar seu inimigo de joelhos usando o que for necessário – perseguição, cerco, bloqueio, contrainsurgência ou outras táticas. Ele precisa usar seus recursos políticos e financeiros, além dos militares. Precisa estar pronto para dúvidas em suas fileiras e insurgência no exterior. **Fechar o cerco** é o estágio mais complexo e desafiador de todos. Finalmente, um soldado-estadista tem a vantagem de **saber quando parar.** Ele termina a luta no momento certo e de uma maneira que faz mais do que cessar as hostilidades – estabelece a base para o mundo pós-guerra.

A maioria das pessoas provavelmente pensa na guerra como um processo de três estágios: atacar, lutar, ganhar ou perder. Mas esse modelo está errado, porque simplifica e distorce a natureza da guerra. Não podemos entender a guerra sem levar em conta sua imprevisibilidade e sua natureza fundamentalmente política.

Os grandes comandantes sabiam disso. Eles não planejavam apenas ganhar. Antecipavam o fracasso e sabiam como se recuperar. Colocavam o sucesso no campo de batalha em contexto. Sabiam que podiam ganhar uma batalha e ainda perder a guerra. Também entendiam que a vitória militar não se iguala ao sucesso político.

A guerra é imprevisível. Muitos soldados antigos veneravam a Fortuna ou a Sorte, e não sem razão. Seus comandantes faziam planos cuidadosos, mas nenhum planejador conhece toda colina ou o que está detrás dela; nenhum prognosticador consegue controlar o clima ou prever o que a Providência tem guardado. E depois, está o inimigo. A guerra não é uma simulação; a guerra é uma disputa contra um alvo em movimento. O inimigo possui truques, como fingir e arrasar com os planos mais elaborados.

Por exemplo, os persas lançaram um contra-ataque por mar contra a base de Alexandre na Grécia, e os romanos lançaram um ataque contra a fortaleza de Aníbal na Espanha. Tanto Alexandre quanto Aníbal resistiram, mas Alexandre teve sorte. Aníbal recebeu um forte golpe. Pompeu poderia ter atacado a base de César na Itália a partir da Espanha, mas César o venceu, invadindo a Espanha primeiro.

A política constrange a guerra de duas formas. Nenhum general consegue realizar ações militares a menos que tenha o apoio de seus homens no campo de batalha e o apoio em casa. Nenhuma vitória militar pode dar frutos a menos que force o inimigo a seguir nossa vontade. Não vale a pena ganhar uma batalha se o inimigo for capaz de continuar lutando. Negociações de paz podem ser traiçoeiras; e muitos generais ganharam a guerra, mas perderam a paz. Por exemplo, o general Lisandro (m. 395 a.C.) liderou Esparta até a vitória contra Atenas na Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), mas suas políticas pós-guerra foram tão pesadas que seus aliados se voltaram contra ele e Esparta o expulsou do governo. Isso deu a Atenas uma abertura para ressurgir como uma ameaça militar. Na época moderna, o exército francês derrotou militarmente os rebeldes na Guerra da Argélia (1954-1962), mas a um custo tão alto que o governo francês, com apoio popular, decidiu renunciar à colônia. A Argélia, depois de mais de um século como colônia francesa, se tornou um Estado independente.

Quando olhamos de perto a natureza da guerra – sua imprevisibilidade e natureza política –, entendemos por que este modelo de cinco estágios é útil. O modelo de cinco estágios se ajusta não somente às guerras de Alexandre, Aníbal e César, mas à guerra em geral, incluindo as mais recentes, como Iraque e Afeganistão. Descreve melhor as guerras convencionais, mas também pode se ajustar às guerrilhas e guerras de atrito, em que o choque não é um cenário de batalha, mas não deixa de ser uma guerra, por mais longa ou amorfa.

Apesar de Alexandre, Aníbal e César serem conhecidos como mestres da guerra convencional, eles oferecem lições para guerras não convencionais também, da reorganização de seu exército por Alexandre em uma força flexível o suficiente para derrotar os nômades do Afeganistão e os guerrilheiros nas montanhas, até a tática astuta de Aníbal nas colinas italianas, ou a luta de César nas ruas de Alexandria, passando pelas iniciativas que os três generais usavam para conquistar o coração e a mente

das populações inimigas.

GRANDEZA NÃO É MAIS A MESMA COISA

Nós, historiadores, devemos ser objetivos, mas os três assuntos deste livro fazem com que isso seja difícil. Eles excitam as paixões, indo do amor ao ódio e geralmente um pouco de cada ao mesmo tempo. Talvez o mundo ainda ame os heróis. Biógrafos certamente adoram. Eles correm o risco de se apaixonar por seus assuntos, e tais temas – em especial Alexandre e César – tiveram muitos biógrafos. Mas heróis antigos servem a muitas e variadas agendas modernas.

Por exemplo, Alexandre. Era um conquistador, mas a história o registra como um ícone. Para os liberais, ele era um visionário; para os conservadores, era um campeão da civilização ocidental; e para várias tradições religiosas, era quase um santo. A tradição judaica afirma que Alexandre visitou o templo em Jerusalém e mostrou respeito. Desde então, "Alexandre" se tornou um nome judeu comum – e continua sendo até hoje, mesmo entre os judeus ortodoxos. Os cristãos acreditam que Alexandre estava preparando o caminho do Senhor ao trazer a civilização grega ao Oriente e estabelecendo a base para a unificação da humanidade. Como ele era o "filho de Deus", porque afirmava que estava liberando os homens, e por ter morrido jovem, Alexandre parece, para alguns, um precursor de Cristo. O Islã também se lembra de Alexandre e possivelmente em seu texto mais sagrado: muitos estudiosos acreditam que Dhul-Qarnain, uma figura mencionada no Corão e considerada por muitos como profeta, na verdade se trata de Alexandre.

Mas não é preciso ser religioso para reverenciar Alexandre. Nacionalistas da Grécia à Índia o reivindicam. Ativistas de direitos gays veem nele um proto-gay porque amava tanto homens quanto mulheres. Uma estudiosa, no entanto, me contou que vê Alexandre como uma figura masculina de fantasia que representa a luta entre aventura e responsabilidade. Alguns veem Alexandre como um açougueiro brutal. A maioria dos historiadores, no entanto, elogia Alexandre.

César não é nenhum santo, mas ele joga uma sombra sobre todo estudioso até hoje. César é o guardião de sua própria reputação, porque seus brilhantes livros *Comentários sobre a guerra gálica* e *A guerra civil* dominam o

registro histórico antigo. Como defensor moderno, César tem o melhor – Shakespeare, que dotou o homem com uma dignidade trágica. Mesmo assim, as conquistas de César falam por si e nem sempre ganham admiradores. Ele invadiu a Gália sem nenhum motivo e organizou um banho de sangue na região. Depois, começou uma guerra civil em Roma, não por algum princípio, mas por egoísmo. Terminou como ditador que destruiu a liberdade da república romana. Cesarismo significa hoje ditadura militar ou imperial e absolutismo político.

Com Aníbal temos o problema oposto. Como ele não conseguiu derrotar Roma, Aníbal pode aparecer como um derrotado em vez do campeão que era. Aníbal ganha os corações dos inferiores, o que, às vezes, leva a estranhos parceiros. Quando era menino, Sigmund Freud idolatrava Aníbal como um "semita" que enfrentou Roma da mesma forma como Freud resistia ao antissemitismo na Viena católica. Afro-americanos tradicionalmente consideraram Aníbal um herói negro. Provavelmente, ele não tinha a pele negra, apesar de que muitas de suas tropas tinham.

Mesmo assim, o apelo de Aníbal com os oprimidos tem uma base sólida. Depois de enfrentar um império arrogante e abalá-lo, ele perdeu tudo. Mas manteve sua dignidade. Aníbal derrotado se reinventou como administrador, reiniciou a luta contra Roma no Oriente e se recusou a deixar o inimigo humilhá-lo ao marchar triunfante. Morreu, mas não se ajoelhou.

Grandes generais devem estar prontos para morrer jovens, e isso aconteceu com muitos conquistadores em toda a história. Também devem enfrentar uma possibilidade sempre presente de fracassar. A conquista não é um trabalho fácil. O sucesso exige uma combinação de grandeza militar e suprema habilidade política. Poucas pessoas conseguem dominar os dois.

Nossos generais, hoje, não tentam dominar os dois, e isso é algo bom. Eles acatam a autoridade civil. Não decidem se vão à guerra, mas só como vão lutar, e mesmo nesse ponto devem ceder aos políticos. Não decidem a estratégia política, mas apenas a militar. É algo bom não colocar o poder político e militar nas mãos de um único homem.

Eles perdem o sono por matar pessoas. Não lutam guerras de agressão, só de defesa. É verdade que, às vezes, a defesa exige atacar outro Estado que está conspirando contra nós, oprimindo seu próprio povo ou ocupando terras

que são legitimamente nossas, mas tudo isso está longe de declarar o solo de outro como terra “conquistada pela lança”, como fez Alexandre.

Os grandes comandantes do mundo antigo não tinham a humildade necessária dos grandes estadistas. Eram bons homens, mas não benfeitores da raça humana; vieram mais para destruir do que realizar. De muitas formas, seus exemplos devem ser honrados com restrições. Mesmo assim, eles têm algo a nos ensinar.

Nenhum homem superou a proeza de Alexandre de conquistar um império tão grande em tão pouco tempo e tão jovem. Nenhum estrategista organizou uma invasão tão ousada quanto a marcha de Aníbal da Espanha, cruzando os Pireneus, o Ródano e os Alpes na Itália. Nenhum comandante conseguiu uma vitória tática tão completa quando a de Aníbal em Canas. Nenhum general foi tão ousado quanto César quando cruzou o mar Adriático no auge do inverno sem barcos de guerra ou suprimentos – e ganhou a guerra.

Ninguém nunca entendeu melhor do que esses três que a guerra é política. Nenhum conquistador ousou cooptar os conquistados tão brilhantemente quanto Alexandre quando se declarou o rei da Ásia – e agiu como se fosse. Nenhum invasor reuniu os invadidos tão bem quanto Aníbal quando entrou na Itália aos gritos de “Itália para os italianos”. Nenhum soldado-estadista combinou recompensas – perdões – e punições – força militar – com tanta destreza quanto César.

E então, no momento de triunfo, ninguém esqueceu a regra de que a guerra é política tão completa – ou desastrosamente – quanto eles. Animados com a vitória e bêbados com o sucesso, cada homem fez aquilo que nenhum general bem-sucedido pode ousar fazer: sucumbiu à sua própria vaidade. Generais modernos não estão imunes ao excesso de orgulho. Mas, nas democracias, não importa quando, as leis evitam que qualquer indivíduo cause muitos danos. A história adverte sobre isso.

CAPÍTULO 2

Ataque

Um jovem de 22 anos sentado junto ao timoneiro e conduzindo o barco principal para o sul, cruzando as águas azuis de Helesponto, o estreito canal que separa a Europa da Ásia. Quando o barco se aproximou de seu destino, ele jogou uma lança e a enfiou na terra. Depois, usando armadura completa, foi o primeiro homem a pular e pisar na costa asiática. O efeito era marcar a terra como “conquistada pela lança”, território que os deuses permitiam que ele conquistasse pela força. Tinha 37 mil homens com ele para garantir essa afirmação naquele dia de primavera em 334 a.C.

Uns cem anos depois e a milhares de quilômetros, um homem com 29 anos liderava seu exército. Ele avançava por um dos terrenos mais difíceis do mundo, os Alpes cobertos de neve, com 40 mil soldados a pé e 8 mil a cavalo. E acima de tudo – 37 elefantes! Só metade dos homens sobreviveria à brutal travessia, mas, em novembro de 218 a.C., quando eles cruzaram as colinas, marcharam sobre o território romano e tomaram a Itália. Dezessete anos de guerra e destruição se seguiriam.

Pouco mais de 150 anos depois e quase quinhentos quilômetros ao sul, um homem com 51 anos e apenas 5 mil homens sob seu comando cruzou um rio nas planícies do norte da Itália. Mas esse rio – realmente pouco mais que um riacho – marcava a fronteira entre sua província, onde ele poderia legalmente liderar um exército, e a Itália, onde não poderia. Sua curta jornada no final do outono assinalava o começo de quase trinta anos de guerra civil de uma ponta à outra do império mediterrâneo de Roma. Era 12 de janeiro de 49 a.C., pelo equivocado calendário romano em uso na época – mais ou menos 24 de

novembro de 50 a.C., pelo calendário solar que usamos hoje.

Alexandre, o Grande, na primeira história; Aníbal, na segunda; e Júlio César, na terceira, ilustram uma situação: a história geralmente enfoca um cruzamento de fronteiras como o início de uma grande guerra. A expedição à Pérsia de Alexandre começou com o cruzamento de Helesponto. A Segunda Guerra Púnica começou quando Aníbal deixou a Espanha, marchou através do sul da Gália e cruzou os Alpes na Itália. A guerra civil romana começou quando César cruzou o Rubicão.

Mas o cruzamento das fronteiras é o anticlímax. Marca a deflagração de uma guerra, não sua causa. César pode ter dito: "O dado está lançado", quando atravessou o Rubicão; mas o jogo já tinha começado. Cinco dias antes, o Senado romano tinha declarado César um fora da lei, forçando-o, portanto, a lutar ou desistir de sua carreira política e militar (e, possivelmente, de sua vida). Mas o curso de colisão entre César e o Senado já era óbvio há meses, ou até mesmo um ano antes. Pelo menos um mês antes de cruzar o Rubicão, César tinha ordenado que duas legiões na França cruzassem os Alpes e se juntassem a ele na Itália. Quando Alexandre cruzou Helesponto, estava continuando uma guerra que havia começado três anos antes por seu pai. Quando Aníbal marchou pelos Alpes, estava continuando uma guerra com Roma que tinha começado um ano antes na Espanha. E se as antigas fontes são críveis, Aníbal esperava poder lutar na guerra desde que era menino.

Muito antes de terem visto o Rubicão, os Alpes e Helesponto, César, Aníbal e Alexandre já tinham decidido partir para a guerra. Essa decisão foi a escolha mais importante que cada um deles já havia tomado. Por que cada homem escolheu a guerra?

POR QUE A GUERRA?

Alexandre: tal pai, tal filho

A guerra de Alexandre contra o império persa não foi um caso de autodefesa. Nem ele nem seu país tinham nada a temer da Pérsia. Como o historiador Políbio (ca. 200-118 a.C.) apontou em tempos antigos, Alexandre lutou uma guerra de conquista; na verdade, a guerra foi o legado que recebeu de seu pai, o Rei Filipe II. Acontecimentos anteriores dos gregos contra os persas tinham

convencido Filipe de que o império persa estava pronto para atacar; não havia dúvida do “esplendor do grande prêmio que a guerra prometia”.

Inteligente e sofisticado, Filipe estava em contato com os intelectuais gregos de sua época. Ele poderia ter ficado interessado por um livro em especial, *A educação de Ciro,* do escritor e soldado ateniense Xenofonte, que apresentou uma história ficcionalizada, mas incrível, de como Ciro, rei de um pequeno canto do sudoeste do Irã, fundou o poderoso império persa pela força das armas. O Ciro de Xonofonte era um homem de honra e coragem que atraía os melhores homens de seus dias pela força de seu caráter. Não sabemos se Filipe leu o livro, mas provavelmente ouviu falar dele. E, se ouviu, certamente se perguntou: “Se Ciro conseguiu fazer isso, por que eu não conseguiria?”

Quando se tratava de ambição, Alexandre era igual a seu pai. Ele também tinha como objetivo a conquista do império persa. Era algo ambicioso, mas Alexandre era um homem com um destino. Ele nasceu para lutar essa guerra. Como seu pai, ele tinha a personalidade de um conquistador, com uma convicção apaixonada de sua capacidade e até de sua divindade. Filipe insinuava em público que os doze deuses do Olimpo deveriam acrescentá-lo a suas fileiras. Alexandre simplesmente se proclamou um deus.

Alexandre acreditava que descendia do mítico herói grego Aquiles. Desde a infância, identificava-se com ele. Chamar-se de segundo Aquiles era uma espada de dois gumes. Aquiles não era somente o maior guerreiro da Grécia, mas também o mais egoísta. Tirando sua própria honra, ele não se preocupava em nada com seu país. Escolheu a glória acima da vida. Aquiles amava a guerra e tinha pouco interesse em seu lar. Para Alexandre, os paralelos acabariam sendo iguais.

Ele certamente tinha uma queda pela guerra. Sua coragem e habilidade despontaram na adolescência. Mesmo antes da morte de Filipe, Alexandre já se mostrava um grande comandante da cavalaria e um grande líder dos homens. Mas mesmo se fosse tímido ou inseguro, ele teria de esconder suas emoções. As consequências de não partir para a guerra teriam sido calamitosas. Alexandre tinha de provar que era o filho de seu pai. Aos 22 anos, ele também já tinha mostrado que podia assumir as responsabilidades de um adulto.

O pai de Alexandre, Filipe, tinha sobrevivido vinte e três anos à frente do trono da Macedônia, famoso pela instabilidade, devotando seu reino inteiro à

guerra. Sua bem-sucedida expansão assegurou sua popularidade em casa, mas, no final, ele foi assassinado. O último ato militar de Filipe tinha sido começar a invasão, há muito planejada, da Anatólia persa, enviando forças avançadas.

Outra coisa: Filipe tinha gastado praticamente todo o tesouro da Macedônia para pagar sua força militar. Quando Alexandre invadiu a Pérsia, a Macedônia – o reino mais rico da Europa – estava quebrada. Alexandre teve de lutar para encontrar a solvência ou enfrentar a ruína.

Se Alexandre não tivesse continuado a guerra, teria sido chamado de covarde e, provavelmente, terminaria como seu pai – morto pelas mãos de um de seus compatriotas linha-dura.

Aníbal: negócios familiares

Aníbal também tinha um pai famoso. Amílcar Barca se destacou como um grande general durante a Primeira Guerra Púnica (264-241 a.C.), uma luta contra Roma pelo controle da Sicília. Apesar de Cartago ter perdido a guerra, Amílcar ganhou todas as batalhas. No final, voltou para casa e obteve ainda mais sucesso ao derrotar a selvagem revolta dos mercenários (239 a.C.). Sob Amílcar, os Barcas se tornaram a principal família guerreira de Cartago.

Tão bom político quanto general, Amílcar defendeu a gente comum em uma cidade dominada por uma elite rica. Usou uma onda de apoio popular para conseguir um exército e lutar na Espanha. Ali, Amílcar ganhou um novo império, no sul da Espanha, como substituição ao que Cartago tinha perdido na Sicília. A Espanha tinha minas de ouro e prata, além de muitos soldados, e Cartago agora controlava tudo. A cidade recuperou seu poder.

Amílcar levou seu filho de 9 anos, Aníbal, com ele para a Espanha. O menino cresceu em um campo de batalha, guiado por dois soldados brilhantes – seu pai e seu tio –, além de trazer o dote genético de sua família. Aníbal tinha dois irmãos: Asdrúbal e Magão. Amílcar chamava seus filhos de “prole do leão” – e Aníbal era o macho alfa orgulhoso. Criado para ser comandante, ele não desapontou quando chegou à idade adulta.

“Ele era, por sua própria natureza, um homem realmente maravilhoso”, diz Políbio sobre Aníbal, “com uma personalidade combinando com sua constituição original que podia realizar tudo dentro dos assuntos humanos”. Era um homem de extremos. Sua mente era rápida e astuta, mas seu corpo era

indiferente à dor. Tinha senso de humor e um temperamento violento. Era um homem com honra, mas seus críticos diziam que ignorava suas promessas quando era de seu interesse e que tinha uma fraqueza por dinheiro.

O coração ousado e corajoso de Aníbal ansiava realizar suas ambições. Fisicamente imponente, ele tinha todos os traços do comandante. Nasceu para ser líder de homens, e ganhou o amor e a lealdade de suas tropas.

Heroico, expansionista e abençoado pelos deuses de Cartago – era assim que a família Barca anunciava a "marca" deles. Prestavam especial atenção a Melcarte, o deus do heroísmo e da história. O deus da realeza de Tiro – a cidade-mãe de Cartago –, Melcarte fazia que os cartaginenses sentirem orgulho de seu passado. Na Espanha, o templo de Melcarte ficava em uma ilha no oceano Atlântico, em frente a Gades (a moderna Cádis), e simbolizava a coragem frente ao vasto desconhecido. Os gregos associavam Melcarte com seu herói, Héracles, e os Barcas mostravam a conexão em suas moedas. Mostrado de perfil, Melcarte-Héracles tem um olhar duro, pescoço grosso e barba, com uma guirlanda da vitória sobre a cabeça e uma clava sobre o ombro. O outro lado da moeda acrescenta a imagem de ferocidade por meio de um elefante de guerra.

A ambição de Aníbal brilhou tanto quanto as moedas de prata de Barca. Quando era jovem, Aníbal estudou com um tutor grego. Suspeito que, de todos os heróis da Grécia, Alexandre, o Grande, era o favorito de Aníbal. Como adulto, ele certamente imitava os macedônios – seguiu os passos de Alexandre ao invadir um grande império com um exército pequeno, mas de elite, e ao se proclamar liberador com uma missão divina.

Mas Aníbal era filho de Cartago. Como seu país, ele era dinâmico, expansionista – e difícil de reconstruir para nós. Roma destruiu Cartago em 146 a.C., em um ato de aniquilação completa que muitos estudiosos hoje consideram um genocídio. Graças à arqueologia, algo da cultura material de Cartago foi desenterrado, mas muito poucos escritos sobreviveram.

A verdadeira Cartago era rica, dinâmica e cruel. Sua economia se baseava no comércio e na riqueza agrícola. Seus exércitos e marinha lutaram da Espanha à Líbia, enquanto seus marinheiros chegaram até a Irlanda e o oeste da África. Sua elite admirava a cultura grega e não se cansava dela. Seus políticos puniam generais derrotados com a crucificação. Os pais sacrificavam seus próprios filhos como presentes aos deuses furiosos em momentos de crise – a arqueologia demonstra que o testemunho de escritores

gregos sobre esse ponto não era nenhum mito.

Aníbal foi o filho mais famoso de Cartago, mas não sobreviveu nenhum registro cartaginense sobre ele. Nossas fontes sobre César são excelentes e as de Alexandre não são ruins, mas, para conhecer Aníbal, dependemos quase que exclusivamente de escritores gregos e romanos, em especial Políbio e Lívio. Simplesmente sabemos menos sobre Aníbal do que sobre os outros dois comandantes. As conclusões dos historiadores sobre Aníbal contêm um elemento de conjetura.

Para voltar a Amílcar: ele era um cidadão leal de Cartago, mas desfrutou de um poder quase absoluto na Espanha. Apesar de ter inimigos políticos no Conselho dos Anciãos que dominou a política cartaginense, tinha muitos mais apoiadores. A facção Barca acreditava na grandeza nacional por meio da guerra e da construção de um império. E estava determinada a enfrentar Roma.

Roma decepcionou Cartago ao tomar a Sicília na Primeira Guerra Púnica, mas acrescentou a humilhação logo depois ao cercar outra ilha cartaginense – a Sardenha. Foi uma clara violação ao tratado, mas Cartago estava fraca demais para fazer algo no momento. Isso mudou, no entanto. Entre os recursos da Espanha e o talento dos Barcas para a guerra, Cartago pôde dizer “nunca mais”! Na verdade, fontes gregas e romanas afirmam que os Barcas planejaram ativamente uma guerra de vingança.

A história segue afirmando que, quando Aníbal era um menino em 237 a.C., Amílcar o obrigou a fazer um juramento solene de eterna inimizade contra Roma. Se essa história é verdade ou não, as ações de Aníbal no auge da guerra mostram como ele desconfiava de Roma.

Quando Amílcar morreu em 228 a.C., seu genro, Asdrúbal, o Belo, o substituiu. Asdrúbal, o Belo, criou uma capital na Espanha cartaginense, em uma cidade que chamou de Cartago (a Cartagena moderna), um grande porto no sudeste espanhol. (Os romanos, mais tarde, a chamariam de Nova Cartago, e, para evitar confusão, nós também vamos adotar este nome.) Se Asdrúbal também estava planejando a guerra com Roma, ele foi assassinado em 221 a.C. antes de conseguir fazer algo. O exército na Espanha escolheu um sucessor por aclamação, e o povo cartaginense confirmou. O homem era Aníbal, agora com 26 anos e comandante do império espanhol que seu pai tinha fundado. Aníbal rapidamente mostrou sua aptidão para a guerra, atacando boa parte da Espanha central e expandindo o império de Cartago.

Roma tinha visto o crescimento do poder cartaginense na Espanha com admiração e medo. Aníbal e seu pai (e seu tio) tinham protagonizado uma revolução. Quando começaram, Cartago estava prostrada aos pés de Roma. Agora Roma começava a ter medo de que pudesse terminar prostrada aos pés de Cartago.

Então Roma usou a cidade espanhola de Saguntum (moderna Sagunto) como um bloqueio à Espanha cartaginense. Saguntum ficava estimulando o levante de tribos espanholas contra Aníbal. Quando os cartaginenses insistiram em contra-atacar Saguntum, Roma ameaçou com retaliação. Aníbal não se abalaria. Ele era, segundo Políbio, "jovem, cheio de ardor marcial, estava encorajado pelo sucesso de seus empreendimentos e estimulado por sua inimizade de longa data com Roma".

Roma afirmava que Cartago tinha violado as obrigações estipuladas no tratado ao atacar Saguntum, um aliado romano, como havia sido garantido por um tratado entre Roma e Asdrúbal, quando ele comandava a Espanha. Mas Cartago desafiou Roma em bases legais, enquanto estudiosos modernos questionam se Saguntum era aliada ou somente "amiga" de Roma – um status que permitia que Roma ajudasse Saguntum sem ter compromissos com sua defesa.

Ao se recusar a recuar, Aníbal enfrentaria uma guerra certeira contra Roma. A alternativa, no entanto, teria significado permitir que Roma começasse a se expandir na Espanha. Ninguém com conhecimento da história romana poderia duvidar aonde isso acabaria levando: uma ameaça cada vez maior ao império espanhol de Cartago. A questão era: como Cartago poderia impedir isso?

Uma possibilidade era a conciliação. Aceitar a superioridade de Roma, fazer concessões e manter-se como um poder menor em sua órbita. Outra possibilidade era lutar, mas ficar na defensiva. Deixar Roma se exaurir tentando vencer os exércitos cartaginenses em seu próprio terreno na Espanha e, provavelmente, também no norte da África. Com um general brilhante como Aníbal ao lado, no final os cartaginenses iriam desgastar os romanos.

A terceira possibilidade, e a que Aníbal escolheu, foi a audácia. Ele atacaria e chocaria o inimigo invadindo a Itália – uma extensão das incursões de seu pai Amílcar. Aníbal raciocinou que suas vitórias na Itália fariam que os aliados de Roma passassem para o seu lado e que isso forçaria Roma a procurar a paz. Nunca mais Cartago teria de se preocupar com uma agressão

romana. Atacar Roma era a solução dos Barcas.

Como Alexandre, então, Aníbal assumiu com vontade os negócios familiares e a ofensiva militar exigida.

César: nenhuma chance para a paz

César tem uma história mais complicada. Ao contrário de Alexandre ou Aníbal, César não era o filho de um grande general. Apesar de ter vindo de uma família patrícia antiga em Roma, César se desenvolveu sozinho como guerreiro. Nem tinha chegado ao auge quando era jovem, como os outros dois generais. Mas César não sofria de complexo de inferioridade. Sua família afirmava descender do lendário ancestral Eneias e, por meio deste, da deusa Vênus. Aos 16 anos, César era um sacerdote de Júpiter e, mais tarde, permitiu que o Senado concedesse honras divinas para si.

Era um homem de imensa ambição. Com um sucesso depois do outro, César queria se tornar o romano mais poderoso – ou, como ele mesmo falava, ser o primeiro homem em Roma.

Soldado excepcional, o ambicioso César subiu rapidamente a escadaria militar. Quando cruzou o Rubicão em 49 a.C., aos 50 anos, tinha passado pela maior escola de todas: havia conquistado a Gália. Foi uma das mais brutais, completas e lucrativas vitórias na longa história de Roma.

Além de ser um general brilhante, César era um demagogo talentoso e político astuto. Planejou alavancar seu sucesso na Gália para conseguir mais poder e honras em Roma e, depois, outro grande comando, dessa vez contra os partas (um império iraniano). Mas os muitos inimigos políticos que tinha feito em sua ascensão meteórica não tinham a intenção de deixar isso acontecer. Enquanto obtinha muitos sucessos na Gália, onde conseguiu gigantesca riqueza, poder e força militar, um crescente coro político, em Roma, pedia sua cabeça.

César correria muito mais riscos se não se decidisse pela guerra. Se tivesse mantido a paz, teria de abrir mão de seu cargo como governador da Gália, a província que conquistara para Roma. Ele teria de retornar à Itália como um cidadão comum, onde proeminentes senadores diziam que iriam imediatamente processá-lo por várias ilegalidades em sua carreira anterior. César podia esperar que, como em um recente julgamento em Roma, seu inimigo político Pompeu cercasse o tribunal com soldados, a fim de

“persuadir” os jurados a votarem. O resultado certamente seria a condenação, com exílio ou execução em seguida. Seria o fim da carreira pública de César e, possivelmente, de sua vida. Ao optar pela guerra, César tinha uma chance melhor de conseguir seu poder supremo, há tanto ambicionado.

A ascensão de César aconteceu num momento de crise da república romana. A grande cidade que tinha conquistado um império estava em péssima forma. Quando César cruzou o Rubicão, Roma tinha presenciado noventa anos de agitação intermitente no *front* doméstico, incluindo motins e assassinatos (133-121 a.C.), uma revolta aliada (90-88 a.C.), uma guerra de escravos (73-71 a.C.) e uma rebelião de devedores (63 a.C.). Pior de tudo foi uma guerra civil (86-82 a.C.) que deixou claro que um determinado general com um exército veterano poderia esmagar o poder político do Senado romano. Uma rivalidade antiga entre os generais romanos Marius e Sula terminou com o segundo conquistando seu próprio país, massacrando seus inimigos e tornando-se ditador para toda a vida. Sua morte prematura (79 a.C.) permitiu que o Senado restabelecesse sua autoridade. Quando César cruzou o Rubicão, Roma tinha voltado a ser uma república há trinta anos, mas generais como Pompeu e César jogavam uma sombra sobre essa liberdade.

Como César, Pompeu também insistia em ser o primeiro homem em Roma. Nascido em 106 a.C., ele ganhou nome como general ainda jovem ao lutar ao lado de Sula na guerra civil. Sula o chamou de Pompeius Magnus, “Pompeu, o Grande”. Outro apelido, menos lisonjeiro, também datava dessa época: “o adolescente açougueiro”, provavelmente referindo-se à morte dos oponentes capturados.

O resto da carreira militar de Pompeu se estendeu por quase quinze anos, entre 76 e 63 a.C. Primeiro, ele derrotou o rebelde romano Sertorius durante uma luta de cinco anos na Espanha. Então, Pompeu ganhou os créditos por derrotar o gladiador rebelde Espártaco na Itália (outro general, Marco Licínio Crasso, fez a maior parte do trabalho). Finalmente, conseguiu uma série de vitórias espetaculares no Mediterrâneo oriental: sobre os piratas, que ele destruiu; sobre o rebelde Mitrídates, a quem obrigou a se suicidar; e sobre um longo trecho de território que se estendeu do mar Negro ao rio Jordão, que colocou sob o controle de Roma.

Pompeu passou os anos entre 63 e 49 a.C. de volta em Roma. Estava mais do que feliz em jogar com os brutais poderes do Senado durante esse período

e dominar a política por meio de uma série de acordos de bastidores com César e Crasso. Mas Crasso caiu em batalha (53 a.C.) e César ganhou a imortalidade na Gália.

Pompeu não podia aguentar a ideia de César voltando da Gália e dominando a política romana, então descobriu as virtudes do velho sistema republicano de governo. Decidiu vir socorrer o Senado e defendê-lo em armas. Os senadores não confiavam nele, mas precisavam de seus conhecimentos militares.

"A república não é a questão em jogo", como Cícero logo escreveria. "A luta é por quem vai ser o rei". Em 49 a.C., Pompeu e o Senado se tornaram aliados inquietos. Um inimigo cruel como César poderia explorar a suspeita mútua.

Ao contrário de Alexandre ou Aníbal, César não estava lutando a guerra que queria; ele preferia liderar um exército contra Parta a contra seus compatriotas romanos. Mas não fugiria da guerra civil, se fosse necessário.

Os inimigos domésticos de César o tratavam de forma injusta, mas, ao cruzar o Rubicão, César fez pior: ele se tornou um traidor. Era um general rebelde atacando o governo legítimo de seu país. Um homem mais modesto teria poupado seu próprio país.

Em seu livro *A guerra civil*, César ofereceu duas justificativas para sua ação. Ele contou a seus soldados, em uma reunião pública, que estava lutando para defender o poder dos tribunos de Roma – os representantes do povo. César também enfatizou a questão das honras (*dignitas* em latim). A questão, César contou a seus soldados em uma reunião pública, era a "reputação e a honra" de seu comandante. Para Pompeu, César escreveu que tinha sempre considerado "a honra da república" mais importante do que a vida, e a honra em questão era "um benefício concedido a mim [César] pelo povo romano" – quer dizer, seu comando na Gália. Os homens notaram o que César estava falando. Como Cícero escreveu a um confidente: "Ele [César] diz que está fazendo tudo pelo bem da honra". Para os romanos, a honra tinha um valor central, assim como liberdade, segurança ou comunidade são valores centrais para o eleitorado moderno. Ao se defender, César afirmava estar defendendo o estilo romano de vida.

Ou era o que falava. É difícil não pensar que "a liberdade do povo", "o status sacrossanto dos tribunos", "a honra dos nobres", para ele, eram todos escritos como "César".

ESTRATÉGIAS MILITARES

Até aqui falamos das razões pelas quais Alexandre, Aníbal e César foram para a guerra. Como eles planejavam ganhar? Isso não é uma questão menor porque havia excelentes motivos pelos quais poderiam não ter vencido.

Compartilhavam uma situação estratégica complicada no começo. Cada homem estava a ponto de invadir um país cuja força militar superava sua força e seus recursos. Cada homem enfrentava um inimigo que tinha o comando do mar. Aníbal e César não tinham marinhas; a de Alexandre não podia competir com a do inimigo.

Mas cada um deles esperava a vitória. A história de cada um era um caso clássico de algo que tinha acontecido várias vezes na história. Um general cruel com um exército duro de elite e pequeno tenta derrubar um gigante mole. Às vezes, funciona: Hernán Cortés, por exemplo, começou com apenas 600 homens quando marchou contra os astecas em 1519; em 1521, ele tinha conquistado o México. Às vezes, fracassa, como quando Robert E. Lee invadiu a Pensilvânia, em 1863, e perdeu em Gettysburg, ou quando Hitler invadiu a Rússia, em 1941, e foi derrotado em Stalingrado.

Nossos três comandantes dividiam certas vantagens. Apesar das relativas deficiências em termos de dinheiro e força, tinham uma distinta vantagem em infraestrutura. Todos lideravam exércitos experientes com um registro de predominância em batalhas campais – quer dizer, uma participação formal antecipada e luta no terreno escolhido. Todos se dedicavam a campanhas constantes, eram mestres da mobilidade que incentivavam seu exército a segui-los. Todos eram grandes líderes, dotados de uma capacidade de inspirar as tropas e astutos o suficiente para manter um fluxo de recompensas materiais. Tinham um moral extraordinário e qualidades físicas, como coragem, paciência, vigor e energia, mas suas qualidades intelectuais eram ainda mais importantes. Cada um dos homens combinava intelecto superior com vontade decisiva e resoluta. Não lhes faltava audácia. Todos eram ousados; nenhum fugia dos riscos. Previsão, aptidão e muita capacidade intelectual são essenciais para um grande comandante; boas decisões, especialmente em uma crise, é a qualidade mais importante de todas. Cada um tinha uma convicção apaixonada de seu destino e habilidade, sem falar de

sua divindade.

Cada um dos três comandantes tinha uma rara combinação de instinto e arrogância. Todos tinham a capacidade de avaliar corretamente seu inimigo. Grandes homens pensam que conhecem seus inimigos e os desprezam. E uma das coisas que os torna grandes é que normalmente estão certos. Alexandre, por exemplo, sabia que os persas não podiam resistir à batalha, assim como Aníbal sabia o mesmo dos romanos. César sabia que Pompeu não poderia aguentar.

Todos os três homens tinham visão estratégica. Cada um tinha um plano para a vitória: um mapa que traduzia o sucesso no campo de batalha para a realidade. Mas cada homem era um improvisador e um oportunista, rápido em tirar vantagem de qualquer possibilidade que se abria.

Para Aníbal, o argumento se resumia, poderíamos suspeitar, à ciência; para César, ao caráter; e para Alexandre, à cultura. Este último tinha aprendido de seu tutor, o filósofo Aristóteles, que os persas eram bárbaros, sem o amor dos gregos pela liberdade ou a disposição de serem fiéis e morrer por isso. “O inimigo teria vencido aquele dia, se tivessem um general”, é o rápido elogio de César para a liderança de Pompeu em um dia de forte luta em 48 a.C. Aníbal sabia que, com sua habilidade para combinar infantaria e cavalaria, manobrar e empregar o engano, ele era o mestre da ciência militar – era um artista do campo de batalha; em comparação, os romanos eram bárbaros.

Alexandre: procurando a luta

Alexandre liderou um dos exércitos mais vitoriosos da história e um dos mais versáteis. Tinha herdado-o de seu pai, Filipe, rei da Macedônia e fundador de sua grandeza militar. Filipe era brilhante. Ao aplicar os últimos avanços na tecnologia militar grega ao atrasado exército da Macedônia, ele criou uma força disciplinada e profissional.

A Macedônia, com suas planícies e cavalos, era um país de cavalaria, e Filipe deu uma nova importância a ela. A cavalaria pesada macedônia, agora conhecida como os Companheiros do Rei, se beneficiou de novos recrutamentos e treinamento, novas armas, táticas e doutrina. Os filhos da aristocracia chegavam à corte como adolescentes e eram treinados como cavaleiros. Eram equipados com lanças longas que tinham um alcance maior se comparado com as de seus inimigos. Aprenderam a lutar em uma

disposição em forma de cunha, que era mais fácil de manobrar do que uma formação em linha e mais eficiente para penetrar as linhas inimigas. A sua doutrina era a da agressão astuta: eles procuravam, nas linhas inimigas, uma abertura e, depois, atacavam com intensidade assassina. Resumindo, a nova cavalaria macedônia era excelente no ataque fulminante.

Alexandre invadiu o território persa com 1.800 cavaleiros. Estavam organizados em oito esquadrões, dos quais o Esquadrão Real era a elite; o próprio Alexandre liderava o Esquadrão Real. Apesar de pequena em número, a unidade Companheiros do Rei foi uma das mais eficientes, de cavaleiros, na história militar.

A cavalaria encabeçou as vitórias macedônias, mas não teria conseguido sem a ajuda de outras unidades do exército, que Filipe também revolucionou. A infantaria pesada macedônia lutava como uma unidade bastante compacta, a falange, como as primeiras infantarias gregas. Mas eles carregavam lanças muito compridas para manter o inimigo à distância e eram treinados o ano todo. Um corpo de infantaria de elite, conhecido como *hipaspistas*, conectava a cavalaria com a infantaria. O trabalho deles era minimizar a distância que, inevitavelmente, se abria quando a cavalaria acelerava à frente da infantaria, que marchava mais lenta. Unidades especializadas de fundas, arcos e dardos aumentavam a capacidade do exército de enfrentar todos os desafios. E Filipe dominou a tecnologia dos cercos, que levou a um nível de eficiência nunca visto nos séculos anteriores no Oriente próximo.

Uma batalha macedônia representava um equilíbrio orquestrado de cavalaria e infantaria, com unidades especializadas também fazendo sua parte. A tática-padrão era colocar a infantaria no centro da linha e a cavalaria nos flancos, com os melhores cavaleiros na ala direita. Tipicamente, a infantaria pesada macedônia atacava primeiro e tentava enfraquecer um ponto nas linhas inimigas. A cavalaria entrava em ação e abria a formação inimiga. A infantaria leve, especialmente treinada para atirar entre os cavalos, ajudava a cavalaria. Então, a infantaria pesada seguia e terminava o trabalho.

Apesar de o grosso de seu exército ser macedônio, os soldados de Alexandre também incluíam um bom número de aliados confiáveis. Cavaleiros da Tessália (na Grécia central), atiradores de dardos agrianos das montanhas do que é hoje o sul da Sérvia e fundeiros e arqueiros cretenses se destacavam. Assim como os mercenários, que eram usados em grande número.

Alexandre tinha um excelente grupo de generais nos quais confiava, liderados pelos marechais de Filipe. Apesar de o jovem rei querer muito substituí-los por seus próprios homens, também era esperto o suficiente para não fazer isso. Sabia que os homens de Filipe representavam a nobreza mais orgulhosa e unida da Macedônia. Tinham o apoio das tropas e, além do mais, não tinha ninguém que chegasse perto deles em termos de habilidade ou experiência. Alexandre tinha uma boa sensibilidade para a política, além de conhecer a realidade militar; por isso manteve os generais de Filipe. Ao mesmo tempo, Alexandre se conectava com seus soldados mostrando visão estratégica, coragem na batalha e uma autoconfiança ilimitada.

Entre os líderes e os homens que lideravam, o exército de Alexandre foi um dos maiores da história. Se os persas decidissem lutar batalhas convencionais, então os macedônios teriam uma chance real de vencer, apesar da inferioridade em termos de dinheiro e homens. Mas, se os persas escolhessem uma estratégia diferente, baseada numa combinação de guerra não convencional na terra e uma ofensiva naval, então poderiam ter transformado o exército de Alexandre em uma máquina esplêndida, mas irrelevante. Mesmo grandes exércitos podem perder guerras se o inimigo for inteligente, determinado e estiver cheio de recursos.

Os persas estavam à frente do maior império da história até aquela data, indo da Ásia central até o Egito, e incluindo talvez um quinto da população do mundo. Com sua enorme fonte de poder militar, os persas superavam bastante os macedônios. Bons com cavalos, os persas tinham uma excelente cavalaria e compensavam a fraqueza na infantaria contratando mercenários gregos de alto nível. Mas sua inexperiência, falta de generais confiáveis e – no caso da cavalaria – equipamento inferior, colocaram os persas em forte desvantagem contra os macedônios na batalha.

Os gregos chamavam o imperador da Pérsia de “grande rei”. O adjetivo “bom” provavelmente se encaixava melhor com o atual ocupante do trono, Dario III. Era um bom comandante militar e um excelente organizador. Era um operador político inteligente e um diplomata astuto. Mas não possuía muita experiência e legitimidade: como Alexandre, era um rei novo (seu reinado havia começado em 336 a.C.), mas, ao contrário desse, Dario não era nem herdeiro do trono nem filho do rei. Nascido com o nome de Codomano, era um bom militar, mas não ambicionava o trono. Dario se tornou rei só depois que o monarca persa Artaxerxes III, de longo reinado (r. 358-338), e

seu filho Arses (r. 338-336), foram os dois, assassinados por seu ministro-chefe. Dario era primo distante deles. Muitos persas viam Dario como um usurpador e não lhe deram total apoio. Alexandre tinha um corpo maduro de generais comprometidos com um propósito comum, mas Dario sofria com assistentes divididos e inexperientes.

Quando se tratava de tamanho e recursos, o império persa experimentava uma diferença real entre realidade e aparência. Muitas das províncias dos dois lados do império quase nem estavam sob o verdadeiro controle persa. O Egito, por exemplo, estava em revolta perpétua, mais recentemente na década de 340 a.C.; os sátrapas (governadores provinciais) da Anatólia montaram uma revolta na década de 360 a.C. que continuou até 340 a.C.; as províncias da Ásia central e do sul eram mais ou menos independentes.

Mesmo assim, apesar das desvantagens da Pérsia, um líder brilhante com uma postura segura e bastante sorte poderia ter derrotado Alexandre. Infelizmente, Dario, apesar de corajoso, inteligente e excelente organizador, não tinha a habilidade e a experiência de Alexandre como comandante.

Mesmo assim, Dario sabia o suficiente para usar a política testada da Pérsia contra a invasão grega: uma contraofensiva naval. Essa estratégia tinha parado Esparta em 395 a.C., depois que ela invadiu a Anatólia. Parecia promissor agora em 334 a.C., quando a marinha da Macedônia era pequena e duvidosa, consistindo quase inteiramente em aliados atenienses, apesar de que a maioria deles se ressentia da hegemonia macedônia. A marinha da Pérsia era grande e confiável. Se fizesse um ataque sério no mar Egeu, a Pérsia poderia ter iniciado uma rebelião na retaguarda de Alexandre, nas cidades-Estado gregas. A marinha persa poderia ter derrotado Alexandre quando sua invasão estava apenas começando.

Aníbal: força e fraude

Poucos generais já partiram para o campo de batalha tão bem armados com força e fraude quanto Aníbal. Poucos já tiveram maiores façanhas de mobilidade. Como as perucas e disfarces que usava para enganar assassinos, Aníbal tinha muitos truques. Mas também dava golpes mortais no campo de batalha.

O exército de Aníbal consistia em uma mistura variada de homens e habilidades. Na verdade, uma de suas maiores conquistas foi transformá-lo

em um todo coeso.

O exército romano nos dias de Aníbal consistia em cidadãos-soldados. Homens romanos comuns, a maioria fazendeiros, serviam como soldados para o país. Lutando ao lado deles estavam soldados de cidades aliadas na Itália, dos quais a maioria também era de cidadãos-soldados.

O exército de Cartago era totalmente diferente. Somente alguns dos oficiais eram cartaginenses; as tropas representavam outras nacionalidades. Alguns eram mercenários, mas a maioria tinha sido recrutada entre os vários povos no norte da África e Espanha sob o domínio de Cartago. Alguns tinham pouca experiência, mas outros tinham treinamento suficiente para serem considerados profissionais. As melhores tropas de Aníbal eram do norte da África – líbios e numídios (hoje, argelinos). Em seguida vinham os espanhóis, que logo receberam também a presença dos celtas italianos do norte. Como infantaria, os melhores – os líbios – rivalizavam com os famosos legionários de Roma, mas não chegavam perto em termos de número. O que dava uma vantagem a Aníbal eram seus cavaleiros e sua capacidade de manobrá-los. Ele usava a cavalaria de uma forma melhor que qualquer general desde Alexandre, um século antes.

O pai de Aníbal, Amílcar Barca, tinha aprendido a vencer batalhas com os especialistas militares gregos. Seu método era manter o inimigo no centro, enquanto o envolvia pelos lados e até pela retaguarda. Não era uma manobra fácil de ser realizada, mas, quando feita, podia ser devastadora. Aníbal, que aprendeu essas táticas com seu pai, conseguia realizá-las de forma brilhante. Aníbal comandava a cavalaria leve e a pesada. Juntas, essas infantarias poderiam criar anéis ao redor da cavalaria romana. A cavalaria de Aníbal era treinada para lutar junto com a infantaria. Combinadas, elas representavam um golpe mortal. Por serem profissionais, os homens de Aníbal eram treinados para realizar manobras que os cidadãos-soldados de Roma nem imaginavam. Enquanto isso, seus elefantes iriam proteger a infantaria de Aníbal e aterrorizar o inimigo. O resultado seria ciência militar de qualidade superior.

O exército de Aníbal tinha certas vantagens de comando e experiência. Ele tinha um ótimo grupo de generais de apoio. Na Itália, oficiais como Maharbal, filho de Himilcão; Hanão, filho de Bomílcar; e um Asdrúbal (não o irmão de Aníbal) destruiriam os exércitos romanos. Mas os generais de Aníbal não se saíam bem sozinhos, sem sua orientação, começando com seus

dois irmãos, Magão e Asdrúbal. A exceção, Mottones, comandante da cavalaria escolhido por Aníbal na Sicília, brilhou na batalha, mas se perdeu na luta política interna em Cartago. Ele se tornou um traidor e acabou virando cidadão romano – e general!

Quanto ao exército cartaginense, Políbio descreve os homens de Aníbal assim: eles "tinham sido treinados constantemente para a guerra desde a juventude, tinham um general que havia sido criado junto com eles e estava acostumado, desde a infância, a operações no terreno, tinham vencido muitas batalhas na Espanha..."

Não que Aníbal pudesse ignorar a coesão e firmeza mortal das legiões romanas! Ao contrário da maioria dos oponentes de Roma, no entanto, ele teve uma chance verdadeira de derrotar Roma. Um gigante em táticas, Aníbal avaliou se suas habilidades superiores como general poderiam derrotar os romanos em batalha e causar enormes perdas. Mas teria de se mover com devastadora velocidade e incrível força. De outra forma, poderia terminar como Pirro.

O rei Pirro de Épiro invadiu o sul da Itália em 280 a.C. General tão carismático quanto Aníbal, Pirro também tinha um exército pequeno, mas experiente e completo, com cavalaria e elefantes. Ao contrário de Aníbal, ele até tinha alguns aliados italianos. Pirro ganhou duas importantes batalhas contra Roma, mas sofreu perdas tão severas a ponto de criar "vitórias pírricas" – o termo que ainda usamos hoje em dia. Mais importante, Roma se recusou a ceder. Os aliados italianos de Roma aguentaram firmes e forneceram novas tropas, mas o poderio de Pirro estava acabando.

Além do mais, Roma ganhou o apoio de um aliado central de fora da Itália. Ironicamente, foi Cartago, que temia que Pirro invadisse seu território na Sicília. Isso realmente aconteceu, mas Pirro não foi melhor na Sicília do que tinha sido na Itália. Enquanto isso, Roma destruiu seus aliados italianos, assim Pirro teve de voltar para ajudá-los, para finalmente ser derrotado em batalha. Em 275 a.C., Pirro voltou para casa, sem ter conseguido nada.

Aníbal arriscava um destino similar. Na verdade, ele arriscava ainda mais coisas, porque, nos dias de Pirro, Roma não tinha uma frota marítima. Agora a cidade tinha uma grande marinha, o que significava que podia contra-atacar na Espanha. Cartago não tinha uma marinha própria, pois havia perdido seus barcos na Primeira Guerra Púnica.

Em 218 a.C., Roma tinha 220 barcos de guerra, enquanto Cartago só tinha

cem. Mas os números contam somente uma parte da história. Desde a vitória na Primeira Guerra Púnica, os marinheiros de Roma tinham desenvolvido conhecimento e coragem. Os marinheiros de Cartago estavam estagnados. Naquele mesmo ano, Cartago não só precisava de mais barcos, mas também de uma cultura naval nova e mais ousada. Entre seus almirantes não havia nenhum Aníbal.

A geografia era outro problema. Roma controlava os portos vitais na Sicília e na Sardenha. Navios antigos precisavam fazer frequentes paradas na costa, assim quem controlasse os portos dessas ilhas centrais mediterrâneas controlaria o mar.

Por todas essas razões, Aníbal não poderia mandar suas forças para a Itália usando barcos. Ele não tinha outra rota de invasão a não ser uma marcha penosa de quase 2 mil quilômetros do sul da Espanha até o norte da Itália. E isso poderia custar muitas vidas.

A chave da força de Roma era sua confederação. Entre 350 e 270 a.C., Roma tinha conquistado todas as comunidades da Itália ao sul dos rios Pó e Rubicão. Era uma área grande para controlar, e Roma usou várias estratégias para fazer isso, da anexação de territórios, construção de estradas e criação de colônias para intervir quando fosse necessário até instalar políticos amigos no poder.

Mas duas políticas romanas se destacam em importância. Primeiro, Roma cresceu em população, pois dava cidadania romana a muitos dos povos conquistados. Em 225 a.C., a população de Roma, na cidade e nos seus territórios por toda a Itália, chegava perto de um milhão de pessoas livres, das quais 300 mil eram homens adultos e, assim, passíveis de fazer o serviço militar. Em segundo, Roma exigia que seus aliados contribuíssem com soldados para o exército romano. Também em 225 a.C., as tropas aliadas chegavam a 460 mil homens. Assim, Roma tinha um total de 760 mil soldados em potencial.

Era um número impressionante, especialmente considerando as forças de Aníbal: uns 60 mil homens quando ele saiu da Espanha, mas apenas 26 mil quando chegou ao norte da Itália depois de sua devastadora marcha. Como, então, ele planejava derrotar Roma?

A resposta era romper a confederação romana. Aníbal planejou chocar a Itália derrotando tão forte Roma em batalha que os aliados começariam a desertar para seu lado, primeiro aos poucos, depois aos milhares. Suas ações

acrescentariam homens a suas fileiras e diminuiriam as de Roma. Esta poderia aguentar no começo, mas, no final, Aníbal ganharia tantas tropas aliadas que Roma teria de se sentar para negociar.

Para tornar sua tarefa um pouco mais fácil, Aníbal não planejava destruir Roma, apenas acabar com seu poder. Estava lutando, dizia, somente "pela honra e pelo império". Queria proteger o império de Cartago na Espanha e retomar a Sardenha, provavelmente também a Sicília.

Para Aníbal, então, a vitória dependia de duas coisas: vitórias na batalha e deserção aliada. Ele poderia conseguir seu objetivo?

Políbio discordava. O historiador criticou Aníbal por partir para a guerra por questões emocionais em vez de por análise racional. Aníbal estava "totalmente sob a influência da irracionalidade e da raiva violenta". Roma era forte demais, e Aníbal nunca deveria ter invadido a Itália, de acordo com Políbio.

Políbio é um historiador formidável, mas não valoriza a audácia. Seria mais justo falar isto: Aníbal tinha um plano bem pensado, apesar de muito arriscado. Começou com uma longa e perigosa marcha seguida de uma rápida série de ataques pesados contra as terras de Roma, tão pesados e rápidos que a confederação italiana de Roma começou a se despedaçar. Também uniu refinamento diplomático ao lidar com os aliados italianos de Roma e astúcia política para administrar o governo em Cartago.

Desde Alexandre, nenhum outro general tinha mostrado tanta habilidade ofensiva. Se alguém poderia fazer isso, seria Aníbal, mas Roma era tão forte?

César: a velocidade mata

Enquanto fazia seus planos do outro lado do Rubicão, César pode ter calculado suas forças e fraquezas militares. Sua maior força era, de longe, seu exército. O exército de César não era somente bom, era seu. Oito anos na Gália tinham criado uma conexão com seus homens por meio do sangue, do ferro e da fé. O exército acreditava em César.

Ele, por outro lado, os comandava como um maestro. Tolerava seus lapsos e fraquezas, mas era duro com os desertores. Nunca os chamava de "soldados", mas sempre de "companheiros soldados". Depois de um massacre na Gália, ele jurou não cortar o cabelo ou a barba até ter vingado os mortos – e, como todos sabiam, ele era muito vaidoso com seu visual, então

foi um verdadeiro sacrifício.

O exército de César venerava sua inteligência, sua coragem, sua caridade e seu carisma. Trinta mil soldados o viam como seu capitão, seu patrono, seu líder e até seu pai. Na Gália, ele trouxe vitória e lucro. Os homens sempre tinham suas recompensas materiais: César garantia isso. Agora, ele prometia cargos de alto nível em Roma.

É verdade que a guerra civil oferecia menos fontes de saque do que o conflito no estrangeiro, e isso iria gerar tensão. Mas as habilidades políticas de César manteriam seus homens felizes, e, além disso, a guerra civil oferecia a excitação do ilícito, o conhecimento de que todo homem em seu exército tinha se tornado um fora da lei assim que cruzou o Rubicão. A perspectiva de vitória ou morte criava ligações extraordinárias entre líder e liderados. Resumindo: era uma história de amor.

As forças de César no Rubicão eram pequenas em número, mas havia reforços a caminho. Enquanto isso, ele tinha os homens da Décima Terceira Legião. Veteranos da Gália que eram bastante experientes e autocontrolados. Sabiam como se infiltrar em uma cidade e, depois, de repente, tornar sua presença conhecida. Uma legião – 5 mil homens – era grande o suficiente para cercar uma pequena cidade, e o exército de César era especialista em cercos. Quando seus números aumentassem, eles poderiam fazer o mesmo com as grandes cidades.

Tampouco havia alguma dúvida sobre a capacidade de se mover rapidamente. Alexandre e Aníbal eram velozes, mas César era explosivo – um atleta do campo de batalha. Raramente um general entendeu melhor a vantagem de ser veloz. E a César não faltava. Seu exército combinava a velocidade de um leopardo com a resistência de uma formiga.

Quando tinha mais soldados, César apreciava encontrar-se com o inimigo em batalha. Ele poderia ter adivinhado, no entanto, que Pompeu não iria querer arriscar seus homens contra os veteranos de César. O mais provável é que César tivesse de superar Pompeu e agarrá-lo em uma cidade que pudesse cercar ou talvez até atacá-lo de surpresa.

César conhecia Pompeu pessoalmente e parece ter sentido afeição genuína por ele, mas César não tinha dúvidas sobre sua própria superioridade como general. Pode ser que achasse que Pompeu tinha perdido sua habilidade ou que nunca a houvesse tido, o certo era que César estava convencido de que era melhor.

Não importava o que Pompeu pudesse ter sido capaz de fazer, ele sofria com uma grande desvantagem: faltava comando supremo. No lugar, compartilhava o comando com vários senadores. Seu exército não possuía a unidade no alto que a vitória geralmente exige. César, o líder indiscutível, não precisava brigar com outros generais. Não era o presidente de um comitê, mas o líder.

Equilibrando essa vantagem, havia um grande problema militar: César não tinha marinha. Se ele não conseguisse vencer seus inimigos na Itália, estes podiam escapar de barco e tentar se recuperar em outro momento. E talvez Pompeu não fosse tão inferior quanto César poderia ter pensado. Mais razão para César se mover com velocidade e decisão.

César era realista o bastante para saber que, provavelmente, não teria uma batalha decisiva com Pompeu na Itália. Para vencer a guerra, César teria de superar sua fraqueza no mar, transportar seu exército para o exterior e forçar Pompeu a uma batalha de vida e morte. Conseguiria fazer isso? Seria o maior teste de César.

Alvos difíceis e fáceis

Quando Alexandre e César lançaram suas guerras, o inimigo – o império persa ou a república romana – já estava enfraquecido por décadas de rebeliões regionais e guerra civil. Mercenários e aventureiros já cruzavam o mar Egeu há muitos anos quando Alexandre o invadiu. César não foi o primeiro general rebelde a marchar contra Roma. Nem a Pérsia de Dario ou a Roma de Pompeu ofereciam uma frente unida contra o invasor, pois os dois sofriam com a divisão em facções.

Em contraste, a república romana atacada por Aníbal estava relativamente unida. A confederação italiana de Roma estava vulnerável no norte da Itália, onde os celtas, só recentemente, tinham perdido sua liberdade para Roma e o sul da Itália tinha sua cota de *independentistas*. Mas o centro da confederação italiana de Roma na Itália central era bastante sólido. Para ganhar a guerra, Aníbal tinha de romper essa rocha. Apesar de não ser impossível, tampouco era fácil.

Assim Aníbal teve uma missão mais difícil do que a de César ou a de Alexandre. A política doméstica não facilitava a tarefa. Aníbal não era rei ou ditador, mas um general do Estado cartaginense. Apesar de a Espanha lhe dar

uma base de poder, precisava do apoio de Cartago, a menos que derrotasse rapidamente Roma. E esse apoio não estava garantido.

A maioria dos cartaginenses queria lutar contra seus odiados inimigos romanos, mas isso não significava que apoiavam os planos de guerra de Aníbal. Alguns discordavam de sua estratégia, enquanto outros desconfiavam dele ou não gostavam dos Barcas. E Aníbal tinha visto Cartago pela última vez aos 9 anos. Seu conhecimento da política doméstica dificilmente chegava perto da familiaridade com o campo das armas.

Os outros dois comandantes também enfrentavam problemas no *front* doméstico. Alexandre era um rei detestado pela maioria das cidades-Estado gregas, que eram, em teoria, suas aliadas. Muitos dos aliados gregos de Alexandre estavam loucos para se rebelar e se unir à Pérsia. César não era rei, apenas um general provincial rebelde contra a autoridade constituída; não possuía legitimidade. Mesmo que César conquistasse a Itália, não tinha uma frota para dominar as rotas comerciais necessárias para trazer o suprimento de grãos; se Pompeu dominasse o mar, poderia matar a Itália de fome.

No final, entretanto, Aníbal tinha a tarefa mais difícil. Para quebrar a confederação italiana central, seria necessário aplicar grandes recursos em infraestrutura no ponto preciso. Aníbal teria de conseguir esses recursos com o governo cartaginense e precisava dirigi-los contra o alvo apropriado. Isso exigiria um domínio tanto da estratégia quanto da política. A guerra provaria se Aníbal teria isso.

ESTRATÉGIAS POLÍTICAS

Todos os três homens lutaram guerras com uma dimensão política forte. Como a maioria dos generais hoje, nenhum deles podia dar-se ao luxo de seguir apenas a lógica militar. Todos precisam levar em conta a política também.

Alexandre: político e general

A marcha de Alexandre até o império persa não era meramente uma rota de invasão, mas também uma forma de guerra de informações, voltada para duas audiências: o exército persa e a opinião pública grega. Sua mensagem à Pérsia era que ele era uma força se aproximando. Por dois anos, o exército

macedônio em Anatólia consistiu em uma força avançada de 10 mil homens. Em 334 a.C., quase 50 mil macedônios – com um adicional de 32 mil na infantaria e 5 mil na cavalaria – tinham invadido, junto com uma frota de 160 barcos de guerra e numerosos transportes. Para os gregos, Alexandre apresentou sua expedição como uma vingança – ele fez a propaganda de uma cruzada pan-helênica para vingar a invasão persa de 480 a.C. Isso foi há muito tempo, mas a maioria dos gregos ainda pensava nos persas como "os bárbaros", como tinham feito seus ancestrais.

Mas Alexandre contava com um fraco apoio – na verdade, a ameaça de rebelião – de sua retaguarda grega, incluindo a duvidosa marinha ateniense. Ele tinha de mostrar que era pró-grego e que quaisquer gregos que apoiassem a Pérsia seriam tratados com muita severidade. Fez isso por uma combinação de marca pessoal e represália brutal.

Para enfatizar o tema da vingança grega, Alexandre liderou o exército macedônio ao lado leste, em direção a Helesponto, sobre as mesmas rotas que o rei persa Xerxes tinha seguido quando marchou para o lado oeste em sua malfadada invasão da Grécia em 480 a.C. Alexandre cruzou o Helesponto de Sestos a Abidos, o lugar em que Xerxes tinha cruzado o canal (eles foram de barco) na direção oposta. Enquanto cruzava o Helesponto, Alexandre fez sacrifícios para os deuses e verteu uma libação à água, ao contrário de Xerxes, que mandou seus homens açoitarem o Helesponto e arremessarem correntes para "punir" a água por uma tempestade destrutiva, atos que os gregos consideraram ímpios.

Quando Alexandre desembarcou perto de Abidos, avançou pela costa da Ásia com sua armadura completa. Já tinha jogado uma lança do navio: um sinal, como ele mais tarde colocou, que mostrava como o império persa era uma terra conquistada pela lança dos deuses. Então foi até a cidade próxima de Troia, quer dizer, de Ílion, a cidade grega construída no mesmo lugar que Troia. Xerxes tinha feito uma peregrinação ali em 480 a.C., e Alexandre não poderia ter feito menos.

Tendo lançado uma campanha de propaganda para demonstrar sua devoção para a causa da Grécia, Alexandre então se voltou para o principal propósito de sua viagem a Anatólia: ele tornou a se unir ao seu exército.

Alexandre invadiu o império persa em 334 a.C. com um claro plano de guerra, mas um objetivo com final aberto. No mínimo, ele queria conquistar o oeste da Anatólia (a moderna Turquia) e acrescentá-lo a seu reino. No

máximo, há razão para pensar que Filipe tivesse como objetivo conquistar todo o império persa em toda sua vastidão, o que incluía tanto a Pérsia quanto outras posses na Ásia ocidental – Síria, Palestina, Egito e Mesopotâmia – e terras ainda mais a oeste – a planície iraniana e todo ou parte do moderno Cazaquistão, o Afeganistão, o Tadjiquistão, o Uzbequistão, o Paquistão e o noroeste da Índia. Era muita ambição e, para alguns, provavelmente pareceria uma história mitológica. Ninguém poderia governar um império tão grande sem se tornar um monarca absoluto; os conselheiros de Alexandre sabiam disso e muitos deles acabaram recuando horrorizados com essa perspectiva. Mas provavelmente parecia improvável no começo, já que o império persa não era algo fácil. Apesar de ter demonstrado fraqueza militar nos anos mais recentes, a Pérsia ainda possuía enormes vantagens em dinheiro, homens, barcos e conhecimento local.

Cada passo na campanha de Alexandre era, em si mesmo, uma tarefa complicada. Tomar a Anatólia. Para conquistá-la, Alexandre tinha de evitar que a marinha persa abrisse um segundo *front* na Grécia, assim como deveria derrotar o exército persa na Anatólia. Ele também precisava ganhar aliados e encontrar comida para seus homens. Por último, mas não menos importante, tinha de levantar dinheiro, porque a guerra é cara, e o tesouro da Macedônia estava escasso.

Em 334 a.C., Alexandre tinha 22 anos e estava sentado no trono há apenas dois anos. Mas já era um experiente comandante de campo. Aos 16 anos, Filipe o fez regente da Macedônia, e Alexandre liderou uma rápida expedição à Trácia, que derrotou uma rebelião e transformou a cidade em um posto militar avançado chamado Alexandrópolis. Aos 18 anos, sob supervisão de Filipe, Alexandre liderou a cavalaria macedônia na guerra que conquistou a Grécia na batalha de Queroneia (338 a.C.). Aos 20, ele se tornou rei. Nos dois anos seguintes, como comandante-chefe do exército macedônio, ele marchou 2 mil quilômetros com seu exército, suprimiu rebeliões na Grécia e nos Bálcãs, e destruiu Tebas, a cidade mais poderosa de toda a Grécia. Também expandiu a fronteira norte do império até o rio Danúbio, adquiriu uma série de vitórias próprias sem a ajuda dos melhores generais de Filipe, e executou precisamente tanto operações planejadas quanto improvisos brilhantes. Alexandre demonstrou outras habilidades também, como seu domínio de operações com armas combinadas, no qual usava a cavalaria e a infantaria leve e pesada. Mostrava-se capaz de misturar quando fosse preciso, avaliando

tanto o inimigo quanto o terreno do ato e dando precisamente as ordens corretas. Ele era muito inventivo. Em uma ocasião, mandou seus homens cavarem degraus na face de uma montanha e, em outra ocasião, mandou que montassem, do zero, barcos para cruzar o Danúbio. Sua manobra mais criativa de todas foi o primeiro uso de artilharia registrado na história.

Alexandre tinha conquistado o amor de seus soldados. Também tinha conquistado o medo dos gregos da Macedônia e dos aliados dos Bálcãs, mas não confiava neles. Hoje em dia, a província da Macedônia (não confundir com o país independente ao norte) é parte integral da Grécia, mas, na era de Alexandre, muitos gregos viam os macedônios como selvagens e, certamente, se rebelariam se tivessem uma chance. A marinha persa representou essa chance. Para desencorajar os gregos, Alexandre deixou 13.500 soldados (27% do total de suas forças, ou seja, mais de um quarto delas) do total de suas forças na Macedônia quando invadiu a Pérsia. O trabalho deles era estarem prontos para invadir qualquer cidade-Estado grega que se unisse aos persas.

Toda grande cidade-Estado nas terras gregas, tinha se juntado à coalizão de Alexandre, exceto Esparta, que ficou de fora. Seus grandes dias tinham ficado para trás, no entanto; e agora era principalmente um lugar pequeno e distante com um nome glorioso. Mesmo que sua recusa incomodasse, não valia a pena perder tempo conquistando Esparta.

Alexandre também planejava uma resposta política à ameaçadora ofensiva naval persa. Quando expulsou os persas das cidades gregas da Anatólia, ele se apresentava como liberador de todos os gregos. Mas também se mostrava como um assassino: em sua primeira batalha, executou a maioria dos mercenários gregos pegos lutando pela Pérsia, o que era um ato brutal, considerando que normalmente era fácil convencer os mercenários capturados a mudarem de lado. Era uma atitude mais política do que militar, para desencorajar que outros gregos lutassem pela Pérsia.

Aníbal: o diplomata

Quando Aníbal marchou contra Roma em 218 a.C., já era um comandante com experiência. Tinha passado dois anos conquistando as tribos espanholas hostis e, depois, se virou contra a aliada de Roma na Espanha, Saguntum. Ele estabeleceu um cerco à cidade e a tomou em oito meses. Quando Roma

declarou guerra, Aníbal estava pronto, com um plano ousado: uma marcha cruzando os Pireneus por terra e os territórios hostis do sul da França e os Alpes – com elefantes, nada menos.

Aníbal tinha esmagado seus inimigos espanhóis e conquistado o amor de seus homens. Demonstrou ser capaz de fazer proezas militares e possuir habilidade de liderança, ao que acrescentou relações públicas. Usava a religião com destreza para os vários povos celtas em seu exército. Ao contrário de Alexandre, Aníbal nunca afirmou ser um deus, mas admitia ter o apoio divino. Ele dizia ser um novo Hércules. Antes de sair de Nova Cartago, fez uma viagem especial a Gades para orar no santuário de Melcarte, o Hércules púnico. Nos Alpes, foi dito que um deus – possivelmente Hércules – estava guiando Aníbal através das montanhas. Na marcha através do norte da Espanha, Aníbal contou sobre um sonho no qual um jovem havia sido enviado pelo rei dos deuses para guiá-lo até a Itália e devastar suas terras como uma serpente gigante.

Apesar dessa serpente, Aníbal era um diplomata que planejava ganhar o apoio de aliados potenciais no território inimigo. Roma tinha conquistado os povos da Itália central e meridional um por um. Muitos deles não gostavam dessa situação. Mas um problema maior era o frágil controle de Roma sobre os celtas, cujas tribos englobavam a maioria da população do vale do Pó e a maior parte do norte da Itália (incluindo Piemonte, Lombardia, Vêneto e Emília-Romanha). Eles tinham realizado uma grande rebelião entre 225 e 222 a.C. e ainda estavam cheios de descontentamento depois da derrota para Roma. Antes de iniciar sua expedição, Aníbal havia enviado embaixadores até os celtas e ganhado promessas de apoio de algumas tribos.

Enquanto isso, na Itália central e meridional, a população não expressava sentimentos antirromanos tão abertamente, mas essas regiões eram também muito ricas em ressentimentos subterrâneos. Aníbal planejava incitá-las também. Ele dizia aos italianos que não chegava como conquistador, mas como liberador. Depois de cada vitória, escravizava os romanos, mas libertava qualquer italiano que seus homens capturassem.

A comparação que Aníbal fazia de si mesmo com Hércules – Héracles para os gregos – caiu muito bem no sul da Itália. Pirro também tinha se comparado a Héracles, assim como o maior conquistador grego de todos os tempos, Alexandre.

Aníbal tinha duas outras audiências políticas para pensar, uma na Espanha

e a outra no norte da África. Algumas tribos espanholas ainda não aceitavam o domínio cartaginense; se Aníbal falhasse na Itália, a notícia poderia iniciar a rebelião delas. Quando ele marchou para a Itália, portanto, deixou soldados, barcos e elefantes para trás na Espanha, sob o comando de seu irmão Asdrúbal, para manter os espanhóis em linha.

Ainda mais importante para Aníbal era a política do governo de Cartago. Aníbal protegeu Cartago mandando 16 mil soldados da Espanha para o norte da África quando partiu para a Itália. Cartago tinha apoiado Aníbal quando Roma exigiu sua cabeça, depois do cerco de Saguntum. A cidade tinha lutado, em vez de entregar Aníbal, mas eles também queriam manter a Espanha – e sabiam que tinham de proteger Aníbal para isso. Quanto à campanha italiana, eles poderiam ter tido ideias diferentes.

Como em Roma, também em Cartago um conselho de anciãos ou Senado desempenhava um papel central no governo. Seus membros tinham sentimentos misturados sobre a guerra de Aníbal. Por um lado, eles odiavam Roma, mas, por outro, muitos deles não confiavam em Aníbal. A família Barca havia conquistado para Cartago uma lucrativa província na Espanha, mas também tinha ganhado uma base de poder. Se Aníbal agora acrescentasse a Itália à sua esfera de influência, ele dominaria Cartago. Os titãs políticos sempre deixam nervosos os conselhos de anciãos. “Segurança em números” normalmente é seu lema.

Então o Senado cartaginense apoiava Aníbal, mas não nesse caso em particular. Muitos senadores tinham seus próprios interesses – retomar as colônias perdidas na Sicília e na Sardenha. Viam a guerra na Itália como um meio para conseguir isso. Se Aníbal tropeçasse aqui, eles estariam prontos para abrir novas frentes nas ilhas e usar novos comandantes – preferivelmente aqueles com menos ambições políticas.

Para ganhar a guerra na Itália, entretanto, Aníbal precisava ser mais do que um grande general. Também deveria ser um diplomata de alto nível, um propagandista capaz e um político astuto.

César: comandante de choque e terror

O que a família Barca tinha construído na Espanha, César conseguiu na Gália: conquistar uma rica província que era quase sua propriedade. Ao contrário de Aníbal, no entanto, que havia deixado Cartago de vez aos 9 anos

para seguir seu pai até a Espanha, César havia construído uma carreira em Roma antes de ir para a Gália: ele já era um político veterano quando, aos 40 anos, se tornou um conquistador. As ações de César tanto antes quanto depois de cruzar o Rubicão demonstram seu domínio da arte de ser um político-general – de ser, resumindo, César.

César usou bem sua vitória na Gália. Para divulgar seus sucessos, ele escreveu um clássico literário, *Comentários sobre a guerra gálica*, no qual se apresentava como um gigante militar. Desde sua famosa abertura – "Toda a Gália está dividida em três partes" –, César proclamou ao povo romano sua habilidade militar e política; afinal, "dividir e conquistar" era a velha máxima da guerra romana. O livro mostrou, em casa, o poder militar de César. Ele era rápido, eficiente, brutal e estava disposto a cometer atos de terror. Dizia-se que César tinha sido responsável por um milhão de mortes na conquista da Gália e mais um milhão de escravizados, muitos deles civis.

Enquanto estava na Gália, César mantinha um dedo no pulso da política em Roma. A Gália era uma vasta província, grande o suficiente para permitir que César passasse seus invernos em Ravena no norte da Itália, a apenas 320 quilômetros de Roma. Em 49 a.C., o norte da Itália não era considerado território romano; era uma província estrangeira, sob o controle de um governador romano – César. O norte da Itália era chamado de Gália Cisalpina, "Gália ao lado [o lado sul] dos Alpes", e era parte do comando gálico de César. Enquanto passava o inverno em Ravena, César comandava uma legião. Suas outras legiões estavam ao norte dos Alpes, mas três delas estavam preparadas para chegar rapidamente até ele.

Tendo conquistado fama como populista antes de partir para a Gália, César continuava a tradição ao mandar o saque para casa para financiar projetos de serviços públicos. Ele ofereceu ao povo romano um programa de benefícios, que o tornou ainda mais popular do que os principais membros do Senado romano, que não dividiam suas propriedades. Mas, ao contrário de muitos políticos, César não se jubilava com os erros dos oponentes.

César encarava dois grupos principais de oponentes na hora em que cruzou o Rubicão: conservadores no Senado e Pompeu com seus apoiadores. Os senadores tinham um princípio: não podiam tolerar o pensamento de um homem dominando a política romana como ditador, assim como Sula (82-79 a.C.) havia feito. Eles viam César como o que poderia ser chamado de um "ditador vermelho", alguém cujas políticas populistas poderiam levar ao

poder absoluto. Pompeu não se preocupava com princípios; ele só se importava com Pompeu. Antes de César ter conquistado a Gália, Pompeu tinha sido a figura político-militar dominante em Roma. Agora, sua estrela estava se apagando e a de César era uma supernova. Pompeu não queria dividir o poder com César; os senadores não podiam aceitar se submeter a um aristocrata transformado em demagogo populista. Não que apreciassem a cooperação com Pompeu, ele mesmo uma figura dominante, mas os senadores corretamente viam nele uma ameaça menor do que era César. Então mandaram prender César, e este respondeu cruzando o Rubicão com seu exército, apontando contra Roma.

Muitos tinham duvidado que César ousaria dar esse passo, e por uma boa razão: ele só tinha uma legião na Itália, quer dizer, 5 mil homens. Pompeu tinha duas legiões (entre 8 mil e 10 mil homens) e a autoridade para conseguir mais 130 mil novas tropas, lideradas por ele mesmo e vários senadores proeminentes. Pompeu também tinha sete legiões na Espanha e, apesar de estarem distantes, elas podiam ser levadas à Itália. César tinha dez legiões ao norte dos Alpes; como acabou acontecendo, três estavam prontas para se unir a ele um mês depois. Além disso, sem dúvida ele sabia bem o que um general iria falar mais tarde: “Não são os grandes exércitos que ganham batalhas; são os bons”.

Se parece surpreendente que nenhum dos lados tinha um grande exército pronto, lembre-se, como Pompeu e César sabiam, de que, em uma guerra civil, menos é mais. Os dois sabiam que o público queria paz, então nenhum dos generais queria ser culpado por provocar a guerra. Cada um estava disposto a arriscar uma falta de preparação para escapar da responsabilidade pela guerra. O resultado foi que, quando a guerra estourou, os dois lados tiveram de correr para se preparar. Isso favoreceu César.

Ele tinha o comando único e supremo de suas forças, enquanto Pompeu tinha que dividir o comando com um comitê de senadores, cada um puxando para seu lado. Pompeu e seus aliados no Senado não confiavam um no outro, assim como Hitler e Stalin depois da assinatura do tratado que dividiu a Polônia.

Se César elogiasse Pompeu antes de cruzar o Rubicão, teria de admitir que estava enfrentando um grande general. Entre as conquistas de Pompeu estavam vitórias no norte da África, na Espanha, no Mediterrâneo oriental da Anatólia à Judeia, e em alto-mar contra os piratas. Ele era inteligente,

disciplinado e um excelente organizador. No entanto, enquanto César tinha conquistado a Gália, Pompeu havia se acostumado a uma vida de facilidades civis: tinham se passado quase quinze anos desde seu último comando em um campo de batalha. Acima de tudo, a especialidade militar de Pompeu era a defesa. César, por outro lado, se especializou no que, hoje em dia, é chamado choque e terror.

Um bom general precisa descobrir como pensa seu inimigo. Antes de cruzar o Rubicão, César provavelmente adivinhou a estratégia de Pompeu: em vez de arriscar uma luta contra os veteranos de César, Pompeu iria montar rapidamente novas tropas na Itália e, depois, evacuá-las para a Grécia. Ali poderia treiná-las e formar um grande exército, voltar para a Itália e derrotar César.

César sabia que Pompeu tinha dois ases. Ao contrário de César, Pompeu tinha uma marinha, o que significava que, depois de fugir da Itália, poderia voltar pelo mar com força total. O Oriente, além do mais, era sua base, assim como a Gália era a base de César. Pompeu tinha conquistado boa parte do Mediterrâneo oriental para a Roma na década de 60 a.C., deixando-o com uma gigantesca rede de homens que lhe deviam favores.

Mas Pompeu precisava de tempo. Necessitava de tempo para persuadir os senadores de que realmente fazia sentido evacuar a Itália. Muitos deles se recusariam a conceder a César a vantagem psicológica de controlar o “solo sagrado” da Itália – uma questão levantada por ninguém menos que Napoleão, que estudou a história antiga enquanto vivia no exílio. Pompeu também precisava de tempo para recrutar novas tropas na Itália. Infelizmente para Pompeu, César era o ladrão do tempo. A guerra era uma corrida e, em termos militares, César era um campeão de corrida.

TRÊS VITÓRIAS INICIAIS – OUTRAS VIRIAM

Quando invadiram o território inimigo, Alexandre, Aníbal e César tinham mostrado como eram perigosos. Cada um manejava o equivalente a uma adaga: um exército leal, veterano e vitorioso. Só duas defesas eram possíveis: lutar com força igual ou recuar. O recuo é recusado pela maioria dos soldados, mas, às vezes, é necessário para uma vitória futura, apesar da vergonha que o acompanha. Um recuo torna possível assediar o inimigo em

escaramuças enquanto eles saem em perseguição, negar comida destruindo seus próprios recursos (uma política de “terra arrasada”) e reagrupar para lutar de novo no dia seguinte.

Mas, mesmo assim, o recuo nega a possibilidade de lutar, e poucos soldados toleram isso. A maioria dos exércitos para e luta, como fizeram os persas contra Alexandre e os romanos contra Aníbal.

Alexandre: uma rápida vitória inicial

As coisas dificilmente poderiam estar melhores para Alexandre quando seu exército invadiu a Anatólia na primavera de 334 a.C. Passar da Europa à Ásia exigia cruzar o estreito de Helesponto (ou Dardanelos, como conhecemos agora). Um gargalo estratégico, o Helesponto atraiu as batalhas navais da Antiguidade da mesma forma que um ringue atrai boxeadores, mas a poderosa frota da Pérsia não estava por perto. Os macedônios controlavam as duas costas no ponto de cruzamento, e os navios antigos não gostavam de lutar sem uma costa amiga à qual pudessem recuar. As forças de Alexandre cruzaram sem serem molestadas e desembarcaram perto de Troia. Eram ao redor de 50 mil homens.

Sua base logística, no entanto, era feita de areia. Alexandre só tinha suprimentos suficientes para um mês. Pior ainda, não tinha dinheiro. Os macedônios tinham gastado suas últimas dracmas montando a força invasora. Para alimentar seus homens, Alexandre teria de persuadir ou forçar as cidades da Anatólia a abrirem seus portões – e seus celeiros.

Dario não ignorou a ameaça macedônia. Fez com que os cinco sátrapas das grandes províncias da Anatólia juntassem seus recursos militares sob a orientação de um grande general mercenário da época. Mas esse general não tinha comando absoluto. Olhando em retrospectiva, Dario cometeu um erro ao permitir um comando dividido quando deveria ter reforçado uma política única e unida. Comitês não fazem bons generais.

Quando o exército de Alexandre chegou ao solo asiático, um conselho de comandantes persas se encontrava a uns 120 quilômetros a leste, na pequena cidade de Zeleia. Os presentes incluíam sátrapas e membros da família real, assim como um dos maiores comandantes mercenários da época, Memnon de Rodes, um homem “famoso por seus bons julgamentos como general”.

Memnon era grego. Poderia parecer surpreendente encontrar um grego

entre os comandantes da Pérsia, mas era algo comum. Os persas eram grandes cavaleiros, mas medíocres em termos de infantaria, enquanto os gregos eram excelentes nisso. Quando se tratava de guerra, o governo persa era pragmático e tinha a cabeça relativamente aberta, então contratou soldados e generais gregos.

Memnon vinha da principal família mercenária da época. Ele e seu irmão Mentor tinham passado vinte anos a serviço dos persas, chegando às mais altas posições. Mas tinham se casado com mulheres da primeira família rebelde na Pérsia, a família de Artabazus, sátrapa da Frígia (uma área importante no noroeste da Turquia). Mentor se casou com a filha de Artabazus, Barsine; quando Mentor morreu em 340 a.C., Barsine se casou com Memnon. (Artabazus, por falar nisso, se casou com a irmã de Mentor e Memnon.) Na década de 350 a.C., Artabazus se rebelou contra o então rei da Pérsia, Artaxerxes III. A guerra teve altos e baixos até 352 a.C., quando Artabazus e Memnon fugiram para a Macedônia e a corte de Filipe II. Mentor foi para o Egito e terminou voltando às boas graças de Artaxerxes III, ajudando a terminar com uma rebelião ali. Em troca, Artabazus e Memnon foram perdoados e tiveram a permissão para voltar ao território persa em 343 a.C. Eles trouxeram conhecimento em primeira mão dos planos e do poder macedônio. Quando Dario III se tornou rei em 336 a.C., Memnon e Artabazus eram servos leais.

Memnon usou seu conhecimento da Macedônia para vencer uma série de batalhas contra as forças avançadas de Alexandre na Anatólia de 336 a 335 a.C. Em uma batalha, ele até derrotou o general comandante macedônio, o grande veterano Parmênio, e o expulsou de volta a Helesponto. Mas Memnon era esperto e não superestimou seu sucesso. Sabia que uma coisa era derrotar uma pequena força avançada e outra era enfrentar o exército principal liderado por seu rei.

Memnon sabia como o jovem Alexandre era experiente e cruel. Ele concluiu que uma batalha convencional contra a Macedônia era muito perigosa, por causa da inferioridade dos persas na infantaria. Em vez disso, ele “defendeu uma política de... devastar a terra e, com a falta de suprimentos, impedir que os macedônios avançassem”. Ao mesmo tempo, estava pressionando por uma ofensiva naval.

Liderado pelo sátrapa local, os homens reunidos em Zeleia rejeitaram o conselho de Memnon. Consideraram que era um dever defender suas terras,

não as destruir. Tampouco gostaram de receber conselhos de um estrangeiro como Memnon. Alguns poderiam até ter questionado sua lealdade, considerando que os macedônios tinham poupado as propriedades dele perto de Troia. (Isso foi um truque psicológico com o objetivo de fazer os persas desconfiarem de Memnon.)

Os persas em Zeleia decidiram lutar. Sabiam que Alexandre tinha mais homens na infantaria, mas provavelmente também sabiam que a maior parte desses 30 mil homens tinha pouca experiência e eram tropas aliadas pouco confiáveis. A Pérsia tinha 6 mil veteranos e mercenários gregos confiáveis, com uma vantagem numérica na cavalaria, 20 mil contra 5 mil. Os persas planejavam obrigar os macedônios a uma batalha de cavalaria. E sabiam que poderiam lutar no terreno que escolhessem porque Alexandre é que precisava vir até eles.

Enquanto os persas tivessem um exército perto de Zeleia, Alexandre não poderia marchar para o sul, porque o inimigo poderia então cortar sua comunicação com Helesponto. Assim, Alexandre marchou para Zeleia, a uns três dias de Troia. Como o inimigo poderia ter adivinhado, ele deixou a maioria dos seus 30 mil soldados para trás; levou somente 12 mil homens da infantaria pesada, todos macedônios confiáveis, assim como mil tropas leves da Trácia. Também trouxe toda sua cavalaria, 5 mil homens.

O exército persa se posicionou na principal estrada que ligava o Ocidente ao Oriente, a oeste de Zeleia. Quando o exército de Alexandre marchou para o leste, seus patrulheiros informaram a localização dos persas no extremo da planície de Adrasteia, na margem oriental do rio Grânico. Os defensores tinham escolhido um bom terreno. Apesar de não ser um rio profundo (só um metro em maio), era muito rápido, escorregadio e protegido por margens íngremes e cheias de barro. Não seria fácil para os macedônios cruzarem seus homens em ordem. Os persas planejavam usar a desorganização das fileiras de seus inimigos para executar a estratégia da decapitação. Eles iriam mirar em Alexandre e matá-lo.

Já era o final da tarde quando os macedônios encontraram os persas. Os conselheiros de Alexandre recomendaram que esperassem até o dia seguinte, com a esperança de que o inimigo recuasse da margem do rio durante a noite, o que permitiria que os macedônios cruzassem pela manhã. Alexandre insistia na batalha imediata. Normalmente um bom psicólogo, ele sabia que a ação inspiraria seus homens e amedrontaria o inimigo.

A cavalaria persa estava alinhada na margem oriental do Grânico, cobrindo tanto a margem quanto a área plana que se espalhava por uns 300 metros. Eles deixaram sua infantaria, todos mercenários gregos, estacionada no terreno mais alto atrás deles, sabendo que seria inútil que enfrentassem um inimigo em maior quantidade. A infantaria poderia ser chamada mais tarde, se necessário.

Do outro lado do rio, os macedônios de Alexandre não seguiram a mesma formação, colocando a infantaria entre a cavalaria. Alexandre e a cavalaria macedônia estavam do lado direito; Parmênio e os aliados, a cavalaria tessália, ocupavam a ala esquerda. Como sempre, a cavalaria atacaria primeiro. Eles não poderiam fazer um assalto frontal, mas seus batedores tinham encontrado um declive leve, coberto de cascalho, nas margens íngremes do rio. A cavalaria cruzou por esse lado.

E assim, as duas ondas de cavaleiros, que marcam o início deste livro, atacaram os persas. Alexandre começou com um movimento inteligente. Enviou um esquadrão de uns mil cavaleiros, para tirar o inimigo da margem e levá-lo ao rio. Isso aconteceu ao custo de pesadas perdas macedônias. Tendo forçado o inimigo a romper suas linhas, Alexandre atacou. Liderou seus homens em ordem oblíqua contra a correnteza, indo bem para a direita, para fazer duas coisas. Alexandre queria superar os persas e garantir que seus homens apresentassem uma sólida frente para o inimigo, em vez de surgir do rio em coluna, onde poderiam ser mortos, um por um. Como não era um novato, ele já tinha provado sua capacidade quatro anos antes, ao liderar um ataque de cavalaria contra os gregos na batalha de Queroneia.

Os persas não eram novatos em táticas também. Uma unidade de cavaleiros em formação de cunha, liderada por alguns dos principais homens dos persas, atacou o inimigo. Eles tinham Alexandre como alvo, esperando cortar o coração da invasão ao matar seu líder. Quase conseguiram. Na verdade, teriam mudado a história, se Clito não tivesse salvado seu rei do ataque quase fatal de Resaces, como vimos no Capítulo 1.

Quando os macedônios resgataram Alexandre, o assalto deles provou ser devastador para os persas. Com toda a elegância dos movimentos de abertura de Alexandre, Grânico acabou sendo uma carnificina. As fontes falam em lutas corpo a corpo e “cavalos lutando emaranhados com outros cavalos e homens emaranhados com homens”. Os homens de Alexandre tinham melhor equipamento e conhecimento técnico, e muitos deles, especialmente sua

guarda pessoal, eram grandes e fortes. Os macedônios tinham lanças de madeira, armas pesadas que superavam muito os dardos leves dos persas, que eram armas de arremessar. Uma lança de 3,5 metros com o peso de um cavalo galopando e um cavaleiro por trás, poderia esmagar um crânio, e os macedônios apontavam para os rostos dos persas e seus cavalos. Enquanto os cavaleiros macedônios empurravam os persas para trás, as tropas leves trácias, no meio da cavalaria, acrescentavam infortúnio ao inimigo. Eram especialistas em atirar dardos nos cavaleiros.

Enquanto isso, no centro da formação, a infantaria macedônia avançava. Com eficiência terrível e com suas enormes lanças apontadas para frente, os homens da falange cruzaram o rio, subiram na margem oposta e forçaram o inimigo a recuar. O centro dos persas se rompeu, e a cavalaria virou e fugiu. À esquerda macedônia, a cavalaria tessália lutava com mérito. Os mercenários gregos da Pérsia estavam na retaguarda, espantados e horrorizados com o que estava acontecendo; aparentemente, ninguém tinha mandado que entrassem em ação.

Alexandre e seus homens tiveram uma grande vitória. Foi um tributo ao profissionalismo do exército e seu poder, refletindo bem a ousadia de Alexandre como comandante de campo e sua coragem como guerreiro. Mas também deixou uma abertura aos persas, que, afinal, quase mataram o rei inimigo. Contudo, os persas tinham acesso a enormes recursos de homens. Se juntassem um exército grande o suficiente, com muitos mercenários gregos e bastante cavalaria para cercar os macedônios nas laterais, teriam uma chance na batalha.

Exceto pelo esquadrão de mil cavaleiros, as perdas macedônias foram leves, apesar de que, provavelmente, não tão leves como as fontes pró-macedônios afirmam: supostamente, só 85 cavaleiros e 30 soldados de infantaria morreram. Os números de feridos macedônios aumentariam nas batalhas à frente, mas, no final, eles se mantiveram bastante baixos. Esta foi uma das chaves para o sucesso de Alexandre: ele poupou seus homens.

Também foi pródigo com eles. Depois da batalha, Alexandre garantiu que seus feridos fossem bem tratados e se deu ao trabalho de visitá-los pessoalmente. Fez com que os mortos fossem enterrados com suas armas; isentou suas famílias de pagar impostos. Finalmente, mandou fazer uma estátua de bronze pelos 25 homens dos Companheiros do Rei que tinham morrido no primeiro ataque. Alexandre pediu que o trabalho fosse feito por

Lísipo, o mais famoso escultor da época, e a estátua foi erigida na Macedônia.

As perdas persas foram altas. Uns mil cavaleiros foram mortos. Oito generais persas caíram em batalha, incluindo dois sátrapas, o comandante dos mercenários e dois cunhados reais, além do neto de um antigo rei. Outro sátrapa escapou e cometeu suicídio logo depois. Memnon escapou também, mas ele planejava continuar a luta.

Os 6 mil mercenários gregos terminaram muito pior. Como a luta não estava terminada, os gregos pensaram que poderiam se entregar. Em vez disso, os macedônios os cercaram e atacaram. Os gregos se defenderam, e os macedônios sofreram fortes baixas, mas no final foi um massacre. Só 2 mil gregos sobreviveram. Foram enviados à Macedônia para fazer trabalho pesado. Mesmo pelos padrões antigos, isso foi algo brutal, mas a questão não era militar, era política. Alexandre queria marcar como traidor qualquer grego que se opusesse a ele. A mensagem estava voltada não só para os gregos na Pérsia, mas também para potenciais rebeldes no *front* doméstico.

Para remarcar a mensagem, Alexandre enviou 300 armaduras persas capturadas para o Partenon em Atenas, com a inscrição: “Alexandre, filho de Filipe e os gregos, exceto os espartanos, dos bárbaros que vivem na Ásia”. Em termos gregos, a inscrição significava que Alexandre estava lutando por todos os gregos em um choque de civilizações contra um inimigo selvagem que vivia em outro continente. Por todos os gregos, quer dizer, exceto os espartanos! Era um insulto: no passado, Esparta tinha enfrentado a Pérsia em Termópilas. Agora, a Macedônia afirmava ser a nova Esparta. Isso faria com que Alexandre fosse um grande herói, como o lendário rei Leônidas de Esparta – exceto, claro, que, ao contrário de Leônidas, o qual morreu em Termópilas, Alexandre planejava viver.

Aníbal: uma vitória com dois ataques e 37 elefantes

A coisa mais impressionante sobre Aníbal e seu exército, quando saíram dos Alpes em novembro de 218 a.C., foi que estavam ali. Eles tinham acabado de completar uma das grandes marchas épicas na história das guerras. Demorou aproximadamente cinco meses, uma luta de quase 2 mil quilômetros contra inimigos naturais e humanos. Além de atravessar os Pireneus e o Ródano, eles tinham de cruzar os Alpes sob a neve do final de outono. Lutaram contra

tribos hostis e escaparam da força expedicionária romana. Sofreram deserções, doenças, mortes em batalhas e fome. E também havia os elefantes, estas bestas impressionantes que os homens de Aníbal fizeram cruzar o Ródano em balsas e atravessar as passagens alpinas.

Quando o alto comando cartaginense estava debatendo a marcha proposta da Espanha à Itália, um dos generais de Aníbal o avisou sobre os perigos. O general, que também se chamava Aníbal, mas com o apelido duro de "o Gladiador", pintou um quadro com terríveis obstáculos logísticos. Os homens teriam de comer carne humana para sobreviver, disse Aníbal, o Gladiador. Era um exagero, mas não muito.

O sucesso não seria barato. Quando Aníbal deixou Nova Cartago na Espanha, ao redor de junho, tinha 90 mil soldados na infantaria, 12 mil cavaleiros e 37 elefantes. Ele deixou 15 mil tropas com seu irmão Asdrúbal para manter a Espanha central e meridional, enquanto entregou 11 mil tropas para pacificar o nordeste espanhol; outras 10 mil tropas foram enviadas para casa. Aníbal cruzou os Pireneus para a França com 50 mil soldados, 9 mil cavaleiros e os elefantes. Quando chegou ao Ródano, em outubro, tinha 38 mil soldados, 8 mil cavaleiros e 37 elefantes; a maioria das perdas recentes era por deserção. Então, cruzou os Alpes em uns quinze dias. No final de novembro, uns cinco meses depois de começar sua viagem, ele chegou à Itália com apenas 20 mil soldados e 6 mil cavaleiros – a viagem alpina tinha custado quase metade de seus soldados remanescentes. Alguns morreram em combate com os povos hostis da montanha, enquanto outros sucumbiram à neve e ao frio. Muitos outros simplesmente desertaram. Sem dúvida, Aníbal tinha esperado algumas perdas na marcha, mas provavelmente não nessa escala.

Políbio enfatiza quanto os elefantes ajudaram o exército de Aníbal nos Alpes. Nem ele nem nenhuma outra fonte mencionam a perda de qualquer elefante, apesar de que falam de pesadas perdas entre os cavalos e os animais de transporte. Talvez todos os 37 elefantes originais de Aníbal tenham sobrevivido aos Alpes.

Deserção foi a primeira causa das perdas de Aníbal em termos de homens. A boa notícia, no entanto, era que a maior parte das suas melhores tropas continuou com ele. Vieram do norte da África, e a casa estava muito longe para fugir. Em sua maioria, os desertores eram provavelmente espanhóis. Mas também eram bons soldados.

A habilidade de Aníbal em manter a melhor parte de seu exército sob condições terríveis é um tributo a sua liderança. Mesmo assim, não podemos esquecer que Aníbal deixou a Espanha com 59 mil homens e chegou à Itália com 26 mil. Na campanha que se seguiu, seu principal problema foi a falta de homens. Assim, as perdas iniciais de Aníbal iriam persegui-lo por vários anos.

O exército restante de Aníbal estava em má forma quando chegou à Itália. "Porque seus homens não tinham apenas sofrido terrivelmente com a subida e descida das passagens e as dificuldades da estrada", escreve um escritor antigo, "mas também estavam em condições deploráveis por causa da escassez de provisões e da negligência de suas pessoas, muitos tendo caído em um estado de desânimo profundo por causa do sofrimento prolongado e da necessidade de comida".

Por causa do tamanho e do formato do exército que chegou à Itália em novembro de 218 a.C., a guerra poderia ter terminado aí. Aníbal não poderia derrotar Roma no longo prazo sem reforços substanciais. Mas no curto prazo, Aníbal virou a mesa, o que é um tributo a sua liderança e à fibra de seus homens. Não só isso; ele conseguiu uma vitória atrás da outra, o que parece quase milagroso.

Como Alexandre, Aníbal continuou exigindo de seus homens, mas sabia os limites deles. Precisavam descansar, e Aníbal permitiu isso. Os homens também precisavam de comida, mas a única forma de conseguir era lutando contra o inimigo e tomando seus recursos – trabalho duro, mas a vitória restauraria tanto os corpos quanto o moral cartaginense.

Mais ou menos depois de um mês da chegada à Itália, Aníbal conseguiu essa vitória, na verdade várias vitórias. Ele deu uma mostra virtuosa de sua habilidade como comandante. Como diplomata, alternava entre políticas de terror e conciliação, ganhando com as duas. Como administrador, Aníbal provou que conhecia os homens tão bem quanto conhecia a guerra. Como comandante, ele aplicou uma combinação de astúcia, engenhosidade e coragem que derrotou duas vezes os exércitos romanos: primeiro, em uma escaramuça entre a cavalaria e, depois, em uma batalha campal. E realizou tudo isso antes do solstício de inverno, ao redor de 22 ou 23 de dezembro de 218 a.C.

Mas os romanos também conseguiram várias conquistas. Demonstraram que conseguiam pensar estrategicamente. Apesar de não chegarem aos pés de

Aníbal em questões táticas, mostraram coragem e resistência. A infantaria romana – as famosas legiões – podia dar um golpe poderoso, e Aníbal agora sabia disso por experiência pessoal. Como os cartaginenses, os romanos exibiam mobilidade e velocidade em suas operações. Na verdade, um observador neutro, no final do ano 218 a.C. teria ficado espantado com as distâncias que os dois lados cobriram, com a rapidez com que se movimentaram e com a flexibilidade com que moveram as peças no tabuleiro militar.

Quando se tratava de surpresa estratégica, Aníbal tinha vantagens. Os romanos esperavam que ele ficasse na defensiva, então se espantaram com sua marcha agressiva pela Itália.

Depois de sair dos Alpes, Aníbal partiu para o vale do rio Pó, onde seus agentes já tinham feito contato na primavera anterior com as grandes tribos celtas – inimigos de longa data de Roma. O poderoso Pó flui dos Alpes para o Adriático. Quem controlasse esse vale controlaria o norte da Itália. Os romanos haviam lutado contra os celtas pelo controle dessa área e só recentemente tinham conseguido conquistá-la. Primeiro, Aníbal teria de passar pela área perto da moderna Turim, cujos habitantes celtas não eram amigáveis. Ele atacou a cidade principal e massacrou seus residentes. As outras tribos ao redor de Turim aprenderam a lição e se uniram a ele.

Os romanos, enquanto isso, partiram correndo para o lugar. Depois de declarar guerra a Cartago no verão anterior, eles tinham decidido por uma ofensiva com duas frentes, com ataques tanto na Espanha quanto no norte da África. Quando notícias sobre a aproximação de Aníbal vieram do sul da França, eles cancelaram a ofensiva africana, mas decidiram manter a pressão sobre a Espanha, base de Aníbal. Roma reconheceu, corretamente, que a luta poderia ser longa, então era crucial evitar que os reforços espanhóis de Aníbal chegassem até ele.

Antes da chegada de Aníbal à Itália, Roma enviou tropas ao vale do rio Pó para lidar com o descontentamento celta. Apenas alguns meses antes, também tinha fundado duas novas colônias militares no vale, uma em Cremona e outra em Placência (Piacenza), em locais estratégicos. Quando Aníbal se aproximou, mais tropas romanas marcharam para o norte da Itália sob o comando de Tibério Semprônio Longo, um dos dois cônsules (oficiais-chefe, eleitos anualmente) em 218 a.C. O outro cônsul, Públio Cornélio Cipião, foi o responsável pela expedição espanhola, mas ele entregou o

comando na Espanha para seu tenente (e irmão), voltando para o norte da Itália também.

A campanha de novembro a dezembro de 218 a.C. focou no triângulo estratégico representado por três pontos: as cidades de Placência, Clastídio e Ticino. Placência, a nova colônia romana no Pó central, estava a leste do vale do rio Trébia, e a passagem que levava à cidade-porto de Pisa, no norte da Itália. Mais a oeste de Placência, uma ponta dos Apeninos chegava do sul e quase tocava o Pó, transformando-o em um ponto estratégico. A oeste desse lugar estava Clastídio (moderna Casteggio), um forte celta que os romanos tinham tomado e transformado em fortaleza. Tanto Placência quanto Clastídio estavam no lado sul do Pó. Do lado norte, a leste de Clastídio, fluía o rio Ticino. Alguns quilômetros acima do rio ficava a cidade de Ticino (a moderna Pavia), uma vila celta. Quem dominasse essas três cidades teria a chave para todo o vale do rio Pó.

Cipião, o primeiro romano a chegar, também foi o primeiro romano a passar por uma batalha com Aníbal. Usando Placência como base, ele passou à ofensiva. Os engenheiros de Cipião construíram três pontes sobre o Pó e o Ticino, e ele mandou que suas tropas cruzassem os rios para procurar Aníbal. Na planície, em algum ponto a oeste do Ticino e norte do Pó, Cipião o encontrou. Era final de novembro de 218 a.C.

A planície era o terreno clássico da cavalaria, ou seria se não estivesse marcada por bosques, por pântanos e por riachos. Essas características deixavam-na perfeita para os tipos de emboscadas e surpresas que Aníbal adorava fazer. Era um mestre em táticas e também em explorar ao máximo as características geográficas. Aníbal certamente empregaria essas táticas nesse terreno.

O rio Ticino foi mais um embate entre cavalarias do que propriamente uma batalha. A cavalaria nunca foi o ponto forte de Roma; o exército romano era formado principalmente por homens a pé. A cavalaria de Aníbal era maior e mais bem preparada do que a dos romanos. Sua cavalaria pesada era constituída por espanhóis, e Aníbal atacou os romanos com eles no centro. Enquanto isso, fez bom uso de sua cavalaria leve, os incríveis cavaleiros da Numídia (a moderna Argélia). Especialistas em assediar e romper as formações inimigas, os cavaleiros numídios no rio Ticino deram a volta no flanco romano e atacaram pela retaguarda. Os romanos não só tiveram de fugir como também quase perderam o comandante deles, Cipião. Seu corpo

ferido foi arrastado até um lugar seguro, e, de acordo com uma tradição, ele foi salvo por seu filho de 19 anos, também chamado Cornélio Cipião (mais tarde, Cipião Africano), o mesmo homem que terminaria derrotando Aníbal, dezesseis anos depois.

Cipião tinha subestimado Aníbal. Talvez isso seja compreensível, tanto por causa da juventude de Aníbal quanto pelas informações que Cipião provavelmente recebeu sobre o pobre estado de seu exército depois de ter cruzado os Alpes. Ou talvez Cipião simplesmente estivesse ressentido. Quando os cartaginenses tinham cruzado o Ródano no sul da França em outubro, Cipião tinha tentado – e fracassado – alcançá-los a tempo de impedi-los. Humilhado, ele, então, voltou para a Itália.

Depois da derrota ao cruzar o Ticino, os romanos recuaram rapidamente, deixando forças para romper as pontes depois de cruzarem. Reagruparam-se a sudeste, perto da colônia de Roma em Placência sobre o Pó. Aníbal seguiu, juntando aliados celtas e prisioneiros romanos pelo caminho. Ele entrou em Clastídio, quando seu comandante abriu os portões: ele e os homens em seu forte eram aliados romanos do sul da Itália. Os cartaginenses transformaram a ocasião em um evento de propaganda, tratando os prisioneiros muito bem e até honrando seu líder. Ao tentar cortejar os aliados de Roma, Aníbal levou a guerra para o *front* político, além do militar. Enquanto isso, um grupo de aliados celtas de Roma deixou o campo de Cipião para se juntar a Aníbal e fez um tipo diferente de declaração. Mataram alguns dos romanos e cortaram suas cabeças para mostrá-las.

Os dois lados acamparam no vale do rio Trébia (Trebbia), a oeste de Placência e ao sul de sua confluência com o Pó. No começo de dezembro, Tibério Semprônio Longo e suas tropas se juntaram a Cipião e seus homens. O exército de Aníbal tinha crescido para 28 mil na infantaria, mas os romanos, entre 36 mil e 38 mil, eram maiores. Contudo, Aníbal tinha 10 mil cavaleiros, enquanto Roma tinha apenas 4 mil. Finalmente, ainda havia cerca de 37 elefantes.

Os dois lados entraram em vários confrontos. Um deles quase se transformou em uma batalha campal quando os soldados de Aníbal, pressionados, recuaram de forma desordenada. Mas Aníbal demonstrou como controlava suas tropas com mão de ferro. Ele enviou oficiais e corneteiros

com instruções específicas. Os homens que recuavam tinham de ficar em posição, mas só isso; ele não permitiria que partissem para a ofensiva. Aníbal se recusava a entrar em uma batalha que não fosse ocorrer em seus próprios termos, quer dizer, num lugar e num momento sob as circunstâncias que ele tivesse escolhido cuidadosamente antes. Era, como poderíamos dizer hoje, um controlador.

Entretanto, Aníbal estava pensando em um compromisso geral em Trébia e em um terreno cuidadosamente selecionado. Escolheu os campos abertos a oeste do rio, onde a planície plana e sem árvores estava entrecruzada com valetas.

Aníbal sabia que os romanos praticamente sentiam o cheiro das emboscadas quando entravam nos bosques e que estariam em guarda. O campo aberto, no entanto, convidaria ao descuido dos romanos, raciocinou Aníbal. Uma noite, ele conseguiu esconder 2 mil homens em uma grande vala, atrás das prováveis linhas romanas.

Aníbal conhecia seu inimigo. Como escreveu Políbio, Aníbal entendeu que nada é “mais essencial a um general do que o conhecimento dos princípios e do caráter de seu oponente”. Um general precisa visualizar os pontos fracos não só no corpo do inimigo, mas em sua mente. Aníbal fez exatamente isso, e Políbio o admirava muito.

Na manhã seguinte, Aníbal atraiu os romanos para a batalha, sob o comando de Semprônio. A cavalaria numídia provocou os romanos, e eles morderam a isca. Tendo visto o recuo cartaginense, Semprônio poderia ter pensado, equivocado, que estavam fugindo.

Antes de partir para a luta, Aníbal preparou suas tropas cuidadosamente. Ele serviu um bom café da manhã, juntou-os ao redor das fogueiras e mandou que se esfregassem com óleo de oliva para se proteger contra o frio. Os romanos, no entanto, não tiveram tempo de tomar o café da manhã e não se protegeram com óleo. Os cartaginenses só estavam a pouca distância do campo de batalha. Os romanos tiveram de viajar mais e cruzar o rio. A água estava fria e na altura do peito, deixando-os ensopados e cansados quando alcançaram os inimigos. Era o solstício de inverno, ao redor de 22 ou 23 de dezembro de 218 a.C.

Como na batalha de Ticino, Aníbal tinha planejado vencê-la envolvendo os flancos de seu inimigo. Ele organizou sua infantaria no centro e dividiu a cavalaria entre as duas alas. Aníbal dividiu os elefantes também e os colocou

na frente da infantaria de cada lado. Os exércitos romanos organizavam suas legiões em três linhas, com a cavalaria nos flancos, e Tibério Semprônio Longo fez o mesmo. Na batalha que se seguiu, os sempre poderosos legionários de Roma avançaram contra o centro cartaginense. Mas os cartaginenses esmagaram as alas do inimigo. Depois de afastar a cavalaria romana do campo, os homens de Aníbal usaram uma combinação de cavalaria, escaramuças e elefantes para romper os flancos romanos. Enquanto isso, os 2 mil cartaginenses escondidos nas valas se levantaram e atacaram os romanos pela retaguarda.

Os legionários romanos no centro – 10 mil homens – conseguiram escapar abrindo a linha inimiga. A maioria da cavalaria escapou também. Mas dois terços do exército romano – uns 28 mil homens – foram mortos ou capturados. As perdas de Aníbal se constituíram principalmente da infantaria celta em seu centro. O clima de inverno depois da batalha matou a maioria dos elefantes de Aníbal que tinham sobrevivido.

Tibério Semprônio Longo não ousou enviar a verdade sobre a batalha para Roma; no lugar, mandou uma mensagem falando que uma tempestade tinha evitado sua vitória. Aníbal era uma tempestade, era verdade, mas de astúcia e agilidade que deixaram Roma em choque.

Com a verdade sobre Trébia difundida para Roma, Aníbal deu outro golpe de propaganda. Enquanto pouco se incomodava em manter os prisioneiros romanos vivos, ele tratava com respeito os italianos. Convocou uma reunião na qual falou que: “ele tinha vindo acima de tudo para dar aos italianos sua liberdade e ajudá-los a recuperar as cidades e os territórios que os romanos tinham roubado deles”. Então mandou-os para casa sem pedir nenhum resgate.

Aníbal entregava uma mensagem dupla: massacre e libertação. A questão era se isso acabaria afastando Roma de seus aliados.

César: a audácia do terror e a ferroada da clemência

César fez seu primeiro movimento com a velocidade e a agilidade de um lobo. Antes de cruzar o Rubicão, ele mandou centuriões em roupas civis até Rimini, uma cidade central no cruzamento de duas estradas romanas. Em 12 de janeiro de 49 a.C. (24 de novembro de 50 a.C. pelo calendário solar), César cruzou o Rubicão. Quando marchou sobre a cidade com sua legião,

seus homens abriram os portões. Rimini se entregou. Era um sinal do que viria.

Como um antigo escritor falou sobre César: “Ele achava que surpreender, ousar e assumir rápidas vantagens no momento poderiam conseguir mais do que se preparar para uma invasão regular; ele queria deixar os inimigos em pânico”. Outro diz que como César “costumava depender da surpresa causada por sua velocidade e do terror causado por sua audácia, em vez da imensidão de suas preparações, ele decidiu, com seus 5 mil homens, ser o primeiro a atacar nessa grande guerra e aproveitar as posições estratégicas na Itália antes do inimigo”. Tais métodos funcionaram.

Em um mês, César e seus homens tomaram as maiores cidades no norte e no centro da Itália. Eles não precisaram derramar nem uma gota de sangue. Em alguns lugares, o inimigo fugiu, em outros, se entregou, por iniciativa própria ou por pressão local. Os italianos reagiram com horror ao descobrir em seu quintal o exército que conquistou a Gália.

Enquanto isso, Pompeu deixou Roma, primeiro para Cápua e, depois, para Lucéria, uma cidade na planície apuliana. Era preciso um comandante astuto e experiente para lutar enquanto se recuava; Pompeu era este general. Os críticos o acusavam de covardia, mas Pompeu e seus tenentes estavam levantando tropas na Itália central e meridional e, depois, levando-as para o sul. Eles ficaram apenas um passo à frente do avanço de César. As coisas andaram tranquilas até Corfínio.

Esse lugar resume a política da guerra civil na Itália. Foi o único lugar que ofereceu alguma resistência a César. Mas Corfínio não era apenas uma operação militar; era um “novo tipo de conquista”, como disse o próprio César. Corfínio simbolizava o brilho de sua política – e seus riscos.

A geografia é central em Corfínio. Está no alto dos Apeninos, em um fértil vale cercado por montanhas. A cidade está a uns 180 quilômetros a leste de Roma, na antiga via Valeria, a estrada para o mar Adriático. Outro forte perto controlava estradas ao sul e a oeste.

Uns quarenta anos antes, em 90 a.C., rebeldes italianos contra Roma tinham escolhido Corfínio como capital na Guerra Social (91-88 a.C.). Eles a renomearam Italica e deram-lhe um novo fórum e Senado, mas logo capitularam ante Roma. Aparentemente, não houve luta – do contrário Roma teria destruído as muralhas fortificadas da cidade, que ainda estavam de pé em 49 a.C. Em outra parte da Itália, a Guerra Social foi uma luta mais dura.

Roma derrotou a rebelião, mas concordou com a exigência dos aliados de receber a cidadania romana.

A posição estratégica da cidade era óbvia. Enquanto marchava para o sul, César não podia simplesmente evitar Corfínio e deixar uma importante força inimiga em sua retaguarda. Se o inimigo escolhesse resistir ali, ele precisaria lutar. E foi o que aconteceu.

Em fevereiro de 49 a.C. pelo calendário romano (dezembro de 50 a.C. pelo calendário solar), quando César se aproximava do norte, Lúcio Domício Enobarbo decidiu se entrincheirar em Corfínio. Domício era um homem de grandes gestos e opiniões extremas, famoso por trazer cem leões africanos à arena e se casar com a irmã de Catão, o arquiconservador do Senado romano. Parece bastante apropriado que o imperador Nero fosse tetraneto de Domício!

Em comparação com César, Domício era muito mais beligerante. Ele vinha de uma rica família cuja proeminência se estendia até o nascimento da república romana. Domício frequentemente havia atacado César em público e, por essa razão, também atacou Pompeu, antes que este se separasse de César. Domício já tinha ameaçado expulsar César da Gália; o Senado recentemente o havia indicado para substituir César como governador. Um ex-cônsul, Domício agora era um importante general dos exércitos do Senado.

Na segunda semana de fevereiro, ele decidiu ficar em Corfínio. Pompeu já tinha evacuado suas forças para Lucéria, a uns 180 quilômetros a sudeste de Corfínio. Domício poderia ter se juntado a Pompeu, mas raciocinou que era melhor enfrentá-lo em uma fortaleza na estrada para Roma do que em campo aberto longe da capital. Sua força não era pequena e estava dentro e nos arredores de Corfínio, com 12 tropas vindas dos povos das montanhas nas vizinhanças. Os tenentes de Pompeu trouxeram outras 19 tropas da Itália central, somando um total de 31 tropas: no papel, uns 15 mil homens. Mas temendo que César vencesse Domício, Pompeu mandou uma mensagem urgente, pedindo que ele recuasse.

No momento, César tinha duas legiões, ou entre 8 mil e 10 mil homens. Ele chegou a Corfínio no dia 15 de fevereiro e estabeleceu seu acampamento fora dos muros da cidade. Sete das tropas de Domício em uma cidade vizinha imediatamente desertaram para César. Dois dias depois, outra legião, 22 tropas recém-recrutadas da Gália e 300 cavaleiros estrangeiros se juntaram a César, formando um total de 27 mil e 30 mil homens. César superava

Domício mais ou menos em dois para um.

Quando César chegou a Corfínio, Domício tinha enviado mensageiros a Pompeu, pedindo que ele viesse rapidamente com suas forças para bloquear a passagem, cortando os suprimentos de César, de forma a encurralá-lo entre seus dois exércitos. Enquanto estava esperando que a ajuda chegasse, Domício organizou suas tropas em posições defensivas, colocou a artilharia nas paredes da cidade, e convocou uma reunião na qual prometia uma parte de sua própria terra como recompensa para cada soldado.

Não adiantou, no entanto. Os invernos em Corfínio são razoáveis para operações militares, e César se moveu com vigor. Ele acrescentou um segundo acampamento do outro lado da cidade e fortificou os dois campos com grandes aterros. Então preparou um cerco a Corfínio construindo muros e fortes para cercá-la. Por uma boa razão, César era conhecido como um grande engenheiro! Pompeu, enquanto isso, escreveu em resposta a Domício. Sua resposta chegou em 19 de fevereiro e era um claro “não”. Longe de levar suas forças a Corfínio, Pompeu novamente aconselhava Domício a sair com seu exército e se juntar a ele em Lucéria; fazer qualquer outra coisa era muito arriscado. Pompeu teria ordenado que Domício se juntasse a ele, se pudesse, mas não tinha tanto poder. Ao contrário de César, Pompeu não tinha comando supremo.

O que Pompeu insistiu, no entanto, foi que ele nem aconselhava nem queria que Domício resistisse em Corfínio. Longe de lutar na Itália, Pompeu tinha decidido evacuar a península. Ele iria para o Oriente, e com a ajuda de seus vastos contatos no mundo grego construiria um novo exército. Se Domício sabia disso, não concordou. Se Pompeu deixasse a Itália e voltasse com a ajuda de seus amigos no Oriente, ele não deveria nada ao Senado. Mas se eles vencessem César em Corfínio agora, o Senado também teria crédito. Pompeu não se convenceu, declarando que não achava possível enfrentar os veteranos de César.

Então Domício foi deixado sozinho. Tentou convencer seus homens, mas eles sabiam avaliar uma situação impossível quando viam uma. Estavam presos nas montanhas e sob o cerco do melhor exército do mundo romano. Afirmando que seu general estava tentando escapar, seus próprios oficiais prenderam Domício. Não importa qual foi a história real, Domício foi entregue a César, e suas tropas ofereceram se entregar. Era 21 de fevereiro. Pompeu já havia partido de Lucéria e ido mais ao sul, até o salto da bota

italiana.

Em apenas sete dias, a grande fortaleza de Corfínio tinha caído. Isso, no entanto, não é a parte mais incrível da história; esta distinção pertence ao que aconteceu depois, quando era hora de César se vingar: nada. César evitou que seus soldados entrassem na cidade e a saqueassem. Enquanto isso, recebeu a elite dos defensores da cidade: cinquenta homens, incluindo senadores, oficiais públicos e seus filhos. César perdoou a todos. Domício pediu a morte; César não só deixou que vivesse como também devolveu os 6 milhões de sestércios (moedas romanas) que Domício tinha trazido à cidade (e que as autoridades tinham entregado a César). “Ele fez isso”, escreveu César, “para não parecer mais autocontrolado em relação às vidas dos homens do que em relação a seu dinheiro”.

Foi uma demonstração incrível de generosidade, e César sabia disso. Em uma carta que escreveu para Cícero no mês seguinte, César apontou sua determinação de não seguir o sangrento exemplo de Sula, o ditador, que tinha matado milhares na Itália. “Que este novo tipo de conquista”, escreveu César, “nos fortifique com piedade e generosidade”.

A política de César era generosa, mas também diplomática: ele queria ganhar a boa vontade de todos os italianos. Também queria ganhar o apoio dos soldados de Domício, a quem ordenou imediatamente que se unissem a ele depois de um juramento de lealdade. César não só tinha acrescentado 15 mil soldados a seu exército como também tinha evitado que se unissem a Pompeu. Como era uma guerra civil, não era incomum que os homens mudassem de lado.

Por sua política de clemência, César se apresentava como um conquistador que mostrava generosidade – mas existia um porém. Aos olhos romanos, clemência era um presente ao oponente estrangeiro derrotado. Ocorreu, então, um insulto no gesto de César, e todo mundo sabia disso. Cícero, por exemplo, chamou de “clemência insidiosa”. Os oponentes de César nunca esqueceriam sua misericórdia. Não espanta que muitos dos homens que o esfaquearam até a morte nos Idos de Março, cinco anos depois, tenham sido perdoados por César.

A ESSÊNCIA DA DECISÃO

Começar uma guerra não é como fazer um depósito certificado. Não há uma

taxa de retorno garantida. Pense na guerra, ao contrário, como uma *startup* de alta tecnologia. Se um comandante fez seu trabalho corretamente, o empreendimento vai estar em uma base sólida, mas é um risco, de qualquer forma. Não há nada certo na guerra. De César no Rubicão até os dias atuais, a guerra continua sendo uma aposta alta.

Mas o paradoxo é que nossos três generais achavam a paz ainda mais arriscada. A paz teria custado a César sua carreira e, possivelmente, sua vida. Os macedônios nunca teriam tolerado Alexandre se ele tivesse se recusado a invadir a Pérsia. O medo que Aníbal sentia de Roma poderia ter contido um elemento de paranoia, mas era compartilhado pela maior parte do poder em Cartago. Por mais temerários que pudessem ser, Alexandre, Aníbal e César estavam mais seguros indo para a guerra. A paz certamente significaria a ruína. A guerra era arriscada, mas, quando correr riscos é a única saída, acaba sendo o movimento mais inteligente.

Não que as guerras deles tenham sido fáceis; longe disso. Mas para Alexandre, Aníbal e César pareciam fáceis, e nisso está parte de sua grandeza. O tesouro de Alexandre estava vazio, tinha uma retaguarda inquieta e muitos fracassos com suas tropas avançadas na Anatólia até este ponto. César só tinha uma legião para enfrentar o Estado romano. Aníbal tinha problemas ainda maiores: acima de tudo, a desencorajadora jornada da Espanha ao norte da Itália. Quando ele cruzou os Alpes, uns cinco meses depois de sua partida, tinha perdido quase metade de suas forças. No entanto, o mais importante é que ele *tinha* conseguido fazer a viagem – e então começou a batalha.

Como qualquer bom general, Aníbal tinha se preparado da forma mais cuidadosa possível. “Homens são aptos a pensar em grandes crises, de forma que, quando tudo foi feito, eles ainda têm algo a fazer e, quando tudo foi dito, eles ainda não falaram o suficiente”, escreve Tucídides ao redor de 400 a.C., e as palavras continuam verdadeiras. Mas elas não contam toda a história.

Sucesso na guerra depende não só de se conhecer, mas de conhecer o inimigo. Depois de um mês pisando no solo adversário, Alexandre, Aníbal e César tinham o direito de sentir que haviam julgado o inimigo corretamente. Alexandre tinha imaginado que os persas iam desafiá-lo a uma batalha campal em vez de adotar a política de terra arrasada. Aníbal tinha feito uma avaliação parecida sobre os romanos. Os eventos provaram que estavam corretos. As batalhas do rio Grânico, do rio Ticino e do Trébia,

respectivamente, foram triunfos para as duas máquinas de guerra invasoras.

César poderia ter esperado que Pompeu fizesse um favor se entrasse em batalha campal com o veterano exército de César, mas não era provável, como imaginava. A política mais provável de Pompeu não foi um mistério para um homem com as artimanhas de César: recrutar soldados e rapidamente retirá-los para o Oriente. O melhor que César poderia ter esperado era expulsar Pompeu da Itália antes que pudesse juntar muitas tropas. O enfrentamento desastrado de Domício em Corfínio foi uma sorte para César. No entanto, seis semanas depois de cruzar o Rubicão, César ainda não tinha alcançado Pompeu nem evitado que partisse da Itália com seu exército.

Dos três generais, Alexandre teve a melhor guerra até agora. Ele tinha cruzado o Helesponto com seu exército sem oposição, ganhado uma batalha campal com poucas perdas e estava preparado para controlar as províncias ocidentais da Anatólia e seus recursos. César capturou um exército inimigo liderado por um adversário desajeitado e conseguiu fazer boa propaganda por meios de um comportamento generoso, mas ainda precisava agarrar seu principal oponente, Pompeu, e seu exército. Aníbal tinha a guerra mais difícil por causa de suas perdas na marcha para a Itália. No longo prazo, ele precisava de reforços. Mesmo assim, Aníbal tinha mantido seus homens juntos, chegado à Itália e se encontrado com seus aliados, conseguido esmagar o exército romano, ou seja, obteve vários sucessos consideráveis.

Alexandre, Aníbal e César tinham começado a guerra bem. Mas nenhum deles podia se dar ao luxo de confundir sorte de principiante com vitória final. A guerra deles, como qualquer novo empreendimento, seria julgada por suas conquistas finais, não por seus desempenhos iniciais – mesmo que tais desempenhos tivessem sido espetaculares.

As guerras, na verdade, têm uma forma de ficar mais complicadas quanto mais duram. Quando as hostilidades começam, elas desenvolvem uma lógica própria. Tendo sobrevivido ao choque inicial, cada lado tende a aumentar seu investimento, o que diminui sua disposição para desistir. O resultado: o que poderia ter parecido um movimento decisivo antes da guerra acaba sendo apenas um movimento de abertura quando a luta está acontecendo.

Nos estágios iniciais da guerra, Pérsia, Roma e a coalizão de Pompeu e o Senado foram duramente atingidos. Mas nenhum deles estava perto de desistir.

Para Alexandre, Aníbal e César, portanto, as guerras tinham apenas

começado.

CAPÍTULO 3

Resistência

Em uma manhã de outono em 334 a.C., Alexandre, rei da Macedônia, olhava do alto de uma colina pesquisando sua recompensa. Abaixo, em um teatro natural, estava a grande cidade de Halicarnasso, com o mar azul brilhando no horizonte. A cidade era a principal base naval na costa do Egeu e tinha sido conquistada pelo exército de Alexandre depois de um longo cerco.

Mas os persas não desistiram sem muita luta, e se foram em ordem em uma manhã, depois de queimar metade da cidade na noite anterior. Pior ainda para Alexandre, os persas não partiram exatamente. Eles se retiraram da maior parte da cidade, mas mantiveram duas fortalezas (uma no alto de uma colina, outra em uma ilha) que flanqueavam o porto. Halicarnasso era uma base naval persa antes do cerco de Alexandre e permaneceu como base naval persa depois.

Então, quando os homens de Alexandre entraram em Halicarnasso, conseguiram ver os barcos persas navegando tranquilamente, entrando e saindo da cidade como se a batalha nunca tivesse acontecido. Em um desses barcos estava o comandante inimigo, o estrategista-chefe da guerra que não estava saindo como Alexandre tinha planejado – Memnon de Rodes.

Uns cem anos depois e a cerca de 5.700 quilômetros de distância, em um dia de primavera em 217 a.C., o plano de guerra de outro comandante começava a ir mal. Naquele dia, duas frotas, uma cartaginense e outra romana, começaram uma batalha na costa nordeste da Espanha. Estavam perto do delta do rio Ebro. Os comandantes representavam as duas maiores famílias militares da guerra. Asdrúbal, irmão de Aníbal, liderava os

cartaginenses, e Cneu Cornélio Cipião, tio do futuro Cipião Africano, liderava os romanos.

Os cartaginenses tinham 40 barcos contra 35 dos romanos, e tinham um exército em terra para apoiá-los; os romanos só tinham os marinheiros dentro dos barcos. Mas os romanos queriam muito mais vencer. Sabendo que seus próprios homens dominavam a costa, os cartaginenses praticamente desistiram assim que os inimigos atacaram. Asdrúbal deve ter ficado olhando envergonhado enquanto seus barcos iam para a terra e os homens fugiam. Os romanos tiveram a ousadia de se aproximar e rebocaram 25 dos barcos inimigos – quase dois terços da frota de Asdrúbal.

Não foi uma operação decisiva, e Cartago ainda tinha o comando da Espanha. Mas foi um sinal nefasto de uma crescente ameaça na retaguarda de Aníbal. Ele tinha confiado em seu irmão para manter o controle da base espanhola de Cartago enquanto derrotava Roma na Itália. Se Asdrúbal fracassasse, se perdesse o controle da Espanha para Roma, então todo o plano da guerra de Aníbal poderia começar a desmoronar.

Pouco mais de 150 anos depois e 1.300 quilômetros a leste, na escuridão de uma noite de inverno no sul da Itália, o desapontamento voltou. Os homens de Júlio César estavam num cais e viam a marinha inimiga escapando debaixo de seus narizes. Duas semanas antes, Pompeu e 27 mil soldados tinham chegado à fortificada cidade portuária de Brundisium, onde uma frota estava esperando por eles. Ele planejava levar em barco suas tropas pelo mar Adriático até o norte da Grécia, onde construiria um exército novo e maior, ajudado por seus muitos aliados no Oriente. Como controlava o mar, Pompeu sabia que poderia voltar no ano seguinte e lutar com mais força.

César planejava impedi-lo. Ele tinha uma parte de seu exército cercando Brundisium e a outra parte tentando fechar o porto, do lado de fora do muro, tentando furá-lo. Mas Pompeu resistia.

No final, quando as tropas de César entraram em Brundisium, não havia nenhuma força de Pompeu, exceto dois barcos presos no dique de César. Todo o resto tinha escapado. Pompeu tinha conseguido escapar da armadilha do seu grande oponente.

“Nenhum plano de batalha sobrevive ao contato com o inimigo.” Quando escreveu sua famosa máxima, o general alemão Helmuth von Moltke (1800-1891) estava pensando na Guerra franco-prussiana de 1870-1871, mas poderia estar pensando em nossos três comandantes. Logo depois de começar

a guerra, cada um deles reescreveu seus planos.

Alexandre descobriu como a frota persa poderia causar problemas sob o comando de um grande almirante. Aníbal enfrentava um inimigo que se esquivava de seu ataque na Itália, mas ameaçava sua retaguarda na Espanha. César encontrou um inimigo que fugia e se reagrupava para contra-atacar. Todos os três homens enfrentavam frustrações.

Pensadores militares, antigos e modernos, certamente simpatizariam com isso. A maioria dos generais e reis, escreveu Políbio, só pensa no sucesso; eles "não visualizam as consequências do azar nem consideram como deveriam se comportar e o que deveriam fazer caso acontecesse um desastre, apesar de que... [é] preciso grande capacidade de previsão".

O almirante norte-americano James Stockdale colocou de forma sucinta: "O desafio da educação não é preparar uma pessoa para o sucesso, mas prepará-la para o fracasso".

Alexandre, Aníbal e César estavam preparados para o fracasso? Eles se ajustavam com agilidade?

ALEXANDRE

Depois de esmagar os persas em Grânico, Alexandre estava livre para realizar seus planos. E isso *não* era decididamente marchar para o leste contra Dario. Ainda não. A necessidade imediata de Alexandre era conseguir comida para seus homens e dinheiro para pagá-los. Isso, por sua vez, significava vencer as cidades do oeste da Anatólia, e a maioria era grega. Com seu exército para lembrá-los quem estava no comando, Alexandre oferecia recompensas e punições. Para ganhar o apoio popular, ele substituía as oligarquias por democracias. Isso era menos idealismo do que pragmatismo da parte de Alexandre. Aristóteles tinha ensinado que as democracias eram mais estáveis do que as oligarquias. No oeste da Anatólia, onde a Pérsia sempre tinha apoiado a oligarquia, os democratas eram os aliados naturais da Macedônia. Ele também exigiu impostos, renomeados como "contribuições". Os habitantes locais festejaram a democracia e aceitaram os impostos com a resignação de pessoas que estavam acostumadas com conquistadores. Alexandre afirmou que tinha vindo "liberar" essas cidades, mas elas sabiam bem que não podiam levar isso a sério.

Antes de se voltar para o Oriente, Alexandre precisava controlar o Ocidente. Até esse ponto, ele tinha ganhado uma batalha, mas não a guerra. A marinha persa comandava o mar Egeu; um novo exército persa poderia marchar para o oeste em grande número. As forças de Alexandre ainda eram relativamente pequenas e pobres. Logo ele precisaria de reforços para substituir os homens perdidos em batalha ou por doença ou deixados para cuidar dos territórios conquistados.

Ainda ocorreriam várias mudanças no conflito. Cada uma era resultado de um contra-ataque persa; cada uma era um teste para Alexandre. As três mais importantes foram: a ofensiva naval de Memnon, a batalha de Isso e o cerco de Tiro.

Muros de madeira: o primeiro contra-ataque da Pérsia

Quatrocentas galeras persas – “muros de madeira”, como os gregos tinham chamado os barcos de guerra – dominavam o Mediterrâneo oriental. Com sua superioridade naval, a Pérsia poderia cortar a comunicação do inimigo, desembarcar na Grécia e aumentar a revolta contra a Macedônia. Isso forçaria Alexandre a voltar para casa ou se arriscar a perder a Macedônia, sua terra natal e fonte dos futuros reforços. Alexandre poderia resolver o problema vencendo a frota persa, mas como poderia construir uma marinha melhor?

Fazendo isso em terra! Alexandre afirmou que, ao usar seu exército e o treinamento de cercos para capturar os portos da Pérsia, poderia impedir que o inimigo usasse sua frota. Os persas não concordaram, no entanto.

Memnon de Rodes era o cérebro e os músculos por trás da política naval da Pérsia. Sua audácia estratégica e firmeza tática eram iguais às de Alexandre, mas, ao contrário deste, Memnon não era o rei; era Dario. Como estrangeiro e já ligado no passado a uma família persa rival, Memnon nunca teve a confiança total de Dario. Na verdade, Memnon foi forçado a mandar sua esposa e filhos para Dario como reféns para conseguir manter seu posto de comando. Mas, quando Memnon lutava, fazia Alexandre suar.

O primeiro round aconteceu no verão de 334 a.C. em Mileto, um porto central na costa do mar Egeu. A marinha persa não lutou tão bem quanto esperavam e podemos imaginar se Memnon estava ali, como diz uma fonte – mas só uma. De qualquer forma, a mera presença da frota persa assustou Alexandre. Aconteceu o seguinte:

Mileto estava em uma península estreita no golfo de Latmos, protegida pela estratégica ilha de Lade. Um partido pró-persa governava a cidade com o apoio de uma guarnição de mercenários gregos. Com o exército de Alexandre se aproximando por terra, os pró-persas tiveram a boa notícia de que a frota persa de quatrocentos barcos estava a caminho. Mas a marinha de Alexandre, com 160 barcos, chegou primeiro. Quem controlasse a ilha de Lade controlaria o acesso a Mileto, então os macedônios desembarcaram em Lade e a protegeram com 500 homens. Os persas tiveram que ancorar do outro lado do golfo de Latmos, a uns cinco quilômetros de distância. (Navios antigos sempre precisavam de uma costa amiga para encontrar comida e água, além de ancorar à noite.)

Enquanto isso, os macedônios debatiam estratégias. O subordinado de Alexandre era Parmênio, um homem muito mais velho, uma força política própria, e o maior general de Filipe. Alexandre respeitava Parmênio, mas não confiava nele. Parmênio agora aconselhava uma batalha naval, mas Alexandre se recusava a arriscar contra um inimigo que era superior, tanto em números quanto em experiência. Ele se preocupava que seus “aliados” na Grécia estivessem tão inquietos que se revoltariam com a mera notícia de uma derrota macedônia no mar.

Em vez de uma batalha naval, Alexandre usou sua frota como um escudo. Seus barcos mantiveram a frota persa à distância, enquanto, na terra, seu exército cercava Mileto. Eles logo conseguiram atravessar as muralhas e tomaram a cidade. Algumas das tropas inimigas tentaram escapar nadando, mas a marinha de Alexandre conseguiu capturá-las. Mesmo assim, Alexandre temia que a frota persa voltasse e derrotasse sua marinha, então mandou uma unidade de cavaleiros em uma longa marcha ao redor do golfo até o ancoradouro persa, onde destruíram as bases do inimigo na costa. Agora os persas tinham de navegar até a ilha de Samos para conseguir suprimentos, mais oito quilômetros de distância. A batalha por Mileto estava definitivamente terminada.

A frota de Alexandre tinha desempenhado um papel na vitória, mas ele não estava impressionado. Foi seu exército que capturou a cidade e sua cavalaria que expulsou a frota persa. Além disso, ele nunca confiou inteiramente nos marinheiros, que vinham de seus pouco leais aliados gregos. Ele considerava a marinha uma barganha ruim, por causa das despesas para pagar os marinheiros e manter os barcos em boas condições. Assim, Alexandre tomou

uma decisão ousada: mandou a maior parte da frota para casa.

Alexandre mandou embora 140 barcos, ficando apenas com 20 naves atenienses para carregar o equipamento para os cercos; incidentalmente, os muitos milhares de marinheiros atenienses eram reféns virtuais. Foi uma grande besteira. Como mostrou a campanha de Mileto, a frota de Alexandre era limitada, mas importante. Pior ainda, não ter marinha significava não poder se defender contra o domínio persa no mar Egeu. Se os persas escolhessem atacar, Alexandre tinha deixado uma porta aberta.

Alexandre corria riscos, mas normalmente com cuidadoso planejamento. Dispensar sua marinha era diferente. De repente, Alexandre abriu mão das bases de sua estratégia e as substituiu por uma teoria não testada: que era possível derrotar o poder marítimo pela terra. Essa decisão foi um erro. Como macedônio, Alexandre vinha de uma nação de marinheiros de água doce. Talvez ele simplesmente não confiasse em navios.

A frota persa agora navegava ao sul até Halicarnasso, outra grande base naval na costa do Egeu. Alexandre lutou duro – na terra – para tomar a cidade, enquanto Memnon lutou ainda mais para organizar sua defesa. Em Halicarnasso, ao contrário de Mileto, os persas tinham controle do mar, o que deu mobilidade e acesso a suprimentos às forças de Memnon.

No final, Halicarnasso deu a Alexandre a vitória tática, mas uma derrota estratégica. Alexandre forçou Memnon a se retirar da cidade – mas não do porto fortificado, que permanecia nas mãos persas. Durante o cerco, Memnon infligiu fortes perdas aos macedônios. Também derrotou o ataque de Alexandre na cidade portuária vizinha de Mindos, mandando reforços navais à guarnição dali. Memnon evacuou a maior parte de seus soldados de Halicarnasso para a ilha de Cós, que estava próxima. Mas os persas retiveram uma presença naval na costa da Anatólia: em sua guarnição em Halicarnasso, em Mindos e em duas cidades portuárias ao sul, Cnido e Cauno, e nenhuma delas era fácil de atacar por terra. Resumindo: Alexandre não expulsou a frota persa de todas as suas bases na costa da Anatólia.

Foi o final do ano de 334 a.C. e marcou o momento de Memnon. O guerreiro veterano finalmente convenceu Dario a deixar que lançasse uma grande ofensiva naval, juntou 300 barcos e 15 mil mercenários. Como Alexandre praticamente não tinha nenhuma marinha, essa força poderia cruzar o mar Egeu e levar a guerra para a Grécia. Foi o que Churchill mais tarde chamaria de estratégia “baixo-ventre macio”: atacar o inimigo não onde

era forte e estava protegido, mas onde era fraco.

Memnon começou sua ofensiva naval na primavera de 333 a.C. Primeiro, ele tomou várias ilhas importantes do Egeu que eram aliadas de Alexandre, incluindo Quios e toda Lesbos, exceto a grande cidade de Mitilene, que caiu depois de um cerco. De acordo com uma fonte, os persas também retomaram Mileto.

Alexandre estava preocupado. Sua aposta de dissolver a marinha agora parecia um erro. Era hora de revisar seus planos. Ele mandou uma grande soma à Grécia para montar uma nova frota, mas demoraria meses para ela estar pronta.

Então continuou a avançar para o sul e para o leste, até a costa mediterrânea da Anatólia, onde poderia negar o acesso da Pérsia a uma importante fonte de marinheiros e madeira para barcos, assim como capturar mais portos. Sem esses portos, os barcos persas achavam muito mais arriscado viajar entre o Egeu e as maiores bases navais da Pérsia na Fenícia (o Líbano moderno). Alexandre fez outra coisa também: levantou dinheiro das ricas cidades na Anatólia meridional. Se elas se recusassem a ser "liberadas", ele as invadia.

Enquanto isso, Alexandre ficava de olho em Memnon e no Egeu. Depois de deixar Halicarnasso, ele dividiu suas forças. Manteve metade do exército com ele e enviou o resto, sob o comando de Parmênio, para a cidade de Górdio, no norte-centro da Anatólia. Górdio era um perfeito ponto de cruzamento. Dali, Parmênio poderia marchar de volta à Macedônia, se Memnon atacasse, ou mandar reforços a Alexandre, se fosse necessário.

Alexandre cultivava uma imagem de ação. Mas tirando o desmonte de sua frota, sua política geral durante o primeiro ano na Anatólia era lenta e deliberada. O mito era diferente. Nada simboliza melhor isso do que um evento em Górdio na primavera de 333 a.C. Ali, Alexandre "cumpriu" uma profecia, de que conquistaria o império persa se desamarrasse um nó muito complicado: ele "desamarrou" o nó cortando-o com sua espada. O homem que cortou o nó górdio não tinha paciência para a forma lenta e deliberada de fazer as coisas. Era um jovem herói galante que sempre queria avançar. Mas esse era somente o mito.

Na verdade, Alexandre era cauteloso o suficiente para saber quando desistir de um ataque, mesmo se isso permitisse que seus inimigos se gabassem de que tinham vencido o poderoso Alexandre. Mindos, o porto perto de

Halicarnasso, foi só um exemplo de sua contenção; ele fez o mesmo com as cidades de Termesso e Sílio, as duas localizadas no interior da costa mediterrânea da Anatólia. Um bom comandante sabe quando recuar, e Alexandre sabia. Ele tinha problemas maiores, afinal.

Por um momento na primavera de 333 a.C., parecia que as primeiras vitórias de Alexandre poderiam ser perdidas pelo contra-ataque da Pérsia. Mas a Divina Providência sorriu: em junho, Memnon morreu de uma doença. Seu sobrinho, Farnabazo, e seu vice, Autofradates, continuaram a campanha, mas eram menos capazes. Não tinham a mesma habilidade de Memnon na guerra, seu conhecimento da Macedônia ou sua influência sobre Dario.

A morte de Memnon foi um momento importante. Se tivesse continuado vivo, poderia ter colocado fogo na Grécia. Ele provavelmente teria conquistado outras ilhas gregas estratégicas e desembarcado no continente com 15 mil mercenários gregos. Importantes cidades-Estado estavam prontas para se juntar aos persas, especialmente Esparta, que nunca tinha aceitado o domínio macedônio. Em 331 a.C., elas se rebelaram contra a Macedônia, mas já era muito tarde. Nesse momento, Alexandre tinha adquirido tantos saques que podia financiar um novo exército mercenário para acrescentar à pequena força que tinha deixado para defender a Macedônia. Eles esmagaram os rebeldes. Mas uma rebelião em 333 a.C. teria forçado Alexandre a marchar de volta para casa e defender seu país. Isso não teria sido fácil se Memnon tivesse bloqueado Helesponto.

Em maio de 333 a.C. parecia que a política de Alexandre tinha fracassado: ele não conseguiria parar a ofensiva naval da Pérsia sem uma marinha própria. Mas, em junho, a morte de Memnon o salvou.

Dario terminou a ofensiva naval. Decidiu tirar a maioria dos mercenários da frota e transferi-los para o continente. Se Memnon tivesse sobrevivido, ele poderia ter persuadido o rei persa a reconsiderar. Dessa forma, Dario decidiu tirar os recursos do mar, onde o inimigo era fraco, e transferi-los para a batalha na terra, onde o inimigo era forte.

Batalha de Isso: o segundo contra-ataque da Pérsia

É o maior enfrentamento na história da arte. Um mosaico de Pompeia mostra a cena. Alexandre, o Grande, lança na mão, ataca Dario da Pérsia em cima de um cavalo. Três cavaleiros persas e uma fileira de lanças é tudo que está entre

os dois reis guerreiros. Avançando ainda mais, com seus cavaleiros ao lado, Alexandre está a ponto de matar Dario. O rei persa está em perigo e sabe disso: ele está com os olhos arregalados em sua biga, encarando Alexandre. Mas o auriga de Dario estava pronto: tendo virado os cavalos para longe de Alexandre, ele puxa as rédeas e dá uma chicotada para fugir rapidamente.

Congelado no tempo, o momento captura o clímax de um impressionante confronto de reis: a batalha de Isso, em (ou ao redor de) 1o de novembro de 333 a.C. Numa tarde de outono, os exércitos macedônio e persa lutaram pelo destino do império. Os macedônios eram uma força experiente e vencedora, mas os persas tinham pontos fortes também e superavam os macedônios em dois por um.

Isso é conhecido como um confronto de reis que marcou o heroísmo de Alexandre. Não é acidental. Como os Kennedys ou a princesa Diana, Alexandre tinha jeito para relações públicas e destacou sua própria coragem. Mas, na verdade, Isso exigiu outras qualidades; não tanto o heroísmo de Alexandre, mas sua frieza, regularidade e cuidado foram o que o fizeram vencer a batalha.

O dado foi lançado para o combate na primavera de 333 a.C., quando Dario juntou um exército. Ele sabia, claro, do risco de lutar com os macedônios em uma batalha campal. Mas o próprio exército de Dario não era de se desprezar. O rei persa sabia que Alexandre estava indo para o sul e para o leste. Na verdade, no verão de 333 a.C., Alexandre chegou a Cilícia, a planície fértil e rica na costa sul da Turquia e passagem para a Síria. Nos meses anteriores, ele tinha se juntado de novo a Parmênio e o resto do exército em Górdio, onde recebeu entre 4 mil e 6 mil reforços, principalmente da Macedônia.

Sem querer arriscar a entrada de Alexandre no coração do império na Mesopotâmia (o Iraque moderno), Dario escolheu lutar na Síria. Os persas tinham respondido rapidamente, o que significava que ele não tinha tempo para juntar grandes forças. Em especial, Dario teria de lutar sem os grandes cavaleiros da Ásia central. Mas ele juntaria um forte exército, mesmo assim.

Em setembro, Dario e seus soldados estavam prontos para marchar. Em outubro de 333 a.C., eles estavam acampados nas planícies da Síria, com as altas montanhas de Amanus a oeste e Cilícia – e os macedônios – além. Alexandre certamente tinha ouvido falar dos planos de Dario, mas ficou chocado ao descobrir como o inimigo estava perto: na Síria, a menos de uma semana de marcha.

Os dois exércitos queriam lutar, mas em lugares totalmente diferentes. Os persas queriam lutar nas amplas planícies da Síria, onde eles poderiam se espalhar e fazer uso de seu número superior de soldados. Alexandre esperava lutar em um espaço estreito entre as montanhas e o mar, onde os persas não poderiam organizar bem seus exércitos. Havia um bom terreno ao redor de Isso, uma cidade costeira na cabeça do golfo de Isso (hoje o golfo de Iskenderun). É uma faixa costeira, com uns poucos quilômetros de largura, que vai das montanhas Amanus até o Mediterrâneo. No final, Alexandre lutou *onde* queria, mas não *como* queria.

Aconteceu assim: Alexandre, acampado no oeste, se recusava a morder a isca e cruzar as montanhas em direção à Síria e os persas. Então, por impaciência ou porque seu exército estava ficando sem comida, Dario decidiu cruzar as montanhas e lutar contra Alexandre na Cilícia, onde as amplas planícies costeiras seriam um substituto aceitável para seu campo de batalha preferido na Síria. Dario entrou na Cilícia através dos portões de Amanus (a passagem Bahçe). Mas Alexandre já tinha partido. Estava marchando para o sul, passando por Isso e seguindo a estreita costa mediterrânea em direção à Síria.

Dario o seguiu, o que era bom para Alexandre, mas esperava que o persa marchasse para o sul, cruzando a cadeia Amanus através dos portões sírios (passagem de Belém da Turquia).

Mas Dario surpreendeu Alexandre chegando do norte, através dos portões de Amanus. Quando Dario chegou ao Mediterrâneo em Isso, encontrou-se na retaguarda de Alexandre, cortando os suprimentos dos macedônios. Que choque para Alexandre! Um general menor teria ficado embaraçado pela chegada inesperada de Dario por trás dele, mas Alexandre permaneceu calmo. Era um cavaleiro, afinal, e cavaleiros estão acostumados a operar longe de sua base. A crise provocou o melhor do rei macedônio.

Era de noite. Depois que seus homens comeram, Alexandre fez o exército marchar na direção dos persas, cobrindo uma distância de 16 quilômetros. Depois de acampar em uma passagem estreita, na madrugada da manhã seguinte eles continuaram por outros 16 quilômetros em direção aos persas e, depois, se organizaram para a batalha.

Sem perder tempo, Alexandre virou rapidamente seu exército e organizou-o para a batalha. Mostrou agilidade e audácia. Acima de tudo, mostrou intuição estratégica. Era capaz de analisar a situação rapidamente e encontrar

a solução correta.

Dario deveria ter tentado levar Alexandre de volta para o norte, para a planície. Mas surpresa é uma força multiplicadora e aumenta muito a efetividade de um exército e, talvez, os persas tivessem pensado que haviam pegado Alexandre desprevenido. Ou talvez, como conta uma fonte, fosse muito perigoso recuar com Alexandre pronto para a batalha. Assim, os persas ficaram e lutaram.

As duas forças se encontraram nas margens íngremes do rio Pinarus, que corria das colinas sinuosas das montanhas Amanus até o Mediterrâneo, onde terminava no nível do mar. (Quase certamente pode ser identificado com o Payas Çay de hoje.) Aqui, de acordo com fontes antigas, a planície tinha ao redor de 2,5 quilômetros de largura. O jogo de movimentos e enganações tinha terminado, com uma distante vantagem de Alexandre. Dario queria lutar na planície, e Alexandre nos estreitos; Alexandre havia ganhado.

É claro que Alexandre tinha muito menos soldados. Um bom palpite é que ele possuía cerca de 30 mil soldados na infantaria e 5 mil na cavalaria. As forças de Dario eram: 65 mil na infantaria, incluindo 15 mil mercenários gregos e 15 mil na cavalaria. Os mercenários eram de primeira linha, mas os outros soldados persas não eram.

Alexandre posicionou suas tropas na margem sul do Pinarus. Ele os posicionou no que se tornaria sua organização de batalha clássica. A falange macedônia estava no centro da linha, para enfrentar os mercenários gregos bem em frente. No lado esquerdo, a cavalaria aliada e as tropas leves tomavam uma posição defensiva, sob o comando do general veterano Parmênio. A ala direita era o braço forte dos macedônios, encabeçada pelos Companheiros do Rei e liderada pelo próprio Alexandre. Sua tarefa era procurar uma abertura nas linhas inimigas e se enfiar por ali.

Alexandre seguiu uma estratégia simples em Isso: decapitação. Pela tradição, o rei persa ficava perto ou no centro de sua linha de batalha, atrás de uma força de infantaria protetora. Em Isso, Dario ficou mais perto de seu flanco esquerdo. Alexandre mirou direto em Dario, esperando superar seus guardas – uma infantaria persa mais fraca, não os mercenários gregos – e forçar o rei persa a fugir para não morrer. Ele imaginou que, quando os homens do exército de Dario ouvissem que seu líder tinha fugido com medo, eles desistiriam – mesmo se estivessem ganhando a batalha. A maior esperança de Alexandre era matar Dario; isso abalaria o sistema político

persa e poderia até causar seu colapso.

Dario assumiu uma posição na íngreme margem norte do Pinarus. Era um bom lugar defensivo, mas ele precisava seguir com a ofensiva. Era um trabalho para a cavalaria; a infantaria absorveria o ataque do inimigo. Os persas colocaram sua cavalaria nas alas e a infantaria no centro. De modo ideal, esperavam lutar em um campo de batalha amplo, mas, infelizmente para Dario, Isso era estreito. Se tivesse lutado na planície, Dario teria envolvido o exército macedônio com seus números superiores de cavalaria. Mas, em Isso, o Mediterrâneo e as montanhas protegiam os flancos macedônios. Dario precisava de um novo plano.

Ele criou um, provando ser um pensador rápido e criativo. Dario reconheceu duas fraquezas no exército macedônio: a falange (no centro macedônio) e a cavalaria aliada (na ala esquerda macedônia). Estava confiante que sua falange mercenária grega poderia aguentar a falange macedônia, mas não tinha certeza se sua cavalaria na ala direita persa poderia vencer a inimiga em frente. Então aumentou seu poder transferindo a maior parte da cavalaria da ala esquerda para a ala direita, o que ele esperava que ajudasse os persas a romper as linhas inimigas perto do mar. Infelizmente, isso deixou a ala esquerda persa, que estava perto das colinas, vulnerável. Dario tentou defender essa ala enviando tropas leves, armadas com fundas e arcos, posicionadas nas colinas, onde eles poderiam circular e atacar o inimigo pela retaguarda.

Os dois movimentos pareciam promissores, mas Alexandre se defendeu. Ele também mostrou ser capaz de se reajustar sob pressão. Colocou arqueiros e homens com fundas nas colinas à direita para desviar o ataque de Dario. Então, pouco antes do começo da batalha, Alexandre moveu o melhor da cavalaria aliada, os tessálios, para sua ala esquerda – e fez isso em segredo, movendo-os por trás de suas linhas. Mais uma vez, Alexandre mostrou sua intuição estratégica.

Provavelmente levou toda a manhã para colocar os exércitos em posição; a batalha começou à tarde. Os dois exércitos já podiam se ver, mas ainda não estavam ao alcance das flechas. As fontes informam que Alexandre cavalgava à frente de suas unidades avançadas e gritava o nome de seus comandantes para encorajá-los. Sem dúvida, os persas fizeram algo parecido. Então aconteceram dois movimentos finais para inspirar os homens: nos dois exércitos, as trombetas marcaram o início do ataque, e os homens deram seus

gritos de guerra. O rugido ecoou pelas montanhas cheias de árvores.

A batalha confundiu as expectativas. No centro, os mercenários gregos de Dario não só aguentaram a falange macedônia, como também encontraram buracos nela e fizeram o inimigo pagar com sangue. Do lado esquerdo macedônio, Parmênio liderou uma dura defesa que impediu o avanço da cavalaria persa. O golpe de Dario foi evitado. Enquanto isso, os macedônios iniciaram seu próprio ataque a partir da ala direita.

Alexandre levou seus Companheiros do Rei para o outro lado do Pinarus, na margem oposta até a infantaria persa. As fontes discordam se eles foram de modo rápido ou devagar. Quando alcançaram os persas, os Companheiros do Rei avançaram por eles até Alexandre estar lutando à vista de Dario. Nesse momento, aconteceu o famoso confronto dos dois reis, com o qual começou esta seção. Depois de perceber que sua posição era indefensável, Dario se virou e fugiu. Não era covarde, apenas realista. Entendeu que tinha perdido uma batalha, mas poderia ainda ganhar a guerra – desde que sobrevivesse.

Alexandre, enquanto isso, passou em outro teste de suas decisões. Apesar da tentação de ir atrás de Dario, ele era maduro o suficiente para priorizar o mais importante: ele agora se virou para ajudar sua falange. Isso mudou a situação, e os macedônios empurraram os mercenários gregos para trás. Alexandre recebeu um ferimento menor na luta. Enquanto isso, Parmênio e os tessálios na ala esquerda macedônia tinham lançado uma ofensiva contra a cavalaria persa. Seja por causa desses avanços ou da notícia da fuga de Dario, os persas se viraram e galoparam para uma posição de segurança. Mas sua própria infantaria bloqueava o caminho e muitos homens morreram pisoteados.

As perdas macedônias foram maiores em Isso do que em Grânico. As fontes, que provavelmente subestimam as perdas, informam 500 mortes macedônias e 4 mil feridos. As perdas persas foram muito mais altas: um exército que tenta fugir em um terreno montanhoso certamente vai sofrer. Não existe nenhum número confiável das perdas persas.

Isso terminou dessa forma por três motivos: manobras pré-batalhas, a habilidade do exército macedônio e uma boa análise de Alexandre. Ele não era nenhum tonto e sabia o quanto dependia de seus generais. Sem a defesa heroica na ala esquerda feita por Parmênio, por exemplo, os persas poderiam ter atacado Alexandre pela retaguarda, e o resultado teria sido uma história

bem diferente. Os persas não eram nada incompetentes. Lutaram bem, mas os macedônios eram melhores.

Dario tinha habilidade organizativa e tática, e era rápido. Mas faltavam a autoconfiança e a determinação de Alexandre, além de seus dons como comandante. Além disso, comparado com a máquina militar da Macedônia, o exército persa era frágil e inexperiente.

Isso foi uma grande vitória para Alexandre, mas não decidiu a guerra. Dario sobreviveu, como parte de seu exército. Ele ainda controlava a maior parte de um vasto império, com grandes recursos militares e financeiros à sua disposição, incluindo a importante frota mediterrânea.

Na verdade, Alexandre poderia ter ficado frustrado com o resultado da batalha. Ele tinha chegado perto de matar o homem que, mais do que qualquer exército, posicionava-se entre ele e o controle de um império. Agora, Alexandre teria de voltar a lutar ou negociar com ele.

Mas a briga não continuaria no mesmo nível que antes. Alexandre tinha melhorado muito sua posição. Como um bônus à vitória do campo de batalha, ele capturou dinheiro e pessoas muito importantes. Os reis persas trouxeram suas famílias para o campo de batalha, provavelmente como um sinal de confiança. Forçado a fugir, Dario deixou para trás sua mãe, sua esposa principal, filhas e filho, que caíram nas mãos de Alexandre. Os macedônios agora tinham reféns. Alexandre também mandou Parmênio correndo até Damasco, onde capturou mais de 3 mil talentos (uns 175 mil quilos) de ouro e prata, assim como outros reféns. Uma das reféns, a viúva de Memnon, Barsine, acabou se tornando amante de Alexandre.

Muros e palavras: o terceiro contra-ataque da Pérsia

Isso significou um forte golpe em Dario, mas não uma derrota fatal. Ele decidiu reabrir a guerra no mar Egeu e tentar mais uma vez criar uma revolta na Grécia. A coisa não ficaria tranquila no *front* ocidental – não se Dario pudesse evitar.

Alexandre sabia disso, então correu para tomar os portos da Fenícia. Essas cidades sempre tinham sido as aliadas navais da Pérsia. Serviram no passado como bases navais para as ofensivas persas contra a Grécia. Agora, todas se renderam ao avanço dos macedônios – todas exceto Tiro, que tentou manter sua neutralidade. Talvez os tirenses estivessem apostando numa revitalização

dos persas. Alexandre não podia permitir que Tiro servisse como um símbolo de resistência e uma potencial base naval persa. Então embarcou em um cerco massivo.

Localizado numa ilha perto do continente, Tiro era uma fortaleza natural. Não iria se entregar sem luta. Na verdade, Tiro resistiu por oito meses, de janeiro até, mais ou menos, agosto de 332 a.C., quando finalmente caiu. Para tomar a cidade, os macedônios construíram um grande píer a partir da terra e trouxeram aparelhos para manter o cerco. A batalha foi decidida no mar, entretanto. Quando as outras cidades fenícias capitularam ante Alexandre, suas marinhas estavam lutando ao lado dos persas. No final, elas trocaram de lado e voltaram à Fenícia para lutar contra Tiro. Isso selou o destino da cidade. Os macedônios entraram em Tiro, mataram entre 6 mil e 8 mil habitantes, e venderam uns 30 mil como escravos. Outros 15 mil moradores foram salvos por navios de auxílio de outras cidades, ainda amigas. Como em Tebas, Alexandre mostrou como poderia ser brutal.

Ao montar um cerco ao redor de Tiro, Alexandre mais uma vez passou pelo teste dos contra-ataques da Pérsia. Sangrento, frustrante, caro e consumidor de tempo, o cerco de Tiro era necessário. Os macedônios sabiam que era preciso proteger seu flanco no mar antes de se voltar para o leste em direção à Pérsia. Em Tiro, a estratégia de Alexandre de ganhar uma batalha naval na terra funcionou, graças à marinha fenícia.

Mas, se Alexandre queria ter uma marinha própria, o cerco não poderia ter tomado oito meses. Dessa forma, ele dependia dos fenícios para ter barcos e demorou algum tempo para ganhá-los.

Enquanto isso, a Pérsia estava lutando em outros dois teatros no oeste. A frota, liderada pelo sucessor de Memnon, Farnabazo, tomou ou recapturou várias ilhas gregas estratégicas, incluindo Lesbos (em especial, sua principal cidade de Mitilene), Quios, Tênedos, Sifnos, Cós e partes de Creta, assim como as cidades de Mileto e Halicarnasso no continente da Anatólia. O exército persa, recuperado depois de Isso, tentou entrar em Lídia, uma província rica e estratégica na Anatólia central e ocidental. Em um movimento ousado, os persas atacaram no inverno, quando normalmente não se guerreava. Tomar Lídia teria dado aos persas uma base no interior para apoiar as tropas em Mileto e – um pouco mais no interior – Halicarnasso.

A ofensiva lídia foi um golpe estratégico da Pérsia, mas os macedônios responderam, mostrando a profundidade de seu talento militar. Antígono

“Caolho”, um comandante veterano de Filipe, que ganhou esse apelido por causa de uma ferida de guerra, derrotou os persas “em três batalhas em diferentes regiões” – infelizmente, nenhum detalhe sobrevive. Mas o resultado foi claro: Lídia não reverteria a regra persa. Não espanta que, na primavera de 332 a.C., vários contingentes da frota persa desertaram para o lado de Alexandre em Tiro.

Olhando em retrospectiva entre a guerra no Grânico e a queda de Tiro, podemos ver bons movimentos de Alexandre, seus erros e sua sorte. Seu brilho como comandante do campo de batalha garantiu a vitória em Isso. Ele era esperto o suficiente para devastar as bases navais do inimigo, mas isso não foi o suficiente. Alexandre deu espaço ao desastre ao acabar com sua frota. Se Memnon tivesse sobrevivido ou se Dario tivesse mantido a ofensiva naval e evitado a batalha, os persas poderiam ter provocado a revolta na Grécia e forçado Alexandre a voltar para casa. No final, a resposta de Alexandre ao contra-ataque da Pérsia era confiar que o inimigo iria fracassar. A aposta valeu a pena, e a Pérsia perdeu a guerra para o Ocidente. Mas um comandante inteligente não dá a iniciativa ao inimigo, uma lição que Alexandre acabaria aprendendo.

Tendo ficado temporariamente sem opções militares, Dario se voltou para a diplomacia. Ele tinha que tentar negociar, de qualquer forma, porque sua família era refém. Dario fez uma série de ofertas para Alexandre: em troca do final da guerra e do retorno da família do grande rei, Dario ofereceu a Alexandre um grande resgate, uma princesa real persa como sua noiva e o império persa ocidental. Dario definiu primeiro esse território como a Anatólia ocidental e central, e depois, de forma realista, como tudo entre o Mediterrâneo e o rio Eufrates (no Iraque de hoje). De acordo com as fontes, o general sênior de Alexandre, Parmênio, respondeu positivamente, dizendo: “Eu aceitaria se fosse você, Alexandre”. O rei supostamente respondeu: “Eu também, se fosse Parmênio”.

Historiadores duvidam dessa história, pois, nos anos seguintes, os propagandistas de Alexandre envenenaram a reputação de Parmênio. Mas se a história é verdade ou não, Parmênio ofereceu bons conselhos. Qualquer avanço a leste seria arriscado. Dario ainda tinha grandes recursos. Ele poderia organizar um exército novo e maior do que o de Isso. Pior ainda, ele poderia se recusar a desafiar Alexandre em uma batalha. Se Dario finalmente aceitasse a estratégia de Memnon de uma política de terra arrasada e

acrescentasse ataques repentinos e imprevisíveis, ele poderia evitar que o exército macedônio avançasse para o leste.

E se os macedônios vencessem? Apesar de não sabermos o que se passava na mente de Parmênio, é fácil imaginá-lo seguindo a grande estratégia pensada por Alexandre. Como via Parmênio, o propósito da guerra era acrescentar novos territórios e riquezas à Macedônia, mas o país ainda manteria o centro da gravidade; governaria o novo reino. Se Alexandre continuasse com suas conquistas, no entanto, mesas seriam viradas, e a Ásia ocidental, de tão grande, teria superado a pequena Macedônia. E depois, quem governaria quem? E qual estabilidade teria o novo império? Alexandre e o próximo rei poderiam manter o controle ou o reino se separaria em várias partes?

Se Parmênio expressou essas dúvidas, Alexandre poderia ter respondido o seguinte: continuar a guerra era arriscado, assim como aceitar a oferta de Dario. A paz daria a Dario um espaço para reagrupar e atacar de novo – quando ele escolhesse. Melhor para Alexandre continuar a guerra então e terminar com Dario, uma tarefa que o brilhante e veterano exército da Macedônia tinha verdadeira chance de completar. Além disso, para terminar com os problemas na Grécia, Alexandre devia conquistar as duas capitais da Pérsia, Susa e Persépolis, porque, de outra forma, ele não poderia afirmar que tinha cumprido sua promessa de vingar a conquista de Atenas por Xerxes em 480 a.C. Além disso, o tesouro persa – o maior de todos – faria de Alexandre o homem mais rico do mundo e o menos vulnerável.

Mas outra questão pouco discutida poderia também estar na mente de Parmênio, uma questão de política doméstica e considerações constitucionais. O rei da Macedônia nunca fora um monarca absoluto; o grande rei era. Parmênio e seus amigos aristocratas macedônios poderiam se levantar contra o rei da Macedônia, mas, se Alexandre se tornasse o rei da Ásia, ele iria ultrapassá-los.

Alexandre respondeu à oferta de Dario exigindo que os persas reconhecessem que ele, Alexandre, agora era o “rei da Ásia”. O termo era vago, mas claramente significava algo grande, à beira do poder absoluto. E isso, parece, era o que preocupava Parmênio.

No ano seguinte à conquista de Tiro, de 332 a 331 a.C., Alexandre iria para o Egito, tomando Gaza por força e a Judeia por diplomacia. Ele, então, partiu para uma conquista sem derramamento de sangue do rico e fabuloso reino do

Nilo, onde obrigou que o coroassem faraó. O tempo todo, no entanto, ele estava olhando para o leste, em direção ao centro do império persa na Mesopotâmia e no Irã.

Alexandre agora esperava que Dario o desafiasse. A alternativa, uma combinação de política de terra arrasada e emboscadas, fazia os macedônios tremerem. Alexandre não teve de se preocupar; em 331 a.C., ele teria essa luta. Mas vencer demandaria um esforço supremo.

ANÍBAL

Assim que começou a primavera no norte da Itália em 217 a.C., Aníbal se moveu para o sul. Seu plano era ganhar batalhas que convenceriam os aliados de Roma de que Cartago era a nova potência, e isso os levaria a desertar. Sem apoio, Roma iria procurar a paz. Ou era o que Aníbal esperava.

A maior preocupação de Aníbal era, como disseram na década de 1960, e se eles marcassem a guerra e ninguém aparecesse? Ou, mais precisamente, e se os romanos se recusassem a lutar? E se, no lugar, eles queimassem seus suprimentos de comida e atacassem as beiradas de seu exército?

A outra preocupação de Aníbal era se os aliados de Roma realmente iriam mudar de lado. Ao contrário de Alexandre, que ganhou muitas cidades na Anatólia si, Aníbal ainda precisava de uma base de apoio. Sem comida e em um país hostil, por quanto tempo seus homens o seguiriam? E se a guerra na Itália se transformasse de uma gloriosa luta no campo da honra em uma luta contra a fome e a necessidade?

Um cruzamento, uma armadilha e uma estrada que não foi seguida

Aníbal tinha pouca sorte com cruzamentos. A passagem pelos Alpes em 218 a.C. quase destruiu seu exército. A travessia dos Apeninos de Emília a Etrúria (Toscana) na primavera de 217 a.C. (talvez em maio) cobrou um preço menor, mesmo assim foi pesado. Várias rotas levavam pelos Apeninos na Itália central. Aníbal escolheu a mais curta e menos usada, para surpreender os romanos. Eles não esperavam que alguém se arriscasse a cruzar os pântanos do Arno, mas Aníbal teve a audácia de fazer exatamente isso. Em

217 a.C., uma forte inundação levou à formação de vários pântanos e condições impossíveis em muitos pontos, provavelmente na área ao norte e a oeste de Florença. Demorou quatro dias para cruzar o miserável terreno.

Aníbal organizou seu exército de forma que as melhores tropas marchassem primeiro, antes que as pegadas de milhares de pés deixassem o terreno mais mole. Quando os celtas passaram, o solo estava tão empapado que muitos se afogaram nos pântanos. Mas os soldados celtas eram dispensáveis na mente de Aníbal. Assim como os animais de carga, porque ele esperava conseguir muitos mais no sul; a maioria deles morreu na viagem também. Os poucos elefantes sobreviventes já tinham morrido também. Que seja, Aníbal pode ter pensado. Mas ele não poderia estar esperando o que aconteceu em seguida.

Aníbal pegou uma infecção no olho que se recusou a tratar durante a difícil travessia dos pântanos, o que deixou seu olho direito sem visão ou quase sem (as fontes discordam). O dano foi permanente.

Como soldado, Aníbal não parece ter sofrido muito com a deficiência. Como líder dos homens, ele pode até ter se beneficiado com isso. Suas tropas celtas, como muitos povos antigos, acreditavam no poder simbólico de um só olho. Os celtas adoravam Lug como um dos deuses principais, que fechava um olho quando fazia a guerra mágica. Assim, como caolho, Aníbal parecia "ver" as coisas melhor do que antes de sua lesão. A "marca" Barca acabou ficando mais forte.

Exceto por suas vitórias no norte da Itália, o exército de Aníbal tinha pouco a comemorar desde que começou a longa estrada da Espanha. Incluindo os celtas, eles agora chegavam a uns 60 mil homens. Estavam todos muito cansados depois da caminhada pelo pântano de Arno. Alguns deles também tinham sofrido na travessia dos Alpes e não estavam acostumados ao frio inverno do norte da Itália. Malnutridos, a maioria sofreu com escorbuto, que lentamente ia enfraquecendo-os. Mas os ricos campos da Etrúria estavam perto, garantia Aníbal. Mais uma vez, ele mostrou sua liderança no momento de crise. Quando cruzaram os Apeninos, os homens podem ter notado a mudança de vegetação de continental para mediterrânea: primeiro, os pinheiros e, depois, quando desciam para o vale, as oliveiras. O sol era mais forte ali do que no vale do Pó. Aníbal tinha entrado em um dos territórios mais ricos e intensamente cultivados no Mediterrâneo. Predadores famintos, os cartaginenses saquearam o rico campo entre Arretium (Arezzo) e Cortona.

Mas os romanos estavam perto. Seus batedores disseram a Aníbal que um exército romano estava acampado em Arretium, com um segundo a menos de uma semana de marcha em Ariminium (Rimini) na costa adriática. Cada exército tinha aproximadamente 25 mil homens e era liderado por um cônsul. Cneu Servílio em Ariminium e Caio Flamínio em Arretium. Flamínio, um proeminente general e político, tinha desempenhado um papel central na conquista do norte da Itália uma década antes. Agora suas tropas carregavam correntes para prender os inimigos, pois tinham certeza de que iriam derrotá-los. Sabendo disso, Aníbal fez seus homens marcharem direto para Flamínio, a fim de atraí-los para a batalha. Funcionou.

Na manhã de 21 de junho de 217 a.C., Flamínio seguiu Aníbal pela costa norte do lago Trasimeno, no centro da Itália. Os romanos podem ter sentido o triunfo nas mãos. Ele provavelmente achou que tinha conseguido pegar Aníbal em uma armadilha entre seu exército e o de Servílio no nordeste. Alguns anos antes, Flamínio tinha montado a mesma armadilha contra uma força celta. Mas, quando entrou em uma passagem estreita naquela manhã nublada, foi Flamínio quem entrou numa cilada.

A costa ao norte do lago Trasimeno consiste em uma série de vales, cada um cercado por montanhas que terminavam na água. É um território exuberante e verde, hoje com muitas plantações de oliveiras, assim como grama e alfafa para feno. Cheio de colinas e ótimo para camuflagens, como escreve o historiador Lívio, era perfeito para emboscadas. Ainda assim não foi fácil esconder 60 mil homens, e ter conseguido isso é um tributo à capacidade de Aníbal. A um sinal, eles desceram das colinas circundantes. Os romanos estavam chocados e despreparados.

Só foi preciso três horas para que os cartaginenses destruíssem o exército romano. Com poucos romanos capazes de se organizar, foi menos uma batalha do que um massacre. Alguns dos romanos procuraram a segurança nos pântanos nas margens do lago, mas terminaram mortos na água. Os homens de Aníbal mataram 15 mil soldados romanos e capturaram entre 10 mil e 15 mil. Flamínio estava entre os caídos; um registro diz que um celta conseguiu sua vingança matando e decapitando o conquistador do norte da Itália. O exército de Aníbal sofreu só 1,5 mil perdas, principalmente celtas. Quando o outro cônsul, Servílio, mandou sua cavalaria de 4 mil homens de Ariminium para fazer um reconhecimento, Aníbal despachou uma força mista de infantaria e cavalaria contra eles, liderada por seu brilhante tenente

Maharbal. Os cartaginenses mataram ou capturaram toda a cavalaria de Servílio.

Em curto período de tempo, Aníbal tinha destruído um dos dois exércitos consulares de Roma e deixado o outro praticamente imobilizado. Foi uma humilhação completa e profunda para o exército romano. Para Aníbal, foi uma impressionante demonstração de boas decisões por parte de um comandante.

Roma, então, estava temendo o pior. A estrada para a capital estava aberta, e, mesmo assim, Aníbal se recusou a cruzá-la. Por quê? Roma estava apenas a 137 quilômetros, uma marcha de quatro dias pela via Flamínia, uma estrada recentemente construída por ninguém menos que Flamínio. A guarnição de Roma provavelmente não chegava a 10 mil homens. Além de seu exército, Aníbal sabia que uma frota cartaginense estava na costa perto de Pisae (Pisa), onde tinha marcado uma reunião. Por que não atacar Roma pela terra e cortá-la pelo mar?

As fontes indicam um debate no alto comando cartaginense sobre essa questão. Mas as forças de Aníbal não estavam prontas para isso. Elas ainda não tinham se recuperado de seus esforços. Cercada por um gigantesco muro, Roma poderia ter exigido um longo cerco. A menos que caísse rapidamente, haveria tempo suficiente para que os homens de Servílio e as legiões da Sicília e da Sardenha viessem ajudar Roma. A cidade ainda tinha substanciais recursos humanos. Aníbal tinha conseguido muito com um pequeno número de soldados, mas precisava de reforços.

Poderiam ter procurado por eles nas cidades aliadas de Roma. Ao sul do lago Trasimeno estavam as cidades dos etruscos. Elas incluíam muitos oponentes do domínio romano. Ao marchar até suas muralhas, Aníbal poderia encorajá-los a abrir os portões e deixar que entrasse.

Mas, como Roma, as cidades etruscas provavelmente pareciam um desafio muito grande para o enfraquecido exército de Aníbal. Então, em vez disso, ele virou para o leste e marchou para a costa do Adriático. Pelo caminho, conseguiu tantos espólios “que seu exército não conseguia carregar tudo”. Umas duas semanas depois da batalha no lago Trasimeno, o exército de Aníbal chegou ao Adriático. Ali, “em um campo cheio de todo tipo de produção”, Aníbal finalmente deu a seus homens e cavalos o descanso de que precisavam. O estilo de liderança de Aníbal era exigir muito de seus homens, mas depois recompensá-los generosamente.

Aníbal enviou uma mensagem a Cartago anunciando seu sucesso; incrivelmente, esta foi a primeira palavra recebida de Aníbal desde que tinha chegado à Itália. Ficaram animados com seus sucessos, mas os cartaginenses se perguntavam quando seu general iria pular na jugular do inimigo.

Fábio Cunctator

Frente ao desastre, os romanos fizeram o que os povos tinham feito por toda a história: elegeram um ditador. Os romanos criaram o termo “ditador”; para eles, era um oficial público especial escolhido para governar em uma emergência. Um ditador exercia a autoridade suprema, mas no máximo, por seis meses. O poder de um ditador não era exatamente ditatorial: poderia ser desafiado por seu segundo em comando, que era chamado de chefe da cavalaria. Já fazia duas gerações que os romanos não elegiam um ditador, mas havia chegado o momento. Como ditador, os romanos escolheram, em julho de 217 a.C., um líder experiente, um aristocrata que tinha sido cônsul e tinha conquistado as tribos ligurianas do noroeste dos Apeninos: Quinto Fábio Máximo. O ex-cônsul Marco Minúcio foi o chefe da cavalaria de Fábio.

Como Memnon de Rodes, Fábio era um general valoroso. Aos 58 anos, ele continuava vigoroso; tinha a astúcia e a visão estratégica de um comandante veterano e a grandeza de visão comparável à de Aníbal. Ao contrário de seus predecessores, Fábio decidiu não partir para a ofensiva. Em vez disso, seguiu uma política de atrito, voltada para desgastar Aníbal. Era uma política de terra arrasada, parecida com a que Memnon tinha defendido e que os persas rejeitaram. Fábio entendeu que a força de Aníbal era seu exército e seu ponto forte era a batalha campal. A fraqueza de Aníbal era a necessidade de reabastecer suprimentos e números de homens, coisas que não possuía. Roma, em contraste, desfrutava de “suprimentos inesgotáveis de provisões e homens”.

Fábio se recusou a lutar outra batalha campal contra Aníbal. Em vez disso, mandou que os romanos continuassem e assediassem o cartaginense enquanto tentava cortar potenciais fontes de comida. Fábio deu vários passos para proteger suas forças, como sempre acampar em regiões altas, onde estavam seguros da cavalaria de Aníbal, e nunca deixava seus homens saírem atrás de comida, onde pudessem estar em perigo. Ao mesmo tempo, ele matou ou

capturou numerosos cartaginenses.

Fábio ameaçava deixar Aníbal sem nenhuma comida. Seu plano, de acordo com Plutarco, era “enviar ajuda a seus aliados, manter suas cidades bem protegidas e deixar o vigor de Aníbal afundar e terminar, como uma chama que brilha a partir de materiais fracos”. Ele mandou que os civis no caminho de Aníbal destruíssem suas plantações e celeiros, além de se mudar para a segurança de uma cidade fortificada.

Aníbal entendia muito bem a estratégia de Fábio. “Ele, portanto, decidiu”, escreve Plutarco, “que, de todos os meios possíveis, seu inimigo teria de ser induzido à luta...” No começo, Aníbal liderou seu exército e se aproximou do acampamento romano para a batalha. Mais tarde, ele marchou de Apúlia para Campânia, esperando que os romanos lutassem por esta região fértil e estratégica. Mas Fábio se recusou a morder a isca. Ele permitiu que Aníbal tomasse os campos e as fazendas da Campânia.

Os cartaginenses juntaram muito saque, mas, para sua frustração, nenhuma cidade italiana ao sul do vale do Pó abriu seus portões aos autoproclamados liberadores. Mais uma vitória era o necessário, esperava Aníbal, para deixar os aliados em pânico e se afastarem de Roma. Mas Fábio o frustrou, e os aliados continuaram leais.

Como Memnon, Fábio tinha uma visão estratégica. Infelizmente para Roma, Fábio lembrava Memnon de outra forma também: ele tinha autoridade limitada, como mostraram os eventos. A forma de Fábio guerrear deixou tantas marcas que, até hoje, chamamos a política de terra arrasada de “estratégia fabiana”. Mas, em 217 a.C., Fábio não era popular. A cultura romana admirava a ofensiva militar e desprezava a defesa. Os soldados de Fábio se arrepiavam com a passividade do comandante, e o público romano o apelidou de “servo de Aníbal”. A última gota chegou no final dos ataques de Aníbal na Campânia.

Cheio de pilhagens, Aníbal esperava recuar para a Apúlia, mas Fábio bloqueou a passagem na montanha que Aníbal precisava tomar. Ao mesmo tempo, Fábio ameaçou atacar se Aníbal tentasse continuar na Campânia. Era uma armadilha, mas Aníbal se mexia livremente.

Uma noite, Aníbal fez seus homens amarrarem tochas a dois mil bois e os levou a uma serra para atrair os romanos atrás deles. Os romanos que guardavam a passagem seguiram numa louca perseguição, pensando que estavam seguindo o exército de Aníbal. Enquanto isso, Aníbal e a maior parte

do seu exército escaparam com o saque para a Apúlia. Para os romanos, foi humilhante – e sangrento; os cartaginenses mataram mil soldados romanos como despedida.

Foi um exemplo excelente da agilidade de Aníbal. Um autor romano frustrado, Floro, chamou isso de a “arte da fraude púnica”. Sempre que davam um passo para frente, os romanos tropeçavam em um dos estratagemas de Aníbal.

O vice de Fábio, o chefe da cavalaria Marco Minúcio, se opunha à estratégia de atrito do ditador. Minúcio queria lutar. Os cartaginenses tinham capturado a pequena cidade de Gerônio no norte da Apúlia, massacrado a população e usado a cidade para abrigar suas tropas e seus suprimentos. Quando Fábio voltou temporariamente a Roma, Minúcio usou a oportunidade para atacar os homens de Aníbal quando estavam fazendo incursões no exterior da cidade. Minúcio teve uma vitória menor, que ele divulgou como um grande sucesso, mas Aníbal contra-atacou. Ele atraiu Minúcio para uma emboscada. Só a chegada de Fábio no último minuto, com forças de auxílio, salvaram o dia.

Espanha: o contra-ataque de Roma

No final de 217 a.C., Aníbal precisava enfrentar a frustração na Itália. Mas chegaram notícias piores da Espanha. Os romanos tinham enviado um exército para lá apesar da ameaça de Aníbal na Itália. Eles derrotaram Asdrúbal, o irmão de Aníbal, tanto na terra quanto no mar. Os romanos conquistaram a costa oriental da Espanha e destruíram o poder naval cartaginense na região.

O que Memnon quis, mas não conseguiu fazer na Grécia, Roma fez na Espanha. Quer dizer, os romanos enviaram forças substanciais para atacar a base do inimigo. A ofensiva de Roma começou na primavera de 218 a.C. O ex-cônsul Cneu Cipião (tio de Cipião Africano) e seu exército desembarcaram no nordeste da Espanha. Ao contrário de Aníbal, eles tinham uma base amiga, a cidade costeira de Ampúrias (nordeste de Barcelona). Aníbal tinha deixado a Espanha sob o comando de seu irmão mais novo. Asdrúbal era famoso por sua bravura, coragem e dignidade, mas não por perspicácia estratégica. Quando marchou para o norte para lutar contra os romanos, Cneu Cipião tinha derrotado as forças cartaginenses perto de

Tarraco e capturado o comandante cartaginense Hanão. Roma agora controlava a maior parte do nordeste da Espanha.

No ano seguinte, 217 a.C., Asdrúbal piorou ainda mais a situação. Naquele verão, ele lutou uma batalha naval com Cneu Cipião na boca do Ebro – e perdeu. O Senado se sentiu tão encorajado que enviou mais 20 barcos de guerra e 8 mil soldados para a Espanha sob o comando de Públio Cipião, irmão de Cneu – o cônsul de 218 a.C. que lutou contra Aníbal em Ticino e Trébia. Juntos, os dois irmãos cruzaram o Ebro e marcharam até Saguntum, onde liberaram os reféns tomados por Aníbal. Várias tribos espanholas deixaram seu juramento a Cartago e passaram para o lado de Roma – ou assim afirmam as fontes romanas.

Uma coisa é certa: a ofensiva dos irmãos Cipião tinha confinado Asdrúbal ao sul do Ebro. Pior ainda, do ponto de vista de Aníbal, Asdrúbal não estava em posição de mandar reforços. O exército de Aníbal era muito pequeno para conquistar a Itália. Seu plano sempre tinha previsto o envio de reforços, fosse ganhando novos aliados na Itália ou conseguindo ajuda da Espanha ou até de Cartago. Exceto por suas tropas celtas do vale do Pó, Aníbal não tinha feito progressos para resolver seu problema de homens.

No geral, Aníbal respondeu à resistência com resultados mistos. Ele conseguiu apagar as dificuldades da travessia dos Apeninos com uma vitória esmagadora em Trasimeno. Humilhou um exército romano e aumentou seu status entre seus aliados celtas. Quando uma oportunidade se abriu para que ele atacasse a cidade de Roma, Aníbal sabia que seu exército estava muito cansado e faminto para aproveitar. Resolveu a crise do sofrimento de seus homens, mas só temporariamente. Infelizmente, ele não tinha uma solução para todo o desafio dos irmãos Cipião na Espanha. Isso, por seu lado, deixou-o sem os reforços que precisava tão desesperadamente.

Asdrúbal personificava outro dos problemas de Aníbal: não tinha um general bom o suficiente para confiar o controle de outra frente. Aníbal não tinha um Parmênio, que Alexandre tinha mandado para Górdio, e nem um Antígono, que havia derrotado a contraofensiva persa na Anatólia. Os cartaginenses não tinham um bom banco de reservas, para usar uma analogia esportiva. Aníbal não poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo, e este problema atormentou seus exércitos por toda a guerra.

A falta de um subordinado de qualidade na Espanha foi, digamos, uma fraqueza na infraestrutura de Aníbal, e não foi a única. No final de 217 a.C.,

depois de mais de um ano na Itália, Aníbal não tinha uma base. Pequena e despovoada, Gerônio não era a solução. A menos que Aníbal conquistasse uma grande cidade, seu exército se desintegraria logo. Mas nenhuma cidade aceitaria Aníbal a menos que ele obtivesse outra vitória.

Aníbal não tinha derrotado Roma e continuava longe de seu objetivo de obrigá-la a negociar.

Podemos argumentar que, com os Cipiões avançando na Espanha e Fábio impedindo a ofensiva de Aníbal na Itália, Roma estava ganhando. Mas Cartago poderia contra-atacar na Espanha, e Fábio terminou seu mandato em Roma no final de 217 a.C. Felizmente, para Aníbal, Minúcio representava melhor Roma do que Fábio.

CÉSAR

Ao contrário de Dario, uma batalha campal não estava nos planos de Pompeu. Este não tinha ilusões sobre suas chances contra as legiões veteranas de César. Na verdade, ele faria César dançar de acordo com sua música. Pelo menos, tentaria.

A Dunquerque da Itália

Para Pompeu, Brundisium foi onde a guerra realmente começou. Brundisium foi sua Dunquerque. Dunquerque, claro, simboliza a resistência britânica à Alemanha nazista. Quando os alemães invadiram a França em maio de 1940, eles cortaram o grande exército britânico e ameaçaram destruí-lo. Mas os britânicos recuaram para a cidade francesa sobre o canal inglês: Dunquerque. Dali, os britânicos evacuaram a maior parte do seu exército em barco para a Inglaterra. Foi uma operação brilhante, o primeiro passo para pegar a estrada da vitória.

Brundisium (a moderna Brindisi) era uma cidade italiana no mar Adriático e foi para onde os homens de Pompeu recuaram. Localizada na parte sul da via Ápia, Brundisium era o porto principal para navegar para a Grécia. Dali, em março de 49 a.C. pelo calendário romano (janeiro de 49 a.C. pelo solar), Pompeu evacuou uns 27 mil homens em duas viagens. Foi o núcleo do novo exército que ele estava construindo na Grécia.

Pompeu era um estrategista de primeira classe. Ele implementou uma

variante da estratégia de Fábio: recusou-se a lutar. Cada homem retirou seu exército do campo de batalha, de maneiras diferentes. Fábio não tinha uma estratégia para a vitória, no entanto, só uma forma de evitar a derrota. Pompeu possuía uma estratégia para a vitória, mas alguns questionam se ele poderia ser rápido ou agressivo o suficiente para empregá-la contra César – ou se seus rivais no Senado iriam derrubá-lo, como já haviam feito em Corfínio. Brundisium seria um grande teste.

César chegou a Brundisium, em 9 de março, com seis legiões, três veteranas e três novas. A frota de Pompeu já tinha partido, viajando quase metade de seu exército assim como os dois cônsules e um grande número de senadores, apesar de que Pompeu não havia partido. Os barcos deveriam chegar ao grande porto de Dirráquio (a moderna Durrës, na Albânia), desembarcar os homens e voltar a Brundisium para pegar a outra metade do exército. Pompeu ainda estava lá, esperando para dirigir a fuga final deles.

César enviou dois oficiais superiores para negociar com Pompeu: o engenheiro-chefe de Pompeu, capturado por César, e um dos comandantes de César que era amigo de um dos principais oficiais de Pompeu. César pediu que se encontrassem pessoalmente; por certo eles poderiam resolver suas diferenças. Pompeu pediu desculpas, pois, como os cônsules já tinham partido, suas mãos estavam atadas. Foi um grande show. Nenhum dos dois homens queria a culpa pela guerra, tampouco tinha a intenção de recuar.

A verdadeira ação estava acontecendo dentro e ao redor do porto. Como Alexandre, César queria derrotar a marinha do inimigo em terra. O porto de Brundisium estava montado como uma letra Y invertida. A cidade fortificada estava localizada entre os dois braços oblíquos da letra. O porto se estendia para o Adriático através da perna perpendicular da letra. Fora dos muros da cidade, e num ponto onde os braços encontravam a perna, a entrada do porto era mais estreita.

Foi aí que César mandou que seus engenheiros tentassem bloquear o porto. Eles construíram uma barreira, começando em cada costa com diques e bancos de terra que se uniam nas águas profundas por uma série de balsas ancoradas para fechar o espaço. Eles, então, ergueram telas e torres para defender a barreira contra o ataque de barcos ou fogo.

César era audacioso, mas Pompeu também era. Ele pegou grandes barcos mercantis, equipou com torres de três andares, armou com catapultas, fundeiros e arqueiros, depois os lançou contra as balsas de César. Os dois

lados se atacaram por uma semana, o que impediu que César terminasse sua barreira.

Nesse momento, os barcos de Pompeu tinham voltado de Dirráquio e pegado o resto das suas forças. Ele deixou para trás somente uns poucos veteranos com armas leves para defender as muralhas. Quando chegasse o sinal para partir, eles precisariam recuar rapidamente para o porto, com os homens de César subindo as muralhas logo atrás deles. Mas as tropas de Pompeu sabiam o caminho, ao passo que o inimigo teria de lutar com muros e trincheiras montadas especialmente para impedi-los.

Pompeu marcou a saída dos barcos na caída da noite. A escuridão colocou os homens de César em grande risco de caírem nas armadilhas de Pompeu. Os moradores ajudaram os soldados de César a chegarem até o porto, ou porque eram pró-César ou simplesmente pró-sobrevivência. Mesmo assim, eles tinham de passar as barreiras e, quando chegaram ao porto, todos os barcos de Pompeu haviam escapado, exceto dois que foram pegos pelos diques de César. Era 17 de março de 49 a.C.

Para Pompeu, Brundisium foi um grande sucesso. Algumas pessoas, escreveu Plutarco, consideraram a evacuação “um dos seus melhores estratagemas”. César fingiu surpresa por Pompeu ter desistido da Itália sem lutar, mas ele era esperto. No entanto “as guerras não são ganhas por evacuações”, como Churchill falou depois de Dunquerque.

César ganhou a Itália, que tinha conquistado em menos de dois meses. As massas não mostraram nenhum sinal de oposição; ao contrário, aceitaram tanto o dinheiro que ele tinha mandado da Gália quanto a tranquilidade de seus homens desde que cruzaram o Rubicão. Os poucos senadores que ficaram na Itália não estavam tão impressionados. César ganhou pouco apoio novo quando finalmente entrou em Roma logo depois de deixar Brundisium. O que conseguiu foi dinheiro – o resgate de um rei, na verdade, do tesouro. Mas, para consegui-lo, César tinha sido forçado a ameaçar matar Lúcio Metelo, um tribuno do povo que havia bloqueado seu caminho. Por um momento, ele deixou cair a máscara da clemência.

Trovões no oeste

A conquista da Itália não colocou César no controle. Ao contrário, transformou-o em um alvo. Pompeu estava dos dois lados. No oeste, a base

de Pompeu era a Espanha. Ele tinha quase 100 mil homens ali. Sua principal força consistia em 5 legiões, 80 tropas auxiliares espanholas e 5 mil cavaleiros: um total de 70 mil homens. Outro exército, consistindo em duas legiões como auxiliares, estava posicionado na Espanha ocidental.

No leste, Pompeu tinha cinco legiões ou cerca de 27 mil homens, com o potencial de aumento vindo de novos recrutas. Ele poderia treiná-los enquanto juntava apoio das províncias orientais que tinha conquistado e organizado para Roma na década de 60 a.C. Enquanto isso, Pompeu controlava o mar. Ele poderia usar seus barcos para evitar o envio de grãos à Itália. Como a Itália não conseguiria plantar comida suficiente para suas próprias necessidades, o resultado seria vencer César pela fome.

César, então, não poderia ficar tranquilo na Itália. Ele precisava continuar no ataque e fazer isso imediatamente – mas não de forma afoita. Podia estar louco para seguir Pompeu, que estava a apenas uma pequena viagem cruzando o Adriático, mas César era tão astuto quanto agressivo. César não poderia deixar esses exércitos espanhóis em sua retaguarda quando se voltasse para o leste, porque eles poderiam tentar se juntar a Pompeu. Mas, a menos que Pompeu navegasse para a Espanha, sua legião não tinha boa liderança. Então, César atacou primeiramente a Espanha. Apesar de sua famosa ousadia na batalha, a estratégia de César era metódica, até cuidadosa. Ele ia fragmentando as forças do inimigo, pouco a pouco.

César tinha outra razão, menos complicada, para começar com a Espanha: conseguia chegar até lá. Tinha barcos suficientes para enviar três legiões, comandadas por Curião, em uma expedição à Sicília, Sardenha e África do Norte (a moderna Tunísia), todas fontes centrais do suprimento de comida da Itália. Mas sua frota só chegava até aí; César poderia chegar a outros lugares só por terra. Excelentes estradas ligavam a Itália e a Espanha via Gália. Estradas ruins e tribos hostis alinhavam a rota pela terra até a Grécia. Para César, portanto, todos os sinais apontavam para a Espanha.

Apesar de ser um invasor, como Alexandre, ao atacar a Espanha, César se comportava mais como Memnon. Assim como este foi atrás do “baixo-ventre macio” de Alexandre na Grécia, César foi atrás do “baixo-ventre macio” de Pompeu na Espanha.

Quando partiu para a Espanha, César supostamente contou a seus amigos que estava indo contra um exército sem líder e que voltaria e lutaria contra um líder sem exército. Queria dizer que o inimigo tinha muitas tropas na

Espanha, mas nenhum Pompeu, enquanto Pompeu tinha muito menos tropas com ele no leste.

A caminho da Espanha, César encontrou um obstáculo em Massília (Marselha), uma importante cidade que fechou seus portões para ele. O velho inimigo de César, Lúcio Domício Enobarbo, visto pela última vez em Corfínio, estava ali; Pompeu o enviara para cuidar da defesa de Massília. César continuou e deixou uma força para trás para fazer o cerco à cidade, mas ele sentiu muito a falta dos ricos suprimentos de Massília. Apesar desses retrocessos, César conduziu outra campanha rápida. Como fez isso – e contra as tropas duras e veteranas espanholas de Pompeu?

Ajudou, claro, que Pompeu tenha ficado passivo. Pompeu era o oposto de César, porque se unia a uma estratégia ousada com timidez operacional. Em nível estratégico, Pompeu arriscou tudo para desistir da Itália e construir um novo exército no leste. Mas, quando se tratava das operações militares reais, Pompeu deixava a iniciativa para César. Alexandre tinha cometido um erro similar com Memnon e a marinha persa, mas a Divina Providência se apresentou e salvou Alexandre. Pompeu não era tão afortunado. Ele aprendeu uma dura lição ao deixar o inimigo decidir quando e onde lutar.

A Espanha é um bom exemplo. Em vez de esperar que César invadisse a Espanha, Pompeu poderia ter tomado as rédeas ao levar seus homens da Espanha para atacar César na Itália. Melhor ainda, ele poderia ter ido para a Espanha e assumido o comando. Em vez disso, deixou tudo para seus generais na Espanha, Lúcio Afrânio e Marco Petreio. Eram comandantes bons e experientes, mas César já era uma lenda viva. Só o próprio Pompeu poderia manter o moral de seus homens se a coisa ficasse difícil – como certamente ficaria contra César.

O conquistador da Gália era extremamente perigoso quando chegava perto da zona de combate. A Espanha não foi exceção. Assim que chegou, César mostrou as qualidades pelas quais era famoso: audácia, agilidade, boas decisões, uma estratégia que misturou a força militar com persuasão política, e a habilidade de liderança para manter seus homens juntos apesar da derrota. Ele transformou suas fraquezas em forças e pressionou suas vantagens para ganhar.

César encontrou os pompeianos a oeste da moderna Barcelona, perto da cidade de Ilerda (Lérida) e do rio Sicoris (o moderno Segre). Ele partiu rapidamente para o ataque. As forças de César tinham mais cavalaria, mas os

dois exércitos estavam iguais na infantaria, e os pompeianos aguentaram firme, então o ataque falhou. César planejou voltar à ofensiva, mas, primeiro, precisava ter acesso a comida e suprimentos. A situação era difícil, no entanto, porque os homens de Pompeu estavam no melhor terreno, e o colapso de uma ponte sobre o rio causou mais problemas a César.

Como sempre, o fracasso fez César tentar com mais força. O que ele fez com recursos e energia. Seus homens construíram pequenos barcos que carregaram em carroças uns 30 quilômetros até um bom ponto para cruzar, levaram uma legião para o outro lado e construíram uma nova ponte. Isso acabou sendo uma operação que ganhou a guerra. César então poderia atacar o inimigo com sua cavalaria superior. Além do mais, ele trouxe suas habilidades diplomáticas e começou a ganhar as tribos locais que odiavam Pompeu. Elas forneceram suprimentos ao exército de César.

Afrânio e Petreio viram a maré virando, então preferiram recuar até um território mais seguro. Não seria fácil superar César, especialmente quando ele tinha mais cavalos. Ele não só seguiu o inimigo, como também dividiu suas tropas, o que conseguiu fazer por meio de outra operação ousada: fez milhares de seus soldados atravessarem as águas congeladas do Sicoris. César e seus homens, agora com bons suprimentos, atacaram os pompeianos que estavam sem nada. Somente tinham de esperar que o inimigo desistisse. Para acelerar isso, César encorajava seus homens a se misturarem com os soldados no exército inimigo. Isso não era difícil, quando as duas forças acampavam perto uma da outra, e as duas, afinal, eram romanas. O plano funcionou e os pompeianos se entregaram. César os perdoou e alguns deles se juntaram a suas fileiras. Enquanto isso, outras forças de Pompeu, na Espanha ocidental, rapidamente se entregaram também.

Demorou apenas três meses para conquistar a Espanha e desarmar as melhores tropas de Pompeu, e ele conseguiu com pouco ou sem qualquer derramamento de sangue. Foi um triunfo das manobras de guerra. César agora poderia se virar para o leste contra Pompeu sem se preocupar com um ataque da Espanha contra a Gália ou a Itália. Enquanto isso, Massília finalmente caiu, depois de um cerco de um mês, apesar dos reforços enviados por Pompeu. Domício escapou.

Nem tudo ia bem para César, no entanto. Depois de tomar a Sardenha e a Sicília, Curião tinha se encontrado com o desastre no norte da África. O rei numídio Juba, um aliado pompeiano que detestava César, montou uma

armadilha para Curião. Os romanos perderam praticamente entre 10 mil e 15 mil homens em suas três legiões, e Curião foi morto. A derrota cortou uma das maiores fontes de grãos de Roma. Outro retrocesso veio do mar Adriático, onde a marinha de Pompeu colocou uma pequena frota de César fora de ação e capturou outra, acrescentando entre 5 mil e 7 mil homens a suas forças.

Na verdade, três generais de César tinham morrido ou sido derrotados nos últimos meses. Não importava: o próprio César ainda estava avançando, magnífico e conquistador. Pompeu ainda continuava na defensiva. Ele poderia ter mandado uma frota do outro lado do Adriático para encapsular as forças de César em Brundisium. No entanto, não mandou; o que deixou César livre para se voltar para o leste quando estivesse pronto.

Ainda havia um inimigo interno. As próprias tropas de César fizeram um motim em Placência (a moderna Piacenza) no norte da Itália. A guerra civil os deixara frustrados. A guerra na Gália tinha enchido seus cofres com espólios, mas, dessa vez, eles tinham de mostrar clemência e contenção quando queriam fazer saques. César respondeu com linha-dura. Em vez de negociar, convocou uma reunião de todo o exército. Quando se levantou para falar, César defendeu os princípios de disciplina e patriotismo. Insistiu que a Itália não deveria ser saqueada. Então, seguiu a velha estratégia romana de dividir e conquistar, ao individualizar uma legião. A Nona Legião tinha liderado o motim, e agora César prometeu realizar a dizimação, que era uma punição antiga na qual cada décimo homem era executado. O resto do exército pediu misericórdia, e César disse que ficaria satisfeito com as cabeças de uma dezena de líderes. César havia ganhado, como uma fonte diz: “não por meio da leniência, mas pela autoridade do líder”.

O motim tinha acabado, e o exército estava mais perto de seu comandante do que nunca. Rebelião e repressão: uma dança ritual, sem dúvida, mas o domínio de César dos passos dessa dança poderia ter feito seu inimigo tremer.

Tragam-me a cabeça de Júlio César

Depois de ganhar a Espanha e os exércitos de Pompeu, César merecia um descanso, especialmente por causa do início do motim e outras derrotas. Mas, sendo César, ele mergulhou em outra ofensiva. Depois de voltar à Itália no

final de 49 a.C., passou somente 11 dias em Roma. Foi tempo suficiente para ser eleito cônsul e impressionar o público com sua moderação. O comportamento-padrão nas guerras civis de Roma era reunir os inimigos para executá-los; em vez disso, César continuou sua política de clemência. Mais uma vez, César mudou sua marca.

César então começou uma operação militar arriscada, em que ele tinha uma chance real de perder. Estrategicamente, no entanto, era uma escolha sóbria. Teria sido suicida ficar na Itália e esperar que Pompeu invadisse na primavera – com uma grande frota, um exército cada vez maior e um fornecimento infinito de dinheiro. Enquanto César tinha conquistado a Espanha e perdido o norte da África, Pompeu tinha juntado um exército enorme, que ele tinha começado a treinar vigorosamente. Tinha nove legiões, com mais duas a caminho, assim como 5 mil homens na infantaria leve e 7 mil cavaleiros, um total de 55 mil homens. César tinha 12 legiões e mil cavaleiros, mas os enfrentamentos tinham cortado suas legiões para 2 ou 3 mil homens em vez do complemento total de 4,8 mil para um total de quase 30 mil homens.

O exército de Pompeu era muito maior do que o de César, e Pompeu ameaçava vir atrás dele assim que estivesse pronto. No final de 49 a.C., Pompeu finalmente ganhou o título de comandante supremo. Não era suficiente para encurralar os senadores e aristocratas que se sentavam nos conselhos de guerra, cada um deles convencido de que sabia mais do que o homem que se chamava "o Grande", mas pelo menos Pompeu agora tinha autoridade legal.

Muitos homens admiravam o comandante supremo, mas poucos davam a Pompeu o tipo de lealdade que as tropas de César tinham demonstrado por ele desde a Gália. Eram, como um escritor romano coloca, *"et devotissimi... et fortissimi"*: extremamente devotados e corajosos. César tinha aquela vantagem, e usava mais outra – a surpresa. Como parece que ele falou a seu exército nesse momento: "a coisa mais potente na guerra é o inesperado". Resumindo, as coisas tinham mudado pouco desde o Rubicão: se quisesse ficar no poder, César tinha de atacar.

Começou com uma aposta. Ele enviou seus homens ao outro lado do mar Adriático desde Brundisium no final do outono – 4 de janeiro de 48 a.C. (no começo de novembro de 49 a.C. pelo calendário moderno). Tinha passado um ano desde que cruzara o Rubicão. Como não tinha barcos de guerra, César usou barcos de mercadores. Já que não havia barcos suficientes para

transportar todos os seus homens, só levou metade deles. Esperando que as frotas de Pompeu estivessem mal guardadas, ele queria chegar sem ser percebido até a costa albanesa, e conseguiu. Alertados, no entanto, os pompeianos evitaram que os barcos de César voltassem à Itália. Demorou quatro meses para que o tenente de César, Marco Antônio, finalmente conseguisse evitar a frota de Pompeu, cruzando o resto das tropas de César pelo Adriático.

Alexandre também se moveu rápida e decisivamente na sua época, mas César correu mais riscos. Como César, Alexandre enfrentou seu principal inimigo um ano depois de ter iniciado sua invasão (Alexandre cruzou o Dardanelos na primavera de 334 a.C. e marchou em direção a Dario na primavera de 333 a.C.). Mas as tropas macedônias tinham invadido a Anatólia dois anos antes e começado a estabelecer a base para a vitória, dando a Alexandre uma vantagem sobre César. Alexandre tampouco fez algo tão drástico quanto enviar um exército ao outro lado do mar no final do outono. A verdade é que César esteve à frente de Alexandre.

Quando cruzou o Adriático, César desembarcou na costa de Épiro (grosseiramente, a moderna Albânia). Seu alvo principal era Dirráquio, uns 120 quilômetros ao norte em linha reta. Dirráquio era uma base naval na cabeça da via Egnatia, a estrada que levava ao leste através de Épiro, Macedônia e Trácia (a moderna Albânia, Grécia e Turquia) até Bizâncio (Istambul), ligando o Adriático e o Bósforo. Pompeu planejou passar o inverno em Dirráquio com seu exército e cruzar a Itália assim que começasse a primavera. Aí planejava esmagar César.

Mas com tão poucas forças à sua disposição, César não estava em posição de atacar Dirráquio. O máximo que poderia fazer era realizar alguns movimentos ameaçadores nessa direção, tomando umas poucas cidades que ficavam no caminho. No final, Pompeu e seu exército estavam a leste de Dirráquio na época, mas eles correram até lá com a notícia da chegada de César e o expulsaram da cidade.

Então aconteceu uma dessas coisas menores, um desses momentos raros de iluminação na névoa da guerra. Aconteceu durante uma das tentativas de negociação que César fazia de tempos em tempos. Ele era, afinal, um grande político, assim como um grande general, e sabia quanto o romano comum queria a paz. Assim, como tinha feito antes nos arredores de Brundisium, César agora queria negociar.

Pompeu disse não. Ele estava à frente no jogo militar e não tinha intenção de jogar fora sua vantagem. Mesmo assim, recusar a oferta faria que parecesse pouco razoável. Mesmo alguns de seus homens acharam isso: como os dois exércitos estavam acampados perto um do outro, César enviou um negociador até as tropas de Pompeu, e eles o receberam. Mas os oficiais de Pompeu se opuseram firmemente às negociações e um deles começou a argumentar com o representante de César. De repente, os soldados de Pompeu começaram a atirar com as fundas e feriram alguns dos homens de César.

As negociações de paz fracassaram, mas não antes que um dos tenentes de Pompeu tivesse dito: *Nam nobis nisi Caesaris capite relato pax esse nulla potest* ("Não pode existir paz entre nós enquanto não trouxerem a cabeça de César").

Resumiu a guerra ao essencial – um homem. Enquanto César estivesse vivo, a paz seria impossível. Ele nunca recuaria. Se morresse, mais ninguém manteria seu exército unido. Mas a morte de Pompeu teria sido diferente, gerando entre seus apoiadores uma medida igual de luto e alívio. Seu objetivo era o poder, mas o deles era um governo republicano e ficariam felizes em lutar por isso sem ele. Sem César, no entanto, não haveria cesaristas, como eram chamados seus seguidores.

Se Pompeu achava que poderia ganhar um assalto direto sobre César, ele teria de atacar. Preferia, no lugar, ganhar deixando o inimigo passar fome. Era a já conhecida cautela de Pompeu, mas fazia sentido, já que o inimigo tinha comida e suprimentos limitados e nenhuma forma de voltar à Itália.

A situação distraiu César. Em um momento, ele fez o improvável movimento de escapar do acampamento e contratar o capitão de um pequeno barco para levá-lo de volta a Brundisium. O clima ficou difícil, e o capitão queria voltar, mas César insistiu em continuar por causa da "boa sorte de César". Felizmente, César recuperou o bom senso antes que o barco afundasse e voltou à costa. Era só um truque para levantar o moral? De volta ao acampamento, os homens de César saudaram sua segurança e juraram vencer Pompeu sem reforços, sozinhos.

Eles não precisaram. Três meses depois da chegada, em abril de 48 a.C. (fevereiro de 48 pelo calendário moderno), Antônio finalmente conseguiu chegar com o restante das legiões de César. Mais uma vez, o bloqueio de Pompeu tinha fracassado. Na verdade, a situação parece ainda pior quando

consideramos que um esquadrão pompeiano de 50 barcos atacou a base de Antônio em Brundisium. Antônio lutou contra eles, mas pensem no que um ataque em escala total poderia ter conseguido. Como sempre, Pompeu entregou a iniciativa ao inimigo.

Antônio tinha mudado seu curso e desembarcado uns 65 quilômetros ao norte de César. César marchou para o norte para encontrá-lo e Pompeu tentou bloqueá-lo. Ele não foi capaz, apesar de que sua marinha conseguiu capturar todos os barcos de Antônio, deixando as forças de César sem comunicação com a Itália. Sempre ardiloso, no entanto, César expulsou Pompeu de volta a Dirráquio e o separou de seus suprimentos na cidade. Pompeu acampou em Petra, uma colina fortificada perto do mar e de um porto, com Dirráquio ao norte e o acampamento de César no meio.

E ali, os dois lados se sentaram e se entrincheiraram. Depois de mais de um ano de guerra se movendo da Espanha ao Adriático, a luta para controlar o império romano se estabeleceu dentro de uma faixa de 30 quilômetros de colinas e areia na costa da Albânia.

O jogo de Pompeu

César tinha separado Pompeu de Dirráquio, mas só por terra. Como Pompeu tinha mantido o comando do mar, ele poderia enviar suprimentos a Petra. César não podia evitar isso, mas podia evitar que Pompeu mandasse sua cavalaria às colinas em busca da forragem que precisava para seus cavalos.

Foi uma pequena vitória, mas César queria transformá-la em algo grande. Decidiu fazer que seus homens construíssem uma muralha, pontuada por fortes, para bloquear o exército de Pompeu. A muralha se estendia por 27 quilômetros sobre o terreno montanhoso. Pompeu respondeu construindo uma “contramuralha” de 24 quilômetros para manter o exército de César distante de suas tropas. Assim continuou a mais estranha batalha da guerra. Por mais de três meses, os dois lados estavam travados em um tipo de queda de braço formada por ataques e contra-ataques.

Era uma guerra de atrito e este era o elemento de Pompeu. Era um ótimo organizador que gostava de ir apertando o pescoço do inimigo cada vez mais forte. César gostava de velocidade. Ele dava golpes brilhantes, procurando uma abertura contra o inimigo, mas Pompeu não permitia.

César cometeu o erro de entrar no jogo de Pompeu em Dirráquio, apesar de

que tentou modificá-lo um pouco. Assim que se conectou a Antônio, César desafiou Pompeu a uma batalha campal contra suas forças reunidas. Mas Pompeu era muito esperto para cair nesse truque, sabendo que seus homens não estavam prontos para resistir aos veteranos de César em um combate mortal. Mais tarde, em outra ocasião, César liderou um assalto à cidade de Dirráquio, mas isso quase custou sua vida, e a tentativa fracassou. Assim, César colocou suas esperanças no muro.

Como estratégia militar, era difícil que isso funcionasse. O muro iria reduzir os suprimentos de Pompeu, mas não os destruir. Separado da cidade e do mar, os homens de César iriam sofrer mais. Já se passara quase um ano desde a última colheita e havia pouca comida. Na verdade, as tropas de César estavam reduzidas a comer raízes, e isso fez que Pompeu os chamasse de animais, não homens.

Mas o propósito do muro era tanto político quanto militar. Significava humilhar Pompeu, mostrando que um exército menor poderia isolá-lo – um exército que ele temia encarar em uma batalha convencional. Dolabella, que estava com César em Dirráquio como oficial – aparentemente perdoado por perder anteriormente a frota no Adriático – escreveu para Cícero, seu famoso sogro, para lhe dizer que deixasse Pompeu e mudasse para o lado de César, porque só derrotados se permitiam ser bloqueados.

“E daí?” – Pompeu poderia ter respondido, e com razão. (Cícero se manteve leal a Pompeu, por falar nisso). Pompeu percebeu que eventualmente os homens de César iriam quebrar, e foi o que aconteceu. Depois de três meses de cerco, dois dos oficiais de cavalaria gaulesa de César passaram para o lado de Pompeu porque tinham sido pegos por César roubando dinheiro. Eles trouxeram informações importantes sobre pontos fracos nas defesas de César. No começo de julho (começo de maio pelo nosso calendário), Pompeu lançou uma série de ataques conjuntos terra-mar. Apesar de as forças de César conseguirem rechaçá-los, não foi fácil e terminaram com muitos feridos. O próprio César precisou entrar em batalha à frente dos reservas.

Pouco depois, César liderou um contra-ataque. No começo, foi bem, mas então, para citar César, “a sorte... produz grandes mudanças a partir de pequenos movimentos, como aconteceu naquele momento”. Os homens de César equivocadamente entraram em um tipo de labirinto de muros e valetas abandonados. Eles pagaram por seu erro – Pompeu os atacou e, eles entraram

em pânico. César estava agora arriscando sua vida – e quase a perdeu – em um esforço para impedi-los: o incidente com o qual começou este livro.

Mas nem César poderia impedir a onda de pânico. O resultado foi um grande desastre: ao redor de mil de seus homens, incluindo 32 oficiais, foram mortos e outros foram levados como prisioneiros. Também se perderam 32 estandartes, um sinal de vergonha para um exército romano.

A posição de César parecia complicada, mas então uma coisa surpreendente aconteceu: nada. César esperava que Pompeu fechasse o cerco para matá-lo, mas Pompeu recuou. Suspeitava de uma emboscada e achou que era um risco desnecessário atacar. Até onde sabia, ele tinha ganhado a guerra. Esperava que o exército faminto e derrotado de César simplesmente desmoronasse. Se eles continuassem aguentando, não teriam como ser uma ameaça real.

Os soldados de Pompeu agora o saudavam como *"Imperator!"*— quer dizer, "general vitorioso". Jubilante, Pompeu aceitou o tributo, mas não o repetiu. Chamar-se *"Imperator"* ofenderia muitas pessoas porque, nesse caso, o título vinha de uma batalha na qual ele tinha matado outros cidadãos romanos, não inimigos estrangeiros.

De qualquer forma, Pompeu tinha um problema maior para se preocupar. César não tinha sido superado. Ele esperava que Pompeu seguisse seu sucesso e desse o golpe final, mas este nunca veio. César sentiu surpresa e desprezo. Falou a seus amigos: "Hoje o inimigo teria vencido, se tivessem um comandante que fosse um vencedor".

Olhando em retrospectiva, César acusou Pompeu de excesso de confiança e de esquecer que a vitória era devida mais ao azar dos homens de César do que qualquer proeza de sua parte. Ao não terminar o trabalho, Pompeu deu a César espaço para montar um novo plano, sem se preocupar em fazer o mesmo, como desdenhou César depois.

César não tinha intenção de desistir. O sucesso estragou Pompeu, mas o fracasso reafirmava a vontade de César. Ele percebeu que estava terminado em Dirráquio. Melhor recuar para o leste, para as montanhas até a Grécia central, especificamente até a rica e fértil região da Tessália. Agora, era o meio de julho (meio de maio pelo nosso calendário) e o trigo de inverno estava sendo colhido nos campos. Os homens de César poderiam colher e comer. Ele também reconheceu que precisava reconstruir o moral de seus homens antes de se arriscar em outra luta. Juntou o exército, mandou as

tropas se recuperarem e puniu uns poucos porta-bandeiras. Então, depois de mandar as carroças de equipamentos partirem na frente à noite, ele retirou seu exército na madrugada.

Em particular, César supostamente teria confessado que cometeu um erro ao bloquear Dirráquio. Em público, ele não admitia nada. Contou às tropas que a culpa pela derrota era exclusivamente dele. Era arrogante, mas sagaz. César considerava que o exército era como uma criança que estaria perdida sem fé em seu pai – ele mesmo. Abale essa confiança, e eles ficariam órfãos.

Quando recuou para a Tessália, César não fez nada menos que salvar seu exército. Foi uma mostra inspirada de liderança. Sem nenhuma surpresa, tirando a estratégia tonta de bloquear Dirráquio, César tinha sido um brilhante líder durante toda a campanha de inverno–primavera de 48 a.C. Ele liderou em todos os níveis, da linha de frente às unidades de tamanho intermediário e às tendas dos estrategistas. Liderou direta e indiretamente, pelo exemplo e pela agilidade mental. Mostrou um conhecimento extraordinário de seus homens e clareza sobre seus pontos fortes e fracos. Aceitou contratempos, mas nunca a derrota. César provou ser um homem sem ilusões, mas também sem tristeza.

Quando se tratava de astúcia e visão estratégica, Pompeu era igual a César. Em questão de habilidade organizativa, Pompeu era superior a ele. Sua retirada estratégica da Itália foi um golpe de mestre. Sua defesa de Dirráquio foi muito boa. Mas ele não tinha a audácia e a velocidade de César. Seu exército não poderia competir com o dele em uma batalha campal. Fracassou em destruir César quando este esteve à sua mercê em Dirráquio. Pior de tudo, Pompeu era capaz de se autoiludir. No final, César também caiu vítima dessa fraqueza, mas, em 48 a.C., sua mente ainda era tão fria quanto as neves da Gália e tão afiada quanto os dentes do lobo.

A essência da decisão

“A guerra é um professor duro.” Depois de sua experiência no primeiro ano e meio de guerra, cada um dos nossos três generais teria concordado com esse ditado de Tucídides. Cada um enfrentava surpresas e inversões.

Depois de um ano e meio do início da guerra, Aníbal e César tinham penetrado no coração do território inimigo. Apesar de correrem grandes riscos para chegar lá, nenhum conseguiu conquistar a fortaleza de seu

oponente. César foi expulso de Dirráquio, enquanto Aníbal nem tentou conquistar Roma. Nenhum dos dois tinha dado o golpe final ainda – longe disso.

Uns dezoito meses depois do início de sua guerra, Alexandre ainda não tinha chegado à terra natal do inimigo, mas tinha conquistado sua região mais rica e ocidental. Como Aníbal, ele tinha derrotado o inimigo em duas batalhas campais importantes; Aníbal também ganhou uma terceira batalha que foi efetivamente um massacre. César não tinha encontrado um inimigo disposto a lutar uma batalha campal contra ele, mas tinha conquistado a Itália e a Espanha, assim como a Sicília e a Sardenha, aparentemente com pouco esforço.

Alexandre, Aníbal e César acabaram sendo desafiados pelo jogo do inimigo. Cada homem começou a guerra com a esperança de que o inimigo honraria os protocolos-padrão da guerra nos mundos grego, cartaginense e romano: decisão pela batalha campal. O inimigo tinha outras opções, no entanto, e preferiu usá-las, e nenhum dos três futuros conquistadores achou fácil.

Por exemplo, Alexandre. Quando ele cruzou o Helesponto, achou que tinha uma frota viável. Rapidamente chegou à conclusão de que não tinha e mandou a maioria dos barcos para casa. Mas foi rápido demais, pois a frota teria sido perfeita para operações posteriores. Alexandre achou que poderia derrotar a marinha persa mantendo a guerra na terra e tomando as bases navais. Acabou sendo muito otimista. O cerco de Halicarnasso foi custoso e deixou o porto nas mãos persas. Alguns dos portos da Pérsia no continente provaram ser muito difíceis de tomar e a Pérsia reconquistou facilmente as ilhas que tinham passado para o lado de Alexandre. Em Memnon de Rodes, Alexandre tinha um inimigo ameaçadoramente competente. Na verdade, um ano depois de ter invadido a Anatólia, Alexandre encarou a real ameaça de uma invasão persa na Grécia.

Duas coisas o salvaram. Primeiro de tudo, a Divina Providência interveio. Memnon morreu de uma doença súbita na primavera de 333 a.C. Segundo, Alexandre tinha excelente intuição estratégica, o que permitia que adivinhasse corretamente o modo-padrão da Pérsia. Assim que Memnon morreu, Dario acabou com a invasão da Grécia e chamou seus mercenários gregos para uma batalha na terra contra Alexandre. Para a Pérsia, foi um suicídio estratégico. Para os macedônios, foi a confirmação dos erros fatais

do inimigo.

Aníbal também aprendeu duras lições. Perder a vista de um olho foi o menos complicado para um soldado duro. Ele enfrentava a frustração de liderar um exército que estava muito cansado para aproveitar suas vitórias, querendo apenas comer e descansar. Teve a primeira percepção de que o inimigo, não importava o tamanho de sua derrota, não tinha intenção de se entregar. E descobriu que Roma sabia como contra-atacar, não apenas com força, mas com astúcia.

Com seu ataque contra a Espanha, Roma ameaçou a base de Aníbal. Demonstrou também uma tenacidade estratégica que faltava à Pérsia. Para responder, Aníbal precisava de apoio e reforços. O governo central em Cartago poderia fornecer isso, com tempo, se concordasse. O que não poderia fornecer, no entanto, era outro general tão bom quanto Aníbal. O grande homem não tinha outro no mesmo nível.

A estratégia de Fábio na Itália poderia ter atrapalhado Aníbal ainda mais do que a batalha na Espanha. Se os romanos evitavam a batalha campal, ele não podia ganhar, somente sobreviver. Aníbal precisava de grandes vitórias para afastar os aliados de Roma e atrair para ele. De outra forma, seu pequeno exército poderia assediar os romanos, mas não derrotá-los. Sua principal esperança era atrair Roma de volta à arena da batalha campal. Era uma boa esperança, no final, porque os romanos não apoiavam a estratégia de Fábio.

Quanto a César, ele tinha os problemas mais sérios de todos com um inimigo que se recusava a lutar de acordo com suas regras. Isso refletia tanto a clareza de Pompeu quanto a filosofia de César da ofensiva. Se César tivesse sido menos agressivo, ele teria evacuado Dirráquio quando a recusa de Pompeu de lutar uma batalha campal ali ficou mais clara. Em vez disso, César poderia ter ido para a Tessália e/ou tentado Pompeu a uma batalha campal ou pelo menos passado o inverno em condições mais fáceis. Mas César arriscou tudo em uma guerra de atrito em Dirráquio, onde tinha uma evidente desvantagem. Como Fábio, Pompeu preferia o atrito à batalha campal. Em Dirráquio, César perdeu não só a batalha, mas quase toda a guerra. Só o excesso de confiança de Pompeu permitiu que César vivesse para lutar outro dia.

Como Aníbal, César sofreu por causa de um subordinado que não estava à altura de seu nível de competência. Curião perdeu o norte da África enquanto Asdrúbal tinha custado a Cartago um grande retrocesso na Espanha.

Alexandre foi melhor com Antígono na Anatólia.

Depois de dezoito meses de guerra, os três homens tinham sofrido retrocessos. Alexandre tinha respondido de forma mais eficiente, mas enfrentava o inimigo menos competente. César tinha problemas mais sérios, Aníbal estava no meio.

Mas o período de enfrentar a resistência inicial do inimigo tinha terminado. Cada um dos nossos generais estava a ponto de encarar uma crise que poderia decidir a guerra.

CAPÍTULO 4

Conflito

Na manhã de 1.º de outubro de 331 a.C., em uma planície ampla e sem árvores entre as montanhas Zagros, no que é hoje o Curdistão iraquiano, a cavalaria atacou. Quando soaram as trombetas, milhares de cavaleiros das estepes eurasianas, todos fortemente armados – até alguns cavalos usavam armadura – vieram colidindo contra as linhas persas. Eles tinham o objetivo de superar e derrotar os macedônios, bem como transformar as linhas do inimigo em um caos. Era o começo de Gaugamela, a maior batalha em que Alexandre e Dario iriam lutar.

Pouco mais de um século depois e 4,8 mil quilômetros a oeste, em uma manhã de agosto de 216 a.C., o som duro e triste das trompas celtas pairava sobre o vale do rio Aufidus no sul da Itália. Os celtas estavam lutando junto a um grande exército cartaginense que estava a ponto de se confrontar com uma força romana ainda mais massiva. A cavalaria cartaginense atacou em uma faixa entre o rio e o flanco esquerdo da infantaria romana. Os celtas atacaram com muitas fundas, seguidas de lanças e espadas longas. Juntos, eles enviaram esquadrões de cavalaria espanhola armada com lanças e *falcatas*, espadas curvas com uma lâmina mortal de 18 centímetros. Os 6,5 mil celtas e espanhóis superavam os 2,4 mil cavaleiros romanos por mais de dois para um. No espaço estreito entre o rio e a infantaria romana não havia espaço para manobra, então os cavaleiros dos dois lados desmontaram e lutaram a pé. Foi uma luta à moda antiga, sangue e tripas, mão a mão. O pior dia na história do exército romano – a batalha de Canas – tinha começado.

Pouco mais de 150 anos e 480 quilômetros a leste, em um verão quente e

abafado em 48 a.C., 6 mil cavaleiros avançaram, cruzando a planície central grega sob o ruído da corneta do comandante e o grito das trombetas. Bem armados, bem alimentados, bem liderados, eles eram os filhos de aristocratas e reis, criando um mosaico de nacionalidades da Gália até a Itália e Grécia. Usando armaduras ou túnicas entrecruzadas, capacetes com plumas ou chapéus de feltro, brandindo fundas e lanças, espadas longas e cimitarras, eles galoparam cruzando a distância que os separava de seus inimigos. Só mil cavaleiros, em sua maioria galeses e germânicos, cavalgavam do outro lado. Os atacantes planejavam dar a volta, atacar os flancos da infantaria inimiga e levar o caos ao exército inimigo. Apesar dos cavaleiros internacionais, esse era um conflito romano. Era a grande guerra civil entre César e Pompeu, e sua batalha mais sangrenta – a batalha de Farsala – estava começando.

Três grandes batalhas, três ataques terríveis: Hollywood não poderia ter feito melhor. Mas o trabalho dos roteiristas é mais fácil do que o dos conquistadores. Eles não têm de argumentar com sua audiência para chegar ao clímax no roteiro; a audiência exige isso. Cinéfilos adoram uma crise; estrategistas militares são menos previsíveis. Tendo superado os retrocessos iniciais, cada um dos nossos três grandes comandantes queria forçar uma decisão por meio de uma batalha campal, mas precisava obrigar o inimigo. Se este respeitasse a reputação do conquistador como um gigante no campo de batalha, o inimigo poderia preferir uma estratégia indireta como guerra de atrito ou uma contraofensiva em outro teatro.

Trazer seus oponentes para o campo de batalha, então, era um desafio para Alexandre, Aníbal e César. Depois de Isso, Alexandre esperava que Dario concordasse com uma nova disputa, mas não tinha como saber o que ele estava pensando. Depois da estratégia de Fábio, Aníbal ajustou seus planos para tentar atrair os romanos de volta à batalha, mas a decisão era deles. Depois de Dirráquio, César esperava trazer seu exército de volta à vida e incitar Pompeu a lutar uma batalha campal, mas Pompeu resistiu – no começo.

No final, o inimigo aceitou, e os três generais conseguiram a batalha que queriam. O resultado foi o melhor de cada um dos homens. Em Gaugamela (331 a.C.), Canas (216 a.C.) e Farsala (48 a.C.), Alexandre, Aníbal e César, respectivamente, ganharam três das grandes batalhas campais da história militar. Aqui, examinamos como fizeram isso. O que conseguiram dos resultados é assunto do próximo capítulo.

GAUGAMELA

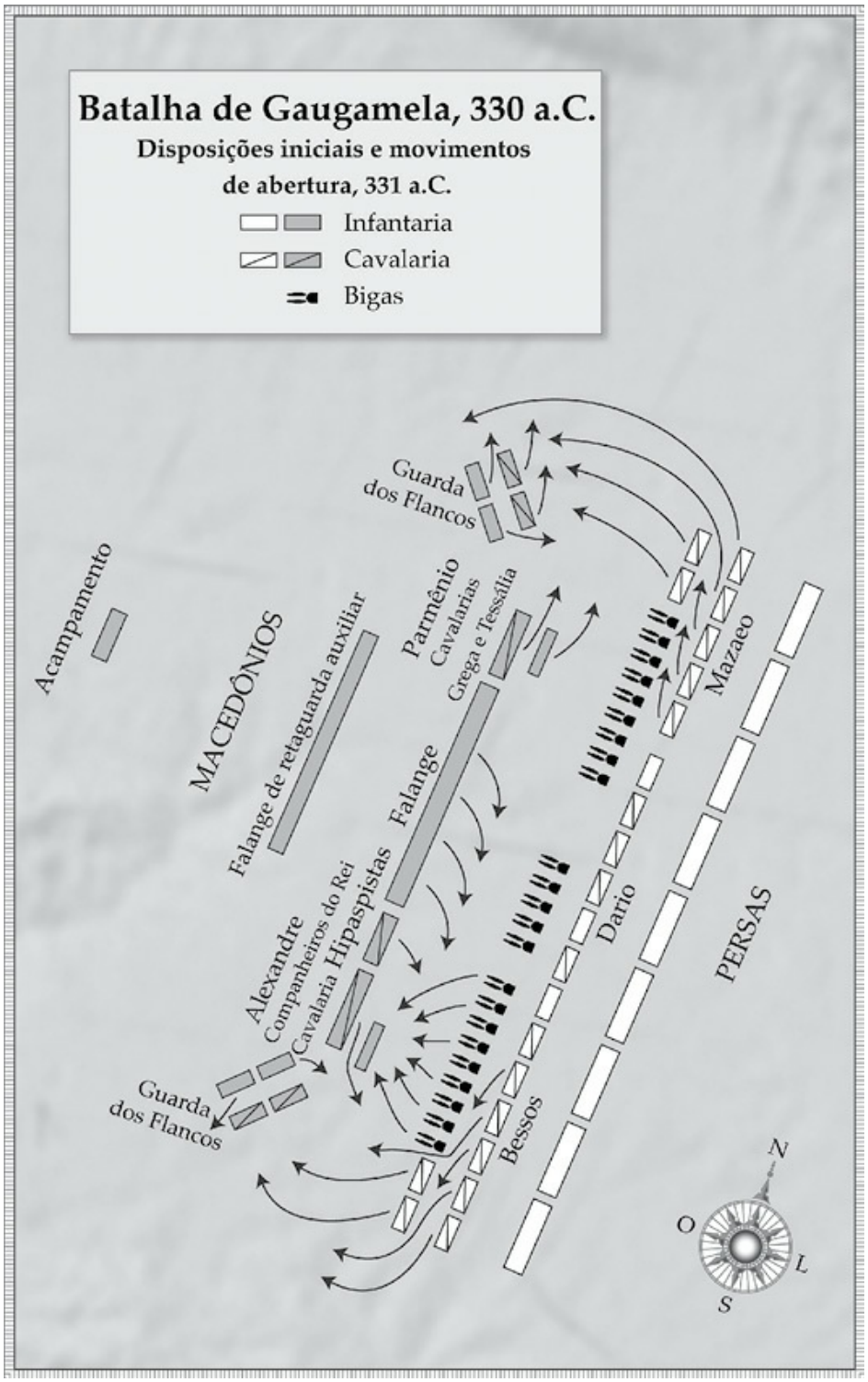
Do Egito à Babilônia, havia ao redor de 1,2 mil quilômetros pelas rotas das caravanas que passavam pela Síria. Foi perto da estrada histórica, na planície assíria quente e empoeirada, ao sul das colinas das cordilheiras de Zagros, que os exércitos da Macedônia e da Pérsia se encontraram para a maior batalha.

Eclipse

1o de outubro de 331 a.C. foi um dia predestinado. Até os famosos astrólogos da Babilônia notaram. Eles registraram que haveria uma batalha naquela manhã, na qual um exército invasor causaria uma pesada derrota às tropas do grande rei. As estrelas, eles disseram, tinham previsto isso. Uma semana e meia antes, em 20 de setembro, um eclipse lunar – à noite, com Saturno presente, Júpiter ausente e um vento oeste soprando – previu a ruína para o rei nas mãos de um intruso do oeste. E foi o que aconteceu na batalha de Gaugamela em 1.º de outubro, quando Alexandre derrotou o último exército que Dario poderia usar para enfrentá-lo.

Alexandre queria muito essa batalha. Esperava derrotar novamente Dario e terminar o que tinha começado em Isso, transformando-se, na verdade, no que já afirmava ser: o rei da Ásia. Mas Dario estava louco para lutar também, e a questão é por quê. Dario não estaria melhor se evitasse a batalha?

Dario poderia ter seguido uma política de terra arrasada no lugar, o que teria funcionado de forma simples: negar comida ao exército de Alexandre que marchava para o leste. Enquanto isso, as unidades da cavalaria persa poderiam atacar em golpes rápidos e imprevisíveis, especialmente perigosos se os macedônios se dividissem em pequenos grupos à procura de suprimentos. Sangrando, faminto e desequilibrado pelos ataques persas, o exército poderia forçar Alexandre a voltar. É verdade que ele ainda controlaria as províncias perdidas de Dario a oeste do Eufrates, mas Dario manteria o leste.


Batalha de Gaugamela, 330 a.C.
Disposições iniciais e movimentos de abertura, 331 a.C.
Infantaria
Cavalaria
Bigas
Acampamento
MACEDÔNIOS
Falange de retaguarda auxiliar
Falange
Parmênio
Cavalarias Grega e Tessália
Guarda dos Flancos
Mazaeo
Alexandre
Companheiros do Rei
Cavalaria Hipaspistas
Guarda dos Flancos
Dario
Bessos
PERSAS
N
O
L
S

Mas essa estratégia também era muito arriscada. Muitas cidades poderiam preferir abrir seus depósitos a Alexandre em vez de morrer de fome por Dario. No final, eles poderiam muito bem decidir que tanto fazia ter um ou outro como rei. Dario, portanto, tinha suas razões para escolher lutar outra batalha. Se alguém poderia ter sorte na terceira vez era ele.

Ele havia passado os dezoito meses desde Isso de forma sábia: mostrou bom juízo ao preferir construir um novo exército. Ao contrário dos anteriores, era quase inteiramente uma força de cavalaria – e excelente. Apesar das vitórias de Alexandre, Dario ainda controlava um gigantesco império e contava com recursos inexplorados. Como sempre, a Ásia central era famosa por seus cavaleiros, e Dario juntou um grupo excepcional.

Eles vieram galopando da vasta estepe da Eurásia. Descendentes dos nômades, eram famosos pela criação de cavalos e suas táticas. A melhor cavalaria de Dario era de Báctria e Sogdiana (moderno Afeganistão, Tadjiquistão e Uzbequistão), suplementada por cavaleiros do oeste da Índia e pela cavalaria do povo saca (que vivia ao norte de Sogdiana, na parte oriental do moderno Uzbequistão). Os sacas eram tão fortemente armados que até seus cavalos usavam armadura, mas os cavalos da Ásia central eram e são conhecidos por sua grande energia.

Tinham armas tão boas quanto as dos macedônios e armadura melhor. Alguns tinham uma reputação bem-merecida como arqueiros. Outros receberam piques (lanças) de estilo macedônio, espadas longas e escudos. Dario fez isso porque tinha aprendido, da pior forma, como seus inimigos eram eficientes.

Esses cavaleiros magníficos, aterrorizantes e mortais também desfrutavam de um excelente comandante em Bessos. Um nobre proeminente, Bessos era sátrapa de Báctria e parente de Dario. Ele criou uma força de elite que poderia se comparar aos Companheiros do Rei, de Alexandre.

O problema de Dario era a infantaria. Um exército de primeira linha em 331 a.C. exigia uma mistura equilibrada de cavalaria e infantaria. A infantaria pesada de Alexandre, por exemplo, protegia sua cavalaria de um ataque frontal, enquanto acrescentava peso ao golpe ofensivo da cavalaria. Em Gaugamela, Alexandre tinha ao redor de 40 mil soldados na infantaria. Mas Dario teria de se virar sem uma infantaria eficiente: Alexandre tinha cortado o suprimento de mercenários gregos, a tradicional fonte de infantaria pesada

da Pérsia. Dario teria de aguentar com os 2 mil mercenários gregos que tinham sobrado e 2 mil persas da elite da infantaria, que não eram páreo para os números de Alexandre.

Para diminuir o ataque mortal da cavalaria de Alexandre, Dario tinha duas outras esperanças: elefantes e bigas com lâminas. Nenhum dos dois era muito promissor. Dario tinha 15 elefantes em Gaugamela. Eles poderiam tê-lo protegido de um ataque da cavalaria de Alexandre, mas é provável que as próprias tropas de Dario não tivessem o treinamento necessário para controlar as bestas, e os elefantes provavelmente ficaram no acampamento. Também havia as bigas laminadas de Dario. Essas máquinas com visual assustador estavam cheias dos dois lados de espetos, lanças, lâminas de espadas e foices. Mas experiências anteriores mostraram que unidades disciplinadas de soldados poderiam se defender de qualquer ameaça delas.

Só restava a cavalaria de Dario. Então ele apostou nela. Alexandre tinha 7 mil cavaleiros. Os números da cavalaria de Dario são desconhecidos, mas eles superavam muito os de Alexandre, provavelmente em três por um, se não mais: 25 mil cavaleiros persas é uma estimativa razoável.

Por fim, Dario escolheu cuidadosamente um campo de batalha apropriado e fez tudo que podia para atrair o inimigo para lutar ali. Optou por uma planície aberta, com pouco ou nenhum arbusto ou mato, e fez que seus engenheiros aplainassem as poucas colinas: agora suas bigas e cavalaria teriam espaço para manobrar, algo que havia faltado em Isso. Escolheu a Assíria (o Curdistão iraquiano) como o lugar para a luta. A região oferecia planícies, muita comida e ficava na provável rota de avanço de Alexandre para o sul e o leste: para a Babilônia (perto da moderna Bagdá), então capital ocidental de Dario e, mais além, para a Pérsia.

Dario deu à sua cavalaria as ferramentas para realizar um envolvimento duplo do inimigo. Eles cercariam o exército de Alexandre dos dois lados e conseguiriam dominá-lo. Esse era o plano. A questão era: os persas conseguiriam executá-lo? E Alexandre conseguiria fazer um conjunto de contramovimentos para pará-lo?

De sua parte, o rei macedônio organizou o maior exército que já tinha comandado. Eram forças veteranas e estavam com o moral alto pelas vitórias anteriores.

No começo da primavera de 331 a.C., Alexandre e seus homens partiram do nordeste do Egito. Depois de parar em Tiro, continuaram marchando pelo

continente. Perto de 1o de agosto, um regimento persa viu os macedônios cruzarem o rio Eufrates em Tápsaco (hoje, no centro-norte da Síria), mas isso não os impediu. Na verdade, parece que os persas estavam mandando Alexandre na direção de Dario, que estava esperando a uns 480 quilômetros a leste na Assíria com seu exército. Enquanto Alexandre marchava para o leste, os batedores persas, capturados pelos macedônios, deram a falsa notícia de que Dario planejava impedir que Alexandre cruzasse o Tigre. Alexandre correu até o rio, mas não encontrou ninguém ali. Era possível cruzar o rio, mas com dificuldades: uma corrente forte cansou os homens de Alexandre quando eles chegaram à outra margem. Mesmo assim, os persas não fizeram nada para se opor, a não ser queimar as plantações para negar comida ao inimigo. Era o meio de setembro.

A quase 120 quilômetros de distância, os persas estavam esperando no campo de batalha escolhido por Dario. Estavam, provavelmente, em algum lugar entre o rio Gomel e as colinas de Jabal Maqlub, que se erguem a 900 metros acima da planície: ao norte das colinas, perto da pequena cidade de Tell Gomel, ou ao sul das colinas, perto da cidade de Qaraqosh (a moderna Al-Hamdaniya). Nos dois casos, o terreno era similar, um grande pedaço de terra plana entre as colinas com erosão.

Depois de cruzar o Tigre, Alexandre deixou seu exército descansar por dois dias. Então, na noite de 20 de setembro, chegou o eclipse. Alexandre planejou começar a marcha novamente na manhã seguinte, mas seus homens estavam com muito medo. Em vez disso, ele fez sacrifícios de animais e chamou um profeta para garantir às tropas que era um mau agouro para os persas, não para eles. Como bom líder, Alexandre cuidou do moral de seus homens.

E, mesmo assim, os dias seguintes reacenderam seus medos. Nove dias de marchas e descanso levaram os macedônios até Jabal Maqlub, de cuja altura eles conseguiam ver claramente o exército de Dario, a uns seis quilômetros de distância, enchendo a planície e organizados para a batalha. Essa enorme força deu a Alexandre e seus comandantes seniores pausa suficiente para poder adiar a batalha por um dia.

Armadilha da defesa

Alexandre cavalgou todo o campo de batalha no dia seguinte em uma missão

de reconhecimento, com suas tropas leves e os Companheiros do Rei. Colocou então sua mente para funcionar na forma de refinar suas táticas de batalha. Não que ele planejasse mudar uma fórmula vencedora. Alexandre deixou o centro da ordem de batalha macedônia no lugar, mas precisava protegê-lo do perigo de ser superado pela enorme e poderosa cavalaria de Dario. Sendo excelente em táticas, Alexandre percebeu os planos de Dario e criou uma forma de enfrentá-los.

A linha persa se estendia por vários quilômetros pela planície. Dario manteve a posição tradicional do grande rei no centro, guardado por sua infantaria de elite persa e os mercenários gregos. Cinquenta bigas laminadas e 15 elefantes (que não participariam da batalha) estavam postados na frente dele. O lado direito, comandados por Mazaeo, antigo sátrapa da Síria, era formado pela cavalaria da Síria, Mesopotâmia (Iraque) e partes do Irã – que tinha excelentes cavaleiros. Mazaeo também tinha 50 bigas laminadas. A ala esquerda, comandada por Bessos, sátrapa de Báctria, tinha contingentes da grande cavalaria do leste, assim como 100 bigas laminadas. Essa ala era o braço mais forte da Pérsia e encararia as melhores tropas da ala direita de Alexandre. O grosso da infantaria da Pérsia estava na retaguarda, o que era apropriado, já que eram muito fracos para desempenhar algum papel na batalha.

Como Alexandre conseguia ver, seu oponente tinha um exército maior do que o de Isso, rico em cavalaria, mas pobre na infantaria. Alexandre entendeu que, em termos estratégicos, Dario estava na defensiva; ele tinha desafiado o inimigo a atacá-lo. Em termos táticos, no entanto, Dario precisava partir para a ofensiva: Dario teria de atacar primeiro.

A cavalaria era o ponto mais forte dos persas. Motivados no começo da batalha, seus cavaleiros podiam superar o inimigo. Mas, se Dario deixasse Alexandre atacar primeiro, ele se arriscaria a ter rachaduras em sua brilhante máquina militar – se não fosse pior. Dario tinha suficiente infantaria pesada para absorver um ataque frontal de Alexandre, mas não o suficiente para virar e partir para a contraofensiva.

A superioridade de Dario em números permitia que ele superasse Alexandre dos dois lados. Seu melhor movimento na batalha era envolver as duas alas de Alexandre com sua poderosa cavalaria. Se ela fizesse bem seu trabalho, deixariam o resto do exército macedônio sem defesas – e, certamente, sem condições de atacar. Alexandre tinha de criar um plano que

conseguisse impedir o ataque da cavalaria persa e permitisse que contra-atacasse por sua vez. Ele também tinha de proteger seus flancos sem enfraquecer suas linhas a ponto de deixar o centro desprotegido. Sua solução foi uma formação nova e flexível.

À primeira vista, Alexandre organizou seu exército em um padrão familiar. A falange da infantaria macedônia assumiu sua posição comum no centro, ligada com os Companheiros do Rei à direita pelos hipaspistas – os corpos de elites que tinham de garantir que não se abrisse nenhum buraco. À esquerda estavam duas unidades de cavalaria – da Tessália e de outros aliados gregos. Como sempre, Alexandre assumiu o comando na ala direita de seu exército e colocou Parmênio no comando da esquerda.

O que deixou esse exército diferente, no entanto, foi uma série de formações adicionais que criaram o que era mais ou menos um retângulo. Os lados do retângulo eram formados por uma guarda de flanco em cada ala. Cada uma dessas duas guardas estava mais para trás em um ângulo de 45 graus da linha de frente. Cada guarda de flanco era formada por várias unidades de infantaria, organizadas como um conjunto de degraus e guardada por uma proteção da cavalaria. Finalmente, a parte de trás do retângulo era formada por um segundo conjunto de infantaria, posicionado atrás da linha de frente e paralelo a ela. O dever deles era virar e enfrentar a ameaça de trás – os cavaleiros persas que conseguissem dar a volta completa no retângulo.

Era nos lados do retângulo, no entanto, e não na parte traseira, que Alexandre planejava lutar. Ele queria atrair a cavalaria persa para uma luta com os guardas nos flancos nos dois lados de suas alas. A mistura de cavalaria e infantaria dessas guardas representava a armadilha da defesa. Escondida atrás de seus próprios cavaleiros, a infantaria surgiria durante a batalha e entraria em ação. As tropas leves, incluindo arcos e fundas, ofereciam um contrapeso rápido e mortal à superioridade persa nos números da cavalaria – especialmente na ala direita de Alexandre, onde ele estava parado e onde colocou suas melhores tropas.

Alexandre previu que o ataque da cavalaria persa nos dois lados deixaria um buraco na linha inimiga. Planejou atacar através desse buraco com um grupo combinado de sua tropa de elite, Companheiros do Rei, e a falange macedônia. Enquanto isso, no entanto, sua ala mais fraca, a ala esquerda sob Parmênio, iria se curvar debaixo de um ataque violento persa. Alexandre sabia que ele poderia terminar em uma corrida contra o tempo, tendo de

ganhar à sua direita e, depois, virar-se para ajudar Parmênio antes que os persas o superassem.

Resumindo, Alexandre mostrou seu nível extraordinário de análise como comandante. Pegou suas excelentes forças combinadas e – no ato – melhorou-as. Demonstrou agilidade e visão. Acima de tudo, foi um exercício de audácia.

Tendo encontrado o melhor plano de batalha, Alexandre chamou para uma conferência seus principais oficiais. Falou que estavam lutando não por uma província ou um país, mas pelo controle de toda a "Ásia" – quer dizer, pelo império persa. Enfatizou a importância da estrita disciplina; de manter silêncio no avanço, mas marcar o ataque com gritos de guerra. Então, sempre o bom líder, cuidou do moral dando aos homens uma boa refeição e uma boa noite de sono. Ele também descansou, mas não sem antes fazer um sacrifício ao deus do medo, de acordo com uma fonte.

Dario, por seu lado, temia um ataque noturno dos macedônios, então manteve os homens em seus postos a noite toda. Sem saber quando ou onde o inimigo poderia atacar, ele não podia confiar em apenas uma pequena força de guardas para proteger o exército. Os persas chegaram à manhã exaustos, o que pouco ajudou na batalha.

De madrugada, Alexandre apareceu em sua melhor armadura e passou em revista suas tropas. Ele segurava uma lança na mão esquerda, levantou a direita e invocou a ajuda dos deuses. Em Anatólia e no Egito, os oráculos tinham afirmado que ele era o filho de Zeus. Alexandre não fez nada para desencorajar a ideia, porque isso fortalecia sua reputação. Alguns gregos já tinham elogiado conquistadores do passado como semideuses e Alexandre havia superado todos.

Quando cavalgava por suas tropas, Alexandre pediu aos deuses que, se realmente era o filho de Zeus, guardasse e ajudasse a fortalecer os gregos. Como se fosse ensaiado, uma águia supostamente apareceu em cima de Alexandre e voou direto para os persas.

A batalha estava começando.

A águia se lança

É difícil reconstruir Gaugamela. As linhas de batalha se estendiam por quilômetros, assim nenhum homem estava em posição de ver o conjunto. A

planície lisa e sem acidentes não oferecia pontos de referência para ajudar a memória. Os dois lados estavam usando táticas complexas. Os ataques das cavalarias de cada lado levantavam nuvens de poeira. Mesmo com fontes perfeitas, seria um desafio descrever a batalha, e nossas fontes não são confiáveis.

Alexandre iniciou a batalha marchando para a direita, movendo-se em ângulo oblíquo para a frente persa. Quando se aproximou do final da linha persa, Dario começou a se preocupar que Alexandre se afastasse do solo, que era melhor para suas bigas laminadas. Então mandou a cavalaria bactriana e saca, sob o comando de Bessos, para dar a volta ao redor da direita de Alexandre e impedir sua marcha.

Ouviram-se as trombetas e os gritos de guerra. Alexandre, por seu lado, mandou que a parte avançada de seu flanco direito aguentasse o ataque – era um esquadrão pequeno, que os persas poderiam empurrar facilmente, mas era uma isca. O resto da cavalaria de Bessos agora se uniu, seu ataque era uma visão assustadora. Mas a luta estava se desenvolvendo exatamente onde Alexandre queria, entre os guardas de seu flanco direito. A armadilha da defesa estava pronta para ser desafiada. Ele não destruiu a cavalaria de Bessos, mas conseguiu pará-la.

Enquanto isso, Dario mandou que suas bigas laminadas atacassem o inimigo. Mas os macedônios estavam preparados. Do centro e da direita das linhas macedônias, uma fileira de arqueiros e fundeiros atirou; em alguns casos, eles chegaram a agarrar as rédeas e puxar os condutores. Algumas bigas passaram, mas os homens tinham sido treinados para abrir as fileiras e deixar que passassem. As bigas fizeram pouco ou nenhum estrago, pelo menos à direita dos macedônios. Talvez tenham causado mais danos no lado mais fraco dos macedônios, o esquerdo, onde outro ataque da cavalaria persa, liderado por Mazaeo, golpeou a cavalaria tessália de Parmênio.

Nesse momento, apareceu um buraco nas linhas persas, entre a esquerda e o centro, causado pela saída dos cavaleiros de Bessos. Alexandre aproveitou o momento. Formou sua elite de Companheiros do Rei em forma de cunha, mandou que a falange macedônia avançasse ao lado deles, deu o grito de batalha e atacou. Eles atravessaram a abertura na linha do inimigo e destruíram seu flanco exposto. As fontes descrevem a cena de forma vívida: “Por um curto período de tempo, tornou-se uma luta corpo a corpo. Os cavaleiros ao redor de Alexandre e ele mesmo pressionaram o inimigo com

força, empurrando e usando suas lanças contra os rostos deles. Arrasaram com os persas, e a falange macedônia, uma massa compacta com lanças, também atacou".

Em Isso, Dario foi o alvo. Matar ou capturar o rei e vencer a guerra: esse era o plano de Alexandre. Teria funcionado também, graças ao avanço desenfreado de seus homens, mas Dario fugiu. Não era um covarde; esperava lutar novamente outro dia.

Além do mais, a batalha não tinha terminado, e, por um tempo, parecia que os eventos em outra parte do campo poderiam dar a Dario sua chance. Assim como o ataque de Bessos abriu um buraco na linha persa, o de Alexandre deixou um ou mais buracos no centro e na esquerda macedônia. Por isso a cavalaria persa e indiana conseguiu cruzar. Tinham uma oportunidade ótima para se juntar à luta de Mazaeo contra as tropas de Parmênio.

Parmênio, enquanto isso, mandou uma mensagem a Alexandre pedindo ajuda, mas a mensagem provavelmente nunca chegou. O campo de batalha estava um caos e o mais provável é que Alexandre já tivesse partido atrás de Dario. A fuga do rei tinha enchido "o ar... com os gritos dos caídos, as batidas dos cascos dos cavalos e o barulho constante dos chicotes", de acordo com uma fonte. Também levantou uma forte nuvem de poeira que dificultava o objetivo dos macedônios. Alexandre voltou para sua ala esquerda.

Se Alexandre tinha apostado que Parmênio ia se virar, estava correto. O velho tinha um histórico de aguentar batalhas difíceis e seus tessálios eram intrépidos. Enquanto isso, em vez de ajudar Mazaeo contra a esquerda macedônia, os cavaleiros persas e indianos saquearam o acampamento de Alexandre bem atrás das linhas. Eles perderam a oportunidade de ajudar Mazaeo e foram expulsos pela infantaria macedônia na retaguarda.

De qualquer forma, quando a cavalaria persa ficou sabendo da fuga de Dario do campo, pararam de lutar. Não que estivessem quebrados: quando voltavam, eles se encontraram com os Companheiros do Rei de Alexandre, que estavam finalmente indo ajudar Parmênio. O resultado foi o encontro de cavalaria mais duro do dia. Não houve nenhuma lança voando ou movimentos de curva que eram a regra nas lutas de cavalaria. Foi uma luta encarniçada, com cada homem tentando atravessar e salvar sua vida. Sessenta dos Companheiros do Rei de Alexandre caíram e três oficiais seniores ficaram feridos, incluindo Heféstion, amigo próximo de Alexandre.

Não fez nada para mudar o resultado da batalha. Alexandre tinha imposto

uma derrota decisiva a Dario. Os persas não deixaram de tentar. Alexandre tinha manobrado o inimigo até seu campo de batalha preferido, onde o forçou a encarar um conjunto impressionante de cavalaria. Mas os macedônios tinham o exército mais versátil do mundo antigo, no auge da autoconfiança e da experiência. Tinham incríveis comandantes: Parmênio, por exemplo, era um herói por absorver o ataque inimigo e manter a ala esquerda unida. Eles tinham uma marcada vantagem na infraestrutura.

Mas a principal diferença entre os dois exércitos – a vantagem decisiva – era a superioridade de Alexandre como general. Tanto na preparação para a batalha quanto no auge do combate, Alexandre se mostrou superior a Dario. Demonstrando intuição estratégica, ele esquadrinhou a organização do inimigo com um olho de conhecedor e reorganizou suas táticas no ato. Manteve a frieza no calor da batalha e deu o golpe decisivo no momento e lugar corretos. É verdade que nem tudo correu de acordo com o plano: Dario escapou, a linha macedônia estava quebrada e não eram poucos os feridos. Mas o resultado coroou as conquistas de Alexandre. Dario era um bom general, mas Alexandre era um gênio militar.

Não há um número preciso de feridos na batalha. As fontes provavelmente minimizam as perdas de Alexandre e aumentam as de Dario: as estimativas vão de 100 a 500 macedônios mortos, e de 40 mil a absurdos 300 mil persas mortos. Apesar de que Gaugamela viu uma luta feroz, muitos persas escaparam, alguns deles em unidades que mantiveram boa formação. As perdas persas não foram poucas, mas também não foram gigantescas.

Gaugamela foi a maior vitória de Alexandre no campo de batalha. Marcou o final da batalha campal contra o império persa. A Mesopotâmia e, consequentemente, o Irã agora também estavam a seus pés.

Dario fugiu primeiro para a cidade mais próxima, Arbela (moderna Arbil), a uns 100 quilômetros ao sudeste. Ele então partiu para as montanhas do Irã ocidental, com os remanescentes de sua guarda real e seus mercenários, assim como a cavalaria de Bessos, que tinha sobrevivido em boa ordem. Mazaeo e seus homens sobreviventes fugiram para a Babilônia.

Alexandre também foi para Arbela depois da batalha. Ali, seus homens o aclamaram o “rei da Ásia”. Alexandre reivindicou, pela primeira vez, esse título em uma carta a Dario depois da batalha de Isso. Agora, parecia não ser uma mera alegação: era real. Em Arbela, ele também escolheu o diadema – uma coroa cerimonial – como sua insígnia real. Três semanas mais tarde,

após destruir um acampamento de Mazaeo, Alexandre entrou na Babilônia, onde foi novamente aclamado rei, dessa vez oficialmente.

Mas a guerra não havia terminado. Dario ainda controlava o Irã e a Ásia central. Alexandre não só teria de agarrá-lo, precisava que reconhecesse o novo título de Alexandre como rei da Ásia. E queria que Dario trouxesse o restante da elite persa com ele. De outra forma, Alexandre teria de conquistar outros milhões de quilômetros quadrados de território com dificuldades, colinas e vales com muito sangue derramado. Ou isso ou ele teria de aceitar que o "rei da Ásia" não controlava o leste do Irã ou as províncias além.

Alexandre poderia não contar com o apoio do seu exército também. Para muitos dos seus comandantes e soldados, a guerra ainda não estava terminada – faltava só a captura da capital real da Pérsia. Eles não tinham interesse no Oriente remoto. Queriam somente a parte do antigo império persa que poderiam governar a partir da Macedônia.

Alexandre teria de resolver esses problemas se quisesse colher os frutos da sua vitória em Gaugamela.

CANAS

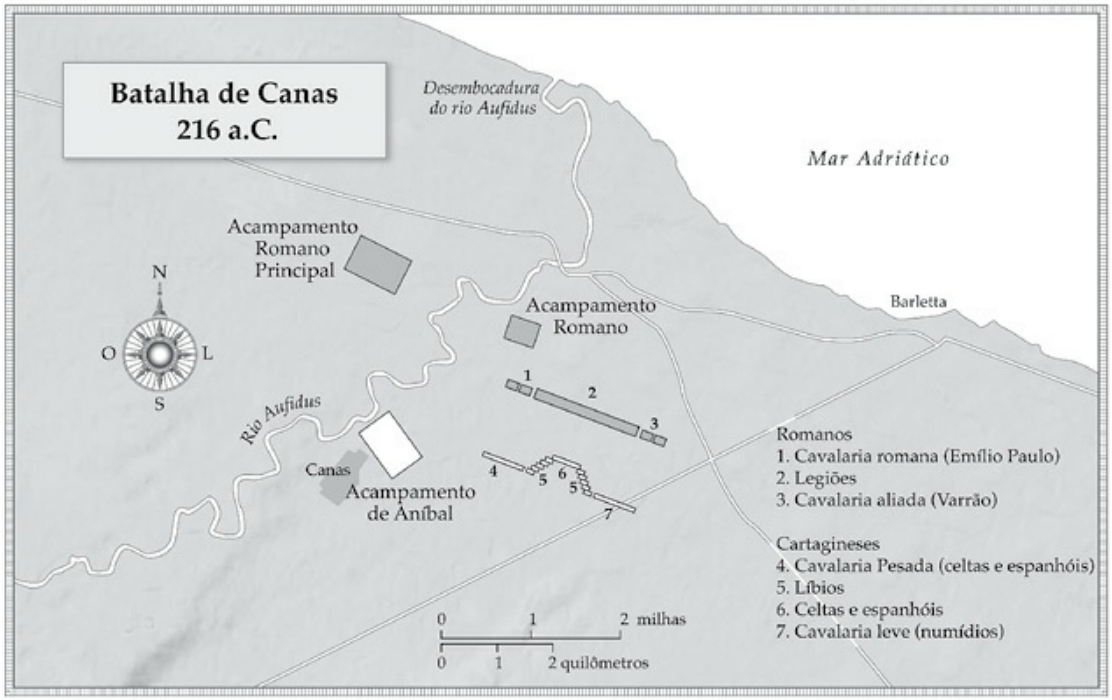
A "terra dos tabuleiros", ou *Tavoliere*, é uma planície extensa, rica em terras férteis e que cobre uns 1,9 mil quilômetros quadrados em Apúlia (Púglia), no sudoeste da Itália. No passado, em tempos pré-históricos, era parte do oceano, mas a terra estava bem seca quando, em um dia de verão em 216 a.C., Aníbal e os romanos se encontraram no extremo sul da região, em Canas.

A maior batalha por terra

Dois de agosto de 216 a.C., o dia da batalha de Canas, foi um dos mais terríveis na história humana. Quase tantos homens morreram naquele dia de agosto em Camas quantos em Hiroshima, dois mil anos depois – e sem uso de pólvora, muito menos uma bomba atômica. (As mortes em Hiroshima aumentaram muito mais com o tempo por causa da radiação.) Espadas, lanças, fundas, cascos de cavalos, o peso de milhares de pés marchando sobre os caídos, insolação, exaustão, terror e até desespero: essas foram as formas de morrer em Canas.

Canas foi para Aníbal o que a alavanca foi para Arquimedes. Os romanos somavam quase dois para um em relação a Aníbal em Canas, e a batalha foi quando e onde quiseram. Mesmo assim, Aníbal conseguiu aniquilá-los.

Aníbal, o vitorioso, matou quase 48 mil romanos e tomou cerca de 20 mil prisioneiros; só uns 15 mil romanos escaparam. Os romanos mataram entre 6 mil e 8 mil dos aproximadamente 50 mil homens de Aníbal. Os romanos perderam uns 75% do seu exército: um pouco mais da metade do exército romano morreu e um quarto foi capturado. Os cartaginenses perderam entre 10% e 15% de seu exército. Foi uma das vitórias mais assimétricas de todos os tempos.


Batalha de Canas
216 a.C.
Desembocadura do rio Aufidus
Mar Adriático
Acampamento Romano Principal
Acampamento Romano
Barletta
N
O
L
S
Rio Aufidus
Canas
Acampamento de Aníbal
1
2
3
4
5
6
5
7
Romanos
1. Cavalaria romana (Emílio Paulo)
2. Legiões
3. Cavalaria aliada (Varrão)
Cartagineses
4. Cavalaria Pesada (celtas e espanhóis)
5. Líbios
6. Celtas e espanhóis
7. Cavalaria leve (numídios)
0 1 2 milhas
0 1 2 quilômetros

Céticos na época agora minimizavam o gênio de Aníbal. Eles argumentaram que ele não ganhou a batalha, foram os romanos que a perderam. Há alguma verdade nisso. Sem os erros romanos, Canas teria sido uma derrota romana, mas não um desastre. Mas, sem o brilhantismo de Aníbal, Canas poderia ter sido uma vitória romana.

Como aconteceu essa batalha explosiva? Os romanos e Aníbal queriam lutar. Aníbal confiava em sua habilidade de vencer mais uma vez, como tinha feito em Ticino, Trébia e no lago Trasimeno. Incitado pela provocação de Aníbal, os romanos mudaram a política de Fábio de evitar a batalha. Em 217 a.C., Aníbal provocava como um toureiro, e seus truques deixaram o touro romano bravo a ponto de não mais poder resistir à batalha.

Os novos cônsules de 216 a.C., Caio Terêncio Varrão e Lúcio Emílio Paulo, romperam com a política de Fábio; eles iriam lutar. E fariam isso com uma força massiva, o maior exército que os romanos já tinham juntado, e o primeiro a ser comandado pelos dois cônsules; normalmente, eles lideravam exércitos separados. Apesar de serem inexperientes, esperavam vencer por causa do número superior. Queriam vencer a guerra de uma vez por todas.

Mas isso foi em agosto. Antes, naquela primavera e no verão, outro exército romano, menor, tinha seguido Aníbal.

Ele fez os romanos o perseguirem. Levou-os das colinas ao redor de Lucéria (a moderna Lucera), no norte da Apúlia, até as planícies perto do mar em Canas. Ironicamente, a maior batalha por terra no mundo antigo aconteceu praticamente à beira do mar. Canas situa-se a uns 8 quilômetros, em linha reta, da costa moderna. Da colina de Canas, Aníbal teria sido capaz de ver claramente o azul Adriático. Ele poderia ter sentido a brisa marítima ou visto as andorinhas mergulhando graciosamente no céu.

Também pode ter pensado no golpe que já tinha dado ao cercar a cidadela de Canas. Roma tinha estabelecido um depósito de suprimentos ali, e seus grãos e outras provisões agora pertenciam aos cartaginenses. Mais importante, Canas tinha uma localização estratégica.

Apúlia é uma região de cavalarias, sendo perfeita para Aníbal. A uns 16 quilômetros de Canas está o importante aliado romano de Canusium, cujos campos os homens de Aníbal tinham agora invadido.

Canas está no vale do rio Aufidus (moderno Ofanto), que corre dos Apeninos até o mar Adriático. O vale do Aufidus oferece acesso a toda a

península italiana até a estrategicamente importante baía de Nápoles, na costa oeste da Itália. Ao tomar Canas, Aníbal colocou em perigo um aliado romano (Canusium) e ameaçou abrir o caminho contra outros. Roma precisava responder. E assim, Varrão e Paulo trouxeram suas tropas para Canas. Depois de se juntar ao exército menor que já estava em Apúlia, os romanos tinham ao redor de 86 mil soldados. Aníbal tinha aproximadamente 50 mil.

Em seu último trecho, na área ao redor de Canas, o rio Aufidus cruza duas cadeias de colinas e, então, ao nordeste da fortaleza de Canas, as colinas terminam, o vale se abre, e há uma planície com um pouco de declive que serviria bem para a batalha. A maioria dos historiadores localiza o campo de batalha ali, apesar de que poderia ter sido em um vazio entre as colinas.

Antes do dia da batalha, os dois lados manobraram. Quando chegaram à vizinhança de Canas, os romanos provavelmente acamparam na margem esquerda (lado norte) do rio Aufidus. Aníbal estava acampado na margem direita, aos pés da fortaleza de Canas. Os romanos ameaçaram Aníbal com um pequeno acampamento do seu lado do rio, e, depois, Aníbal respondeu passando seu acampamento para o outro lado do rio, do lado romano, na margem esquerda. Em 1o de agosto, Aníbal desafiou os romanos, mas eles se recusaram a lutar. Então, no dia seguinte, os romanos cruzaram o rio novamente e aceitaram o desafio de Aníbal.

O que explica esse elaborado jogo? Uma possível explicação é o sistema romano de comando, pelo qual os dois cônsules alternavam o comando supremo diariamente. As fontes antigas dizem que Paulo, que comandava em 1o de agosto, tinha decidido não se arriscar em uma batalha campal contra Aníbal, mas Varrão tomou o comando no dia 2 de agosto – e mudou a decisão. O mais provável é que os romanos quisessem lutar na margem direita, onde o terreno era um pouco menos favorável para a cavalaria. Partes do terreno apresentavam uma leve inclinação e outras partes ofereciam menos espaço para manobra do que na margem esquerda.

De qualquer forma, pouco antes da madrugada de 2 de agosto – quer dizer, pouco antes das 4h30 da manhã –, Varrão levantou a bandeira vermelha ao lado de sua barraca, o tradicional sinal romano para a batalha. Apesar das afirmações nas fontes de que houve tensão, o outro cônsul, Paulo, provavelmente cooperou totalmente. Roma tinha mandado suas legiões, e elas encontraram o inimigo. O dia de glória tinha chegado. Imediatamente depois do nascer do sol, 6h, Varrão começou a liderar os homens para a saída

dos dois campos. Ele liderou as tropas do campo principal do outro lado do rio Aufidus até a margem direita, onde se juntaram às tropas do acampamento menor romano. Aníbal subiu em uma colina baixa e ficou observando como os romanos se organizavam para a batalha, enquanto suas próprias forças se preparavam.

Os romanos deixaram 10 mil homens para trás guardando o acampamento principal e ameaçando o acampamento cartaginense, forçando, assim, Aníbal a diminuir suas tropas, que já eram poucas, para guardá-lo. Assim, havia 76 mil tropas para lutar por Roma: 70 mil na infantaria e 6 mil na cavalaria. Desses 70 mil, estima-se que 50 mil eram da infantaria pesada, enquanto 20 mil eram da leve. Da cavalaria, estima-se que 2,4 mil eram cidadãos romanos e 3,6 mil aliados italianos de Roma.

Do outro lado, Aníbal trouxe 50 mil soldados para Canas: 40 mil na infantaria e 10 mil na cavalaria. A divisão estimada desses números é a seguinte: os 10 mil cavaleiros consistiam em 2 mil espanhóis, 4 mil celtas e 4 mil numídios. Os 40 mil soldados da infantaria consistiam em 32 mil de armamento pesado e 8 mil tropas de armas leves. A infantaria pesada era formada por 8 mil líbios, entre 4 mil e 6 mil espanhóis, e entre 18 mil e 20 mil celtas.

Cada lado tinha estado em Canas tempo suficiente para reconhecer o terreno e fazer seus planos para a batalha. Cada lado lutou de acordo com seu jeito de guerrear. A simplicidade brutal marcou o plano romano. O exército de Aníbal se movia com a astúcia de um lutador que, com um olhar fingido ou um movimento enganador de mão, esconde de seu oponente a verdadeira direção de seu ataque.

Os romanos organizaram sua infantaria em uma formação convencional paralela. O exército romano estava virado para o sul, com a cavalaria pesada romana ancorada perto do rio, na ala direita; a cavalaria pesada aliada estava na ala esquerda. A infantaria foi colocada no centro, organizada em uma formação paralela convencional, mas com um detalhe importante e incomum. Os romanos agruparam as companhias (manípulos) bem juntas, para uma formação de infantaria que era especialmente profunda e estreita. O resultado era criar um aríete humano virtual, dirigido contra o centro das linhas de Aníbal.

A ordem condensada das tropas também mostrava a inexperiência dos soldados romanos. Como os romanos tinham montado um enorme exército,

que consistia principalmente em recrutas novatos, talvez a única forma de manter a ordem no campo de batalha fosse agrupá-los. Os homens mais experientes estavam agrupados no centro, fornecendo uma base sólida, enquanto os menos experientes estavam nas alas. O cônsul Varrão comandava a ala esquerda, enquanto o outro cônsul, Paulo, comandava a direita; os dois ex-cônsules do ano anterior comandavam o centro.

A infantaria romana em Canas estava montada com uma profundidade de 50 a 75 fileiras. A largura da infantaria era entre 1,5 e 2 quilômetros, com a cavalaria cobrindo outros 800 metros, formando um total de 2,5 a 3 quilômetros. Aníbal tinha muito menos homens, mas precisava cobrir a mesma fachada ou se arriscaria a ter o inimigo atacando seus flancos.

Os generais romanos ainda estavam pensando na batalha anterior em vez de focar nas novas condições, como deveriam. Sabiam o que tinha funcionado em Trébia e queriam tentar novamente, mas melhor. Quer dizer, eles tinham rompido o centro cartaginense com sua infantaria em Trébia, então decidiram apostar em Canas na ruptura do centro novamente com sua infantaria. Contra um oponente comum, isso poderia ter funcionado.

Mas Aníbal estava sempre melhorando suas táticas. Ao contrário dos romanos, ele *tinha* aprendido algo da história. Em Trébia, Aníbal quis sacrificar seu centro para ganhar nas alas. Em Canas, ele também sacrificaria seu centro, mas não para ganhar nas alas. Em vez disso, manteria suas alas na reserva e, depois, faria que atacassem para dentro, contra os flancos das tropas romanas que estariam avançando. Era uma manobra complicada e arriscada que só um exército profissional, com soldados veteranos e uma sólida rede de oficiais subordinados, poderia realizar.

Ao contrário dos romanos, Aníbal trabalhava quase que inteiramente com veteranos. Nenhum africano ou espanhol novo tinha se juntado a seu exército desde o começo da guerra; só os celtas poderiam ter fornecido novos recrutas, como provavelmente fizeram.

Em Canas, Aníbal criou uma brilhante variação de táticas antigas. Ele organizou seu centro em forma de crescente, voltada contra o inimigo. Ele preencheu o centro com a infantaria, os espanhóis e os celtas. Fizeram, conta Políbio, “uma aparição estranha e aterrorizante”, brandindo grandes espadas e alternando as companhias, os celtas com o peito de fora e os espanhóis usando túnicas de linho bordadas de roxo. Mas não eram as melhores tropas de Aníbal – esta honra era dos líbios, que estavam nas duas alas. Experientes,

leais e duros como pedra, os líbios também tinham a vantagem de usar armas e armaduras de altíssima qualidade, selecionadas entre o saque de 50 mil tropas romanas mortas ou capturadas desde que Aníbal tinha cruzado os Alpes.

A cavalaria desempenhou um papel crucial no plano de Aníbal. Sua cavalaria pesada, composta de espanhóis e celtas, estava no flanco esquerdo, perto do rio e em frente à cavalaria romana. Sua cavalaria leve, de numídios, estava no flanco direito. Aníbal e seu irmão Magão comandavam o centro da infantaria. Asdrúbal (não o irmão de Aníbal) comandava a cavalaria pesada à esquerda, enquanto Hanão liderava a cavalaria leve à direita. Maharbal comandava a força reserva da cavalaria. O exército de Aníbal estava voltado para o norte.

Manhã sangrenta

Provavelmente ao redor das 9h ou das 10h da manhã começou a batalha. As batalhas antigas normalmente começavam com escaramuças entre as tropas leves, e Canas não foi exceção. Os experientes cartaginenses com fundas e dardos derrubaram os melhores romanos. Então, os sobreviventes de cada lado recuaram para as fileiras da infantaria, deixando uma visão incrível: uns 100 mil homens a pé ou a cavalo, dispostos a lutar até a morte. O maior exército de cidadãos-soldados que o mundo já tinha visto estava a ponto de marchar contra um dos dois ou três exércitos mais profissionais da Antiguidade. No verão, a planície apuliana é quente e seca, e a marcha dos homens sem dúvida levantou uma enorme nuvem de poeira.

A cavalaria entrou em choque primeiro. A cavalaria pesada de Asdrúbal na ala esquerda cartaginense atacou a cavalaria romana. Batalhas da cavalaria nesse período normalmente consistiam em uma série de ataques e perseguições, com reservas entrando para permitir que cada lado se reorganizasse e atacasse de novo, até que finalmente o perdedor fugisse. Não em Canas. Presa em um espaço estreito ao lado do rio, a cavalaria romana tentou manter sua posição, mas os cartaginenses eram mais numerosos, mais experientes, mais bem treinados e mais confiantes. Muitos dos cavaleiros romanos desmontaram e tentaram lutar a pé. Foi um movimento desesperado, fazendo Aníbal comentar que eles poderiam muito bem ter se entregado para seus homens. O que sobrou da cavalaria romana fugiu.

Do lado direito cartaginense, a cavalaria leve sob o comando de Hanão aguentou o ataque da cavalaria pesada aliada dos romanos. De repente, a cavalaria pesada de Asdrúbal apareceu para ajudá-los. Parece que, depois de derrotar a cavalaria pesada romana, eles conseguiram cavalgar por trás do exército romano até chegar a seus camaradas na ala oposta. Foi um prodígio de coordenação e comando. A cavalaria aliada dos romanos fugiu. O exército romano já não tinha mais nenhuma cavalaria. Para eles, Canas era agora uma batalha exclusivamente de infantaria – e já estava a caminho.

Enquanto as cavalarias se enfrentavam, as legiões romanas tinham avançado. A infantaria romana empurrava os celtas e espanhóis no centro da linha cartaginense. Com muito menos soldados, os celtas e espanhóis iam recuando com cuidado, mudando sua posição de uma crescente externa e passando a uma curva interna. Como declaramos no Capítulo 1, todo o plano de batalha de Aníbal dependia de que a linha de infantaria se curvasse sem quebrar. Os celtas e espanhóis tiveram de aguentar tempo suficiente para sua cavalaria neutralizar os cavaleiros romanos, pois, nesse ponto, as tropas líbias nas alas entrariam em ação. Os celtas e espanhóis tinham de manter um recuo ordenado enquanto observavam seus soldados morrendo ao redor. Os números de mortos de Aníbal mostram como foi pesado o fardo de sua linha central: 4 mil dos seus 5,5 mil soldados mortos eram celtas.

O famoso amor dos celtas pela batalha pode ter feito que ficassem no campo de batalha, mas só o treinamento profissional e oficiais experientes poderiam ter mantido essa ordem – isso, e a presença do próprio Aníbal entre eles, em cima de um cavalo e protegido por um anel de guardas pessoais, mas perto o suficiente da frente para correr riscos.

Nove de cada dez exércitos nunca teriam sido capazes de executar a manobra. A maioria das forças teria quebrado com um golpe tão forte como o que os romanos deram. Mas o exército de Aníbal não só dobrou sem quebrar, como também executou uma série de contramanobras incríveis e devastadoras.

Os romanos avançaram tanto contra o centro inimigo que marcharam ao lado dos dois contingentes de líbios em seus flancos. Quando isso aconteceu e quando chegou o sinal de que os cartaginenses tinham demolido a cavalaria romana, os líbios receberam a ordem de entrar na batalha. Eles marcharam para dentro contra o inimigo. Com a frente líbia pressionando o flanco romano (e sem cavalaria para proteger este flanco), os romanos estavam

muito vulneráveis. Acima de tudo, os romanos estavam cansados; os líbios, descansados.

Sinfonia sangrenta

Mesmo assim, o que aconteceu em seguida não estava previsto. Se os flancos romanos consistissem em tropas veteranas e se tivessem um bom comando, então pelo menos algumas unidades poderiam ter virado e enfrentado os líbios. Mas os flancos eram as legiões mais novas e menos experientes. Eles provavelmente entraram em pânico e fugiram para o centro, derrubando as tropas mais experientes que estavam ali. Isso explica melhor por que o empurrão romano contra o centro cartaginense perdeu fôlego, apesar de que o cônsul romano Paulo cavalgou de seu lugar à ala direita, em uma tentativa vã para incitar seus homens.

Para os líbios, o que se seguiu foi, como diz Lívio, “um massacre em vez de uma batalha”. Para os romanos pegos no aperto de Aníbal, foi uma prévia do inferno. Todo sentido foi atormentado. Os sons incluíam trompas e trombetas, gritos de guerra em uma meia dúzia de linguagens, o baque de dezenas de milhares de pés marchando, o trovão dos cascos, o choque das espadas e os gritos dos moribundos. O cheiro ia do fedor das entranhas sangrentas até o cheiro mais comum de suor, vômito, urina e fezes. O calor terrível do meio do verão no sul da Itália, sob o peso das armas e das armaduras, tocava todo mundo e deixava um gosto seco na boca. A poeira levantada pelo vento sul deixava alguns cegos; outros tinham uma visão clara do campo coberto com tanto sangue e cadáveres que era difícil ficar de pé.

E havia ainda a cavalaria de Asdrúbal. Depois de vir ajudar os homens de Hanão contra a cavalaria aliada, eles deixaram que a cavalaria leve terminasse o que sobrava dos cavaleiros inimigos. Agora, em um movimento de comando extraordinário, Asdrúbal fez seus homens cavalgarem contra a retaguarda da infantaria romana. Os cavaleiros de Asdrúbal atacaram os romanos várias vezes, de muitas direções diferentes. Foi outro golpe contra o moral do inimigo. Se os romanos fossem mais experientes e tivessem melhores líderes, poderiam ter escapado disso também. Mas não foi assim.

Com esse movimento, os cartaginenses fecharam o cerco. Entre as infantarias celta e espanhola na frente, os líbios nas alas e a cavalaria de Asdrúbal na retaguarda, os romanos estavam cercados. Foi um envolvimento

completo, o que fez de Canas um clássico da arte militar. Muitos admiraram a batalha, entre os mais famosos, o general alemão Alfred Graf von Schlieffen, que criou uma nova Canas em maior escala para cercar todo o exército francês em algumas centenas de quilômetros em 1914 – mas quando tentou seu plano, este falhou.

Muitos romanos morreram: uns 48 mil, se não foram mais, que era mais da metade do exército romano. Alguns deles ainda estavam vivos na manhã seguinte, mas os soldados cartaginenses vagaram pelo campo de batalha e mataram os feridos. Poucas batalhas na história humana produziram algo parecido a essa carnificina.

A lista dos mortos era um "quem é quem" da elite romana. Incluía 80 senadores ou homens elegíveis para serem membros no Senado; 29 coronéis (para dar o cargo equivalente dos tribunos militares); numerosos ex-cônsules, incluindo um dos cônsules do ano anterior; e o cônsul Paulo, um dos comandantes do exército romano. Nenhum nome dos mortos cartaginenses ficou registrado, mas eles podem ter incluído comandantes seniores – pois, se eles eram bons, arriscaram suas vidas para liderar seus homens, como muitos ainda fazem hoje.

Canas foi um triunfo para Aníbal. Isso demonstra as muitas facetas de sua supremacia na batalha: sua agilidade e boas decisões, sua sofisticação tática e refinamento, seu sentido de tempo e ritmo, seu domínio da decepção, sua superioridade na infraestrutura, sua habilidade de escolher os oficiais certos e de colocá-los no lugar apropriado – livres o suficiente para que pudessem tomar a iniciativa, mas controlados o suficiente para que seguissem seu plano – e sua habilidade de fortalecer o moral de todo seu exército. A Divina Providência jogou um papel também. Aníbal conduziu a batalha como uma sinfonia; no final, nenhuma nota desafinou.

Canas foi a maior vitória de Aníbal. Foi também a derrota mais sangrenta na história romana. Cidadãos-soldados inexperientes não eram páreos para profissionais endurecidos liderados por um general brilhante. Exércitos romanos amadores tinham levado uma cidade-Estado a dominar a Itália e o Mediterrâneo central. Agora, no entanto, a forma romana de guerrear tinha acabado. Quando o sol se pôs em 2 de agosto de 216 a.C., muitos podem ter se perguntado: Roma estava acabada?

Entre eles não estava Públio Cornélio Cipião. Este jovem tribuno militar (coronel) era um dos poucos soldados romanos que sobreviveram – uns dos

15 mil dos 86 mil iniciais. Outros 19 mil homens foram capturados, o que deixa uns 4 mil soldados cujo destino é desconhecido. Como muitos dos fugitivos romanos de Canas, Cipião procurou refúgio em Canusium – que estava próxima, em uma colina defensável e leal a Roma. Ali, ele reanimou os vacilantes e os desanimados, prometendo que Roma voltaria a se levantar.

O destino daria a Cipião a chance de cumprir essa promessa.

FARSALA

A antiga Tessália era conhecida por suas bruxas e pela guerra. As bruxas supostamente aproveitavam o poder da lua. Os guerreiros usavam a vantagem da terra. Uma região no centro da Grécia, Tessália apresentava uma planície que era feita para o choque de exércitos: ampla e plana, cortada por rios. Um anel de montanhas fecha a região, como se quisesse acentuar o drama. Foi aí que César e Pompeu estabeleceram seu feudo.

Dias de decisão

Os trinta dias do começo de julho até o começo de agosto de 48 a.C. (começo de maio a junho pelo calendário solar) decidiram a disputa entre Pompeu e César. Pompeu contava com a fome e a miséria para enfraquecer o inimigo a ponto de que seu exército pudesse dar o golpe final – se seu oponente não colapsasse sozinho. Ele não contava com a capacidade de César de fazer o impossível.

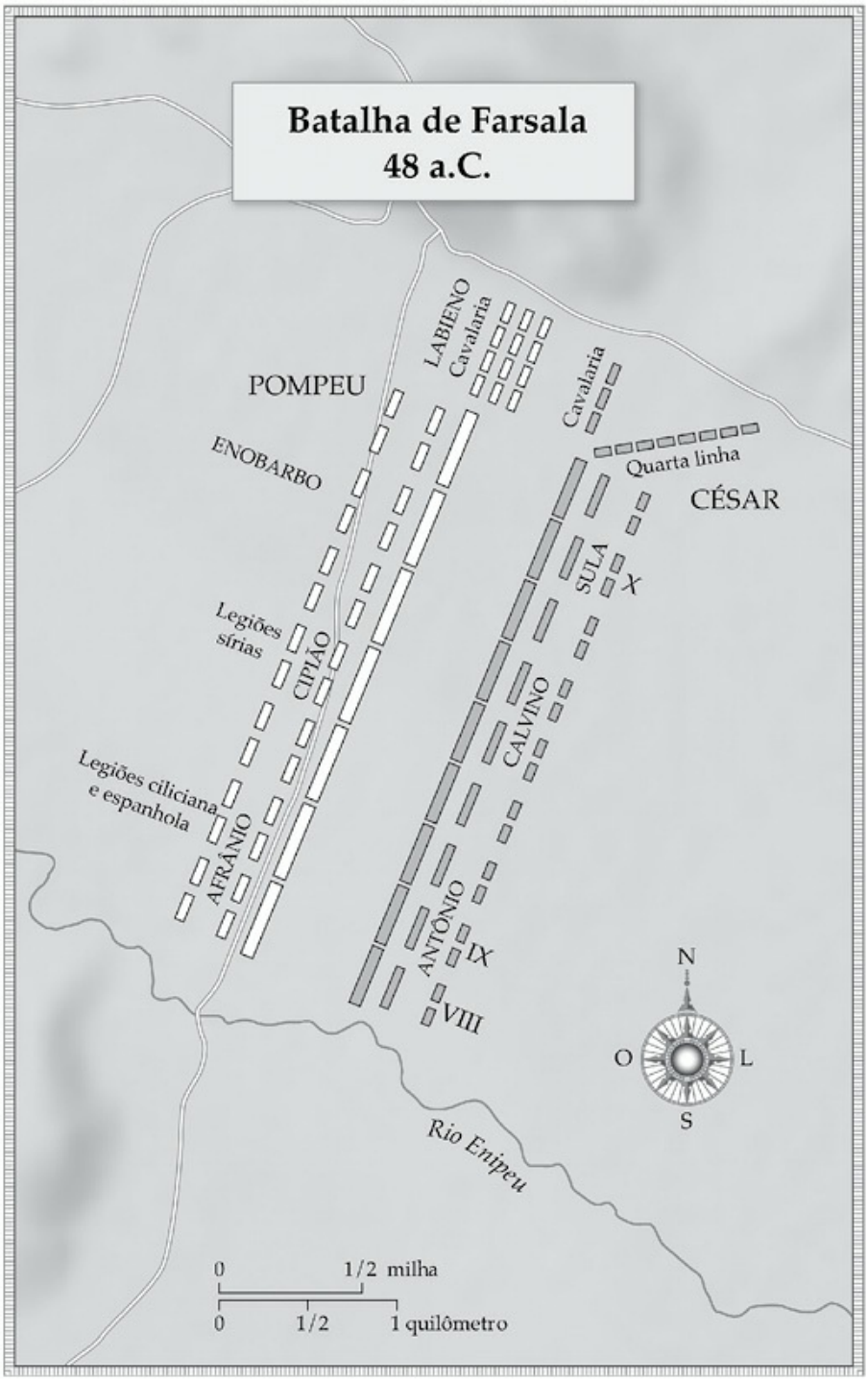
Tendo animado suas tropas vencidas em Dirráquio, César rapidamente marchou com elas pelo terreno miserável, incluindo 320 quilômetros pelos montes Pindo e pela Tessália. Ele então garantiu comida para seus homens famintos de uma maneira dura, brutal e eficiente. Espalhou-se a notícia sobre a derrota de César em Dirráquio, e a maioria das cidades, mesmo as aliadas de César, agora temia Pompeu e abria seus portões a ele. Então César abriu uma ele mesmo.

Escolheu a pequena cidade de Gomfoi, estrategicamente localizada na principal passagem para a Tessália, a partir do oeste. Gomfoi era rica e cheia de suprimentos. As autoridades imploraram ajuda à Pompeu, mas ele ainda não tinha chegado a Tessália, o que abriu espaço para César. Só demorou uma tarde para seu exército derrubar as paredes. Dessa vez, eles tiveram a

permissão do comandante para saquear e foi o que fizeram. Os soldados comeram e beberam muito, descontando sua frustração nos moradores locais. Vinte dos líderes da cidade foram encontrados mortos na botica; preferiram tomar veneno a enfrentar os homens de César. Assim que se espalhou a notícia, os povos de todas as cidades da Tessália abriram seus portões, exceto Lárissa, que tinha uma substancial guarnição pompeiana para protegê-la. Com um golpe, a política de terror de César tinha levantado o moral de seu exército e conseguido aliados e suprimentos.

Os homens de César, bêbados e inchados, teriam sido um alvo fácil para Pompeu, mas ele estava a uma semana, mais ou menos, deles. Ao contrário de César e sua marcha forçada pelo inferno, Pompeu fez um progresso imponente pela Tessália, do leste pela via Egnatia e, depois, para o sul por uma rota relativamente fácil até a cidade de Lárissa. Pompeu demorou, mas demonstrar autoconfiança poderia ter parecido mais importante para ele do que correr e negar alguns dias de descanso para um inimigo muito ferido.

Gostaríamos de saber o que Pompeu estava pensando durante esse período crucial, mas o general nunca contou sua história. César e seus aliados dominaram o registro escrito. Como é frequente na história antiga, temos de ler as entrelinhas e aplicar o bom senso para chegar a uma história satisfatória. Aqui está minha reconstrução da batalha.


Batalha de Farsala
48 a.C.
POMPEU
LABIENO
Cavalaria
Cavalaria
ENOBARBO
Quarta linha
CÉSAR
SULA
X
Legiões
sírias
CIPIÃO
CALVINO
Legiões ciliciana
e espanhola
AFRÂNIO
ANTÔNIO
IX
VIII
N
O
L
S
Rio Enipeu
0
1/2 milha
0
1/2
1 quilômetro

Quando César saiu de Dirráquio, Pompeu consultou seus colegas. Afrânio, um dos generais que tinha perdido a Espanha, propôs irem para o oeste: usar o comando do mar para reconquistar a Itália, empregar isso como uma base para tomar a Gália e recuperar a Espanha, depois finalmente ir atrás de César. Pompeu recusou esse conselho. Ele reconheceu, corretamente, que seu objetivo estratégico não era território, mas o exército de César. Politicamente, a base de Pompeu estava no leste, e, se ele mandasse suas forças para o oeste, alguns dos seus apoiadores poderiam retirar seus homens e cortar o fornecimento de dinheiro.

Pompeu também considerou os reforços que tinham chegado à Grécia. Enquanto estava em Dirráquio, ele pediu ao governador da Síria, Metelo Cipião, que trouxesse duas legiões veteranas para a Grécia, e elas já estavam ali. Tinham enfrentado as forças que César enviou ao leste de Dirráquio para encontrá-los: duas legiões sob o comando de Lúcio Domício Enobarbo, que derrotou Cipião em uma escaramuça, e uma legião sob o comando de Lúcio Cássio Longino, que Cipião derrotou em outra. Claro, Pompeu poderia ter evacuado as legiões de Cipião por mar, mas isso teria custado prestígio e, novamente, concedido o Oriente a César.

Além disso, Pompeu acreditava que era possível derrotar o exército de César na Grécia. Ele ainda esperava evitar uma batalha campal porque os soldados de César eram “homens disciplinados e desesperados”. Assim, Pompeu fez “o cálculo mais prudente para prolongar a guerra e derrotar o inimigo pela fome no dia a dia”. Mas, diferentemente de antes, ele agora estava disposto a pensar o impensável.

As fontes tendem a culpar os conselheiros de Pompeu e sua própria fraqueza por ouvi-los. Impulsivos e desconhecedores da guerra, achavam que César estava terminado, só era preciso que Pompeu desse o golpe final. Alguns tinham perdido suas fortunas e estavam loucos para colocar as mãos nas propriedades dos apoiadores de César. Muitos não confiavam em Pompeu e seu ego: ele era “mais reservado, não melhor” do que outros tiranos e futuros tiranos, como falou Tácito. Os tenentes de César lutavam por César; os de Pompeu lutavam pelo governo senatorial. Havia conversas sobre se desfazer de Pompeu assim que tivessem terminado com César.

Também acusavam Pompeu de arrastar a guerra por mais tempo do que o necessário. Domício Enobarbo, o homem que perdeu Corfínio um ano antes,

desdenhava, afirmando que Pompeu era um segundo Agamenon, referindo-se ao pomposo comandante supremo em Homero cujo poder durou somente até a guerra contra Troia. Outro senador, Marco Favônio, reclamava que, graças à lentidão de Pompeu, eles nunca voltariam à Itália em tempo para comer os figos daquele ano. Alguns dos aliados orientais de Pompeu se juntaram ao coro e exigiram uma batalha campal.

Finalmente, Pompeu desistiu, como o capitão de um navio entregando o leme em uma forte tempestade – como afirmou Lucano mais tarde. Pompeu concordou em lutar uma batalha campal. A questão é: isso foi uma fraqueza de caráter ou uma decisão bem pensada? Se foi a segunda, foi um raciocínio militar ou político? As fontes oferecem vários motivos. Um escritor diz que Pompeu viu o perigo da batalha, mas seus homens o forçaram a seguir. Um segundo discorda e conclui que o problema foi a necessidade que Pompeu tinha de agradar assim sua sede de glória. Outro autor diz simplesmente que algum deus enganou Pompeu.

É difícil acreditar que o homem que havia enfrentado César em Dirráquio cedeu a Favônio e seus comentários logo que o exército estava em Tessália. O mais provável é que Pompeu tenha mudado de ideia, meio por esperança e meio por medo. Em sua análise, Cícero diz que Pompeu tinha finalmente começado a confiar em suas tropas depois de seus recentes sucessos; esqueceu que eram somente um conjunto de homens inexperientes e unidos às pressas. Mas Cícero escreveu em retrospectiva, dois anos depois.

Na época, Pompeu poderia ter sentido que era agora ou nunca. Ao entregar a César um espaço de recuperação na Tessália, Pompeu cometeu um erro. O exército de César não estava, obviamente, morrendo de fome, mas tinham que continuar se movendo para encontrar novos suprimentos. Com a colheita a ponto de ser feita, eles logo seriam capazes de se alimentar por meses, e então, poderiam desencadear a ruína. Pompeu sabia que, enquanto César estivesse vivo, ele seria perigoso e imprevisível.

Enquanto isso, era pouco provável que seu próprio exército melhorasse. Tinha acabado de ganhar duas legiões veteranas sob o comando de Metelo Cipião. Isso e o impulso depois de Dirráquio tinham fortalecido sua posição – por enquanto. Com os comandantes forçando em direções opostas, Pompeu provavelmente se perguntava quanto tempo essa força atual iria durar. Ele poderia se confortar com o que o desertor Tito Labieno, ex-tenente de César, afirmava: que o exército de César não era mais a força que tinha conquistado

a Gália. A lógica militar e política também dizia a Pompeu que lutar uma batalha campal era a melhor das várias alternativas ruins. O julgamento de Pompeu era inteligente, razoável e errado.

Na verdade, é difícil convencer um exército orgulhoso, bem alimentado e com bons suprimentos a *não* lutar. Memnon tentou e não conseguiu defender sua posição antes do Grânico; Fábio encontrou o mesmo destino antes de Canas; agora era a vez de Pompeu.

Então, no final, Pompeu se permitiu o luxo da esperança. Os escritores clássicos sobre a guerra teriam ficado arrepiados. “A esperança é um pacificador para o perigo”, escreveu Tucídides. A guerra, como ele sabia, recompensa o realismo e pune os sonhos. No escuro das 3h da manhã da alma, Pompeu e César se olharam. César olhou para trás; Pompeu vacilou.

A crise dos chefes

Farsala está no coração da Tessália, na parte sul da planície tessália central, com estradas de leste-oeste e norte-sul. As montanhas estão bem ao sul da cidade, enquanto o rio Enipeu flui ao norte dela, e os contrafortes das outras montanhas sobem pelo norte: o vale está a uns 8 quilômetros de Farsala, enquanto vai se estreitando para o leste e abre para o oeste. Foi na vizinhança de Farsala que Pompeu e César se encontraram para a batalha campal. A batalha provavelmente aconteceu ao norte do rio: entre o Enipeu e as colinas perto da moderna vila de Krini e do monte Dogandzis. A data era 9 de agosto de 48 a.C., pelo calendário romano; 6 de junho de 48 a.C., pelo calendário solar de hoje. Era um dia quente de verão.

Para entender a batalha, primeiro precisamos voltar o calendário algumas páginas para a chegada de cada exército separado na área. César chegou ali primeiro. Uns sete dias de distância de Gomfoi, César montou seu acampamento fora de Farsala na planície fértil. Era um terreno aberto e plano, onde seus homens podiam facilmente colher os grãos que estavam amadurecendo. Talvez ele tivesse colocado seu quartel-general em uma colina baixa com uma boa visão do campo. Estava perto da estrada que ia para o norte até Lárissa, do quartel-general de Pompeu na Tessália, e bem ao norte do cruzamento do rio Enipeu. Esse ponto estratégico dava a César o controle do terreno: não só de Farsala e da metade sul da planície, mas também do caminho ao sul para a Beócia e suas ricas plantações. Era um

lugar bom para esperar por Pompeu. Ele chegou alguns dias depois e acampou nas colinas vários quilômetros ao norte.

Durante vários dias, César tentou provocar Pompeu para que descesse das montanhas e lutasse na planície. César alinhou seus homens para a batalha no terreno baixo, enquanto Pompeu organizou os seus nos contrafortes. Pompeu se recusou a descer, talvez porque estivesse esperando que os homens de César ficassem famintos e desesperados o suficiente para atacar um inimigo num terreno alto. Quando eles se recusaram, Pompeu finalmente enviou seus homens até a planície para lutar em 9 de agosto.

Era de manhã cedo. César tinha desistido de lutar ali. Tinha decidido mudar seu acampamento para uma cidade na colina, uns 18 quilômetros ao nordeste, onde esperava encontrar mais comida. Os homens já estavam desmontando suas barracas quando, de repente, os batedores informaram a mobilização do inimigo. César tomou uma rápida decisão e organizou seus homens: eles teriam de mudar os planos e se preparar para a batalha. Uma fonte afirma que César disse a seus soldados que eles finalmente poderiam lutar contra outros homens em vez de ter que brigar com a fome e a necessidade. O próprio César afirma que suas palavras foram: “Devemos estar prontos em nossos corações para a luta. Não vamos ter uma chance como esta de novo”. Ele mandou que uma túnica roxa fosse pendurada na barraca do comandante, o sinal romano para a batalha, e, ao ver isso, seus homens supostamente gritaram de alegria. Não era um exército comum – eram os homens de César. Raramente na história, a liderança de um homem conseguiu unir tanto seus homens.

Era o momento que César estava esperando. Era a batalha suprema. Era, como disse o poeta Lucano, *discimina ducum:* “a crise dos chefes”.

Os dois exércitos se alinharam em um eixo mais ou menos de norte a sul, limitado ao norte pelas colinas, e pelos terrenos pantanosos perto do Enipeu ao sul. As linhas de batalha se esticavam por uns 4 quilômetros. Os cesarianos estavam no leste, os pompeianos no oeste. César tinha uns 22 mil soldados de infantaria pesada de 8 legiões e mil cavaleiros. Também havia tropas com armas leves do norte da Grécia.

César organizou seus homens na formação romana padrão: três linhas, com as melhores unidades nos flancos. As maltratadas Legiões VIII e IX estavam combinadas em uma única unidade no flanco esquerdo, comandadas por Marco Antônio. A melhor legião de César, a Décima, mantinha o flanco

direito, sob o comando de Públio Sula. Domício Calvino comandava o centro. César juntou sua cavalaria no flanco direito. Deixou outros 2 mil soldados de infantaria pesada para guardar seu acampamento.

Pompeu tinha um exército muito maior, de uns 7 mil cavaleiros e, talvez, uns 45 mil soldados de infantaria pesada: 9 legiões romanas e os melhores contingentes aliados gregos. Pompeu também organizou sua infantaria em três linhas. Ele colocou suas melhores legiões estrategicamente: no flanco esquerdo, as duas legiões que tinham lutado antes contra César, comandadas por Domício Enobarbo; no meio, as duas legiões sírias sob Cipião e, no flanco direito, uma legião de Cilícia (sul da Turquia) junto com tropas trazidas da Espanha, todas comandadas por Afrânio. Entre suas melhores unidades, Pompeu também tinha o resto de sua infantaria pesada, incluindo 2 mil "beneficiários", oficiais juniores que ele mesmo tinha promovido. Colocou talvez 4 mil soldados da infantaria pesada guardando seu acampamento e os fortes ao redor.

Os dois comandantes, em cima de seus cavalos, passaram a maior parte da batalha de frente um para o outro. Pompeu em seu flanco esquerdo, César no direito.

A maioria dos legionários nos dois exércitos eram cidadãos romanos, italianos por origem mesmo que não fossem residentes atuais, já que muitos tinham se estabelecido no Oriente. As duas cavalarias tinham muitas misturas. Os cavaleiros de César eram na maioria gálios ou germanos. A cavalaria de Pompeu incluía um grande contingente de aristocratas romanos, os filhos de senadores e cavaleiros. Mas também continha milhares de homens do Oriente, representando um grupo diverso de povos da Grécia ao Egito, uns poucos deles também reis e príncipes. Era um casaco de muitas cores.

Sempre tático, Pompeu planejou uma batalha excepcional. Ele sabia que sua infantaria não poderia vencer os veteranos de César, mas avaliou que não precisaria. Tendo perdido a oportunidade de usar a cavalaria em Dirráquio, Pompeu decidiu apostar tudo nela agora. Alavancaria a superioridade de sua cavalaria em termos de números, equipamentos e suprimentos. Acrescente-se a isso suas tropas de infantaria leve: fundas e arcos, a maioria de gregos, sírios ou outros orientais.

O plano de Pompeu era reunir a maior parte de sua cavalaria no flanco esquerdo: uns 6 mil homens, comandados por Tito Labieno. O resto da

cavalaria de Pompeu, uma pequena força de 600, guardava seu flanco direito. No começo da batalha, Labieno e seus 6 mil cavaleiros atacariam o flanco direito de César e, depois, circulariam por sua retaguarda. Ao mesmo tempo, vários milhares de fundeiros e arqueiros – a artilharia da época – atacariam de longe e diminuiriam o poder das linhas inimigas. Os cavaleiros de Labieno destruiriam a insignificante cavalaria de César, atacariam a infantaria inimiga pelos lados e causariam pânico. Seria necessária uma série de ataques, retiradas e ataques renovados, mas, no final, a cavalaria dobraria a ala direita do inimigo e a empurraria para o centro.

Pompeu deu a suas legiões uma tarefa mais simples: aguentar o inimigo. Normalmente, a infantaria romana começava uma batalha atirando seus dardos e avançando e, depois, usando as espadas. Mas, em Farsala, Pompeu deu uma ordem incomum: mandou que as legiões ficassem paradas. Um avanço regular poderia fazer que as linhas inexperientes de Pompeu caíssem na desordem. Ele esperava que, paradas no lugar, elas pudessem romper o ímpeto do ataque de César enquanto mantinham sua boa organização. Isso faria que os homens de César fossem obrigados a marchar para chegar até eles, o que poderia cansar o inimigo. Enquanto isso, a imobilidade de seus homens poderia facilitar o uso de seus escudos contra os dardos do inimigo. Eles até conseguiriam contra-atacar, mas o principal era fornecer um forte muro enquanto a cavalaria de Pompeu e as tropas com armas leves atacavam os homens de César.

Teria sido um bom plano se os cavaleiros fossem os experientes homens de Alexandre ou Aníbal. Ou, melhor, teria sido um bom plano, mas faltava o elemento do engano. Podemos questionar o que Labieno achou disso, porque, na Gália, ele tinha sido mestre em enganar o inimigo. Nenhum truque agora. César, que podia ver o que Pompeu estava fazendo com sua cavalaria, sabia como responder. Ele retirou alguns indivíduos da terceira linha de suas legiões e formou uma quarta linha, algo incomum, que posicionou atrás de sua cavalaria, provavelmente em um ângulo oblíquo. Isso enfraqueceu a terceira fileira, mas, como sempre, César estava disposto a correr o risco. O inimigo não conseguia ver a quarta linha, o que significava que César poderia acrescentar surpresa às vantagens de sua terrível nova arma. O profissionalismo sem igual de suas tropas permitia que César pudesse correr riscos, mas era um movimento de suprema audácia, algo que só um comandante excepcional teria ousado fazer.

Uns 80 mil homens tinham agora se alinhado contra o outro, com outros guardando os acampamentos perto. Pompeu e César, cada um em cima de seu cavalo, cavalgavam pelas fileiras com as palavras finais, incitando seus compatriotas romanos a se matarem. Os gritos dos homens e suas respostas cruzavam o vale.

Quando as trombetas tocaram, marcando o início da batalha, pouco saiu como Pompeu tinha planejado. Os legionários de César correram contra os pompeianos atirando seus dardos, mas, quando perceberam que o inimigo estava parado, também pararam. Uma amostra incrível de disciplina, a parada permitiu que recuperassem o fôlego e, depois, recomeçassem, com toda a energia. Mesmo assim, os homens de Pompeu se mantiveram parados. Presos no combate, cada lado logo trouxe sua segunda fileira para a luta. O barulho da batalha, como o poeta Lucano imaginou, incluía o peso dos gemidos, como se fossem uma imensa voz, o ressoar das armaduras contra os corpos e o som de espadas quebrando-se umas contra as outras.

A ação decisiva aconteceu no flanco direito de César. A cavalaria de Pompeu, com 6 mil homens, “suas alas espalhadas por toda a planície”, como conta o poeta, disparou contra o inimigo. Arqueiros e dardeiros seguiam a pé atrás deles, atirando tantas flechas e tão rapidamente que dava quase para imaginá-las derretendo de calor. Assim como planejado, o assalto forçou a cavalaria de César a fugir. Liderada por Labieno, a cavalaria de Pompeu reorganizou seus esquadrões e começou a cercar as linhas de infantaria do flanco exposto de César. Era o ponto mais alto do esforço de Pompeu. Então César mandou que sua quarta fileira avançasse. De repente, a cavalaria pompeiana encarou não o flanco da infantaria, mas sua frente, com uma parede de lanças de ferro no caminho. Era um obstáculo que os cavaleiros antigos nunca conseguiam superar.

“Nenhuma circunstância contribuiu mais do que essa para a vitória de César naquele dia”, escreve Frontino, “pois, assim que a cavalaria de Pompeu fugiu, essas tropas se viraram para um ataque inesperado e se juntaram ao resto das tropas para o massacre”.

A chave para a vitória, de acordo com algumas fontes, foi o que César disse aos soldados da infantaria: mirem no rosto do inimigo, com o princípio de que a vaidade vai fazer que os cavaleiros de elite se virem e fujam. Mas isso não era nada novo; os homens de Alexandre também miravam no rosto do inimigo. O mais provável é que a causa real da derrota de Pompeu tenha sido

o pânico. Quando a cavalaria se encontrou com o inesperado obstáculo da quarta linha de César, provavelmente perdeu a coragem. Homens experientes poderiam ter recuado com tranquilidade, se reorganizado e atacado de novo, quando o inimigo desse uma abertura. Não os novatos de Pompeu. Já tinham perdido a disciplina e a formação; tudo que sobrava era uma corrida louca para sua segurança. Se Labieno tentasse colocar a cavalaria de volta em formação, para atacar a quarta linha de César pela retaguarda, teria sido uma tentativa em vão.

E foi isso. A quarta linha de César massacrou os arqueiros e dardeiros que tinham sobrado. Então, um modelo de disciplina, eles se viraram e atacaram o flanco esquerdo da linha de infantaria de Pompeu, vindo pela retaguarda. César, enquanto isso, ordenou que sua terceira linha de legionários saísse da reserva e entrasse em ação. A infantaria de Pompeu estava, então, sob o ataque de dois lados e, em um deles, atormentada por tropas descansadas. Era demais: depois de uma lenta retirada a princípio, os pompeianos saíram correndo.

Quando percebeu a ruína de seu inimigo, dizem que César falou: “Eles quiseram isso. Apesar de todas as minhas conquistas, eu, Caio César, estaria condenado se não tivesse pedido a ajuda do meu exército”.

Pompeu já tinha abandonado o campo de batalha e voltado ao acampamento. A batalha de Farsala, como ele bem sabia, estava terminada. A guerra, no entanto, continuaria. Era sua tarefa, naquele momento, tentar salvar o máximo de seu exército.

Brilhante estrategista, mestre nas táticas, organizador incansável, diplomata astuto, só faltava uma coisa a Pompeu: não era César. Pompeu não entendia nem a audácia nem a agilidade de César. Sabendo que o exército de César estava muito cansado, ele não podia conceber qual era a mágica da liderança de César. Quanto pior estavam as coisas, mais forte César conseguia que seus homens lutassem. Pompeu não podia imaginar César saindo de uma derrota em Dirráquio e vencendo-o em uma batalha campal. Eram necessários esforços quase sobre-humanos e foi isso precisamente o que fez César.

Fuga

As fontes pintam um quadro de Pompeu desesperado, mas é difícil confiar nelas. O mais provável é que ele tenha tentado organizar a defesa de seu

acampamento. Legionários, trácios e outros soldados não romanos mantinham as defesas, mas poucos dos soldados que fugiam do campo de batalha se juntavam a eles: a maioria continuava correndo. O sol do meio-dia estava forte e mesmo os vitoriosos estavam exaustos, mas César os incitava a continuar atacando. Os cesarianos invadiram o acampamento. Os oficiais de Pompeu lideraram o máximo de defensores que conseguiram para as colinas.

Assim que o destino de seu acampamento foi selado, Pompeu cavalgou pelo portão traseiro com uma guarda de 30 cavaleiros. Eles partiram para Lárissa.

Enquanto isso, os homens de César estavam loucos para se esbaldar com a comida e os saques de moedas de prata escondidos sob as tendas cobertas de heras no acampamento de Pompeu. César, no entanto, mandou que continuassem a perseguição – outro sinal de disciplina. Encontraram os pompeianos numa colina próxima que não tinha água e, imediatamente, começaram a cercá-los com um aterro. Mas o inimigo fugiu em direção a Lárissa. César não iria deixá-los escapar. Dividiu suas forças e deixou a maioria deles para defender seu acampamento e o de Pompeu. Usando quatro legiões, seguiu o inimigo até outra colina, alguns quilômetros distante, e fez que seus homens cansados começassem a construir imediatamente um muro para impedir a passagem deles. Com a noite começando a cair, os pompeianos, por fim, mandaram representantes para negociar uma rendição. César ofereceu termos lenientes, e o inimigo se entregou na manhã seguinte. Só uns poucos senadores tinham escapado durante a noite.

O resultado de Farsala foi, como geralmente acontece nas grandes batalhas, desigual. César perdeu somente 230 homens (incluindo 30 oficiais), de acordo com sua afirmação, mas outros escritores elevaram o número para 1,2 mil. César diz que seus homens mataram 15 mil pompeianos e aceitaram a rendição de outros 24 mil; outra testemunha estimou as perdas de Pompeu em apenas 6 mil homens. Uma coisa é certa: os mortos incluíram Domício Enobarbo, arqui-inimigo de César, que foi morto pela cavalaria de César enquanto fugia do acampamento de Pompeu para uma colina próxima. César reivindicou as honras da vitória: 180 estandartes militares e 9 águias legionárias.

No mesmo dia em que os últimos pompeianos se entregaram, César correu até Lárissa, mas Pompeu já tinha escapado. Estava fugindo para a costa, pronto para entrar em um barco e partir para o Oriente. Pompeu não tinha

intenção de desistir. Por que deveria? Ele ainda reivindicava o título de supremo comandante do Estado romano, e tinha meios de apoiar tal afirmação. Ainda tinha ao redor de 7 mil soldados em Dirráquio. Ainda comandava uma frota de 600 barcos de guerra. Ainda conhecia mais pessoas poderosas que lhe deviam favores do que a maioria dos romanos poderia sonhar em conhecer.

Assim, Pompeu escapou das mãos de César e se preparava para continuar a luta. César o seguiu, querendo terminar a guerra.

A ESSÊNCIA DA DECISÃO

Gaugamela, Canas e Farsala: esses campos de morte viram muita habilidade impressionante e muito sangue assustador. Entre 6 mil e 7 mil homens foram mortos em Farsala, em uma estimativa conservadora. Gaugamela não deve ter sido menos sangrenta, mas Canas ganha o prêmio. Com uns 55 mil homens mortos – a maioria romanos –, foi um dos dias mais sangrentos na história humana. Um pouco de alívio é pensar que, em sua maioria, os mortos eram assassinos profissionais.

Os três exércitos vencedores se moveram com graça e precisão. Os homens de Alexandre adotaram uma nova formação em batalha tão facilmente como se trocassem de par de sapatos. Os africanos de Aníbal venceram os legionários com incrível precisão. Os legionários de César pararam no meio do ataque como se estivessem fazendo um passo de dança. Tanto o exército de Alexandre quanto o de Aníbal misturaram cavalaria e infantaria tão facilmente quanto a mistura de oxigênio líquido e hidrogênio no combustível para foguete – e tão explosiva. O que a força de César, com sua cavalaria inadequada, perdia em versatilidade, recuperava em elasticidade.

A genialidade dos generais vencedores é igualmente impressionante. Cada homem analisava corretamente os pontos fortes e fracos de seu oponente e respondia com engenhosidade e determinação. Ao forçar o inimigo a um enfrentamento duro na ala direita macedônia, Alexandre se livrou da melhor cavalaria persa e abriu um caminho em direção a Dario. Ao neutralizar a cavalaria de Roma, Aníbal abriu caminho para um massacre coreografado das legiões romanas. Ao surpreender a cavalaria de Pompeu com uma frente sólida de infantaria descansada, César destruiu a capacidade ofensiva de seu

oponente.

Cada um dos comandantes vencedores mostrou uma mistura saudável de respeito e desprezo por seu inimigo. Por meio da espionagem ou da intuição, cada um deles adivinhou os planos do inimigo. César sabia que a cavalaria de Pompeu tinha os números para destruí-lo, mas estava confiante de que faltava determinação. Aníbal avaliou o poder dos legionários e sua falta de jeito. Alexandre sabia o que poderia fazer um ataque da cavalaria persa, mas tinha fé de que suas tropas de armas leves, especialistas em usar os dardos entre cavaleiros, poderia parar o inimigo.

Cada um dos vencedores correu riscos operacionais e táticos. Alexandre e Aníbal tinham sua guarda pessoal, mas lutavam na frente; César ficava um pouco mais atrás, mas estava no campo de batalha. César correu o risco de diminuir sua terceira linha de infantaria para formar uma quarta linha com o objetivo de resistir à cavalaria de Pompeu. Aníbal sabia que era difícil disciplinar seus celtas, mas ele contava com sua habilidade de manter a batalha sem recuar ou quebrar. Alexandre apostou que seu flanco esquerdo sob o comando de Parmênio poderia aguentar tempo suficiente contra o ataque inimigo até que ele conseguisse destruir Dario.

Devemos também saudar a habilidade dos vencedores de manter seus exércitos unidos. Apesar de que o exército de Alexandre não teve, em termos relativos, dificuldades na estrada para Gaugamela, eles ainda encaravam o medo, mostrado, primeiro, por um eclipse e, depois, pela visão da enorme força de Dario. Alexandre precisava reanimá-los.

A força de Aníbal tinha acabado de encarar seis meses difíceis contra Fábio. Mas essas privações não eram nada comparadas com o que tinham sofrido cruzando os Apeninos, e isso, por outro lado, não foi nada perto dos problemas de cruzar os Alpes. Assim, quando eles encararam um exército enorme em Canas, os homens de Aníbal estavam prontos.

O exército de César, provavelmente, ganha o prêmio quando falamos em privações. Entre janeiro de 49 a.C. e agosto de 48 a.C., eles cobriram mais território do que até mesmo os homens de Aníbal. Não tiveram vitórias em batalhas campais para encorajá-los e sofreram muitas perdas no cerco de Dirráquio. Raramente tinham permissão para saquear e os pagamentos em geral estavam atrasados. Depois de um mês aguentando morte, fome e exaustão, viraram tudo e tiveram uma vitória esmagadora.

Cada um dos três exércitos vencedores era em parte um bando de irmãos,

em parte uma gangue familiar. Lutavam por honra e saques. Os princípios eram opcionais. Alexandre afirmava estar realizando uma guerra de vingança e prevenção, mas nenhuma das duas afirmações era convincente: ele queria conquistar um império. César declarou que estava lutando pela liberdade e pelo status, mas a defesa do poder popular do futuro ditador soa vazia, e sua preocupação com a honra atrai poucos apoiadores hoje. A afirmação de Aníbal de autodefesa contra a agressão romana é mais persuasiva, mas é difícil separá-la do desejo de conquista.

É mais fácil hoje simpatizar com os defensores. Os persas e os romanos estavam cada um defendendo um império, que incluía sua terra natal. Pompeu era tão egoísta quanto César, mas seus apoiadores realmente acreditavam em liberdade, pelo menos quando definida como: a liberdade de uns poucos guiarem Roma para o bem comum, como eles viam.

Cada batalha via um resultado unilateral, que leva à questão de o que o perdedor estava pensando ao concordar com uma batalha campal para começar. Olhando em retrospectiva, Dario, Paulo e Varrão, bem como Pompeu, aceitaram uma luta que deveriam ter evitado. Uma estratégia fabiana de se recusar a lutar poderia ter funcionado muito bem para eles. A estratégia poderia ter dado um resultado bem diferente em cada batalha.

Em vez de levar Alexandre até Dario, os persas poderiam ter impedido que ele cruzasse o Eufrates e o Tigre. Eles poderiam ter queimado plantações e esvaziado os celeiros. Com seus ataques rápidos de cavaleiros e arqueiros, poderiam ter acossado as tropas macedônias. Enquanto isso, poderiam ter forçado Alexandre a lutar para defender cada cidade que ele queria, em vez de permitir que negociasse rendições. Resumindo, se os persas tivessem usado a estratégia fabiana, teriam transformado a Mesopotâmia em um deserto. Se Alexandre ainda conseguisse cruzá-la, poderiam ter bloqueado a passagem nas montanhas Zagros que levam ao Irã. Poderiam ter removido os tesouros de Susa e Persépolis levando-os para o leste, onde estariam seguros.

Se os persas tivessem feito que as condições fossem bem difíceis, os macedônios poderiam ter desistido. Poderiam ter forçado Alexandre a aceitar a oferta de Dario das províncias ocidentais e ido embora.

Os romanos que encaravam Aníbal tinham de fazer somente o que fizeram antes de Canas: não lutar na Itália. Deveriam ter permanecido na defensiva enquanto acossavam Aníbal e negavam suprimentos. Ao mesmo tempo, deveriam ter pressionado sua ofensiva espanhola. No final, Aníbal teria sido

forçado a deixar a Itália para defender a Espanha. Isso não teria terminado a guerra, mas, ao evitar a derrota de Roma em Canas, os aliados de Roma não teriam desertado e poderiam aumentar seus recursos para a batalha à frente.

No caso de Pompeu, as coisas poderiam ter terminado diferente se ele tivesse se recusado a guerrear. Na época de Farsala, ele tinha lançado uma ofensiva naval no oeste. Uma frota tinha atacado a Sicília, outra estava bloqueando as tropas remanescentes de César em Brundisium. Se fosse bem-sucedido, como provavelmente teria sido, iria cortar o suprimento de comida da Itália e lá também teria expulsado os apoiadores de César. A Espanha já estava mostrando sinais de agitação contra o governador de César e teria crescido com o sucesso de Pompeu.

Enquanto isso, Pompeu poderia ter frustrado César na Grécia. Imagine uma série contínua de ataques da cavalaria de Pompeu contra as tropas de César tentando evitar que colhessem grãos nos campos. César, sem dúvida, teria de retaliar, mas com homens cansados e famintos. Imagine a notícia do que acontecia no oeste chegando ao acampamento de César. Se Pompeu mantivesse seu exército unido, ele poderia ter tentado os traidores nas fileiras de César, assim como tinha feito em Dirráquio. Isso poderia ter dado a Pompeu uma abertura, mesmo que fosse um assassino, para que uma adaga terminasse a busca de César.

Se evitar a batalha campal tivesse funcionado bem, por que então os comandantes concordaram em lutar? Por um lado, não se faz história olhando em perspectiva, e não há nenhuma garantia de que uma estratégia fabiana teria funcionado. De outro, a batalha campal tem suas próprias recompensas. A cultura antiga colocava um prêmio mais alto sobre a honra do que sobre a astúcia. Recusar a batalha era arriscar perder a moral, o que poderia ter levado os indecisos a mudarem de lado. A batalha era arriscada, mas tomar uma decisão era fácil e rápido. Uma estratégia fabiana significava uma longa guerra e mais chances de que um cavalo não domado como César se opusesse obstinadamente.

Os generais perdedores não lutaram sem se preparar para um encontro com um inimigo perigoso. Todos eles montaram grandes exércitos que superavam os de seus oponentes. Dario recrutou excelentes cavaleiros, fez planos para compensar sua falta de infantaria pesada e escolheu cuidadosamente o campo de batalha. Paulo e Varrão juntaram seus legionários para compensar a inexperiência dos homens e aumentar as chances de romper a linha inimiga.

Pompeu não considerou seriamente uma batalha campal antes da primeira agressão do exército de César. Mesmo assim, ele reconhecia a fraqueza de sua infantaria e baseou seus planos na cavalaria. Resumindo, os generais perdedores tentaram exercitar a consciência, mas fracassaram.

Os vitoriosos nunca ganhariam, claro, se a Divina Providência não tivesse convencido seus inimigos a lutarem. A mesma Providência deu os recursos para que ganhassem. Eles devem uma parte de seu sucesso à disposição de um general de desatar o terror ou à reputação de se chamarem filhos de um deus. Um fator mais importante foi o profissionalismo superior – a melhor infraestrutura – do exército vitorioso. A capacidade de alimentar seus homens em uma região hostil também estava ligada à infraestrutura. Ademais, havia a questão da liderança, por meio da qual um comandante se conectava com seus oficiais e soldados. Em seguida, vinha a agilidade de criar novas táticas e a audácia de realizá-las. Finalmente, estava o bom julgamento do comandante, a combinação de intuição e experiência que o levava a fazer a coisa certa no momento certo. Nada desempenhou um papel maior em Gaugamela, Canas e Farsala em termos de virtuosismo.

No dia seguinte à batalha, a questão era o que cada um dos participantes poderia fazer para justificar a terrível carnificina. Os ganhadores conseguiriam traduzir sucesso no campo de batalha em vitória na guerra? Os perdedores poderiam reanimar suas sociedades derrotadas e continuar a guerra? Vamos tentar responder essas perguntas.

CAPÍTULO 5

Fechando o cerco

Choveu por setenta dias. Os homens de Alexandre nunca tinham experimentado nada parecido às monções indianas. A chuva pesada estava constantemente batendo em suas barracas, com trovões e raios em geral acompanhando a chuva. Em todos os lugares que os homens pisavam, parecia haver barro. Suas roupas gregas tinham desaparecido, e eles tiveram de se vestir com roupas indianas, pano de algodão branco enrolado em suas pernas. Por causa do clima e das roupas estrangeiras, os homens nunca tinham se sentido tão distante de casa.

O moral já estava baixo quando a monção terminou. As armas estavam gastas. Mesmo as ferraduras dos cavalos tinham ficado finas de tanto marchar. Os homens tinham sofrido perdas e estavam exaustos. Estavam a uns 4,8 mil quilômetros da Macedônia em linha reta – muito mais longe se você considerar o terreno difícil que tinham cruzado e a rota sinuosa que tinham tomado. Agora eles queriam empacotar os saques que tinham conquistado a um preço tão alto e voltar para casa. No verão de 325 a.C., nove anos depois que Alexandre tinha lançado sua expedição, parecia o fim da campanha.

Uns cem anos depois e a 4,8 mil quilômetros de distância, o irmão mais jovem de Aníbal, Magão, estava ouvindo o som de outro tipo de água – o Mediterrâneo. Estava levando seu barco em uma frota que cruzava de Gênova para Cartago deitado na cama, doente. Era o outono de 203 a.C. Dois anos antes, Magão tinha navegado da ilha de Minorca, saindo da Espanha, até a Itália, com 15 mil homens, em um movimento ousado para reforçar Aníbal.

Depois que conquistou Gênova e montou uma aliança local, Magão recebeu reforços de Cartago: homens, dinheiro e sete elefantes. Mas, em 203 a.C., um exército romano derrotou Magão em uma batalha perto de Milão, e ele sofreu um ferimento profundo na coxa. Foi chamado à casa para defender Cartago de uma ameaça da marinha romana.

Magão esperava que o movimento do barco fosse mais tranquilo para sua ferida que as estradas italianas. Ele queria o cuidado médico padrão disponível em Cartago. Mas morreu por causa da ferida, bem ao sul da Sardenha. O destino de Magão prognosticou um final ruim para a guerra de Aníbal contra Roma. Estava muito distante dos dias de glória de Canas.

Pouco mais de 150 anos depois e 800 quilômetros a sudoeste, na África romana (moderna Tunísia), começou outra tempestade. À meia-noite, no céu de novembro, um aguaceiro abundante, com granizo do tamanho de pedregulhos, atingiu o acampamento dos legionários de César. Como sempre, César tinha feito seus homens viajarem rápido e sem muito equipamento. Barracas de couro eram um luxo – a maioria dos homens tinha montado algo com palha, galhos e roupas. A tempestade lavou tudo e apagou as fogueiras. Os soldados só podiam vagar pelo acampamento com seus escudos cobrindo a cabeça por proteção. Um exército inimigo estava acampado perto, mas eles não atacaram. César, como sempre, teve sorte, mas havia apostado alto.

A batalha de Farsala parecia ter acontecido há muito tempo: era janeiro de 46 a.C. (novembro de 47 pelo nosso calendário), um ano e meio depois. Mas a guerra civil romana estava muito longe de terminar. Os pompeianos tinham se reagrupado depois de sua derrota. César tinha dado espaço para respirarem, porque outras questões exigiam sua atenção. Ele tinha de encontrar fundos – e Cleópatra o havia encontrado. César tinha, finalmente, se voltado contra os pompeianos só um mês antes da tempestade. Ele poderia ignorar uma tempestade; os exércitos inimigos eram outra questão.

Como essas três histórias lembram, é preciso mais que uma vitória em uma batalha campal para vencer uma guerra – mesmo que tenha sido uma grande vitória. Ganhar significa ter a habilidade de colher a vantagem estratégica posterior. As vitórias de Gaugamela, Canas e Farsala não garantiram que Alexandre, Aníbal e César terminariam bem sua guerra. Dario, a república romana e Pompeu ainda tinham os recursos para revidar.

Os desafiadores tinham de fechar o cerco.

Fechar o cerco era quando as coisas começavam a ficar bagunçadas porque

eram complicadas. A clareza que a vitória na batalha campal tinha oferecido desapareceu. Em vez disso, os grandes comandantes tinham de enfrentar um conjunto verdadeiramente desconcertante de desafios para fechar o cerco. Esses desafios envolviam um bom número de mudanças militares e políticas, de refinar a organização da tropa e as táticas para reavaliar a grande estratégia, e de conhecer os trabalhos políticos do inimigo para conquistar apoio em casa. As mudanças eram exigidas em todos os níveis de planejamento. Alexandre, Aníbal e César mostraram grandeza ao manter seus exércitos unidos e conseguir mais vitórias (mesmo com variados graus de sucesso) durante esse estágio crucial. Mas sem saber onde parar, a enormidade dos desafios logo se provaria muito grande, mesmo para eles.

ALEXANDRE

Mesmo depois de Gaugamela, Dario ainda tinha acesso a muito dinheiro e homens. Com espaço e tempo, ele poderia ter mobilizado todos eles. Para evitar que isso acontecesse, Alexandre precisava ser rápido e mortal, mas havia também algo a ser dito para um toque mais leve. Se ele deixasse os persas manterem a dignidade, poderiam aceitar sua autoridade e aceitá-lo como rei, levando a um rápido fim da guerra. A alternativa poderia ser uma longa e sangrenta luta pela Ásia central. Uma guerra ali exigiria ainda mais recursos e mobilidade, enquanto poderia levar a novos excessos em terror. Se fazer muito pouco era perigoso, fazer muito ameaçava levá-lo a um atoleiro.

Mas Alexandre apreciava o desafio. Uma longa guerra na Ásia iria drenar a Macedônia, mas revigorar Alexandre. A cada dia o velho país era menos interessante para ele. Havia novos mundos para conquistar! Nada de ser apenas o rei da Macedônia, ele agora era o rei da Ásia – e senhor da guerra. O Oriente era uma gigantesca escola de guerra, e Alexandre era um estudante aplicado.

O cálculo: a vingança de Dario

Alexandre fazia que a guerra parecesse fácil. Sua marcha pelo Irã depois de Gaugamela é um caso a ser estudado. Depois de aceitar a capitulação da Babilônia, Alexandre deixou seu exército descansar por um mês e levou suas forças para as montanhas do Irã ocidental. Como sempre, atacou o inimigo

rapidamente e com força.

Seus primeiros objetivos eram as duas capitais do inimigo, Susa e Persépolis. Susa não tinha defesas, e seu comandante entregou-se rapidamente, mas profundas passagens montanhosas protegiam Persépolis: os persas tinham a intenção de lutar. Era dezembro; a neve colocava um risco bem real para os macedônios, mas Alexandre não queria dar ao inimigo uma chance de se reagrupar, por isso seguiu com seus planos.

Para chegar a Persépolis, Alexandre precisava derrotar três barreiras separadas levantadas contra ele nas difíceis montanhas de Zagros. O inimigo conhecia o terreno e o escolheu de forma cuidadosa, com passagens montanhosas e desfiladeiros, mas as forças de Alexandre eram rápidas, com grande capacidade de mobilização e bastante cautelosas. Várias vezes eles deram a volta na posição do defensor e surpreenderam com ataques pela retaguarda. Os macedônios conseguiram impor pesadas derrotas e mataram o comandante inimigo. Persépolis capitulou.

Mais uma vez, Alexandre tinha liderado suas forças como um virtuoso; seus soldados demonstraram habilidade e versatilidade; e ele e suas tropas mostraram que audácia dá muito retorno.

Susa e Persépolis eram capitais com ricos tesouros. Entre elas, guardavam a maior coleção do mundo de ouro e prata, e agora ela pertencia a Alexandre. Ele era o orgulhoso dono de 180 mil talentos de ouro e prata – 312 toneladas de ouro e 2 mil toneladas de prata. O jovem rei tinha se tornado o homem mais rico da Terra – uma mudança impressionante para quem tinha começado sua invasão na bancarrota.

Quando Alexandre entrou em Persépolis, mostrou seu desdém pela cidade: deixou seus homens saquearem tudo, exceto o palácio real. Foi um tratamento mais duro do que em outros lugares, mas Alexandre reconheceu o status de Persépolis como o centro da religião persa. Ele queria negar ao inimigo algum terreno sagrado para conseguir atacá-lo. No final dos quatros meses que passou em Persépolis, Alexandre terminou o que sua política de saques tinha começado – queimou totalmente o palácio real. Se Alexandre era o rei da Ásia, não foi por graça dos deuses da Pérsia – esta era a mensagem que enviou ao povo da Pérsia.

Os gregos tinham uma mensagem diferente – vingança. Anos antes, quando tocaram pela primeira vez no assunto de invadir a Pérsia, Filipe e Alexandre tinham vendido a expedição aos seus aliados gregos como uma guerra de

vingança por causa da invasão persa da Grécia sob o rei Xerxes em 480 a.C. Os gregos aceitaram. Agora, com gregos e macedônios no Irã, o círculo estava quase completo. O que Atenas tinha sido para Xerxes, Persépolis era para Alexandre: o símbolo da resistência inimiga. Assim como Xerxes tinha queimado Atenas, Alexandre queimou Persépolis.

A destruição também marcava que a guerra estava chegando ao fim. Não só os gregos, mas também os macedônios tinham chegado a essa conclusão. Vingados, ricos e com um império que se estendia do Egito ao Irã, eles achavam que era hora de voltar para casa e desfrutar a vida. Mas Alexandre discordava. Proclamado rei da Ásia, ele não tinha intenção de parar antes de conquistar todo o império persa. Mas não pressionou por isso ainda, porque outra questão estava na agenda: Dario ainda estava livre. Nem mesmo o soldado com mais saudades de casa poderia ignorar isso, porque, enquanto Dario estivesse livre, seria um problema para todos eles. Dario poderia montar um exército nas províncias orientais ricas e ainda não conquistadas.

Enquanto Alexandre passou o inverno de 331 a 330 a.C. em Persépolis, Dario estava a 800 quilômetros a noroeste, na cidade de Ecbátana (moderna Hamadã). Ele tinha um pequeno exército, incluindo os mercenários gregos remanescentes – ainda leais a seu chefe – e estava tentando conseguir novas tropas do leste. Mas não havia sinal delas quando, em maio de 330 a.C., Alexandre marchou para Ecbátana; Dario fugiu para o leste com suas tropas e seus conselheiros mais próximos, os ainda leais sátrapas do Oriente do império.

Alexandre correu atrás deles, viajando centenas de quilômetros pelo Irã até chegar ao traidor deserto do nordeste. Para acelerar, Alexandre dividiu suas forças e deixou uma porção com Parmênio. Então, várias semanas depois, chegou a notícia de que os sátrapas tinham se amotinado e deposto Dario. Os legalistas fugiram para as montanhas com os mercenários gregos que sobravam. Alexandre ficou só com a cavalaria e correu atrás de Dario. Mas era tarde demais. Os sátrapas orientais tinham assassinado o rei e deixado o corpo para Alexandre. Enquanto isso, fugiram para casa. Era o verão de 330 a.C.

Se Alexandre tivesse capturado Dario vivo, poderia ter colhido uma bonança política e militar. Com sorte, Dario teria aceitado Alexandre como rei. Com um pouco mais de sorte, o resto da nobreza persa o teria seguido e admitido que a disputa havia terminado. Isso, no final, teria evitado mais

banhos de sangue e – um patriota persa poderia ter dito – daria tempo para se recuperar e planejar um eventual levante contra Alexandre. Quanto a este, teria a lealdade dos sátrapas orientais sem ter de lutar por ela.

Mas não foi assim. É até possível que os outros sátrapas achassem que isso ia acontecer e vissem como uma política desonrosa: por isso derrubaram e mataram Dario.

O maior dos sátrapas orientais era Bessos, da Báctria. Ele tinha lutado muito como comandante da cavalaria em Gaugamela. Agora, os outros sátrapas o proclamaram Artaxerxes V, rei por direito do império persa. Bessos voltou a Báctria para preparar um exército e lutar contra os invasores.

Isso deixou Alexandre com um dilema. O império persa se estendia a leste mais uns 1,8 mil quilômetros. Se ele invadisse o leste atrás de Bessos, Alexandre teria de enfrentar lutas encarniçadas, longe de sua terra natal. Se ficasse no oeste e consolidasse a lei em seu novo império, Alexandre teria de se preparar para ataques ou talvez uma grande invasão a partir do território de Bessos.

Preocupações com segurança, portanto, ditavam que Alexandre fosse atrás de Bessos. Mas segurança não era o que movia Alexandre. Eu fico pensando se Alexandre falou de uma forma tão franca como afirmam as fontes: ele não queria o cadáver de Dario; queria seu reino. Mas essa era a verdade.

Ele sabia que o império persa incluía ricas terras no leste: Ária (a província moderna de Herat no Afeganistão), famosa por sua agricultura e especialmente seu vinho; Aracósia (centrada em Kandahar, no sudeste do Afeganistão); e Báctria (aproximadamente o norte do Afeganistão), conhecida por suas terras férteis. Também havia o noroeste da Índia (o Paquistão e Punjab moderno). Esta última, uma região rica, tinha provavelmente escapado do domínio persa anos antes, mas eles ainda exerciam alguma influência ali.

Alexandre queria conquistar essas terras não só como uma zona de segurança, mas também por suas riquezas e pela glória. Em sua cabeça, Alexandre agora pertencia a um clube muito seleto: Aquiles, Héracles, Dionísio (não o deus do vinho, mas o conquistador do Oriente), Ciro, o Grande, e Semíramis (a mítica rainha assíria) eram os outros membros. Alexandre não aceitaria menos que todo o império persa. Além do mais, Alexandre era primeiro, último e sempre um rei guerreiro. Ele era excepcional na guerra e a amava mais do que qualquer outra atividade.

O coração e a cabeça de Alexandre mandavam que fosse para o leste. Os outros macedônios viam de forma diferente e deixaram isso claro quando ouviram a notícia de que os gregos iam para casa, mas eles tinham de ficar. Aconteceu assim:

Apesar de todas as suas vitórias, Alexandre sempre foi vulnerável na Grécia. Seus muitos inimigos ali estavam sempre ameaçando abrir uma segunda frente contra ele e, em 331 a.C., finalmente abriram. Liderada por Esparta, uma coalizão de cidades-Estado desafiou os macedônios comandados por Antípatro. Com 60 anos, Antípatro era um general veterano e embaixador que tinha servido a Filipe e feito amizade com o jovem príncipe Alexandre. Como rei, Alexandre tinha indicado Antípatro para governar a Macedônia em sua ausência.

Se os gregos rebeldes ganhassem, poderiam forçar Alexandre a voltar. O fantasma de Memnon certamente estava sorrindo, mas não por muito tempo. Alexandre mandou dinheiro suficiente a Antípatro para que ele contratasse um grande número de mercenários. Eles destruíram o inimigo e mataram o rei espartano. Em 330 a.C., enquanto ainda estava em Persépolis ou logo depois de partir, Alexandre recebeu a boa notícia: ele não precisava mais se preocupar com a Grécia.

Não precisava mais manter suas tropas gregas; elas tinham lutado pouco e serviram como reféns potenciais. Anteriormente era muito perigoso mandá-las para casa, onde poderiam criar problemas. Isso agora tinha mudado. Assim, Alexandre liberou seus “aliados” gregos e lhes deu generosos bônus. Também ofereceu-lhes a possibilidade de ficar e se realistar como mercenários, o que alguns fizeram.

Infelizmente, para Alexandre, o entusiasmo grego por voltar para casa era infeccioso, e os macedônios começaram a reclamar. Por que não largar as armas e desfrutar o saque que tinham acumulado? Os oficiais de Alexandre o aconselharam a convocar uma assembleia e falar com os homens. Ele fez um discurso que tocou em três temas: segurança, honra e favor real. Os persas estavam agora confusos, ele falou, mas se os macedônios recuassem, o inimigo iria acordar e atacá-los como se fossem mulheres. Qualquer um que quisesse partir era livre para fazer isso, mas Alexandre continuaria a conquistar o mundo desabitado com seus “amigos” e “aqueles dispostos a lutar”. Em outras palavras, qualquer macedônio que não estivesse com Alexandre estaria contra ele. A retórica funcionou: os soldados gritaram sua

aprovação de seguir Alexandre sempre que ele os liderasse. Sem dúvida, ajudou o fato de que, como afirma uma fonte, ele subestimou enormemente a distância de Báctria.

As questões levantadas por Alexandre parecem fortes até considerarmos os contra-argumentos. As províncias orientais nunca tinham sido fáceis para os persas. Mesmo se conquistadas, elas provavelmente se rebelariam um dia. Enquanto isso, exigiam guarnições de milhares de homens. Mais importante de tudo, Alexandre tinha assuntos urgentes no oeste – consolidar seu reinado – e uma campanha no leste seria uma longa e perigosa distração.

Também havia as objeções que, imaginamos, antes tinha Parmênio. Alexandre poderia ser rei da Macedônia ou rei da Ásia, mas não os dois. Como rei da Ásia, Alexandre forçaria a nobreza independente macedônia a aceitar a tirania.

A voz de Parmênio não seria mais ouvida: Alexandre o deixara para trás. O grande ancião do exército macedônio agora tinha 70 anos; o jovem rei se sentia confiante o suficiente para guerrear sem ele. Deixou Parmênio na retaguarda, em Ecbátana. Armado com uma divisão, a tarefa de Parmênio era garantir as comunicações e proteger o tesouro. Parmênio não controlava os recursos financeiros, no entanto: era Hárpalo. Como Parmênio, Hárpalo era um nobre macedônio, mas muito mais jovem. E era homem de Alexandre – um dos amigos de juventude do rei. Hárpalo era, então, o tesoureiro imperial. Parmênio tinha sido expulso da campanha oriental. Só seus filhos participaram: Filotas, comandante dos Companheiros do Rei, e Nicanor, comandante dos corpos de infantaria de elite conhecidos como *hipaspistas*. Mas eram caniços fracos.

Limpando a casa com sangue e ferro

Alexandre e seu exército partiram para o leste atrás de Bessos. Alexandre passaria os três anos seguintes lutando em duas frentes, contra rebeldes dentro e fora de seu império. Ser o rei da Ásia não era somente mais um título – era a experiência que Alexandre vivia todo dia. Só que o significado do título teria de ser trabalhado. Alexandre não tinha intenção de ser um rei persa, mas precisava ser mais que um rei macedônio. Ele tinha milhões de novos súditos, afinal, e precisava oferecer-lhes algo mais do que a lança de um conquistador.

O que Alexandre criou foi um compromisso entre a corte macedônia mais liberal e a pompa da autocracia persa. Ele também tentou ampliar bastante sua corte. Mas Alexandre era muito persa para os macedônios e muito macedônio para os persas. Os macedônios se ressentiam de sua decisão de usar roupas persas, assim como o diadema e cinto, e adotar as cerimônias da corte persa, incluindo *proskynesis*, quer dizer, jogar-se inteiro no chão na frente do rei como um gesto de submissão. Eles odiaram a ordem de Alexandre para que seus conselheiros mais próximos usassem robes escarlate no estilo persa. Desaprovaram a admissão de nobres persas em seu séquito, incluindo o irmão de Dario, Oxatres. Eles desprezavam a introdução de eunucos e o harém real, sentindo-se ameaçados pela nova guarda real persa de Alexandre.

Os persas, por seu lado, não eram enganados pelo título de "rei da Ásia", que corretamente viam como o título real deles de "grande rei, rei dos reis, rei das terras"; era, na verdade, uma invenção grega, assinalando um novo tipo de absolutismo real. Da derrota de Dario à queima de Persépolis até os novos governadores militares macedônios em cada província, a elite persa estava ressentida pela conquista.

Persas infelizes continuaram a lutar – por mais quatro anos. Quanto aos homens de Alexandre, macedônios e gregos em seu séquito responderam ao compromisso com ódio, resmungos e conspiração. Alexandre respondeu "à altura" – com assassinato.

Seria fácil acusá-lo de selvageria, mas derramamento de sangue era um esporte nacional na Macedônia tanto quanto a caça. Todo rei macedônio tinha assegurado seu título real assassinando os outros candidatos ao trono – pelo menos todo aquele que tinha conseguido se tornar rei. Alexandre foi além da maioria no número de supostos conspiradores que acabou assassinado. Novamente, nenhum de seus predecessores tinha feito algo tão radical quanto ele. Quando um rei muda sua política de forma tão extrema quanto Alexandre, ele demite aqueles que se recusam a apoiá-lo. Nesse caso, essas "demissões" terminaram sendo fatais.

Os reis macedônios também tinham razões para se preocupar com assassinatos. O pai de Alexandre, Filipe II, foi assassinado durante seu reinado, assim como o irmão mais velho de Filipe, Alexandre II (r. 369-366). Não espanta que Alexandre estivesse tão nervoso com complôs e conspirações. Entre 330 e 327 a.C., Alexandre executou uma dezena de

generais, cortesãos e conselheiros, incluindo um que matou com suas próprias mãos.

A rebelião acossava Alexandre dos dois lados. Em 330 a.C., ele enfrentou quase um motim de seu próprio exército, que não queria continuar para o leste. Então, a descoberta de um complô terminou com a execução de dois de seus generais principais: o grande Parmênio e seu filho Filotas (uma desculpa conveniente para se livrar dos rivais; nenhum dos dois tinha desempenhado um papel ativo na conspiração). Em 328 a.C., Alexandre assassinou o general Clito, o Negro, depois de uma bebedeira que incluiu a forte condenação por parte de Clito dos hábitos persas de Alexandre. Aconteceu em uma festa, no palácio em Maracanda (moderna Samarcanda). Os macedônios tinham a reputação de beber muito e, nessa ocasião, eles consumiram quantidades hercúleas – suficiente para Alexandre agarrar uma lança e atravessar Clito.

Em 327 a.C., um grupo de pajens reais foi julgado e executado por conspirar para matar Alexandre. O tutor deles, Calístenes, um filósofo grego e historiador da corte de Alexandre, também foi julgado e provavelmente morto. Antes, ele tinha se recusado publicamente a realizar a *proskynesis.*

Apesar de Alexandre ter indicado muitos persas como sátrapas, eles tiveram de entregar o poder real aos comandantes e tesoureiros macedônios. Muitos dos sátrapas persas se revoltaram. Poucos deles duraram no cargo.

Alexandre nunca encontrou um equilíbrio entre macedônios e persas. Não é de se estranhar, porque integrar uma elite conquistadora com uma aristocracia derrotada, mas ainda orgulhosa, é extremamente difícil. O sucesso teria exigido muita habilidade de estadista, mas Alexandre raramente concentrava sua atenção na política doméstica. Suas paixões eram a guerra e a conquista; todo o resto era uma distração.

Só em uma área Alexandre mostrou o toque político de um mestre – na política do exército. Nos dez anos que durou sua expedição, ele transformou o exército macedônio em um domínio pessoal. Expulsou seus rivais sem dó dos corpos oficiais e os substituiu por seus amigos e camaradas. Isso incluía soldados talentosos, como Crátero e Pérdicas, e menos talentosos, como Heféstion. Alexandre tinha uma amizade íntima com Heféstion que poderia ter incluído um elemento físico. Enquanto isso, Alexandre reorganizou unidades para enfraquecer as conexões privativas e regionais. Ele queria ser o único foco de lealdade.

Os macedônios nunca foram a maioria no exército de Alexandre, mas, por

muito tempo, foram a elite militar e política. Apesar de Alexandre ter outras excelentes tropas, os macedônios eram os dois punhos do exército e sua base. Em 334 a.C., eles contavam com uns 17 mil soldados de um total de mais de 40 mil tropas. Entre 333 e 330 a.C., outros 15 mil reforços macedônios vieram para se unir a Alexandre, somando um total de mais de 30 mil. Mas a Macedônia não tinha mais homens, e as disputas começaram a reduzir o número de compatriotas. Em 324 a.C., havia somente 18 mil macedônios no exército de Alexandre.

O caráter de seus camaradas mudou radicalmente também, de aliados a mercenários e de europeus a asiáticos. Em 334 a.C., o resto do exército de Alexandre consistia em aliados da Grécia e dos vizinhos balcânicos da Macedônia, como a Trácia. Depois que os aliados gregos voltaram para casa, Alexandre os substituiu por dois grupos de soldados: mercenários – principalmente gregos – e orientais. Os últimos eram uma mistura de iranianos e asiáticos do sul e do centro. Não existia mais uma maioria de tropas de Alexandre que falava grego.

Enquanto isso, Alexandre se movia de forma astuta para enfraquecer o poder dos macedônios entre os militares. Eles haviam sido sempre uma minoria no exército, mas, agora, tinham perdido seus privilégios. Estavam em pé de igualdade com as novas infantarias pesadas e cavalarias iranianas, que eram treinadas para lutar no estilo macedônio ou pelo menos algo próximo.

Sangue e neve

Foi uma “continuidade de missão” em uma escala monumental. Alexandre ficou no Oriente por cinco anos, até o verão de 325 a.C. O que começou como uma perseguição a Bessos se transformou em uma conquista do Extremo Oriente persa: Ária, Aracósia, Báctria, Sogdiana (moderno Tadjiquistão e Uzbequistão) e o noroeste da Índia. Era uma região de quase 2 milhões de quilômetros quadrados, mais ou menos 40% do império persa. Incluía desertos, estepes e alguns dos terrenos montanhosos mais difíceis do mundo. Seus extremos de clima iam da neve ao calor, passando pelas chuvas de monções.

A guerra contra Bessos rapidamente se tornou uma história de três rebeliões, no começo de Satibarzanes, sátrapa de Ária, e, depois, de Espitamenes, comandante militar de Sogdiana, que se juntou ou substituiu

Bessos como oponente militar.

Satibarzanes era especialista em traição. Ele lutou por Dario em Gaugamela e, menos de um ano depois, se juntou a Bessos para assassinar o rei. Entregou-se a Alexandre quando os macedônios chegaram a Ária e, depois, se rebelou quando eles partiram para o Oriente para enfrentar Bessos em Báctria. Alexandre voltou e forçou Satibarzanes a fugir com 2 mil cavaleiros para Báctria.

Mas, na primavera de 329 a.C., Satibarzanes voltou a Ária com mais tropas e levantou de novo a bandeira da rebelião. Dessa vez, Alexandre enviou seus tenentes para resolver a questão. Pela primeira vez, o sátrapa traidor lutou sem truques. Na verdade, ele optou pela forma mais masculina de guerrear, o combate frente a frente. Satibarzanes desafiou Erígio de Mitilene, um dos comandantes gregos mais leais. Erígio matou o líder insurgente e enviou sua cabeça a Alexandre, que estava a vários quilômetros a leste.

Enquanto isso, Bessos provou não ser páreo para a audácia de Alexandre. Incapaz de organizar um grande exército em Báctria, Bessos recuou para o norte, esperando, primeiro, que as neves nas montanhas, depois o deserto e, finalmente, um rio difícil de cruzar – ele tinha queimado todos os barcos – impedissem Alexandre de o seguir. Mas Bessos estava errado. Alexandre obrigou seus homens a cruzarem as passagens das montanhas Hindu Kush e o deserto até o rio Oxus (o moderno Amu Dária), onde ele fez seus homens construírem balsas para cruzar e seguir até Sogdiana. Foi o limite para os seguidores de Bessos.

Espitamenes e outro nobre sogdiano prenderam Bessos e o entregaram a Alexandre. Para enfatizar sua posição como rei da Ásia, Alexandre puniu Bessos por assassinar Dario e impôs uma penalidade que os persas acharam ser justa para o regicídio – primeiro, cortaram as orelhas e o nariz de Bessos, depois ele foi crucificado.

Mas Espitamenes se virou contra Alexandre e acabou sendo o oponente mais difícil de todos. Alexandre partiu para Maracanda ao norte e o rio Jaxartes (no Tadjiquistão), que os geógrafos antigos consideravam a fronteira norte da Ásia. Enquanto isso, Espitamenes e seus seguidores lançaram uma rebelião geral na retaguarda de Alexandre, com a esperança de expulsar o invasor. Lutaram tão forte que Alexandre demorou dois anos para vencê-los – e a um alto custo.

A guerra trouxe o melhor e o pior de Alexandre. O terreno era difícil, o

clima hostil, os aliados não eram confiáveis; toda vitória parecia ser seguida por uma derrota. O inimigo empregou táticas não convencionais que chocaram os macedônios, mas Alexandre respondeu muito bem.

As melhores tropas de Espitamenes eram arqueiros nos cavalos, e, no começo, eles impuseram fortes perdas às forças de Alexandre, enfraquecendo e massacrando suas tropas com armamentos pesados. Mas Alexandre adaptou seus homens com dardos em cima de cavalos e arqueiros a pé. No final de 328 a.C., os macedônios tinham esmagado as forças inimigas, e a cabeça de Espitamenes também foi entregue a Alexandre. Os barões sogdianos, que não se arrependeram, foram se refugiando em fortalezas de pedra que pareciam impenetráveis, mas, na primavera de 327 a.C., os homens de Alexandre encontraram uma forma de invadi-las e forçar a capitulação.

O custo da vitória foi alto. O número de soldados mortos e feridos ultrapassou tudo que os homens de Alexandre tinham visto antes, talvez uns 7 mil mortos. Em apenas um dia no rio Polytimetus (no moderno Uzbequistão), uma força de uns 2,5 mil homens foi massacrada por Espitamenes; supostamente somente 350 sobreviveram. Por sorte, para Alexandre, a grande maioria dos soldados era mercenária, e não macedônia. Mesmo assim, foi o dia mais sangrento para seu exército; ele perdeu quase o mesmo número de tropas naquele dia que em toda a luta contra Dario. A campanha foi dura para Alexandre também – ele foi ferido duas vezes, sofrendo uma concussão e uma fratura menor da tíbia.

Mas os maiores perdedores foram os civis. Os macedônios os massacraram e escravizaram aos milhares. Foi parte vingança, parte dissuasão e parte recreação – uma forma abominável, mas eficiente para que as tropas cansadas e frustradas liberassem pressão.

Monções e motim

A Índia era rica, mas difícil de conquistar, muito menos de controlar. Alguns governantes indianos convidaram Alexandre a entrar no país, esperando usá-lo contra seus inimigos, mas esses inimigos sabiam lutar. O equilíbrio estratégico argumentava contra a invasão. Mas talvez Alexandre estivesse pensando somente no equilíbrio mítico: ele queria invadir a Índia porque era o que fariam os heróis lendários. Como tinha executado a maioria de seus oficiais que não aceitavam tudo que dizia, não havia ninguém para impedi-lo.

Assim, na primavera de 327 a.C., Alexandre invadiu a Índia.

Ele seguiu o vale do rio Cabul e a passagem Khyber no que é hoje o Paquistão, desencadeando terror e massacres contra centros de resistência nas colinas. Na primavera de 326 a.C., quando os macedônios chegaram ao rio Indo, os aliados locais os ajudaram a construir uma ponte. O rei Ambhi recebeu Alexandre na grande cidade de Taxila (perto da Islamabad moderna). Todos os outros governantes locais se curvaram perante Alexandre, exceto Poro. Ele controlava um rico reino para o leste e se recusou a se render. O palco estava armado para a batalha.

A batalha do rio Hidaspes (Jhelum), em maio de 326 a.C., foi a última batalha campal de Alexandre. Comparados com as lutas anteriores, os números de Alexandre eram menores, mas isso não quer dizer que tenha sido mais tranquilo.

Com muito menos cavaleiros que Alexandre e com infantaria menos experiente do que a falange macedônia, Poro apostava suas esperanças em duas armas: seus elefantes e o rio. Os macedônios nunca tinham lutado contra grandes números de elefantes antes, e Poro tinha 85 deles, podendo ser mais (as fontes discordam). Mas, se Poro conseguisse sua estratégia, ele não precisaria testar os animais. Ele planejava manter sua base no Hidaspes e impedir que Alexandre o cruzasse.

O Hidaspes era um rio amplo nos tempos antigos, apesar das mudanças na paisagem que nos impedem de saber quão amplo era. Em maio, ele transbordou com a neve derretida dos Himalaias, e, em 326 a.C., uma temporada chuvosa aumentou ainda mais a largura do rio. Assim, Poro poderia esperar sucesso.

Mas Alexandre era ardiloso. Depois de chegar até a margem do rio, fez que Poro não conseguisse descobrir onde Alexandre ia atravessar, pois ficava movendo as unidades de seu exército de um lado para outro. Ele trouxe muitos suprimentos de grãos, para dar a impressão de que estava preparado para esperar até o rio diminuir em setembro. Tinha barcos trazidos do rio Indo, a mais de 300 quilômetros de distância, para ameaçar um cruzamento mais rápido. Enquanto isso, Poro alinhou a margem oposta com seus elefantes para intimidar Alexandre, enquanto seus batedores investigavam o acampamento do inimigo para adivinhar suas intenções. Poro transferia homens de um lado para o outro, a fim de evitar possíveis cruzamentos.

Nessa atmosfera de suspense e frustração, Alexandre fez seu movimento.

Ele pegou uma pequena parte das suas forças – 6 mil soldados da infantaria e 5 mil da cavalaria – e subiu a margem do rio em uma noite de chuva. Ele já tinha escolhido o lugar em que queria cruzar, onde havia uma conveniente ilha no meio do rio, e havia escondido uma pequena frota de barcos. Enquanto isso, mandou que o exército macedônio ficasse em seu acampamento e distraísse Poro. Os homens de Alexandre cruzaram com segurança.

Logo, Poro ficou sabendo que uma força inimiga estava cruzando o rio, mas não sabia quem eram nem quantos. Então mandou uma unidade de cavalaria sob o comando de seu filho para desafiá-los, mas os macedônios estavam prontos. Eles enganaram os indianos e mataram muitos, incluindo o filho de Poro. Os sobreviventes informaram a Poro que o próprio Alexandre tinha cruzado o rio. Claramente, Poro precisava impedi-lo, então se moveu com o melhor de seu exército para enfrentar Alexandre. O indiano escolheu uma planície arenosa para o campo de batalha.

E, para Poro, tudo se resumia a seus elefantes. Ele alinhou as bestas em intervalos regulares na frente de sua falange. Sua cavalaria protegia os dois flancos. Mas Alexandre e os Companheiros do Rei lançaram um ataque devastador contra a cavalaria no flanco esquerdo de Poro e girou para o flanco de sua infantaria. Poro tentou transferir a cavalaria de sua ala direita como reforço, mas um destacamento de cavaleiros macedônios sob o comando de Coenus conseguiu impedi-los.

Então chegou a vez da falange macedônia. Os homens marcharam implacavelmente em direção aos soldados do inimigo – e seus elefantes. Os macedônios atacaram as grandes bestas com suas sarissas e provocaram muita agitação. Os paquidermes se viraram contra os macedônios, mas também contra seus próprios homens. A chave para sobreviver contra os elefantes era se manter disciplinado. Era preciso muita coragem e precisão para abrir espaços nas linhas e permitir que as bestas passassem. Os macedônios eram mestres do autocontrole e abriram caminho para os elefantes, mas os indianos ficavam presos e eram esmagados. Quando os elefantes caíram, a falange recuperou seu ímpeto contra as linhas de frente dos indianos. Enquanto isso, a cavalaria macedônia cavalgou para a retaguarda do inimigo. Esmagados dos dois lados, os indianos foram massacrados.

O rei deles sobreviveu. Poro era um homem alto e estava em cima de um

grande elefante, o que fazia dele um alvo fácil. Na verdade, ele sofreu múltiplas feridas, mas sobreviveu – e manteve sua dignidade. Quando foi feito prisioneiro e levado até Alexandre, perguntaram como gostaria de ser tratado. “Como um rei”, respondeu Poro. Alexandre concedeu seu desejo. Homens fortes sempre se reconhecem. Certamente percebendo que era melhor ter Poro guardando o flanco indiano do império do que deixar um vácuo de poder em seu lugar, Alexandre poupou sua vida e seu reino. Ele fez Poro jurar aliança e até aumentou o território sob seu controle.

A vitória em Hidaspes marcou o ponto alto da campanha indiana de Alexandre. Ele marchou uns 180 quilômetros mais para o leste, até o rio Hifasis (Beas), conquistando os lugares por onde passava, mas não seguiu mais. Do verão de 326 a.C. até chegar ao sudeste do Irã em dezembro de 325 a.C., Alexandre empreendeu uma longa e violenta marcha para casa – contra sua vontade.

Depois de derrotar Poro, Alexandre ficou de olho no vale do rio Ganges. Era o coração da dinastia Nanda, um Estado grande e rico que cobria grande parte do norte da Índia. Tinha muito mais força militar – e elefantes – do que Poro. Isso não preocupava o exército de Alexandre, não depois de suas vitórias, mas os homens não estavam interessados em novas aventuras. Depois de setenta dias de monções, depois dos elefantes de Poro, depois dos horrores de Báctria e Sogdiana – na verdade, depois de tudo que tinha acontecido após a morte de Dario em 330 a.C. –, os macedônios já estavam cansados. O Ganges estava a apenas 320 quilômetros, mas eles não queriam mais avançar – e disseram isso a Alexandre. No final de julho de 326 a.C., os macedônios fizeram um motim.

Nesse ponto, os macedônios não eram mais a maioria das tropas, mas Alexandre não tinha nenhuma intenção de basear-se em uma miscelânea de mercenários e iranianos, bactrianos, sogdianos e indianos. Ele não confiava neles sem ter soldados macedônios que pudessem mantê-los em linha. Alexandre tentou pressionar os macedônios, ficando em sua barraca até eles desistirem. Era uma tática usada por Aquiles na *Ilíada* de Homero. Mas as tropas de Alexandre não iriam se mover. Coenus, herói de Hidaspes, falou com Alexandre em nome deles.

Se até mesmo seus oficiais apoiavam os amotinados, Alexandre não tinha escolha a não ser aceitar. Mas ele deixou a decisão aos deuses; mandou seus sacerdotes oferecerem sacrifícios para continuar a marcha, mas eles foram

desfavoráveis. Isso permitiu que o rei falasse que, como os deuses se opunham ao avanço, ele levaria o exército para casa. Mas Alexandre não perdoou sequer esqueceu. Coenus morreu repentinamente alguns dias depois. Alguns estudiosos modernos suspeitam de envenenamento, mas as fontes antigas dizem que ele morreu de doença. Em sua raiva contra o motim, talvez Alexandre desejasse um destino similar para o resto de seus homens, mas precisava deles. Mesmo assim, dois anos depois, finalmente teve a chance de se vingar.

A forma mais fácil e rápida de ir para casa era voltar pelo caminho que vieram, através da passagem Khyber e Báctria. Mas isso seria admitir a derrota. Alexandre ainda tinha novos mundos a explorar, mesmo se eles não estivessem na sua direção favorita, o leste. Por isso decidiu viajar pelos vales dos rios de Punjab até o vale do Indo ao sul e o oceano Índico, uma distância de quase 2 mil quilômetros. Então, ele viraria para o oeste em direção ao sul do Irã, com alguns dos homens marchando por terra e o resto viajando pelo mar.

Alexandre começou mandando seus homens de volta ao reino de Poro, para construir uma vasta frota no Hidaspes – mais de 800 barcos. A frota estava pronta para navegar em novembro de 326 a.C., acompanhada por um exército marchando em cada margem. Estima-se que Alexandre tinha um total de 100 mil homens agora.

Os macedônios tiveram de abrir caminho até o mar com muita luta. Os reinos indianos montaram uma forte resistência, mas raramente significaram uma verdadeira ameaça aos invasores. Os macedônios responderam com terror. Massacraram povos desarmados, atacaram com a cavalaria colunas de refugiados e mataram civis que estavam tentando cruzar um rio ou se esconder nos bosques.

Houve lutas regulares também. As coisas foram mal para os macedônios durante um encontro perto da moderna cidade de Multan em janeiro de 325 a.C. Para inspirar seus homens cansados, Alexandre pessoalmente liderou o ataque contra uma cidade forte e recebeu uma ferida de flecha no peito. Ele quase morreu por causa da perda de sangue sofrida para remover a flecha, levando seus homens a lamentarem seu destino, sem líder em uma terra hostil muito longe de casa. Mas Alexandre se recuperou.

Em julho de 325 a.C., depois de derrotar duas grandes rebeliões, os macedônios chegaram ao mar, não muito longe da cidade moderna de

Karachi no Paquistão. Um mês depois, Alexandre estava pronto para partir. Ele já tinha pegado os macedônios velhos e feridos, junto com todos seus elefantes e umas poucas tropas para proteção, e enviado de volta através da Passagem Khyber e Báctria. Então, dispensou suas tropas indianas e dividiu o restante de suas forças em dois. Marchou para o oeste pela costa com, talvez, uns 30 mil homens, enquanto o resto navegou com a frota. Alexandre começou em agosto, mas a frota esperou as monções terminarem em novembro. O comandante da frota era outro dos amigos de juventude de Alexandre, Nearco de Creta.

O lançamento da armada de Alexandre no oceano Índico foi um momento extraordinário. Nearco era um desbravador. Se Alexandre tivesse chegado à velhice e conseguisse manter seu império, o sucesso da frota poderia ter aberto um novo capítulo na história do relacionamento entre Ocidente e Oriente. O contato entre a Índia e a Grécia poderia ter se tornado um tema central na história antiga. Mas, mesmo dentro de certos limites, apesar de os sucessores de Alexandre virarem as costas para a Índia, a frota foi incrível.

A frota mostra as ambições de Alexandre, sua liderança e capacidade de crescer como estrategista militar. Em 334 a.C., em Mileto, ele dispensou sua marinha. Nove anos depois, na Índia, em 325 a.C., ele construiu uma frota e deu-lhe uma missão audaciosa, que foi feita de forma correta. Como resultado, agora Alexandre via com outros olhos o poder naval e seu potencial. Em 323 a.C., ele estava pronto para confiar o futuro de seu exército à marinha.

Enquanto isso, a marcha por terra no Irã foi dolorosa. A rota de Alexandre o levou pelo deserto gedrosiano (aproximadamente a região do Baluchistão do Paquistão). Ciro, o Grande, já tinha perdido um exército nesse terreno difícil, e Alexandre queria superá-lo, conseguindo cruzar o deserto gedrosiano. Alexandre conseguiu, mas os que o acompanhavam pagaram o preço. Ele demorou dois meses para cruzar o deserto, pegando uma rota interna, que deixava suprimentos na costa para a frota macedônia, mas forçava Alexandre a uma jornada mais difícil. Apesar de os soldados sofrerem, quase todos sobreviveram. Contudo, muitos seguidores do acampamento – mulheres e comerciantes – morreram, e todos os animais tiveram de ser comidos. Os nativos, enquanto isso, precisaram enfrentar a fome depois que os invasores devoraram a pouca comida que tinham guardado.

Em dezembro de 325 a.C., os macedônios tinham cruzado o deserto e chegado ao sudeste do Irã. A temporada de chuva tinha começado, e eles estavam de novo em contato com o centro do império de Alexandre. A frota chegou logo depois, assim como os homens que tinham marchado via Báctria. A guerra no Oriente estava terminada. E agora?

ANÍBAL

Depois de Canas, para Aníbal havia duas estradas que levavam à vitória. Uma dizia para marchar sobre a cidade de Roma e destruí-la, como Alexandre tinha destruído as capitais de seus inimigos. Mas Roma não era Persépolis e não cairia facilmente. A outra mandava Aníbal descansar seu exército e evitar um ataque com poucas chances contra Roma. Em vez disso, Aníbal derrotaria os aliados de Roma um por um, da mesma forma como Alexandre tinha conquistado cidades como Mileto e Tiro. Mas a Itália não era a Anatólia e, ao contrário dos macedônios, os cartaginenses não dominavam a arte de sitiar cidades. Deveria existir outra saída para Aníbal, mas qual seria?

Talvez não destruir Roma, mas *assustá-la.* A visão do exército de Aníbal às portas da cidade iria criar o pânico e alarmar seus amigos próximos. Enquanto isso, havia outras possibilidades. Encontrar novos aliados fora da Itália, conseguir novos recursos em casa, usar truques sujos ou diplomacia para separar os aliados italianos de Roma, abrir uma segunda frente na Sicília ou Sardenha, conseguir que Roma negociasse – qualquer uma dessas possibilidades ou uma combinação delas poderia funcionar, mas Aníbal teria de decidir. Ele até poderia decidir diminuir suas perdas na Itália e seguir em frente. Qualquer uma das escolhas seria um desafio para seu julgamento estratégico e liderança.

Os anéis de Magão

Aníbal tinha passado dezoito meeis. Desde o momento em que entrou na Itália, no final de 218 a.C. até sua vitória em Canas no verão de 216 a.C., o cartaginense tinha ganhado quatro batalhas contra Roma e frustrado tanto os inimigos, que eles tinham desistido da estratégia de Fábio bem quando ela estava começando a funcionar. Se Aníbal tivesse marchado sobre Roma e forçado a cidade a uma negociação de paz, teria vencido a guerra.

Mas a guerra foi se arrastando. Roma não concordou em negociar; Aníbal não marchou sobre Roma. Sua estratégia foi, ao contrário, cercar Roma com uma rede de alianças inimigas e, lentamente, apertá-la até se render. Depois de Canas, a maioria do sul da Itália desertou para Aníbal. O recrutamento mais importante foi Cápua, a segunda maior cidade da Itália, e um prêmio brilhante. Cápua ofereceu prestígio a Aníbal, uma base de suprimentos e um quartel confortável para o inverno. (Cápua era conhecida pela boa vida, mas a história de que a cidade o corrompeu não é verdadeira.) Boa parte da Sicília se juntou a Cartago também, uma bênção para a marinha cartaginense, que agora tinha estações na rota para a Itália. Mais adiante, o rei Filipe V da Macedônia, cujo país havia voltado a ser poderoso, faria uma aliança com Aníbal contra Roma.

Mas nem tudo estava bem. Para cortejar seus novos aliados italianos, Aníbal tinha sido forçado a prometer não recrutar seus homens, então eles não resolveram o problema de falta de soldados. É verdade que forneceram alguns soldados a Aníbal e certamente não contribuíram com Roma, como teriam feito em outra situação. Mas Aníbal tinha de defender as cidades que se juntaram a ele, e isso tinha um custo. Ele precisava proteger as cidades das retaliações romanas e evitar que se juntassem a Roma. No final, os aliados não ajudaram Aníbal. Eles o deixaram amarrado, como os liliputianos fizeram com Gulliver.

Outro problema foi que as alianças de Aníbal eram incompletas. Nem uma única cidade na Itália central se uniu a ele. Apesar de todas as suas conquistas no sul da Itália, cidades importantes ali continuaram leais a Roma, o que ofereceu ao inimigo postos avançados, controles de estradas e, mais importante, portos. Aníbal não tinha homens suficientes para conquistar todos esses lugares. Apesar de muito eficiente, seu exército nunca tinha sido grande. Suas perdas provavelmente incluíam oficiais juniores, essenciais para o sucesso futuro. Resumindo, Aníbal precisava de reforços – e ele naturalmente se voltou para Cartago.

Mas Aníbal encarava um paradoxo: precisava conquistar um porto para abrir uma rota de suprimentos segura até Cartago, mas não podia fazer isso sem trazer os reforços de lá. A solução temporária e imperfeita era atracar os reforços na costa italiana, mas, primeiro, Cartago precisava concordar em enviá-los.

Em 215 a.C., Aníbal enviou seu irmão Magão da Itália a Cartago. Magão

levou ao Senado cartaginense as notícias das conquistas de Aníbal. Como exemplo, ele jogou no chão do Senado centenas de anéis dourados, “daquele tipo usado somente por cavaleiros, e só pelos mais importantes”; anéis que tinham sido tirados dos romanos mortos ou capturados. Então pediu reforços em dinheiro, homens e grãos. O Senado concordou, mas não de forma unânime, e a quantia que enviaram era pequena comparada com os recursos que tinham prometido a outras frentes.

O Senado cartaginense aplaudiu Canas, mas estava cético. Alguns senadores, sem dúvida, lembraram-se de que demorou quase dois anos para que um aliado romano se juntasse a Aníbal. Os que estavam bem informados sobre a Itália poderiam ter notado os muitos lugares que tinham se tornado leais a Roma. E também, talvez, alguns senadores podem ter pensado nervosamente em seus próprios dedos ao ver os anéis de Magão.

Enquanto isso, as novas alianças de Cartago desapareceram como as flores da primavera. A Macedônia, por exemplo, prometeu enviar tropas para ajudar Aníbal na Itália, mas Roma comandava o mar e bloqueou qualquer desembarque macedônio. Roma também ameaçou a Macedônia ao provocar uma guerra próxima em Ilíria (a moderna Croácia). A marinha cartaginense poderia ter rompido a camisa de força naval de Roma? Depois de uma fase de reconstrução, Cartago tinha barcos e homens suficientes para enfrentar a frota romana, mas faltava algo essencial para a vitória: coragem. Os almirantes de Cartago se recusavam a se arriscar em uma batalha e, assim, os macedônios ficaram em casa.

Então havia a Sicília. Cartago conseguiu um grande golpe em 215 a.C. com a deserção de Siracusa, a maior cidade da Sicília. Esse porto rico e brilhante estava armado até os dentes. Nada menos que Arquimedes, um dos maiores matemáticos da Antiguidade, tinha ajudado Siracusa a criar novas armas. Cartago enviou uma grande força expedicionária, 28 mil homens, para ajudar Siracusa. Mas Roma estabeleceu um sítio contra Siracusa em 213 a.C. e a capturou em 211 a.C., depois de dois anos de luta. Arquimedes foi morto durante o saque. Enquanto isso, uma expedição naval cartaginense tentou retomar a ilha da Sardenha, antiga colônia cartaginense, mas Roma conseguiu rechaçá-la.

Cartago esgotou suas energias em várias novas iniciativas, mas Roma conseguiu destruir cada uma delas. Enquanto isso, Roma continuava com sua estratégia tradicional. Mantinha um controle estrito sobre seus aliados mais

antigos na Itália central e continuou a montar novos exércitos ali. Mas não os usou em outra batalha campal contra Aníbal.

Depois de Canas, o Senado admitiu que Fábio estava certo. Em vez de aceitar os desafios de Aníbal para a batalha, eles voltaram à estratégia de seguir as forças de Aníbal e cortar seu suprimento de comida.

Esse movimento dá muito crédito a Roma. Demonstra a sabedoria estratégica dos líderes romanos, mas também mostra o poço profundo de apoio popular que havia. A estratégia fabiana era lenta e frustrante. Só funcionava porque o povo romano confiava em seu governo. Na verdade, o sistema político romano tinha uma das bases mais firmes.

Roma mantinha o foco de suas energias na área ao redor de Cápua, um dos maiores novos aliados de Aníbal. Cápua estava a apenas 200 quilômetros de Roma; os romanos não queriam que Aníbal se aproximasse. Assim, os generais romanos interviram em cidades ainda amigas perto de Cápua; mandaram que todos os grãos fossem colhidos mais cedo e trancados nas fortalezas. Enquanto isso, tropas romanas cortaram as plantações de Cápua nos campos. Para alimentar seus homens, Aníbal marchou até os grandes centros de distribuição de suprimentos próximos: as cidades de Nápoles e Nola. Roma manteve essas cidades em linha por meio de guarnições e fortificando-as, assim como executando todo indeciso local. Nápoles também era um importante porto, enquanto Nola era um entroncamento central em termos de estrada. Frustrado e faminto, Aníbal não tinha escolha a não ser levar seu exército mais para o sul.

Mas os cartaginenses estavam com pouquíssimo fôlego. Ele capturou o importante porto italiano de Tarento, em 213 a.C., por meio de uma artimanha, não invadindo ou sitiando. Depois de negociar com aliados romanos descontentes em Tarento, Aníbal providenciou que uma unidade de comando se escondesse do lado de fora dos portões da cidade em uma noite, ao passo que seus aliados fingiam estar voltando de uma caçada. Enquanto os guardas estavam admirando um enorme javali carregado pelos supostos caçadores, os soldados cartaginenses entraram correndo. Eles tinham escolhido cuidadosamente uma noite em que a maioria dos soldados romanos estava festejando e despreparada.

Mesmo assim, o ataque não obteve sucesso completo. Aníbal conquistou Tarento, mas uma guarnição romana manteve a cidadela, que tinha acesso ao mar. Isso limitou muito a capacidade de Aníbal de usar Tarento como porto, e

este teria sido o porto ao qual as tropas de Filipe da Macedônia iriam chegar, se ele as tivesse enviado.

Cinco anos depois, em 208 a.C., Roma, por sua vez, usou outro truque para recapturar Tarento. Um italiano que servia na guarnição de Aníbal se apaixonou por uma mulher local, cujo irmão estava com os romanos. O irmão convenceu o italiano apaixonado a trair a cidade, por Roma. Nesse momento, Roma tinha conseguido deixar Cápua sem comida depois de um longo sítio; a cidade se rendeu em 211 a.C. E Aníbal nunca conseguiu um porto mais estratégico do que Tarento-Régio, o portão para a Sicília, que continuou leal a Roma.

Aníbal ainda estava na Itália, mas, apesar de estar preso no sul, ele continuava perigoso, especialmente se conseguisse reforços. Em vez de arriscar uma batalha campal para expulsá-lo, Roma atacou sua base na Espanha. Em 209 a.C., um exército romano na Espanha chocou os cartaginenses ao capturar a capital bem fortificada de Nova Cartago (Cartagena). Foi um movimento tão ousado quanto a marcha de Aníbal sobre a Itália e tão astuta em sua execução quanto suas táticas em Canas. O comandante romano assumiu a tarefa de aprender como era a maré diária da água da laguna norte da cidade, por causa do vento, que deixava acessível uma parte pouco defendida do muro – e usou a informação para tomar Nova Cartago em uma tarde sangrenta. Esse romano era Públio Cornélio Cipião (mais tarde, Africano), filho do cônsul de 218 a.C., também chamado Públio Cornélio Cipião, que tinha sido derrotado por Aníbal em Ticino.

General brilhante, Cipião copiou as táticas de Aníbal nas batalhas campais também. Na batalha de Bécula na Espanha, um ano depois (208 a.C.), Cipião teve uma vitória sólida, apesar de não ser decisiva, sobre um exército cartaginense depois de envolver seus flancos. Foi um movimento tirado do livro de táticas de Aníbal. Nunca antes uma força romana tinha manobrado tão bem; Cipião havia treinado seus homens por muito tempo.

O general cartaginense em Bécula era o irmão de Aníbal, Asdrúbal. Ele tinha salvado a maior parte de seus homens; agora havia recebido a ordem de transferi-los para a Itália. Finalmente, Aníbal iria receber os reforços que tanto precisava. Asdrúbal marchou em 207 a.C. Como seu irmão, Asdrúbal cruzou os Alpes. Ele também encontrou aliados celtas no norte da Itália. E trouxe elefantes com ele – dez. Incluindo seus aliados italianos, Asdrúbal tinha uns 30 mil homens. Ao contrário de Aníbal, que cruzou os Alpes na

neve no final do outono, Asdrúbal marcou sua travessia num clima mais quente, e provavelmente escolheu uma rota mais fácil. Diferentemente de Aníbal, Asdrúbal não surpreendeu os romanos, que sabiam que ele estava chegando.

Os romanos mobilizaram duas forças, uma sob o comando de cada cônsul: uma no norte, para enfrentar Asdrúbal, outra no sul, para impedir que Aníbal se juntasse a seu irmão. Os romanos tinham motivos para se preocupar com o que iria acontecer se Asdrúbal ganhasse uma batalha campal importante – um resultado provável se ele juntasse suas forças com as de Aníbal. Isso poderia ter levado os aliados romanos, já cansados da guerra, para o lado dos cartaginenses.

Então, a Providência resolveu intervir. Asdrúbal montou sua base na Úmbria, na Itália norte-central. Ele enviou quatro cavaleiros ao sul até Aníbal com informações sobre sua localização e com planos para que os dois generais juntassem suas forças. Os romanos capturaram os mensageiros de Asdrúbal e descobriram seus planos. Isso permitiu que destacassem parte de seu exército no sul e enviassem ao norte para juntar as forças contra Asdrúbal.

Os romanos encurralaram Asdrúbal no norte-central da Itália, na vizinhança da moderna cidade de Urbino. Os cartagineneses estavam em menor número, não tinham cavalaria e não conheciam o terreno. Os romanos forçaram a batalha nas margens do rio Metaurus (o moderno Metauro). Mais uma vez, um ataque romano no flanco cartaginense resultou em um golpe devastador, e o exército cartaginense colapsou.

Asdrúbal morreu na batalha. Os romanos o decapitaram, enviaram sua cabeça ao sul com um grupo de cavaleiros, e a lançaram no acampamento de Aníbal. A história diz que, em sua raiva, Aníbal gritou: “Agora eu entendo o destino de Cartago!” Mas, se isso é verdade, não significa que Aníbal tenha desistido. Ele recuou seu exército para Bruttium, a “ponta” da bota italiana, mas manteve-se em solo italiano.

O que deu errado?

Em nove anos, de 216 a 207 a.C., Aníbal tinha deixado de ser o conquistador de Roma em Canas, tornando-se um virtual prisioneiro num canto do sul da Itália. Por quê?

Quando começou a Segunda Guerra Púnica em 218 a.C., Aníbal sabia que Cartago não era páreo para o exército ou a marinha de Roma. Sua força era o profissionalismo de seu pequeno, mas de elite, exército e sua própria habilidade como general. Como Cartago não era páreo para os recursos de Roma, uma longa guerra não seria vantajosa. Se Cartago quisesse vencer, teria de ser rapidamente.

As ações de Aníbal desde que saiu de Nova Cartago (primavera de 218 a.C.) até sua vitória em Canas (verão de 216 a.C.) seguiram essa estratégia. Sua marcha sobre a Itália chocou Roma. Suas vitórias em quatro batalhas deixaram os romanos com medo "por si mesmos e por seu solo nativo".

Nesse momento, depois da vitória em Canas, Aníbal deveria ter aberto uma nova ofensiva militar. Ele fez um esforço diplomático. Tentou se reposicionar aos olhos romanos como um homem de paz. Pela primeira vez depois de ganhar uma batalha, ele se dirigiu aos prisioneiros romanos e falou em termos amigáveis. Depois mandou um enviado cartaginense, Carthalo, até Roma para negociar. Aníbal ofereceu a devolução de seus prisioneiros romanos se o Senado pagasse um alto preço por cada homem. Os romanos reconheceram que isso era um truque, que tinha o objetivo de transferir dinheiro para o inimigo e minar o espírito de luta de Roma. Se o Senado tivesse concordado, no futuro, os soldados romanos poderiam ter preferido se entregar em vez de lutar até a morte, com a certeza de que acabariam sendo resgatados. O Senado recusou.

Aníbal poderia ter oferecido outro galho de oliveira, mas é duvidoso que o Senado aceitaria. A guerra geralmente desafiava as expectativas. Assim como Aníbal tinha surpreendido os romanos em Trasimeno ao não lutar de forma justa – estabelecendo uma armadilha em vez de aparecer abertamente –, os romanos também surpreenderam Aníbal depois de Canas. De acordo com as regras informais da época, se os exércitos perdiam uma batalha atrás da outra, um Estado deveria se render. Em vez disso, Roma continuou lutando.

Depois que a luta terminou em Canas em 2 de agosto, os oficiais de Aníbal o cercaram com congratulações. A maioria deles defendia um merecido descanso, mas não Maharbal, o comandante da cavalaria de Aníbal; ele aconselhava um ataque imediato contra Roma. Em cinco dias, segundo Maharbal, Aníbal poderia estar jantando no Capitólio, a cidadela de Roma. Maharbal se ofereceu para ir primeiro, com seus cavaleiros. Aníbal recusou, pois não julgava que isso fosse tão fácil de se fazer, e, além do mais,

precisava de tempo para refletir. Maharbal supostamente lhe disse: “Realmente, os deuses não entregaram todos seus dons ao mesmo homem”. “Você sabe como ser vitorioso, Aníbal, mas não como usar sua vitória.” O famoso ditado latino é: “*Vincere scis, Hannibal, victoria uti nescis*”.

Um escritor romano comenta: “Acredita-se que essa decisão foi o que salvou a cidade e o império”. A história da crítica de Maharbal provavelmente tem todo o peso dos homens que viveram a Segunda Guerra Púnica. Mas, hoje, a maioria dos historiadores concorda com Aníbal. Eles lembram que Roma estava localizada a 380 quilômetros de Canas, assim, marchar com o exército até o Capitólio teria levado semanas – não quatro dias. Nesse tempo, Roma poderia ter organizado sua defesa.

Roma estava protegida por grossas muralhas de quase 11 quilômetros de largura com um sistema avançado de torres, fossos e, do lado da cidade, uma plataforma cheia de terra para os defensores. As muralhas envolviam uma área de 2,5 quilômetros quadrados.

A menos que traidores abrissem os portões de Roma, Aníbal teria de tomar a cidade, ou derrubando as muralhas ou estabelecendo um sítio e matando-a de fome. Derrubar as muralhas exigiria máquinas de cerco, o que teria demorado semanas ou mais para construir. Sitiar Roma teria significado cercá-la com fossos e uma paliçada, esforços que não eram pequenos.

Se Aníbal realmente esperava que os romanos negociassem depois de Canas, julgou mal. Não conhecia seu inimigo. Mas, ao fracassar em aproveitar a sua vitória atacando Roma, ele mostrou falta de estratégia e fraca liderança.

E se?

Se Aníbal tivesse decidido atacar Roma depois de Canas, a cavalaria poderia ter seguido na frente. Galopando forte, Maharbal e seus cavaleiros poderiam ter chegado a Roma mais ou menos em uma semana – “cinco dias” era um exagero. Mesmo assim, as notícias de Canas teriam chegado pouco antes e, de repente, Roma veria o inimigo em seus portões. Medo e alarme teriam se seguido. Então, Aníbal e seu exército teriam seguido a cavalaria. Uma marcha forçada poderia tê-los levado a Roma em menos de duas semanas.

Não é provável que Roma tivesse concordado em negociar, mas o medo poderia ter se espalhado pelas cidades na vizinhança. Aníbal poderia ter

aumentado a pressão para que os romanos saíssem para lutar. E poderia ter ganhado alguns aliados de Roma na Itália central. Algumas dessas cidades realmente fraquejaram com o avanço da guerra, e a presença de Aníbal poderia ter feito a diferença.

Mesmo assim, é justo perguntar: E se Roma aguentasse? Aníbal provavelmente teria sido incapaz de tomar a cidade de assalto, porque as muralhas de Roma eram muito fortes. E se ele estabelecesse um cerco?

Aníbal tinha 45 mil homens depois de Canas, mas isso incluía os feridos, então sua força efetiva poderia estar ao redor dos 40 mil homens. Roma era uma cidade grande. Mas, alguns anos depois (211 a.C.), com muito menos homens em seu exército, os romanos tomaram a grande cidade siciliana de Siracusa, cujos muros eram mais compridos que os de Roma (30 quilômetros) – na verdade, era uma das maiores fortalezas do mundo antigo. O cerco de Siracusa durou dois anos. Roma acabou tomando os muros exteriores em um assalto. Logo depois, um traidor abriu os portões da cidade interna. Seguiu-se uma farra de saques e assassinatos.

Além disso, em agosto de 216 a.C., Roma não tinha um grande número de soldados para guardar suas muralhas. Havia uns 8 mil soldados na cidade e cerca de 5 mil por perto, guardando uma ponte estratégica na via Ápia, que vinha do sul. Enquanto esperava por Aníbal, Roma começou a recrutar novas tropas, mesmo entre os escravos, mas eram todos novatos. Se o cerco tivesse durado, Roma poderia ter formado uma força de alívio trazendo legiões de suas províncias no norte da Itália, Sardenha, Sicília e até Espanha. Os 15 mil sobreviventes de Canas poderiam ser acrescentados à mistura.

Um forte exército romano de alívio poderia ter feito Aníbal levantar o cerco de Roma, mas não se ele tivesse recebido reforços de Cartago, também. Se Aníbal estabelecesse o cerco à cidade de Roma e se pensassem que ele tinha uma chance de sucesso, o governo de Cartago poderia ter finalmente concordado em enviar mais tropas.

O problema não era que Aníbal não conseguiria tomar Roma, mas que ele não quis. Talvez não tenha entendido a extensão da sua vitória em Canas. Talvez tenha superestimado a força dos romanos. Mas o principal obstáculo para atacar Roma era, parece, a inflexibilidade de Aníbal. Nem seus objetivos de guerra, nem sua filosofia de operações, nem sua estratégia militar pediam o ataque a Roma. Era a hora de um líder cujo julgamento fosse ousado o suficiente para mudar de estratégia. Era um momento para audácia e

agilidade, mas Aníbal tinha um plano e se manteve nele.

Destruir Roma nunca foi o objetivo de guerra de Aníbal; em vez disso, ele queria diminuir seu poder. Queria um tratado de paz, não uma guerra até a morte. Estava disposto a ver Roma continuar como poder regional na Itália, desde que não ameaçasse Cartago.

Quando se tratava das operações militares, toda a filosofia de Aníbal era uma luta móvel, e não uma guerra estática. Ele poderia fazer longas marchas, exceder ou surpreender o inimigo, lutar em batalhas campais, conduzir ataques rápidos e emboscadas. A única coisa que não podia fazer era tomar uma cidade por meio de um cerco. Na verdade, em toda sua carreira militar, ele fez apenas um grande cerco e isso não aconteceu na Itália, mas na Espanha, em Saguntum (219 a.C.). Não foi uma tarefa fácil: a captura de Saguntum levou oito meses e custou uma séria ferida na perna de Aníbal. Nos anos depois de Canas, essa incapacidade de capturar uma cidade por meio do cerco se transformou em uma grande fraqueza. Por exemplo, no final de Canas, Aníbal poderia ter atacado os vários milhares de romanos sobreviventes que estavam se agrupando na cidade de Canusium, em uma colina próxima. Mas Canusium estava bem defendida e Aníbal não se aventurou. Se tomasse Canusium, Aníbal poderia ter ganhado outras cidades italianas para seu lado. E, algo que ele nunca soube, poderia ter removido da equação o homem que iria se transformar no pior inimigo de Cartago. Um dos refugiados em Canusium era Cipião, que tinha lutado em Canas.

E também havia a questão do ego de Aníbal. Durante o cerco de Saguntum, Aníbal foi forçado a partir por algumas semanas para lidar com rebeldes em outra parte da Espanha. Ele entregou o comando do cerco a Maharbal, que liderou tão bem que, como Lívio afirma maldosamente, “nem os cartaginenses nem seus inimigos notaram a ausência do líder”. O mesmo Maharbal, mais tarde, comandou a cavalaria em Canas e, depois, castigou Aníbal por não marchar contra Roma.

O ciúme desempenhou um papel nessa decisão de não invadir Roma? Talvez ele temesse que um ataque contra a cidade – fosse uma incursão, um assalto ou um cerco total – acabaria fortalecendo Maharbal. Grandes homens como Aníbal não deveriam ser influenciados por motivos pequenos, mas heróis também possuem egos.

Para o bem ou para o mal, o exército de Aníbal estava montado para a batalha, e não para o cerco. Ele deveria, então, ter mudado seu exército.

Alexandre, afinal, tinha conseguido fazer isso, depois que se moveu para o leste a partir do Irã. Ele se adaptou às novas condições necessárias para lutar nas montanhas de Báctria e nas estepes de Sogdiana. Alexandre realizou cercos ousados e bem-sucedidos contra fortalezas supostamente inexpugnáveis. Para se igualar a seu herói Alexandre, Aníbal precisava se nivelar em agilidade e audácia. Dois séculos depois, César faria exatamente isso. Ele não só era excelente na batalha campal, mas também era um mestre dos cercos, como mostrou em Alésia, na Gália, e em Corfínio, na Itália. Aníbal não chegou à mesma altura.

REGRAS DA GUERRA

Uma pergunta maior em relação ao sucesso de Aníbal como líder militar relaciona-se não com suas operações, mas com sua estratégia. É possível, com isso, chegar ao fundo de quem ele era. Será que Aníbal sempre colocou muito peso na astúcia? Ter aprendido essa técnica era uma boa forma de ganhar batalhas, mas talvez ele acreditasse que também era uma boa forma de ganhar as guerras. Ele teria se saído muito melhor, em 216 a.C., se tivesse aproveitado o choque do momento.

A estratégia de Aníbal contra Roma era fraca. Ele planejava cercar Roma com uma rede de alianças inimigas na Itália central e meridional, que juntaria às suas alianças com os celtas no vale do Pó. Então, ele lentamente apertaria o cerco contra Roma até ela se render. Mas Roma não era uma vítima fácil. E uma guerra longa, uma guerra de atrito, que drenasse o talento militar, quebrasse a força e abalasse o poder político e financeiro de cada lado não era condizente com os pontos fortes de Cartago.

Na verdade, a estratégia de Aníbal parecia uma repetição da Primeira Guerra Púnica (264-241 a.C.). Esse conflito de vinte e três anos exauriu os dois lados, mas Cartago jogou a toalha primeiro – e assim Roma ganhou. Roma, por seu lado, sempre esteve perto de ser derrotada.

Depois de Canas, os aliados de Roma no sul da Itália começaram a desertar para o lado de Cartago, mas foram lentos e cautelosos. As cidades na Itália central nunca romperam com Roma. Enquanto isso, os novos amigos de Cartago contribuíram muito pouco com o esforço e tinham um alto custo, de forma que Aníbal pode ter pensado: “Cuidado com o que você deseja”.

Apesar de Canas, todos os sinais apontavam para uma longa guerra – a última coisa de que Cartago precisava.

Enquanto isso, a guerra na Espanha já tinha começado e, no final, foi devastadora. Por causa de seu poder marítimo, Roma conseguia atacar a Espanha quando quisesse. Não que a guerra tenha sido fácil: demorou dez anos para Roma colocar Cartago para correr na Espanha. Apesar disso, Roma manteve ali as tropas cartaginenses que poderiam ter sido enviadas para reforçar Aníbal. Os romanos entendiam que ganhar uma guerra, às vezes, significava aceitar perdas em que, para ganhar dói onde é importante. Isso é uma regra de guerra fundamental e crucial.

Para conquistar um inimigo que possui recursos superiores em homens, material e dinheiro, um invasor precisa se mover rapidamente. Deixe a guerra se estender e o inimigo conseguirá administrar seus recursos, esmagar o agressor e até contra-atacar o país natal do invasor. Para vencer, o invasor precisa chocar o inimigo com ataques rápidos, diretos no coração.

Alexandre e César entenderam o princípio do choque. Aníbal parecia ter entendido no começo, mas, depois algo, aconteceu. Ou ele perdeu a visão ou não conseguiu receber o apoio necessário de seu governo para seguir uma estratégia vencedora, ou os dois.

Aníbal não possuía a capacidade de chegar ao coração de seu inimigo, mas poderia realizar uma série de golpes. Isso, era sua aposta, seria suficiente para vencer, mas Aníbal esqueceu que o tempo não estava ao seu lado. Ao não destruir Roma, Aníbal deu a chance para que a cidade curasse suas feridas e contra-atacasse com toda a força.

Outra regra de guerra fundamental é que, se você invade outro país, não deve permitir que ele o invada.

Roma mostrou uma sabedoria brutal sobre prioridades. Cartago, em contraste, estava em todos os lados. Em vez de focar intensamente em ganhar a guerra na Itália, ela desviava recursos por todo o Mediterrâneo ocidental e central: para a Espanha, Sardenha e Sicília. Cartago tampouco fazia bom uso de suas alianças.

Cartago deveria ter aceitado sua incapacidade de expulsar Roma da Espanha e se dedicado a neutralizá-la. Deveria ter jogado suas energias na guerra na Itália. Ao manter a pressão ali, Cartago poderia ter finalmente conquistado alguns dos aliados mais importantes de Roma no centro da Itália, por exemplo, cidades com direitos latinos (cidadania romana limitada) como

Espoletio (Espoleto) e Beneventum (Benevento), povos cuja lealdade era essencial para o sucesso romano.

Considere os recursos dirigidos à Espanha na primavera de 215 a.C. que poderiam ter ido para Aníbal na Itália: 12 mil soldados a pé, 1,5 mil cavaleiros, 20 elefantes, 60 barcos de guerra – destinados à Itália, mas desviados à Espanha depois das derrotas de Magão ali. E a Espanha não era o único lugar ao qual Cartago enviou homens e animais que poderiam ter sido mandados a Aníbal na Itália. Enviou 17 mil soldados para a Sardenha e 28 mil para a Sicília. Esses números diminuem ainda mais os reforços que Aníbal realmente recebeu: 4 mil cavaleiros numídios, 40 elefantes, mais dinheiro e provisões.

Só podemos adivinhar o que Aníbal pensava das prioridades de Cartago. Certamente, ele aceitou as expedições espanhola e siciliana, em que o alto comando cartaginense incluía seus irmãos e outros amigos poderosos. Talvez até tenha defendido essas novas campanhas pela frustração com o impasse na Itália. Mas eu duvido. Se a Sicília ou a Espanha tinham se tornado o teatro decisivo em sua mente, é difícil ver por que ele continuou na Itália. Ele sabia que era o melhor general de Cartago: isso não era egocentrismo, mas um fato. Contudo, não tinha as ferramentas para terminar o trabalho.

Podemos apenas adivinhar também a mistura de motivos que mantiveram Aníbal na Itália. Esperança e medo, sem dúvida, tiveram a sua parte. Orgulho em seus homens e lealdade a suas conquistas claramente tiveram também.

Aníbal pediu reforços ao Senado cartaginense, mas eles foram muito poucos e chegaram muito tarde. A história romana mostra como o Senado romano mostrava pouco entusiasmo por generais vitoriosos que retornavam à Itália à frente de seus exércitos. Podemos adivinhar que o Senado cartaginense tinha sentimentos parecidos em relação a Aníbal. Por isso se mostraram avaros em apoiar os esforços de guerra na Itália.

Se acreditarmos nas fontes antigas, nos anos seguintes, Aníbal se arrependeu de sua decisão de não atacar Roma depois de Canas. Realmente.

CÉSAR

A batalha de Farsala ofereceu a César a chance de ganhar a guerra, mas só se mostrasse que tinha as habilidades corretas. O sucesso está disponível para

quem quiser. Para vencer, César precisava de mobilidade, mas não tinha uma frota. Precisava de homens, mas não tinha dinheiro. Precisava dividir seus inimigos, mas eles continuavam firmes. Precisava de mais vitórias, mas suas tropas estavam cansadas e seu inimigo era cauteloso. O caminho a seguir iria testar as boas decisões de César, sua sabedoria estratégica e sua disposição de correr riscos. E nada disso poderia ter utilidade sem a ajuda da Providência.

Uma cabeça cortada

Por mais que Farsala tenha sido uma grande vitória, Pompeu ainda era capaz de juntar grandes forças do seu lado. Uns 18 mil de seus soldados continuavam vivos.

Liderados por homens como Catão e Metelo Cipião, os aliados de Pompeu continuaram com sua profundidade e intensidade. Com base na ilha de Córcira (a moderna Corfu) no Adriático, eles tinham a marinha mais poderosa do Mediterrâneo. O filho de Pompeu, Cneu, era um vitorioso comandante naval, e um filho mais jovem, Sexto, logo se juntaria a ele.

Pompeu tinha ainda outro aliado potente no rei Juba da Numídia, que tinha destruído o exército de Curião e salvado o norte da África para o Senado. Assim Catão e Cipião evacuaram Córcira e Dirráquio e navegaram para o norte da África, levando as tropas sobreviventes de Pompeu com eles. Por fim, mas não menos importante, a guerra é cara e Pompeu ainda tinha enormes somas de dinheiro. César era rico em vitórias, mas não em dinheiro.

Para ganhar a guerra, César tinha de lidar com esses inimigos, fosse pelas armas ou pela diplomacia. Deveria ter escolhido as negociações, já que os dois lados tinham sofrido perdas e, supostamente, queriam o bem de Roma. Mas os lados opostos definiam de forma diferente o que era o bem.

Os senadores queriam manter o poder em suas mãos. Eles eram uma pequena elite, mas defendiam o direito de governar um império por causa de sua linhagem nobre e sua devoção à liberdade. Definiam a boa vida como liberdade de expressão e competição sem restrições por votos em eleições a cargos e honras públicas.

César via as coisas de forma diferente. Era um líder brilhante e sabia disso – depois de Farsala, sabia mais do que nunca. Tinha conquistado a Gália, a Bretanha, a Itália, a Espanha, e agora, Pompeu, o Grande. Em sua vida, César tinha sido não só um soldado, mas também promotor, administrador,

negociador, orador e escritor, tendo se destacado em todos os campos. Agora, estava perto do poder absoluto como só outro romano tinha chegado: Sula, que foi nomeado ditador em 82 a.C., sem limites. Mas, um ano depois, Sula renunciou como ditador e concorreu a cônsul. Depois de dois mandatos, entregou o poder ao Senado e se aposentou. César não tinha intenção de seguir esse caminho. Sula, segundo César, não conhecia da política nem o ABC.

César não queria concorrer com outros senadores; queria dominá-los. Queria tirar o poder do Senado e dividi-lo com o povo comum da Itália e com elites das províncias – tudo para gerar uma base ampla de apoio a seu governo. Pompeu era um egocêntrico, mas os senadores poderiam tolerar dividir o poder com ele. César era um titã, e os senadores sabiam que teriam de destruí-lo ou serem destruídos em seu lugar.

O instinto de César depois de Farsala era capturar Pompeu. Assim como Alexandre poderia ter conseguido muitos ganhos políticos se capturasse Dario depois de Gaugamela, César poderia ter ganhado politicamente ao capturar Pompeu depois de Farsala. Vivo e sob o controle de César, Pompeu teria de mudar o jogo – e talvez até estivesse disposto a fazer isso. Pompeu era um soldado, não era mais jovem e não tinha princípios. Tinha apoiado o Senado porque era bom para Pompeu, não porque acreditava em liberdade e na república. Se César oferecesse a Pompeu e seus filhos um acordo melhor, poderia ganhá-los. Juntos, não teriam dificuldades em derrotar as forças do Senado.

E então, depois de Farsala, César correu atrás de Pompeu, assim como Alexandre tinha perseguido mais de uma vez Dario. Cada vez, a presa se mantinha um passo à frente do caçador, só para encontrar um predador ainda mais perigoso.

Pompeu foi de Farsala até a costa grega, e depois por mar até a ilha de Lesbos, onde pegou sua esposa, Cornélia, e o filho, Sexto. Ele poderia ter ido para o norte da África, mas, em vez disso, navegou para o Egito; porém, primeiro recrutou milhares de soldados na Anatólia e em Chipre. César seguiu com um pequeno exército e marinha; tinha poucos navios próprios, e, além disso, queria viajar com pouco equipamento para agarrar Pompeu.

A sorte, como sempre, sorriu para César, como mostra um incidente. Ele estava correndo para cruzar o Helesponto em um barco quando encontrou um esquadrão da frota de Pompeu. Com dez barcos de guerra, eles poderiam ter

facilmente capturado e matado César. Em vez disso, este se dirigiu à nau do almirante e exigiu que o capitão se rendesse, o que ele aceitou sem lutar. "*Fortis fortuna adiuvat*", César poderia ter dito, citando um poeta romano – "A sorte favorece a ousadia".

Ao chegar ao Egito, Pompeu estava usando uma fórmula do manual de riscos de César. O Egito poderia permitir que Pompeu virasse a mesa contra César. Era o país mais rico no mundo antigo, graças à incrível fertilidade agrícola do vale do rio Nilo. Mesmo com os romanos se apoiando muito nele, o Egito ainda era um Estado independente, com um grande exército e uma grande marinha – o melhor que o dinheiro podia comprar. O rei do Egito, Ptolomeu XIII, devia seu trono a Pompeu, que tinha salvado seu pai do exílio nove anos antes. Agora, Pompeu tentava cobrar a dívida. Ele ancorou perto da praia e enviou um mensageiro a Ptolomeu, perguntando se poderia entrar no porto.

Mas os Ptolomeus eram tão hospitaleiros quanto as cascavéis. Além disso, Ptolomeu XIII estava envolvido em uma guerra civil contra sua irmã. De qualquer forma, ele não tinha poder – era apenas um menino de 13 anos nas mãos de seus conselheiros. Eles temiam que Pompeu pudesse, aos olhos do menino, substituí-los, então não queriam que ele desembarcasse. Mas não queriam que fosse embora também, pois poderia voltar um dia e se vingar. Assim, convidaram Pompeu para que desembarcasse e, imediatamente, o mataram – à vista de Cornélia e Sexto, que ainda estavam a bordo. Temendo uma perseguição da frota egípcia, os barcos de Pompeu fugiram, deixando seu cadáver na areia. Ele tinha 57 anos.

"Só posso lamentar seu destino", escreveu Cícero sobre Pompeu, "pois eu o conhecia como um homem de integridade e caráter digno".

Quando César chegou ao Egito três dias depois, recebeu a cabeça cortada de Pompeu e o anel de sinete. As fontes dizem que César chorou. Se for assim, talvez tenha chorado muito mais por sua estratégia fracassada do que pela morte de seu antigo cunhado – agora César teria de lutar sozinho contra os senadores. E talvez tenha entendido que também estava muito vulnerável ao assassinato.

Soldados e dinheiro

Pode parecer que César deveria ter corrido para o norte da África antes que

seus inimigos tivessem a chance de se reagrupar. Em vez disso, ele passou o ano seguinte no Oriente. Era uma má notícia para a tranquilidade de Roma, mas tinha uma lógica própria.

Se a principal prioridade era o bem comum, um romano patriota teria a esperança de um acordo de paz entre César e o Senado, ou pelo menos o final rápido e decisivo da guerra civil. Um confronto no norte da África poderia ter trazido uma decisão rápida, mas César estava sem dinheiro. Precisava de mais barcos e homens, e precisava pagar os soldados que já tinha. Como Pompeu, César olhou para o Egito e viu ouro. Exigiu o pagamento de uma dívida contraída pela coroa egípcia uma década antes – uma soma grande, suficiente para pagar um grande exército por um ano.

O governo em Alexandria se recusou a pagar, assim César resolveu o problema com seu talento usual para soluções simples: mudou o governo. César usou suas 4 mil tropas para tentar resolver a guerra entre Ptolomeu e sua irmã. A mulher tinha uma arma secreta – ela mesma. Entrou escondida no palácio em Alexandria, enrolou-se, como conta uma história, em um tapete ou lençol, e se desenrolou na frente dos olhos espantados de César. Era Cleópatra. Não era linda na forma convencional – tinha um queixo proeminente, a boca e o nariz grandes. Mas era inteligente, astuta e sedutora. Tinha 21 anos, e César, com 52, ficou apaixonado.

Ou é o que diz a lenda, mas César tinha uma razão política para preferir Cleópatra a Ptolomeu: ela era mais fraca. Ptolomeu tinha um forte apoio popular na importante cidade de Alexandria; Cleópatra não poderia vencer sem Roma. Naturalmente, César preferia que ela, uma aliada leal, governasse o Egito. Era natural que ela pagasse o dinheiro que ele queria em troca do trono.

Percebendo que não poderia competir com Cleópatra aos olhos de César, Ptolomeu mandou seus soldados cercarem o palácio. O cerco durou todo o inverno (48-47 a.C.). Houve momentos dramáticos, incluindo lutas no porto, em que César foi forçado a nadar para não morrer. Mais uma vez, César se colocou em risco pessoal.

Na primavera, chegou uma força de ajuda. Liderada por Antípatro, o governador judeu da Judeia, composta tanto por judeus quanto por árabes, com a principal força de ataque consistindo em uma infantaria pesada de 1,5 mil judeus. O passado aproximava os judeus de César, porque Pompeu tinha entrado em Jerusalém em 63 a.C. e anexado o território judeu, profanando o

templo. Agora, eles tinham ganhado uma batalha-chave no delta do rio Nilo, que levantou o cerco e liberou César. Nos anos seguintes, César tratou a Judeia e os judeus como aliados e amigos – eles tinham, afinal, salvado sua vida.

Mas os judeus eram apenas um dos muitos novos aliados que César tinha conquistado no Oriente. O próprio Egito era o maior de todos. Antes de partir dali, César passou dois meses com Cleópatra e pode ter sido o pai de seu filho; ela chamou o bebê de Ptolomeu XV, mas ele ficou conhecido como Cesarião ou "pequeno César". Do Egito, César partiu para o leste, parando nas grandes cidades de Antióquia (Síria) e Tarso (sul da Anatólia) para somá-las a seus apoios. Então, partiu para a Anatólia norte-central para terminar uma séria revolta liderada por Fárnaces.

Fárnaces era o filho de Mitrídates VI de Ponto, o rei rebelde que tinha atacado o Oriente romano durante vinte e cinco anos e quase destruído o império na região. Depois que César marchou até o reino do Ponto (no norte da Turquia) demorou só cinco dias para que se encontrasse com Fárnaces e o derrotasse em 2 de agosto (12 de junho) de 47 a.C., na batalha de Zela. Um ano depois, quando César celebrou seus triunfos em Roma, ele anunciou sua rápida vitória sobre Fárnaces com um cartaz na procissão triunfal. Continha um dos maiores slogans na história da política: *Veni vidi vici*, uma frase que brilha na tradução para português como "Vim, vi e venci".

César poderia ter usado outro slogan para descrever sua atividade no Oriente. Era menos sugestivo, porém mais preciso: *Exegi mutuum sumpsi sustinui* – "Exigi, apropriei-me, apoiei". César começou pedindo dinheiro às cidades do Oriente durante sua perseguição a Pompeu depois de Farsala. Continuou a exigir fundos quando chegou ao Egito. Depois de derrotar Fárnaces, cobrou dinheiro das cidades, templos e indivíduos ricos por todo o caminho de volta à Itália. Onde tinha uma boa desculpa para conseguir o dinheiro – como nas cidades que tinham apoiado Pompeu – César chamava de "exigência". Onde não tinha desculpa, ele chamava de "empréstimo" – não que tivesse qualquer intenção de pagar. Ele não tinha escolha, dizia César, a não ser seguir uma aritmética simples: Estados precisam de soldados, soldados precisam ser sustentados e o sustento custa dinheiro. César entendia a infraestrutura da guerra tão bem quanto qualquer general.

“Meu comandante-em-chefe”

O inimigo estava no norte da África, mas César havia ido direto para Roma. A violência nas ruas da capital entre credores e devedores tinha saído do controle. Pior ainda, havia gente falando em motim nas legiões aquarteladas fora de Roma, e eram alguns dos melhores homens de César, incluindo os soldados da Décima Legião. Eles queriam seus pagamentos, dispensas e terras.

Quando os amotinados marcharam contra Roma, os amigos de César aconselharam cautela. Em vez disso, ele foi se reunir com os soldados no acampamento. Como se isso não fosse o suficiente, César falou que estavam blefando. Precisava deles na África, mas fingia que não. Como os homens disseram que queriam a dispensa, ele aceitou. Em vez de chamá-los de “companheiros soldados” (*commilitones*), como era a prática-padrão de Roma, ele os chamou de “cidadãos” (*quirites*). Era o máximo da audácia e funcionou. Os soldados adoravam fazer a guerra e não tinham intenção de desistir. Exigiram que César os aceitasse de volta, e ele concordou. Mas não esqueceu o motim. Dizem que se livrou dos líderes mais tarde, mandando-os para as tarefas mais perigosas no norte da África.

Depois de resolver o motim e colocar políticos novos e mais confiáveis à frente do governo, César partiu de Roma. Ele tinha ficado ali dois meses, do final de setembro (nosso julho) ao final de novembro (meio de setembro) de 47 a.C. Então partiu para a África, usando a Sicília como sua base. O mau tempo e problemas organizativos o impediram de avançar. Mas César não tinha intenção de esperar até que suas forças estivessem prontas. Partiu assim que o tempo melhorou, em 25 de dezembro de 47 a.C. (meio de outubro).

A “Guerra Africana” de César, como foi chamada, é um estudo dos extremos. A pressa descuidada foi seguida por uma habilidade paciente de ver o quadro geral. Raramente César apareceu mais radiante como comandante em campo; raramente ele foi menos impressionante como organizador e seu papel de general mais eclipsado por sua habilidade política; e nunca tinha ficado tão evidente como dependia da Providência.

A invasão da África romana por César foi como uma repetição de sua invasão da Albânia. Nas duas vezes, ele correu o risco de estabelecer uma cabeça de ponte com uma força simbólica e esperar que os grandes batalhões se seguissem. Mas a invasão da África foi infinitamente mais desorganizada.

César tinha estabelecido seis legiões na Sicília, 2 mil cavaleiros e muitos barcos com suprimentos. Entretanto, fortes ventos no cruzamento dispersaram a frota, e a situação estratégica fez que César não desse aos capitães instruções precisas de onde aportar. O inimigo controlava os mares, assim os capitães tinham de encontrar algum porto seguro para desembarcar. O próprio César chegou à costa africana quatro dias depois com apenas 3 mil legionários e 150 cavaleiros. Ele precisava alimentá-los e protegê-los até que os outros barcos chegassem. Enquanto isso, o inimigo atacava.

A ação aconteceu fora do porto de Ruspina (moderna Monastir, Tunísia). Depois de deixar alguns de seus homens protegendo outros portos, César partiu em uma expedição em busca de alimentos com um pequeno exército de 30 tropas de infantaria, talvez 2,5 mil homens, ao quais acrescentou as únicas outras tropas que tinha – 400 cavaleiros e 150 arqueiros – quando viu a nuvem de poeira do inimigo ao longe. O comandante deles era Tito Labieno, ex-segundo em comando de César e excelente em táticas.

Labieno tinha uma força muito maior do que a de César, consistindo em quase 10 mil cavaleiros – 8 mil numídios e 1,6 mil gauleses ou germânicos –, assim como soldados de infantaria leve numídios. A província romana da África (aproximadamente a moderna Tunísia) fazia fronteira com o reino na Numídia (mais ou menos a moderna Argélia) ao sul e a oeste. Os pompeianos dominavam a África romana, e o rei Juba da Numídia era aliado deles. Como nos dias de Aníbal, a Numídia tinha uma cavalaria leve, rápida e mortal.

O que se seguiu foi a batalha de um homem pensante. Labieno apostou em superar César alinhando sua cavalaria em uma longa fila, algo incomum. César respondeu organizando seus homens em uma também incomum longa fila para não ser superado. Funcionou por um tempo, mas a cavalaria numídia continuou atacando, além de usar os dardos. Eles romperam várias tentativas dos legionários de César, que queriam atacar a infantaria de Labieno. No final, a cavalaria de Labieno conseguiu cercar as forças de César.

Mas César provou que era um desafio à altura. Reorganizou seu exército em duas linhas, de costas uma para a outra, encarando o inimigo em duas direções. Seu movimento deu espaço para atacar diferentes partes da linha inimiga isoladamente, o que provou ser muito eficiente. Pouco a pouco, os homens de César foram capazes de forçar o inimigo a abandonar uma colina que bloqueava a marcha e, a partir dali, voltaram a seu acampamento em Ruspina. A batalha foi quase uma tragédia, mas demonstrou, mais uma vez, a

frieza de César como comandante, sua rapidez em tomar decisões e a inspiração que gerava em seus homens.

Por várias semanas, os pompeianos mantiveram César preso em Ruspina. Os pompeianos tinham catorze legiões – dez romanas e quatro numídias – mais numerosos auxiliares e 120 elefantes. Excediam muito César em número, mas não tinham tanta experiência. Não podiam se comparar com as cinco legiões veteranas que César chegaria a ter, de um total de dez legiões e 2 mil cavaleiros. César só contaria com uma boa força alguns meses depois, mas, enquanto isso, reforços suficientes e suprimentos chegaram para que ele conseguisse sair de Ruspina.

Os generais inimigos eram uma grande mistura. A maioria dos colegas de Labieno era de segunda classe, principalmente o comandante-chefe deles, Metelo Cipião. A aliança dos pompeianos com Juba também era discutível, pois este estava distraído por causa de uma invasão feita pelo rei Boco da Mauritânia a seu reino no oeste.

Contra eles estava César. Um pequeno incidente joga alguma luz sobre seu poder político. A história aparece no *De bello Africo*, um livro escrito por um apoiador desconhecido de César. A história é claramente exagerada e poderia muito bem ter sido inventada, mas é uma propaganda brilhante.

Quando um novo comboio cesariano chegou à África, os barcos foram espalhados pelos ventos e capturados pelo inimigo. A tripulação de um desses barcos, soldados da Décima Quarta Legião, foi levada para ver Cipião. Ele ofereceu a chance de denunciarem seu comandante "manchado de culpa" e se juntarem aos melhores de Roma na defesa da república. Falando por todos, um centurião que não era nomeado se recusou, desafiador.

"Eu deveria me levantar em armas contra meu comandante, César?", perguntou. Ele se referiu a César como *imperatorem meum*, "meu comandante-chefe", enquanto anunciava abertamente a Cipião que ele nunca receberia um termo igual de respeito: "Não o chamarei de comandante-chefe (*imperator*)".

"Meu *imperator*" é um termo vigoroso. Como "meu país", é uma frase pela qual os homens lutavam e morriam. Sugere o poder que César tinha sobre seus homens. Indica não só por que seus próprios soldados eram devotados a ele, mas também por que os soldados do inimigo desistiam de sua própria causa e desertavam para o lado de César sempre que as coisas começavam a pender para o lado dele. Ajuda a explicar por que César continuava a vencer

apesar de estar em desvantagem na África e em outras partes, não obstante sua inferioridade em número de homens e suprimentos: todos acreditavam nele.

Mas não encoraja o otimismo sobre o futuro das instituições livres em Roma em 46 a.C. A linguagem do centurião era típica do culto à personalidade. A palavra latina *imperator* significava "comandante-chefe", mas, em uma geração, se tornaria "imperador" também. Quando a palavra *imperator* tinha mais força retórica do que as palavras *res publica* –"república" –, então a própria república corria perigo.

O centurião, por falar nisso, supostamente terminou seu discurso desafiando os homens de Cipião para uma luta. Cipião, indignado, mandou que fosse imediatamente executado. Os capturados restantes foram torturados, quando veteranos, ou distribuídos entre suas legiões, quando novos recrutas.

Enquanto isso, para voltar à guerra, foi mais ou menos nessa época que os homens de César sofreram a torrencial tempestade mencionada no Capítulo 1. A natureza só piorou as dificuldades logísticas de César.

Cipião sabia que César teria de continuar se movendo para encontrar suprimentos. Ele planejava usar sua cavalaria para reduzir César a pedaços. Resumindo, Cipião seguiu uma estratégia fabiana. César, por sua vez, seguiu a estratégia de Aníbal – ele queria lutar uma batalha campal assim que suas legiões veteranas chegassem. Quando mais duas legiões chegaram, César tentou forçar Cipião ao cercar a cidade de Uzita (Henchir Makhreba de hoje), mas Cipião se recusou a lutar uma batalha campal.

A hora de César chegou em 4 de abril (4 de fevereiro) de 46 a.C. Nesse momento, seu exército tinha chegado ao ponto máximo de força. César estabeleceu o cerco da fortaleza inimiga de Tapso, uma cidade portuária a aproximadamente 8 quilômetros a leste de Teboulba, Tunísia. Cipião veio defender a cidade. Uma batalha campal aconteceu dois dias depois, em 6 de abril (6 de fevereiro).

No campo perto de Tapso, uma planície estreita se estendia até um amplo lago salgado. Nesse terreno apertado, a cavalaria de Cipião não poderia atacar os flancos de César e estrangular o inimigo como os cavaleiros de Aníbal tinham feito em Canas. O ás na manga de Cipião era seus elefantes, que colocou na frente de cada ala. César colocou duas de suas legiões veteranas em cada ala. Para se contrapor aos elefantes, ele acrescentou força extra nas

alas, dividindo sua quinta legião veterana e colocando as metades em uma quarta linha em cada ala.

Mas até aqui chegou a ciência e a disciplina militar. Quando os homens de César estavam tomando suas posições finais, espalhou-se a notícia de que a disposição do inimigo não estava indo bem; na verdade, estavam claramente desorganizados. Os oficiais mais experientes de César exigiram um ataque imediato, mas ele insistia que suas tropas estivessem todas em posição. Não importou. Uma trombeta tocou antecipadamente e outras a seguiram. Os centuriões tentaram segurar os homens, mas era tarde demais. Sempre pragmático, César soltou o lema do dia – *"Felicitas!"* ou "Boa sorte!"–, e a batalha começou.

Os arqueiros e fundeiros de César atacaram rapidamente os elefantes, que se voltaram contra seu próprio exército e o esmagou. Em pânico, o exército inimigo simplesmente se esfacelou. Os homens de César massacraram todos, mesmo os que tentaram se entregar. No final, as forças de César mataram 5 mil inimigos.

Para César, Tapso foi uma vitória descuidada, mas excelente. Quase todos os generais do inimigo no norte da África tinham sido mortos ou se suicidado; Labieno foi um dos poucos que escaparam. Mas um dos suicídios foi mais terrível.

César partiu de Tapso para Útica, porto e capital da província. A cidade estava sob o comando do último grande general inimigo no Senado, Marco Pórcio Catão. Os outros ou estavam mortos, como Pompeu, ou tinham recebido o perdão de César, como Cícero. Se Catão aceitasse a clemência seria um grande golpe de propaganda para César. Provaria que não havia mais luta no partido do Senado.

No entanto, Catão disse não. Ele considerava César um tirano e se recusou a receber ordens dele. No lugar, Catão cometeu suicídio. Não foi um processo bonito. Ele rasgou os intestinos com sua espada, mas seus apoiadores vieram correndo e fizeram que um médico costurasse suas feridas. Catão, então, rasgou os pontos e morreu.

Quando César recebeu a notícia, supostamente falou: "Oh, Catão, não queria ter a glória de sua morte; assim como você não quis que eu tivesse a glória de salvar sua vida". César sabia o que estava falando. O suicídio de Catão deu vida à causa do Senado. Em termos militares, César tinha vencido. Em termos políticos, Catão se vingou da tumba. César se apresentava como o

príncipe dos perdões, mas Catão forçou o lobo a mostrar seus dentes.

Depois de Útica, Catão entrou para a história, um mártir da liberdade republicana. Não espanta o que um poeta romano tenha escrito sobre Pompeu e César, um século depois:

Cada um de sua causa pode atestar um julgamento supremo;
O vitorioso, céu: o vencido, Catão, vós.

“Não têm vergonha de me entregar para estes meninos?”

Depois de limpar as coisas no norte da África e de fazer a já padronizada rodada de levantamento de fundos, César voltou a Roma. Foi um período de fortalecimento, reformas e celebrações.

César foi eleito ditador por dez anos e censor por três, tendo poder sobre todos os funcionários públicos, incluindo os senadores. Também recebeu muitas honrarias públicas.

Já em 49 a.C., César tinha começado uma onda de reformas no governo e na sociedade romana que, mais tarde, aprofundou. Governo, economia, cidadania, religião, prédios públicos, questões dos veteranos – tudo foi afetado. De longe, a reforma mais duradoura foi a do calendário romano. César deu a Roma o calendário solar de 365 dias, mais o ano bissexto que ainda é usado hoje na maior parte do mundo (com poucos ajustes em 1700). O novo calendário começou a ser usado em 1o de janeiro de 45 a.C.

E então veio a celebração. Um *triunfo* era uma espetacular marcha da vitória através da cidade de Roma por um general e seu exército, culminando em um sacrifício a Júpiter no monte Capitolino e um banquete público. O Senado deu a César permissão para celebrar quatro triunfos de uma vez – algo nunca visto antes. Ele não poderia celebrar a vitória na guerra civil, já que era impróprio comemorar a morte de cidadãos romanos. Então celebrou suas vitórias contra os gauleses – uma guerra que parecia muito distante – sobre os alexandrinos, sobre Fárnaces e contra o rei Juba da Numídia (passando por alto os aliados romanos de Juba, de Cipião a Catão). Durante quatro dias no verão de 46 a.C., desfiles vitoriosos encheram as ruas de Roma, seguidos por mais seis dias de jogos de gladiadores, banquetes e a dedicação de novos edifícios públicos. Os soldados de César receberam grandes bônus em dinheiro; cidadãos chefes de família também receberam

pequenos pagamentos.

Mas a celebração foi prematura, pois havia problemas no Ocidente. Depois de conquistar a Espanha em 49 a.C., César cometeu o erro de indicar um governador que começou a apertar os habitantes locais, querendo dinheiro, até que os espanhóis responderam forçando-o a sair do cargo e, depois, recebendo o que sobrou do exército do Senado. O exército era liderado pelos filhos de Pompeu, Cneu e Sexto, e pelo antigo segundo em comando de César, Labieno. A Espanha era a última esperança dos pompeianos.

César não podia deixar uma base tão rica e perigosa nas mãos do inimigo. Assim, no final de 46 a.C., ele montou mais uma expedição militar. Seus homens, exaustos, não estavam muito entusiasmados. Como sempre, César tinha pressa e deixou Roma em novembro, chegando à Espanha apenas um mês depois. A guerra aconteceu no sul da Espanha, na província romana de Bética (a Andaluzia moderna).

César tinha oito legiões, incluindo os veteranos das Legiões Quinta e Décima, e 8 mil cavaleiros. O inimigo tinha treze legiões, assim como um grande número de cavaleiros e auxiliares com armas leves. A maioria das forças pompeianas era de qualidade duvidosa, no entanto, assim seus comandantes não queriam arriscar uma batalha. Isso facilitou o trabalho de César – que era forçá-los a lutar.

César atacou todas as cidades do inimigo, uma após a outra. No começo, o problema comum de suprimentos o atrasou, mas, depois de poucas semanas, ele começou a avançar. César principiou a atrair apoiadores e soldados do inimigo como um ímã. Para manter seu exército inteiro, Cneu Pompeu não tinha escolha a não ser lutar.

A batalha decisiva aconteceu nos arredores da cidade de Munda (perto de Sevilha) em 17 de março de 45 a.C. Os pompeianos mantinham a cidade, enquanto César e seus homens estavam acampados na base da colina, ao lado de uma ampla planície. Quando seus batedores informaram que o inimigo estava finalmente se preparando para lutar, César levantou a bandeira da batalha. Ele organizou suas tropas com a Décima Legião à direita e a Terceira e a Quinta à esquerda, reforçadas pela cavalaria e os auxiliares.

Apesar de César esperar que o inimigo descesse do terreno alto para lutar na planície, os pompeianos se recusaram a abrir mão dessa vantagem. Mas então viram os homens de César hesitantes, por isso desceram da colina, e a luta começou.

A batalha de Munda não foi uma segunda Tapso, em que os inimigos de César se viraram e praticamente saíram correndo à primeira visão do sangue. Munda foi mais difícil do que Farsala, na qual os legionários de Pompeu tinham mantido suas posições o máximo que conseguiram. Na verdade, o inimigo em Munda foi o mais resistente que César já tinha enfrentado.

Os homens de Pompeu sabiam que era o fim da linha. Para muitos deles, entregar-se significaria escravidão ou execução. Haviam violado os termos do perdão de César na guerra de 49 a.C. e, depois, tinham piorado a situação ao se revoltar contra o governador da Espanha escolhido por César. Por outro lado, os soldados de César estavam entusiasmados pela presença de seu comandante e reforçados pela experiência. Ademais, queriam terminar de uma vez por todas com a guerra civil.

Por um tempo, o resultado da batalha parecia duvidoso. Incapazes de deixar as coisas nas mãos dos outros, César e Cneu Pompeu entraram na luta.

A luta mais dura aconteceu nos dois flancos. A Décima Legião de César, sempre confiável, começou a empurrar a esquerda do inimigo. Para sustentar seus homens, Cneu Pompeu começou a mover uma legião da direita com o objetivo de apoiar a esquerda. A cavalaria de César respondeu atacando o enfraquecido flanco direito do inimigo.

Mesmo assim, os pompeianos aguentaram até que um movimento de Labieno provocou um pânico inesperado. Labieno ordenou que cinco tropas – uns 4 mil homens – mudassem de posição para proteger o acampamento deles de outra unidade da cavalaria de César. Para chegar lá, os homens de Labieno precisavam cruzar o campo de batalha. Soldados veteranos teriam entendido o movimento deles, mas, para os inexperientes de Pompeu, parecia o começo de um recuo. Uma parte de seu exército se virou e fugiu.

O resultado foi um caos. As forças de César começaram a massacrar o inimigo. Quando estava tudo terminado, eles tinham matado 33 mil pompeianos, incluindo 3 mil nobres romanos (homens muito ricos) – ou foi o que afirmaram. César admitiu mil mortos e quinhentos feridos, que eram números altos para ele, e um sinal de como a batalha tinha sido difícil. Labieno foi um dos mortos. César organizou um funeral apropriado para seu segundo em comando.

Várias histórias circularam depois sobre o ponto baixo de César durante a batalha. Uma fonte diz que ele correu para incentivar seus homens, que estavam sendo empurrados pelo inimigo. “Não têm vergonha de me entregar

para estes meninos?", supostamente disse César. Irônico e debochado, estava muito distante de Alexandre com seu capacete com plumas, mas incentivou as tropas do mesmo jeito.

Dizem que César comentou com seus amigos, quando deixou o campo de batalha, que, em Munda, pela primeira vez, sua vida esteve em risco. (Não é verdade, pois sua vida já tinha estado em perigo antes, em Dirráquio e em Alexandria, por exemplo.) Finalmente, existe a informação de que César até considerou o suicídio em um momento durante a batalha, quando pensou que tudo estava perdido. Talvez.

Em Munda, os homens de César pareciam velhos e cansados, mas eram mais experientes do que o inimigo; e isso foi o que contou no final, assim como a superioridade de César na cavalaria. E, por fim, lá estava o próprio César, infatigável sob pressão. O perfeito político, ele pensava sem premeditação e dizia o que fosse preciso para mover seus homens.

As campanhas de César no norte da África e na Espanha foram muito mais descuidadas do que qualquer uma das realizadas por Alexandre ou Aníbal. Ao contrário deles, César não gostava de se fantasiar. A forma como organizou o ataque de cavalaria em Farsala foi inteligente, mas as táticas de batalha de César não oferecem nada de mais em comparação com a sinergia de armas combinadas de Alexandre ou a astúcia de Aníbal.

A logística de César era desordenada. É difícil imaginar Alexandre, o planejador meticuloso que cruzou o rio Hidaspes, tolerando os desembarques desorganizados de César na costa norte-africana. Nem Aníbal, o mestre manipulador de Canas, teria tolerado a insubordinação em Tapso. E, mesmo assim, César conseguiu o que queria, e nem Alexandre nem Aníbal teriam algo a ensinar-lhe sobre projetar uma imagem vitoriosa para seus homens.

A batalha terminou, a cidade de Munda se preparou para um sítio. Depois que os homens de César a cercaram com uma horrível "paliçada" de cadáveres e várias cabeças decepadas em cima de postes, Munda se rendeu. Cneu Pompeu fugiu, mas seus inimigos o alcançaram uns dias depois. Sua cabeça foi cortada e levada a César.

Depois de resolver alguns problemas e levantar dinheiro, César voltou para Roma, aonde chegou em junho de 45 a.C. Com o final da campanha espanhola, a guerra civil havia terminado. Então vinha a parte difícil: pacificar a classe política de Roma.

A ESSÊNCIA DA DECISÃO

Sucesso ao fechar o cerco exige quatro coisas: estratégia, agilidade, nova infraestrutura e gerenciamento moral.

O maior erro de um vencedor depois de ganhar uma grande batalha é esperar que o sucesso caia em seu colo. Ao contrário, como a necessidade é a mãe da invenção, o derrotado provavelmente será mais engenhoso do que nunca, e talvez ainda mais perigoso. O vitorioso precisa julgar muito bem seu próximo movimento. Ele deve escolher a estratégia correta. É o momento de negociar ou de deixar clara sua vantagem? Se ele atacar, qual é o alvo correto; a capital do inimigo, seu exército ou sua liderança? Assumindo que ele escolha corretamente e ataque com sucesso, ele então precisa decidir como saberá quando a guerra estiver ganha. Ele exige rendição incondicional ou está disposto a permitir que o inimigo derrotado negocie os termos? E se seu ataque fracassar e o inimigo conseguir responder, ele deverá considerar diminuir suas perdas e se retirar?

Para realizar sua estratégia é preciso agilidade. Ganhar uma batalha campal não é o mesmo que realizar uma perseguição, tomar uma cidade sitiando, organizar ataques rápidos e emboscadas ou conquistar populações civis.

E não adianta nada planejar o próximo movimento corretamente se um comandante não tiver os recursos para realizá-lo. Nossos três comandantes precisavam de mais dinheiro e homens depois de grandes vitórias no campo de batalha.

Finalmente, eles tiveram de superar as frustrações de uma longa guerra e manter o apoio tanto de seus exércitos quanto de sua base política.

Nossos comandantes encararam esses desafios com sucesso diverso. Notamos, a princípio, que a qualidade dos inimigos que eles enfrentavam variava muito. Alexandre encarou um inimigo muito capaz em Espitamenes e outros que não ficavam atrás em Bessos e Poro, mas nenhum deles poderia rivalizar em termos de recursos. Poucas pessoas no império persa sentiram uma lealdade tão profunda com o governo, poucos homens estavam dispostos a morrer por Dario ou Bessos.

César enfrentou um grande tático em Labieno, mas felizmente ele nunca teve o comando supremo. Entretanto, César teve de enfrentar a determinação de um Catão, a disposição de um Juba e o espírito dos filhos de Pompeu. Seus inimigos também tinham muito dinheiro. Mas César estava lutando uma

guerra civil. Não era um invasor estrangeiro e perdoava seus inimigos. A maioria das pessoas achou fácil mudar do lado de Pompeu para o dele quando o vento começou a soprar a seu favor.

Em Roma, Aníbal encarou a maior república no mundo antigo. Roma criou e implementou uma brilhante contraestratégia a Aníbal – a estratégia fabiana. Sim, havia choques na estrada para a implementação, mas, no final, Roma implementou a estratégia forçadamente. O apoio ao governo de Roma corria muito fundo entre seus cidadãos. Os aliados centro-italianos de Roma eram quase tão leais e patrióticos. Eles odiavam Aníbal e nunca se entregariam sem uma luta. Quanto mais longa fosse a guerra, maior seria a chance de que os generais de Roma aprendessem com o mestre e adotassem técnicas de campo de batalha bem-sucedidas. O tempo todo eles tinham muito dinheiro e homens. Realmente, Aníbal teve de vencer os inimigos mais difíceis.

Como cada um dos três capitães fechou o cerco depois de ganhar no campo de batalha? César seguiu a melhor estratégia. Ele concluiu corretamente que seu primeiro alvo, depois de ganhar em Farsala, era Pompeu, o comandante inimigo fugitivo. Depois do assassinato de Pompeu, César se voltou para sua necessidade financeira, apesar de que isso dava ao exército inimigo um espaço para respirar no norte da África. Da mesma forma, ele lidou com um ataque perigoso de Fárnaces no Oriente e um levante político-militar em Roma antes de finalmente enfrentar o inimigo.

Aníbal escolheu a pior estratégia. Seu primeiro e maior erro foi não atacar Roma depois de Canas. Seu segundo erro foi deixar que a guerra se arrastasse depois de ter ficado aparente que seu plano tinha fracassado. Aníbal esperava ganhar uma massa crítica de seus aliados de Roma. Não conseguiu.

Aqueles aliados que Aníbal conseguiu persuadir se transformaram em um peso. Ele queria uma alavanca estratégica, mas, em vez disso, recebeu um peso. O plano de Aníbal para romper o sistema de alianças de Roma foi seu erro de cálculo estratégico mais importante. Seu golpe de mestre em Canas tinha aberto uma súbita oportunidade, mas ele precisava aproveitá-la.

Se estivesse no lugar de Aníbal depois de Canas, César teria marchado sobre Roma, já que nunca se baseou muito nas regras. Ele acreditava em apostar na sorte, não esperar que ela caísse no seu colo. E daí que ele não tinha os homens e os suprimentos? Como em Épiro ou no norte da África, César teria improvisado. Ele sabia quanto da combinação de audácia e diplomacia poderiam extorquir uma população hostil e iria arrancar o

máximo que pudesse dos arredores de Roma. E, claro, César sabia como organizar sítios. Aníbal não.

A estratégia italiana pós-Canas de Aníbal também foi equivocada, baseando-se muito na astúcia e pouco na força. Mas ele não tinha escolha, com poucos homens e dinheiro. Cartago certamente cometeu um erro ao não reforçar Aníbal e concentrar-se na guerra na Itália em vez de espalhar seus recursos em muitos teatros militares diferentes. Se ele conhecesse melhor a política cartaginense, Aníbal poderia ter sido capaz de conseguir o que queria do Senado de Cartago, mas ele tinha saído da cidade aos 9 anos.

Alexandre demonstrou excelente julgamento estratégico depois de Gaugamela em sua perseguição a Dario e, depois, a Bessos, mas suas ações no final são questionáveis. Talvez estivesse certo em derramar todo o sangue como fez para derrotar Espitamenes, mas ele poderia ter evitado Sogdiana e poupado seus recursos. A Índia era uma magnífica obsessão que poderia ter levado a um império como nunca visto antes – se Alexandre pudesse mantê-la. Mas era uma perspectiva altamente duvidosa.

Quando se trata de agilidade, Alexandre é o destaque. Ele foi vitorioso na maior variedade de terrenos, do deserto ao Himalaia. Foi igualmente excelente na batalha campal, em conter ataques no deserto, em estabelecer sítios a fortalezas inexpugnáveis e na luta na montanha. Elefantes de guerra foram um choque para os soldados ocidentais, mas ele conseguiu transformá-los em uma inconveniência menor. Depois de fracassar no teste contra a frota persa sob Memnon, Alexandre virou o jogo e construiu uma marinha.

Aníbal era o menos ágil dos três comandantes por sua incapacidade de estabelecer sítios. Nada causou tantos danos a seus esforços de guerra na Itália. César era ágil o suficiente para lidar com uma grande variedade de terrenos, mas não adotou tantas estratégias diferentes quanto Alexandre. É verdade que César também entrou em combate urbano em Alexandria, mas ele quase perdeu. E derrotou os elefantes em Tapso, mas é duvidoso que o inimigo soubesse como lidar com eles.

Quando se tratava de conseguir mais dinheiro, Alexandre era o melhor, mas tinha o alvo mais fácil. Se ele tivesse hibernado na Babilônia, os persas poderiam ter aguentado a luta em Persépolis ou, pior ainda, escondido seus tesouros. Mas a velocidade e um ataque forte deu a Alexandre todo o dinheiro de que precisava.

César teve de trabalhar mais duro para conseguir fundos, mas conseguiu.

Entre o número de soldados limitado e a inexistente capacidade de realizar cercos, Aníbal estava paralisado em seus esforços para conseguir todo o dinheiro que precisava da Itália, e o Senado cartaginense fez pouco para ajudá-lo.

Nenhum dos três generais tinha uma solução perfeita para suas necessidades de homens. Alexandre foi melhor recrutando novas tropas, mas elas o deixaram sentado à beira de um vulcão. Ninguém sabia se ele poderia manter a lealdade de um exército largamente não macedônio, e ninguém tinha certeza de que eles poderiam chegar perto da habilidade de luta das falanges.

César encontrou novos recrutas, mas o fator decisivo na batalha campal era ter veteranos. Ele conseguiu um bom número deles, mas nunca era suficiente.

Aníbal nunca conseguiu preencher suas necessidades de soldados. Sem reforços, ele estava condenado ao fracasso. Faltava o apoio político em casa que César e Alexandre tinham.

Mas Aníbal era excelente em uma área: em manter a capacidade e o moral de seu exército. Alexandre e César sofreram vários motins ou quase motins. Em quinze anos na Itália, Aníbal não sofreu nenhum. Ninguém mantinha a lealdade de seus homens tão bem quanto Aníbal. Eles ainda estavam dispostos a morrer por ele, mesmo quando deixaram a Itália para voltar à África, onde precisaram lutar para manter Cartago segura sem os bolsos cheios com os saques da Itália. O mais incrível é que, apesar do resultado de sua guerra, Aníbal ainda continua sendo um dos generais mais admirados da história.

CAPÍTULO 6

Saber quando parar

No verão de 324 a.C., na cidade de Ópis (perto da Bagdá de hoje), Alexandre convidou a nata do seu exército e seu governo para um enorme banquete. As fontes, inseguras sobre os números, registraram um rumor de que 9 mil pessoas participaram.

Foi um grande espetáculo – teatro político do vencedor – que pode ter acontecido de verdade. O objetivo foi celebrar a vitória. Não o bem-sucedido retorno de Alexandre e seu exército da Índia no inverno anterior, mas um sucesso mais duvidoso. Poucos dias antes, Alexandre tinha esmagado um motim. O problema veio depois que ele anunciou planos de enviar a maior parte dos seus veteranos macedônios de volta para casa. Eram cerca 10 mil homens, um grupo grande. Ele substituiria todos por novos recrutas da Macedônia e da Pérsia. Velhos e feridos, os veteranos eram também conservadores e odiavam as políticas pró-persas de Alexandre, por mais limitadas que fossem. Assim, levantaram-se em protesto.

Ao contrário do que aconteceu na Índia, Alexandre se recusou a aceitar. Queria um novo exército e queria que fosse leal a ele porque tinha planos de novas guerras. Alexandre mandou executar os líderes do motim e ofereceu comandos militares a oficiais iranianos. Em poucos dias, os macedônios perceberam que Alexandre falava sério sobre fazer as coisas do seu modo, então pediram perdão e tudo terminou.

Tendo vencido, Alexandre foi magnânimo. Ele deu aos líderes macedônios os melhores lugares no banquete, onde eles cercaram o rei em um círculo. Os persas seniores se sentaram em um anel ao redor deles, cercado, por sua vez,

por um círculo de importantes representantes dos outros povos do império.

Como todas as refeições gregas ou macedônias, o banquete começou com uma oração. O ritual pedia que uma taça de vinho fosse enchida e algumas gotas fossem jogadas no chão em honra aos deuses. Alexandre deu aos macedônios a honra de se servir de vinho do mesmo barril enorme do qual ele beberia. Os sacerdotes gregos e persas começaram a cerimônia, e, depois, Alexandre liderou a oração. Ele orou por "várias bênçãos e, especialmente, pela unidade entre macedônios e persas como parceiros no governo".

Incríveis sentimentos, mas eram apenas palavras. A organização de mesas no banquete de Ópis contava a verdadeira história – persas exerceriam um papel no regime de Alexandre, mas os macedônios (e gregos) monopolizariam o círculo interno. No entanto, eram os *seus* macedônios que apoiariam *sua* política de trabalhar com os persas. Eles não seriam do tipo restrito "os macedônios primeiro" que desafiaria o rei.

Nunca vamos saber se Alexandre teria conseguido ser bem-sucedido em seus planos, porque ele não teve a chance de colocá-los em prática. No verão seguinte, o rei estava morto.

Uns 125 anos depois e a cerca de 2,5 mil quilômetros a oeste, uma festa de vitória ainda mais amarga aconteceu. Era o verão de 205 a.C. nos arredores de Crotona, Itália. Crotona era um pequeno porto na ponta da bota italiana, com um porto para o mar Jônico, voltado para o leste na direção da Grécia. No passado, tinha sido uma grande cidade, famosa por suas lindas mulheres e sua riqueza; agora Crotona era uma cidade fantasma, depois de séculos de guerra e ruína. Só duas glórias tinham sobrado – o templo de Hera e Aníbal.

Em 205 a.C., a área ao redor de Crotona era tudo que restava dos territórios de Aníbal, antes vastos. Era um lugar triste, que não valia a pena manter, mas o governo cartaginense insistia que Aníbal ficasse ali. Os dirigentes em Cartago achavam que ele poderia distrair os romanos, mas os romanos o mantinham encurralado. Aníbal estava ocupado com o exército romano perto, uma epidemia, falta de comida e os bandidos que rondavam a área. Mesmo assim, suas forças aguentaram juntas por mais dois anos até que o governo finalmente mandou que voltassem à África, no outono de 203 a.C.

Enquanto isso, Aníbal fez um gesto magnífico. Perto de Crotona, em um promontório rochoso na costa, estava o santuário de Hera Lacínia. Apesar do declínio de Crotona, esse santuário famoso e opulento, que continha uma sólida coluna de ouro, tinha mantido seu prestígio.

Foi aí que Aníbal pagou um tributo a tudo que tinha feito. Aníbal colocou no templo uma longa história de todas as suas realizações desde que deixou a Espanha, treze anos antes, inscrita em uma placa de bronze. O texto era bilíngue, escrito em púnico e grego.

Era um monumento no meio do nada. Poderia ter parecido um gesto vazio, mas imortalizou Aníbal. Ainda estava ali uns cinquenta anos depois, quando o historiador grego Políbio o viu. Políbio tirou a base de sua história sobre a guerra de Aníbal na Itália dessa inscrição, e seu registro é o livro de história mais confiável sobre Aníbal que temos. Em um sentido real, nosso conhecimento de Aníbal na Itália hoje se deve à inscrição laciniana.

Aníbal viveu mais uns vinte e cinco anos. Se ele se arrependeu da longa viagem que o levou de Canas a Crotona, não deveria. Todos os seus homens e elefantes fizeram menos por sua fama do que uma única placa de bronze.

Cento e sessenta anos depois e uns 650 quilômetros para o noroeste, em outubro de 45 a.C., aconteceu outra festa da vitória, esta bem mais barulhenta e estridente. As tropas de César marcharam através das ruas de Roma em triunfo – pela quinta vez. No verão anterior, 46 a.C., César tinha assombrado Roma obtendo quatro triunfos sucessivos em apenas um mês: para Gália, Egito, Ponto e África. Agora ele celebrava a vitória na Espanha.

Assim como os triunfos anteriores, a celebração espanhola foi esplêndida. Cada evento tinha um tema – marfim para a África e prata para a Espanha – que era usado para decorar os carros alegóricos no desfile. Prata simbolizava tanto as famosas minas da Espanha quanto a riqueza de César.

Em 46 a.C., César evitou, por tato, referências à guerra civil, já que um triunfo deveria supostamente marcar uma vitória contra exércitos *estrangeiros*, mas, em 45 a.C., ele mostrou suas cores verdadeiras. Tinha lutado e vencido compatriotas romanos na Espanha, os filhos de Pompeu, e não tinha problema em comemorar isso. César não deu a mínima, ele tinha coisas mais importantes na cabeça do que as sensibilidades romanas. Já estava planejando uma nova guerra no Oriente.

Mas muitos romanos se importavam. Um deles era Caio Pôncio Aquila, um dos dez tribunos. Quando César passou revisando as tropas em sua biga triunfal, nove dos tribunos se levantaram em saudação, mas Aquila permaneceu sentado. O ditador ficou furioso. “Peça a volta da república, tribuno Aquila!” falou César. Não foi o fim dessa disputa. Durante dias, sempre que César prometia algo em público, acrescentava mordaz: “Quer

dizer, se Pôncio Aquila me permitir".

César fechou o triunfo espanhol com o costumeiro banquete público para o povo de Roma. Então, quatro dias depois, ele fez outro banquete, o que nunca tinha acontecido antes. Seu motivo, disse, era compensar alguns problemas na primeira refeição. César era um político, no entanto, e talvez a verdadeira razão é que tivesse sentido a raiva do público e quisesse fazer emendas.

Cinco meses depois, ele estava morto. César foi esfaqueado vinte e três vezes por uma multidão de senadores. Um deles era Pôncio Aquila.

As coisas não terminaram bem para nenhum dos três comandantes. Alexandre e César tiveram glória militar, pelo menos – apesar de que nenhum terminou bem sua última campanha. Aníbal não teve nem isso.

É verdade que Aníbal ajudou Cartago a se recuperar depois que foi derrotada por Roma. Sua habilidade política ganhou duas gerações de paz e prosperidade. Mas ele estava abrindo o caminho para a condenação de Cartago. Depois de Aníbal, Roma nunca mais voltaria a confiar em Cartago e, no final, se vingaria de Canas de uma forma que faria que a carnificina parecesse uma guerra de travesseiros.

Nem Alexandre, nem César deixaram um legado de paz. César deixou a Roma uma geração de guerra, Alexandre deixou a seu império duas gerações de guerra.

As coisas poderiam ter terminado de modo diferente. Alexandre poderia ter voltado muito antes do Oriente e se devotado a governar seu império, em vez de construir um novo exército para continuar lutando. Aníbal poderia ter deixado a Itália anos antes e protegido Cartago e seu império, em vez de tentar uma vitória impossível. César poderia ter negociado um acordo de paz com seus oponentes romanos anos antes. Mas o caráter deles não era esse.

Alexandre, Aníbal e César eram conquistadores, não estadistas. Conquistadores seguem em frente até que seus homens caiam exaustos e morram. Estadistas sabem quando parar.

Eles nos lembram a sabedoria de Winston Churchill, que escreveu: "Aqueles que sabem ganhar uma guerra raramente sabem fazer a paz, e aqueles que poderiam fazer a paz quase nunca teriam ganhado a guerra".

ALEXANDRE

Quando Alexandre voltou da Índia, ele tinha conquistado um império. A pergunta agora era: conseguiria mantê-lo? Novos impérios não se autogovernam. Exigem enorme atenção à dinastia, à elite dominante, ao exército e à administração. Apesar de ver essas coisas, Alexandre não estava abertamente interessado nelas.

Era difícil ouvir os burocratas reclamando, quando ainda era possível ouvir as trombetas.

Governando mal um império

O império de Alexandre compreendia mais de 3 milhões de quilômetros quadrados, da Grécia à Índia – 5 mil quilômetros em linha reta, de uma ponta à outra. Incluía dezenas de povos e línguas diferentes. Como manter todos juntos?

A primeira e mais importante questão era a identidade do novo império. Alexandre afirmava ser o rei da Ásia, mas atuava como se esperasse que a elite europeia ainda mantivesse o controle. Isso provavelmente ofendia todo mundo. Também havia o conflito com fatos inconvenientes da demografia. Alexandre tinha tropas macedônias veteranas, mas não confiava nelas. Exigiu novos recrutas da Macedônia, mas não havia muitos, e eles eram necessários ali para lidar com novas ameaças na Grécia. O lugar em que Alexandre conseguia novas tropas, o Irã, estava cheio de pessoas ressentidas com sua conquista. Alexandre enfrentava um dilema.

A Macedônia e o império persa ofereciam lições sobre como governar, tanto boas quanto ruins. Filipe da Macedônia tinha feito um excelente trabalho de integração das elites locais na classe dirigente ao levar seus filhos para a corte. Ele fez o mesmo com seus seguidores ao somá-los ao exército macedônio. Filipe também era bom em conquistar Estados estrangeiros com uma combinação de ameaças e suborno. Também fundou novas cidades no território conquistado, e elas podiam servir de base para governar. Por outro lado, mostrava pouco interesse na administração ou na infraestrutura estatal. Não criou uma burocracia e nenhuma escala de oficiais para amarrar a classe média ao novo regime.

Os persas governavam por meio de um sistema de governadores provinciais, funcionários reais, colônias militares e constantes acordos e negociações com as elites locais. Comparados com outros impérios, os persas

governavam com mão leve. Havia pouca tentativa de “persianizar” seus súditos. Ao mesmo tempo em que os tornava populares, também os enfraquecia. As revoltas eram frequentes e o apoio ao império era fraco. Quando Alexandre derrotou o exército persa, perdeu-se o que mantinha a população civil unida. Roma, com sua sociedade fechada e sistema de alianças, conseguiu se recuperar depois de uma derrota como a de Canas. A Pérsia não conseguiu fazer o mesmo depois de Gaugamela.

Alexandre mostrava liderança em algumas áreas. Depois de negligenciar a supervisão de seus governadores provinciais, ele mudou. Reconheceu a importante falta de soldados macedônios e começou a construir um novo exército. Tentou integrar poucos iranianos em uma nova elite imperial dominada por macedônios.

Mas Alexandre não enfrentou o maior problema que surgiu na administração de seu novo império. Impérios bem-sucedidos precisam de um grande número de imigrantes da terra natal – soldados, administradores, comerciantes, propagandistas e colonos. Precisam de escolas para produzir um fluxo constante de empregados públicos leais.

Impérios precisam de grandes fortalezas e bases cheias de habitantes dispostos, e não o que Alexandre tinha deixado para trás: uma rede de “Alexandrias” pequenas, cujos habitantes descontentes tinham sido forçados a viver ali. Plutarco afirmou que Alexandre fundou setenta cidades, mas isso é um exagero. Os melhores estudiosos modernos estimam que ele fundou apenas dez, das quais oito estavam na parte oriental do império. Coube aos sucessores de Alexandre construírem as novas cidades do Oriente, de Pérgamo (na Anatólia) e Antióquia (na Síria) a Ai Khanum (na Báctria). Resumindo, Alexandre não estabeleceu as estruturas administrativas de que seu império precisava para sobreviver.

Isso não é uma surpresa. Alexandre não pensava nesses termos. Para ele, governar não tinha a ver com instituições, muito menos com os cidadãos. Tinha a ver com um grande homem, seus amigos e o exército.

Em vez de construir estruturas administrativas, Alexandre fez o que mais gostava: voltou à guerra.

Os governadores provinciais – sátrapas – e os principais oficiais precisavam ser guiados por uma mão forte do centro. Mas, enquanto Alexandre esteve no Oriente por cinco anos, começando em 330 a.C., prestou pouca ou nenhuma atenção ao resto de seu império. O resultado foi má

administração, corrupção, deslealdade e rebelião. Mais da metade das vinte e três províncias do império se rebelaram ou foram dirigidas por pretendentes ao trono.

Quando Alexandre voltou ao Ocidente, fez um esforço para melhorar as coisas, mas foi muito pouco. A oposição era previsível e muito forte contra Alexandre. Se ele tivesse lutado contra o abuso administrativo com metade da força usada contra Dario, poderia ter consolidado seu domínio. Em vez disso, voltou novamente sua atenção aos militares, reformando o recrutamento e começando outra campanha de conquista.

Assim que chegou ao Irã em dezembro de 325, Alexandre começou a limpar a casa. Resumindo, ele mandou executar quatro governadores provinciais, junto com vários pretendentes ao trono. Eram todos iranianos, e Alexandre os substituiu por macedônios. Antes, ele tinha mantido o máximo de governadores de Dario em seus cargos, mas agora só ficaram quatro governadores iranianos. Alexandre executou oficiais e tropas macedônios também, mas nenhum governador, apesar de seus erros.

Alexandre queria cooperação no governo entre macedônios (e gregos) por um lado, e persas por outro. Mas ele não confiava nos persas e os macedônios não viam as coisas como ele. Tinham menos interesse do que ele em governar o antigo império persa. Queriam saqueá-lo.

Alexandre apoiava uma ambiciosa estratégia de compartilhar o poder com as elites locais. Se ele realmente era o rei da Ásia, isso fazia muito sentido. Deu modestos passos à frente, mas mesmo isso provocava gritos de “traidor” e “vendido” dos macedônios. Por exemplo, eles fizeram caretas quando, no começo de 324 a.C., Alexandre obrigou cem de seus principais oficiais a se casarem com iranianas e 10 mil soldados comuns a legalizarem seus relacionamentos com mulheres asiáticas que tinham conhecido nas campanhas. O próprio Alexandre se casou com Estatira, filha de Dario III, assim como, possivelmente, com Parisátide, filha de Artaxerxes III, um dos predecessores de Dario no trono. Polígamo, Alexandre já tinha se casado com Roxana, filha de um poderoso nobre bactriano.

Quando se tratava do grau de compromisso necessário para governar um Estado que ia do oceano Índico ao mar Adriático, poucos macedônios “entenderam”. Alguns dos velhos amigos de Alexandre entenderam. Heféstion, por exemplo, serviu como grão-vizir, o oficial persa responsável pelo cerimonial da corte – e Alexandre introduziu um bom número de

cerimônias persas. Peucestas, que serviu como sátrapa de Persis (moderna Fars), a antiga terra natal persa, aprendeu a falar persa e usava roupas persas. Seleuco realmente amava a princesa sogdiana com quem se casou, Apama, a filha do barão rebelde Espitamenes. Ptolomeu fez um uso sábio do princípio de compromisso com a cultura nativa quando, mais tarde, se tornou rei do Egito. Mas esses homens eram a exceção entre os macedônios, e não a regra.

Ou talvez os macedônios fossem realistas. No final, a maioria dos macedônios concordava com Parmênio que Alexandre queria um império grande demais. Eles não poderiam falar isso, claro, porque amavam e temiam o rei. Mas ações falam mais alto que palavras. Muitos macedônios se comportavam como se o império fosse ingovernável, o que inevitavelmente se romperia em unidades locais. Em Báctria, no Egito e na própria Macedônia, os governantes locais recusavam Alexandre ou se rebelavam abertamente. Não que se importassem, mas estavam seguindo o velho precedente *persa*.

O modo-padrão do império persa tinha sido a descentralização – quer dizer, a transferência de poder do governo central para o local. Quando o grande rei não queria fazer isso, a devolução se tornava rebelião e era derrotada pela força. Com mais frequência, no entanto, as autoridades em Persépolis, Susa e Babilônia simplesmente aceitavam que os governadores do Egito, da Anatólia ocidental, Báctria e Sogdiana – sem mencionar as mais ou menos perdidas províncias da Índia – fizessem o que quisessem.

O poder local era um problema para os persas e para Alexandre. Outro problema era a lei de consequências involuntárias, que reinava com força total em um império tão grande. Um caso em questão foi o crescimento do problema mercenário na Grécia por causa de acontecimentos em lugares tão distantes quanto o Afeganistão (Báctria).

O cabo Tênaro, no sul da Grécia, perto de Esparta, se tornou o quartel-general de uma "máfia" da Antiguidade – um ninho de mercenários piratas e bandoleiros que procuravam problemas. As conquistas de Alexandre causavam o problema. Alguns dos homens do cabo Tênaro eram exilados políticos resultantes da mudança de regime em centenas de cidades que Alexandre tinha conquistado. Outros tinham ficado soltos quando, em 325 a.C., Alexandre ordenou que todos os sátrapas debandassem seus exércitos mercenários, que ele considerava corretamente uma ameaça – na Báctria, por exemplo, os mercenários tinham se rebelado. Outros mercenários – 6 mil, na

verdade – chegaram a cabo Tênaro junto com Hárpalo, o amigo de infância e tesoureiro de Alexandre, que fugiu para a Grécia, em 325 a.C., com uma pequena fortuna e um exército privado.

De um ponto de vista, os mercenários de cabo Tênaro eram um presente cínico a Alexandre, porque mantinham as cidades-Estado gregas pressionadas e fora do controle dos macedônios. De outro ponto de vista, eles ameaçavam a Macedônia, porque era possível que os gregos contratassem os mercenários para usá-los em uma revolta. O desfecho foi que Alexandre tinha de manter tropas na Macedônia, o que fortalecia o governador ali, Antípatro, e negava valiosos soldados ao Oriente Médio.

As cidades-Estado gregas voltaram a ser um problema em 324 a.C., como tinha acontecido antes de 330 a.C. Atenas foi a maior dor de cabeça. Os atenienses recusaram a entrada dos mercenários de Hárpalo, mas deram asilo a ele e a seu dinheiro. Eles tomaram o dinheiro e expulsaram Hárpalo. (Ele foi assassinado logo depois.) Enquanto isso, Atenas ignorou uma ordem de Alexandre que era para todos os Estados na Grécia. Alexandre queria que os Estados gregos aceitassem os exilados políticos de volta, o que teria reduzido o número de mercenários, mas poderia desequilibrar vários governos. Atenas tinha medo de perder o controle da ilha de Samos, então mantiveram os exilados de fora. Mais uma vez, um problema de administração e autoridade ia crescendo para Alexandre.

Mas ele preferia lidar com questões militares. Desde que os macedônios tinham realizado um motim na Índia, ele queria fazer algo em relação a seu poder no exército. Ele fez o movimento em 324 a.C. Como mostra a história do motim e do banquete, Alexandre conseguiu mandar os soldados doentes ou mais velhos para a Macedônia.

Os números contam a história. Aproximadamente 10 mil soldados da infantaria e 1,5 mil cavaleiros macedônios foram para casa. Alexandre ficou com 13 mil soldados e 2 mil cavaleiros – um grupo que consistia tanto em macedônios quanto em mercenários gregos. Ele exigiu novos recrutas da Macedônia para substituir os homens que enviou para casa, mas eles nunca chegaram. Mesmo se tivessem chegado, seriam um número menor que as novas tropas de todo o Irã que agora estavam entrando no exército de Alexandre.

Alexandre precisava de uma nova força militar depois de voltar da Índia e conseguiu. Em 327 a.C., tinha mandado 30 mil orientais para serem treinados

pela infantaria macedônia, e, em 324 a.C, eles estavam prontos. No ano seguinte, começaram as preparações para uma nova guerra, e tropas adicionais haviam chegado. Peucestas, o amigo de infância de Alexandre, governador de Persis, recrutou 20 mil soldados de sua província. Os governadores de duas províncias na Anatólia enviaram mercenários também. Um pequeno número de iranianos já tinha entrado para os Companheiros do Rei.

No futuro próximo, outra fonte de novas tropas logo estaria disponível – os filhos dos veteranos de Alexandre com as mulheres asiáticas. Quando enviou os pais deles para casa, Alexandre manteve esses meninos para treiná-los como soldados.

Resumindo, Alexandre estava avançado na construção de um novo exército. Se ele provasse ser tão leal e tão eficiente quanto seu velho exército, poderia arrasar qualquer revolta em seu império – ou, pelo menos, na maior parte dele, sendo a Índia muito distante e cheia de exércitos hostis. O novo exército poderia até realizar novas conquistas para Alexandre. Mas lealdade e eficiência eram duas grandes dúvidas.

Novos mundos para conquistar

Governar era chato. Alexandre queria ser um conquistador. Como um contemporâneo escreveu: “Alexandre sempre foi insaciável quando se tratava de conquistar, ele queria ser o senhor e mestre de todos”. Nem tinha chacoalhado a poeira da Índia e já estava pronto para novas guerras. Audácia, como sempre, foi sua marca. O próximo alvo, mas só o primeiro, era a Arábia.

A península arábica não tinha sido parte do império persa, mas isso não impediu Alexandre de querer conquistar pelo menos uma parte, talvez toda ela. A Arábia era famosa por sua mirra e a riqueza no comércio que gerava, e também oferecia paradas navais para a viagem até a Índia. Os navegantes antigos evitavam o mar aberto e procuravam portos costeiros para dividir a viagem.

Alexandre planejava conquistar e criar assentamentos na costa arábica do golfo Pérsico. Um objetivo inicial foi a fértil ilha de Bahrein e o porto no continente em frente, que era um terminal do comércio de especiarias. Mas Alexandre pode ter planejado ir além, no que é hoje Omã e Iêmen, para

controlar as áreas em que as especiarias eram produzidas e ganhar portos na costa do sul da Arábia para usar como rota de comércio para o mar Vermelho.

Olhando para o futuro, Alexandre começava a dar um papel mais importante aos barcos do que nas campanhas anteriores. Nas questões da guerra, ele era talentoso, com uma profunda capacidade para crescer; era um homem de muita versatilidade. O sucesso de Nearco e sua frota, navegando da Índia ao Irã, parece ter inspirado Alexandre. Agora ele sabia que o poder marítimo poderia projetar força com pouco apoio da terra. O poder marítimo multiplicava essa mobilidade que tanto orgulhava o rei. Não apenas o golfo Pérsico, mas outros mares poderiam ser estradas para seus exércitos.

A invasão da Arábia seria uma expedição a partir do mar, e Alexandre navegaria pessoalmente com a frota. Na preparação para a guerra, Alexandre mandou construir um novo porto na Babilônia com espaço para mil barcos de guerra – um número enorme para os padrões antigos. Ele enviou agentes para recrutar na Síria e na Fenícia (o moderno Líbano), a fim de encontrar marinheiros. Como a madeira era escassa perto da Babilônia, ele mandou que os barcos fossem construídos em regiões distantes, depois transportados e remontados no Eufrates e então conduzidos rio abaixo para a Babilônia. Na primavera de 323 a.C, os primeiros barcos estavam praticando exercícios no rio da Babilônia.

Poucas pessoas acharam que os planos de guerra de Alexandre terminariam com a Arábia. Corria o rumor de que ele queria que a frota passasse a Arábia e navegasse ao redor da África até os pilares de Hércules (estreito de Gibraltar). Se fosse assim, poderiam ser verdade os supostos planos de conquistar Cartago e a Itália. Como Cartago apoiou Tiro contra Alexandre em 332 a.C., ele estava de olho na cidade. O tio de Alexandre já havia invadido a Itália com considerável sucesso antes de ser assassinado por um traidor em 331 a.C. Pareceu natural a Alexandre continuar essa tarefa.

Na primavera de 323 a.C., embaixadores de Cartago, Líbia e vários Estados italianos vieram se encontrar com Alexandre na Babilônia. Um desses Estados era Roma, na época uma potência em ascensão na Itália central. Depois da morte de Alexandre, seus papéis supostamente revelaram planos para construir outros mil barcos no leste do Mediterrâneo e uma estrada militar ao longo do norte da África.

Finalmente, Alexandre estava planejando outra frota para explorar o mar

Cáspio e esperava encontrar (em vão) uma rota por rio até Sogdiana (o moderno Uzbequistão e parte do Tadjiquistão).

Alexandre já tinha conquistado mais império do que seria capaz de governar. Mas ele queria mais.

“O grande chifre se quebrou”

Os últimos oito meses da vida de Alexandre tiveram a qualidade de uma novela. Os principais temas foram sexo e violência, junto com gigantescas quantidades de álcool.

Desde seu retorno da Índia, Alexandre viajou para várias partes do Irã e da Mesopotâmia, resolvendo seus negócios. Ele estava cheio de energia, mas não viajava com pouca gente. Uma enorme corte real acompanhava Alexandre. Toda viagem era cara e complicada, mas raramente desagradável para os altos funcionários, pois os habitantes locais eram convidados para beber e comer com o rei e sua corte.

No outono de 324 a.C., a festa parou – Heféstion morreu. Era o amigo mais próximo de Alexandre e talvez seu amante. Heféstion morreu em Ecbátana (moderna Hamadã) no oeste do Irã. Depois de uma semana de jogos e muita bebida, ele ficou com febre. No sétimo dia, Heféstion sentiu-se melhor e começou a comer e beber de novo, contra o conselho do médico; morreu naquele mesmo dia. Suspeitando de que tivesse sido envenenado, Alexandre mandou crucificar o médico. O rei ficou triste por seu companheiro perdido. Ele realizou elaborados rituais de luto, mandou fazer um enorme monumento na Babilônia e proclamou Heféstion “herói” – quer dizer, semideus –, apesar de os sacerdotes que ele consultou se recusarem a concordar com isso. Talvez eles achassem que iriam diminuir o próprio status de Alexandre como deus se ficassem espalhando a honra por aí.

Heféstion tinha apoiado o rei em tudo. Recentemente, ele tinha sido o principal apoiador da política pró-persa. Alexandre até fez que os dois, ele e Heféstion, se casassem com filhas de Dario III, o que os transformou em cunhados; Alexandre esperava que seus filhos fossem primos. Agora, Alexandre estava sozinho.

No inverno de 324 para 323 a.C, Alexandre estava ocupado com uma campanha contra as tribos das montanhas Zagros no oeste do Irã. Os persas costumavam pagar dinheiro de proteção por uma passagem segura através da

região, mas Alexandre queria vencê-los. Conseguiu, mas apenas temporariamente – alguns anos depois, os habitantes das montanhas estavam de volta ao velho negócio.

No começo de 323 a.C., Alexandre e sua corte foram para a Babilônia. Com a preparação para a campanha árabe, as embaixadas do Ocidente e planos para fazer um memorial a Heféstion, havia muito com que se preocupar. Mas as festas não paravam. No final de maio, Alexandre comemorou a decisão dos sacerdotes de permitir que Heféstion recebesse uma rodada de celebrações. Numa delas, um banquete organizado por um grego, Alexandre começou a sentir febre. Era 31 de maio de 323 a.C. Ele nunca se recuperou. Onze dias depois, em 10 de junho, Alexandre morreu. Faltava um mês para seu trigésimo terceiro aniversário.

"O grande chifre se quebrou", diz o livro de Daniel, no que é normalmente visto como uma referência à morte de Alexandre. A frase captura um pouco do choque que o mundo sentiu com sua súbita e inesperada morte. Um minuto, ele era o todo vitorioso conquistador e, de repente, não estava mais.

Algumas pessoas na época viram a mão da Providência trabalhando. Outras espalharam rumores, conjunturas e teorias conspiratórias: Alexandre foi envenenado? Ele bebeu até morrer? Estava solitário e deprimido?

A versão mais provável do que aconteceu é que Alexandre contraiu uma febre. Ele se recusou a levar isso a sério e continuou a trabalhar, mesmo quando ela piorou. Finalmente, no nono dia, a febre ficou tão alta que ele caiu em sua cama e perdeu a capacidade de falar. Dois dias depois, entrou em coma e morreu.

Alexandre não se comportava prudentemente quando ficava doente, mas é preciso lembrar que ele se considerava um deus. Seu corpo tinha que aguentar o impacto de um acúmulo de feridas de guerra, incluindo três que havia conseguido em Báctria, Sogdiana e Índia – todas campanhas desnecessárias. Ele quase tinha morrido por causa das feridas indianas. Se o veneno não pode ser totalmente descartado como causa da morte, parece ter sido um fator de contribuição menos provável que as feridas.

"A música sempre deve tocar", diz o poeta. Alexandre provavelmente sentiu-se igual. Mas, de repente, aos 32, a música tinha parado. Tudo que sobrou foi "o impróprio odor da morte".

A desconstrução de um império

Em seu leito de morte, Alexandre falou que seu império deveria ficar com “o mais forte”. Também disse que seus principais amigos iriam realizar “grandes jogos funerários” em sua honra – estas foram suas últimas palavras, na verdade, ou foi o que seus homens afirmaram depois. A luta pela sucessão tinha começado.

Os marechais de Alexandre eram homens duros. Eles tinham, quase todos, grande fé na Macedônia. Não possuíam nenhum interesse em trazer a elite persa para a disputa – quase todos imediatamente abandonaram as esposas asiáticas com quem tinham se casado forçados por Alexandre – nem queriam sair e invadir novas terras, não quando já tinham territórios tão ricos em suas mãos. Alguns deles queriam manter o império de Alexandre unido, mas a maioria estava contente em agarrar o pedaço que conseguisse. Adoravam lutar e não hesitavam em partir para a guerra para conseguir o que quisessem. Ninguém da família de Alexandre conseguiria impedi-los.

Quando Alexandre morreu, deixou Héracles, um filho ilegítimo de sua amante Barsine, viúva de Memnon de Rodes. Sua esposa Roxana estava grávida e deu à luz um filho, Alexandre IV. O meio-irmão de Alexandre, Filipe Arrideu, era adulto, mas incapaz intelectualmente.

Em princípio, Filipe Arrideu – agora Filipe III – e logo o menino Alexandre IV foram eleitos reis da Macedônia. O verdadeiro poder, no entanto, ficaria nas mãos dos generais de Alexandre, o Grande.

Alexandre não escolheu morrer jovem, mas optou por não produzir um herdeiro cedo. Se tivesse seguido o conselho daqueles que diziam para se casar antes de partir da Macedônia em 334 a.C., Alexandre poderia ter deixado um filho legítimo de dez anos na época de sua morte, em vez de um irmão incapaz e um filho ainda no ventre da mãe.

Na verdade, ter um herdeiro não queria dizer que não haveria riscos. Quando crescesse, o filho de Alexandre poderia se tornar o foco dos inimigos e rivais do rei – assim como o próprio jovem Alexandre já tinha sido para seu pai, o rei Filipe. Como o rei Alexandre era o único membro adulto masculino da linha real argéada, ele não tinha de se preocupar com rivais. Mas não deixar nenhum herdeiro legítimo forçava sua família a pagar o preço depois da morte prematura de Alexandre. Filipe III foi assassinado em 317 a.C., e Alexandre IV em 311 a.C. Héracles foi assassinado em 309 a.C. Foi o final

da gloriosa dinastia de Filipe e Alexandre. A Macedônia teria novos reis, mas eles viriam de diferentes famílias.

O império de Alexandre não sobreviveu. Conquistar um império de 3,2 milhões de quilômetros quadrados em onze anos foi o trabalho de um mestre. Desmembrá-lo durante os seguintes cinquenta anos foi o trabalho de um comitê. O que Alexandre construiu, seus sucessores desmontaram. Sessenta anos depois que Alexandre invadiu o império persa, gregos e macedônios ainda governavam a maior parte do que ele tinha conquistado, mas haviam dividido em pequenos pedaços.

Para ser justo, mesmo se Alexandre tivesse vivido até a velhice e deixado um herdeiro adulto, ele teria problemas para manter seu império. Os persas nunca tinham sido capazes de manter o controle da Índia, da Trácia, da Macedônia ou da Grécia, apesar de terem invadido todos elas. Quase nem conseguiam manter as sempre rebeldes províncias do Egito e da Anatólia. E nem tentaram acrescentar a Arábia, Cartago e a Itália a suas terras, como estava planejando Alexandre.

Poucos meses depois da morte de Alexandre em 323 a.C., a Grécia se rebelou. Um ano depois, em 322 a.C., os generais de Alexandre começaram a lutar entre si. O conflito entre eles, conhecido como as Guerras dos Sucessores, durou quase cinquenta anos, até 275 a.C.

Cinquenta anos depois da morte de Alexandre, o mapa do império de Alexandre agora parecia algo assim: a Macedônia era um reino independente, assim como o Egito – que também controlava a Líbia, Israel, a Fenícia, o Chipre e a costa mediterrânea da Anatólia. O noroeste da Anatólia era o pequeno, mas rico, reino de Pérgamo. O coração do velho império persa, da Anatólia a Báctria, ainda era um único reino, governado da Babilônia. Mas a Índia e o nordeste do Irã tinham se separado, assim como a maioria das cidades-Estado gregas.

Descendentes dos generais de Alexandre governavam os três maiores Estados. A família de Antígono governava a Macedônia; Ptolomeu e seus filhos governavam o Egito; e Seleuco e seus descendentes governavam da Anatólia a Báctria. Pérgamo foi fundada pelo general Lisímaco, mas o controle passou a outra família.

Os generais de Alexandre tinham criado os reinos da era helenista, como os historiadores chamam os anos entre 323 e 30 a.C. Alexandre estabeleceu a base para conquistar o império persa, mas o resultado não se pareceu a nada

do que ele tinha planejado.

Ironicamente, a era helenista se parece um pouco com o império persa antes de Alexandre. Na época, a península grega e os Bálcãs, assim como a Índia, tinham mantido sua independência, como tinham feito no período helenista. O Egito e a parte ocidental da Anatólia eram semi-independentes sob os persas e totalmente independentes na nova era. Sob os persas, um grande império de terra no noroeste da Ásia se estendeu do Mediterrâneo ao Hindu Kush e aconteceu o mesmo sob os reis selêucidas. A única diferença, claro, era que os persas tinham governado o velho império, enquanto os gregos e os macedônios governavam os novos.

A ironia mais triste aconteceu na Macedônia. As necessidades militares de Alexandre acabaram com a força de trabalho do reino. Poucos soldados voltaram para casa. Relativamente pouco da nova riqueza que ele criou chegou à Macedônia. Na verdade, Alexandre deixou o Estado macedônio mais fraco do que tinha encontrado. Os macedônios tinham governado um vasto reino, mas o velho país sofreu.

ANÍBAL

A guerra na Itália estava perdida – assim como na Espanha e na Sicília. A pergunta que Cartago tinha de enfrentar agora era o que poderia salvar a situação. A mesma pergunta confrontava Aníbal. Mas seus interesses e os de seu país não eram iguais. Agora, mais do que nunca, ele enfrentava desafios tanto políticos quanto militares.

Em um país que crucificava generais fracassados, Aníbal tinha, antes de tudo, que sobreviver. Então, precisava considerar se suas habilidades militares ainda poderiam ajudar Cartago. Finalmente, tinha de ver se poderia transformar seus talentos no campo em habilidades de estadista que poderiam levar à melhor paz para Cartago.

O rival de Aníbal: Cipião

No outono de 203 a.C., Aníbal voltou para casa. Depois de quinze anos de lutas por toda a bota italiana, ele tinha sido chamado de volta a Cartago.

Quando desembarcou na África em 203 a.C., seus compatriotas queriam que Aníbal os salvasse. Ele teria de fazer mágica para conseguir isso.

Pouco mais de um ano antes, um exército romano tinha chegado à África, liderado por Públio Cornélio Cipião. Naquele curto período, o exército colocou Cartago de joelhos. Cipião literalmente queimou um exército cartaginense e derrotou outro em batalha; derrubou o mais importante aliado de Cartago, o rei Sífax da Numídia, e o substituiu por um rei pró-romano, Massinissa; e forçou Cartago a negociar a paz. Cipião impôs termos que privavam Cartago de todas as suas posses além-mar e sua marinha, além de incluir uma grande indenização.

Termos duros, mas Cipião poderia ter pedido mais. Se não o fez, foi porque o tempo não estava ao seu lado. Cartago tinha muralhas defensivas muito fortes, o que significava que podia aguentar um longo cerco. O mandato de Cipião era limitado e seus inimigos políticos em Roma estavam afiando suas espadas. Então ele fez o melhor tratado que conseguiu e o enviou a Roma, onde, depois de alguns resmungos, foi ratificado. Infelizmente para Cipião, os cartaginenses tinham outros planos. Acreditavam em Aníbal.

Estavam errados. Se o tempo não era amigo de Cipião, era abertamente hostil a Cartago. Os cartaginenses tinham mantido Aníbal na Itália por muito tempo, muito depois do momento em que ele poderia ter ganhado a guerra ali, porque queriam amarrar as mãos de Roma. Mas não funcionou, e Roma tinha invadido a África, mesmo com Aníbal ainda na Itália.

Cipião tinha causado tantos danos à África que, quando Aníbal chegou, ele tinha poucas chances de derrotar Cipião. Cartago deveria ter aceitado seu destino e selado a paz. Em vez disso, esperando uma salvação, a cidade chamou Aníbal e seus homens da Itália. Acreditavam que Aníbal e o exército que voltaria com ele – provavelmente uns 15 mil homens – poderiam formar o núcleo de uma força que expulsaria os romanos. Eles não souberam quando parar.

Cipião era o melhor general de Roma. Vinha de uma família de guerreiros. Como mencionado antes, ele tinha lutado nas batalhas de Ticino e Canas, mas fez seu nome na Espanha. Ali, herdou de seu pai e tio o dever de guerrear contra os cartaginenses. Eles tinham fracassado, mas ele não.

Cipião não era simplesmente um grande general: era o melhor estudante de Aníbal. Em quinze anos de lutas na Itália, Aníbal tinha ensinado Roma a fazer a guerra. Ironicamente, ele parece não ter tido pupilos tão bons em Cartago. Mas provavelmente era mais fácil imitar Aníbal de longe. Grandes homens tendem a usar todo o ar da sala.

De Aníbal, Cipião aprendeu a ser um líder grande e carismático que enfatizava mobilidade e surpresa na batalha. Ele treinou seus homens para lutar com um profissionalismo que faltava nas milícias cidadãs de Roma. Sob sua inspirada liderança, eles igualavam o exército de Cartago.

Depois de capturar Nova Cartago, em 209 a.C., e derrotar o irmão de Aníbal, Asdrúbal, na batalha de Bécula (208 a.C.), Cipião continuou a expulsar os cartaginenses de toda a Espanha. Ele teve sua vitória final e maior nos campos de batalha espanhóis em Ilipa (206 a.C.). Perto da moderna Sevilha, um grande exército romano sob o comando de Cipião se encontrou com um exército cartaginense ainda maior, comandado por um general chamado Asdrúbal Giscão (sem nenhum parentesco com Aníbal ou seu irmão Asdrúbal).

Cipião tinha exercitado suas melhores tropas – 25 mil romanos e aliados italianos – e os transformou em uma excelente força de guerra. Os soldados de Asdrúbal Giscão não eram tão bons. Para aumentar sua vantagem, Cipião enganou o inimigo colocando sua melhor infantaria nas alas, em vez de colocá-la no centro, onde os romanos normalmente colocavam seus melhores soldados. Ele atacou e derrotou os flancos cartaginenses e, quando estes colapsaram, foi a vez do centro.

Cipião ganhou a batalha e a guerra. Cartago perdeu seu império na Espanha e, com ele, uma grande fonte de seu dinheiro e homens. Mas Cipião não tinha terminado. Ele possuía uma enorme ambição e uma visão audaciosa para sustentá-la. Queria invadir a África. Era um espelho da invasão de Aníbal da Itália, mas Cipião queria fazer que *sua* invasão funcionasse.

Cipião sabia que a estratégia de Aníbal na Itália tinha fracassado menos por causa dos erros conceituais do que por causa dos recursos adequados. Cipião não queria repetir esse erro, mas precisava enfrentar poderosos inimigos no Senado romano. Como Aníbal em Cartago, Cipião incitava o ciúme de outros políticos em Roma. E ele tinha um poderoso inimigo, que era Fábio.

Fábio acreditava que a guerra devia ser vencida na Itália, mas Cipião tinha aprendido com Aníbal que a guerra seria vencida invadindo a terra do inimigo. Fábio achava que Aníbal provaria ser ainda mais perigoso na África do que tinha sido na Itália. Cipião argumentava que era possível neutralizar Aníbal na África roubando o melhor aliado de Cartago – os numídios e sua cavalaria.

Cipião foi eleito cônsul em 205 a.C., mas seus inimigos tentaram tirar suas

tropas. Em resposta, Cipião montou um exército próprio, de excelente qualidade. Em seu coração estavam duas legiões que o Senado tinha desprezado. Eram as sobreviventes de Canas e outras batalhas perdidas. Experiências amargas que as ensinaram a lutar e agora queriam recuperar a honra. Além disso, Cipião levantou voluntários, e tinha unidades aliadas à sua disposição também. Como foi dito, ele invadiu a África com cerca 28 mil homens – 26 mil da infantaria (10 mil romanos e 16 mil aliados) e 2,2 mil da cavalaria (600 romanos, 1,6 mil aliados). Já quando estava na Espanha, Cipião tinha começado a cortejar os numídios. Depois de desembarcar na África no verão de 204 a.C., ele os conquistou.

Os esquemas e batalhas por meio dos quais Cipião tomou a Numídia merecem um livro próprio. Uma incrível nobre cartaginense chamada Sofonisba salvou a aliança numídia quase sozinha. Mas Cipião conseguiu enganá-la, e Sofonisba foi forçada a cometer suicídio.

Para resumir a história, Cipião conseguiu afastar o príncipe numídio Massinissa de sua aliança com Cartago; derrotar e capturar o rei numídio Sífax, que era fiel amigo de Cartago; substituí-lo por Massinissa, e trazer este firmemente para o campo romano. O resultado foi que a cavalaria leve numídia, que tinha vencido tantas batalhas para Cartago, agora estava lutando contra eles.

Essa mudança na aliança convenceu Cartago a negociar a paz. Mas não foi a primeira vitória de Cipião na África. Ele já tinha derrotado dois exércitos cartaginenses-numídios. Venceu o primeiro exército pela fraude, e não pela força. Em um ataque noturno na primavera de 203 a.C. perto de Útica, a noroeste de Cartago, ele incendiou as estruturas de madeira do acampamento inimigo e matou um grande número de soldados. Cipião era astuto; o inimigo era negligente.

A aliança cartaginense-numídia montou outro exército, mas Cipião o derrotou mais tarde, naquele mesmo ano, na Batalha dos Grandes Campos, a uns 120 quilômetros a sudoeste de Cartago. Como em Ilipa, Cipião derrotou o inimigo nos flancos. Depois da batalha, Massinissa e seus cavaleiros derrotaram e capturaram Sífax.

Enquanto tudo isso estava acontecendo, Aníbal ainda estava na Itália. Ele se sentou na base da bota italiana, capaz de rechaçar todos os ataques, mas incapaz de partir para a ofensiva. A chegada de Magão ao norte da Itália foi o único sinal de esperança para Cartago, mas seu ataque fracassou em seguida.

Cartago desperdiçou seus exércitos na Itália quando deveria ter investido na defesa da África.

No verão de 203 a.C., o Senado cartaginense enviou uma delegação a Cipião para negociar a paz. Eles se distanciaram de Aníbal e o culparam, junto com sua família, pela guerra. Cipião ofereceu paz nos termos mencionados anteriormente. O Senado cartaginense concordou, mas muitos senadores e uma grande parte do povo cartaginense estavam tentando ganhar tempo. Eles queriam que Aníbal voltasse.

Cipião garantiu uma trégua para as negociações. Cartago enviou embaixadores a Roma, que se reuniram com o Senado. Mais uma vez, os diplomatas de Cartago culparam Aníbal pela guerra. Os romanos não ficaram impressionados, mas aceitaram os termos de Cipião com a condição de que Aníbal e seu irmão Magão partissem imediatamente da Itália. A maioria dos cartaginenses concordou com avidez.

A última batalha: Zama

Depois de desembarcar na África no outono de 203 a.C., Aníbal passou um ano construindo seu exército. Ele montou sua base nos arredores do porto de Hadrumeto (a moderna Sousse) a uns 120 quilômetros a sudeste de Cartago, onde sua família tinha propriedades. A essa distância, Aníbal estava seguro tanto de Cipião, que estava acampado a noroeste da cidade, quanto de seus inimigos no senado cartaginense.

A volta de Aníbal não incluiu uma visita a Cartago. Na verdade, ele não pisou na capital antes de sua batalha final com os romanos, um ano depois de seu retorno à África.

Aníbal estava sempre lutando duas guerras, uma contra os romanos e outra contra seus inimigos no governo cartaginense. A partir do momento em que desembarcou na África, a segunda guerra ficou ainda maior.

Seus quinze anos na Itália deram a Aníbal uma educação dura sobre a política cartaginense. Todos sabiam que o Senado cartaginense tinha alguns maus hábitos – crucificar generais fracassados, abandonar exércitos, fazer acordos pelas costas dos generais, até culpar outros por seus erros. Aníbal conhecia muito bem as ameaças – ele sabia que os senadores ficariam felizes em abandoná-lo.

Mas Aníbal tinha seus aliados em Cartago. Muitos cartaginenses estavam

apostando nele quando, na primavera de 202 a.C., violaram abertamente o tratado com Roma. Depois de confiscar a carga de mais de cem barcos de transporte, eles tentaram matar os diplomatas romanos. Foi uma declaração de guerra. A maior parte dos políticos cartaginenses tinha “grandes esperanças de que poderiam ganhar graças a Aníbal e seus homens”, como conta Políbio.

Com os falcões em ascensão em Cartago e os romanos se sentindo traídos, uma luta até o final era inevitável. Aníbal queria fazer sua parte construindo um exército. Não foi uma decisão sábia.

Aníbal deveria saber, mesmo que seus compatriotas não soubessem, que não poderia fazer milagres. Comandante experiente dos grandes campos como ele era, não tinha suficientes infantarias veteranas para se comparar aos legionários de Cipião, nem tinha a cavalaria de Massinissa a seu lado. Mas Aníbal continuou em frente. Se era esperança ou desejo, ou um seguro contra a crucificação, ou um simples erro, não sabemos.

Aníbal estava construindo um exército com os homens que tinha trazido com ele da Itália. Acrescentou as tropas de Magão, que eram mercenários, e os recrutas locais. Encontrou um príncipe numídio rival, inimigo de Massinissa, que forneceu 2 mil cavaleiros. Aníbal também trouxe trigo e cavalos.

Cipião, enquanto isso, contatou Massinissa e pediu que juntasse suas tropas e se unisse a ele imediatamente. De sua parte, Cipião atacou as comunidades agrícolas cartaginenses do fértil vale do rio Bagrada (Medjerda). Ele destruiu as cidades e vendeu a população como escrava, tendo um bom lucro enquanto aterrorizava os locais.

O governo cartaginense enviou uma delegação a Aníbal. Eles pediram que se preparasse para uma batalha decisiva. Aníbal mandou que “cuidassem de outros assuntos e ficassem tranquilos com esse: ele escolheria a hora certa”. Alguns dias depois, moveu seu exército para o interior até a vizinhança de Zama, uma cidade a, aproximadamente, 110 quilômetros a sudoeste de Cartago (não se sabe ao certo o lugar exato). Cipião não estava longe.

Temos que imaginar se o senado cartaginense não tinha razão – se Aníbal tivesse se movido mais rapidamente, ele poderia ter sido capaz de alcançar Cipião antes da chegada de Massinissa. Sem a cavalaria de Massinissa, Cipião teria dificuldade em derrotar Aníbal. Mas mesmo se Aníbal tivesse atacado Cipião na hora certa, provavelmente ele não teria sido capaz de

forçá-lo a lutar.

Três espiões enviados por Aníbal para acompanhar o campo do inimigo foram presos pelos romanos. Mas, em vez de executá-los, Cipião os levou por uma turnê pelo acampamento e os devolveu a Aníbal com segurança e suprimentos. Isso combinava com o objetivo do romano. Apesar de Massinissa e suas tropas ainda não terem chegado, Cipião sabia que estavam perto. Ele queria que Aníbal soubesse apenas que não tinham chegado, porque isso poderia tentá-lo a montar uma armadilha. Quando Aníbal atacasse, Cipião tinha certeza de que os numídios estariam presentes. Na verdade, eles chegaram no dia seguinte.

Cipião agora tinha seu exército, consistindo em 29 mil soldados de infantaria (23 mil romanos e 6 mil numídios) e 6,1 mil cavaleiros (1,5 mil romanos e italianos, e 4,6 mil numídios). Aníbal tinha mais infantaria (36 mil), mas menos cavaleiros (4 mil).

Mas a batalha não começou antes de Aníbal fazer algo incrível. Ele exigiu uma conferência com Cipião. Esse não era o procedimento-padrão na guerra antiga. Um escritor diz que Aníbal ficou tão “espantado” com a “grandeza da alma e audácia” de Cipião em devolver os três espiões que “sentiu a necessidade” de se encontrar com ele. Outro diz que Aníbal ficou sabendo da chegada de Massinissa e ficou tão “abismado pela confiança do inimigo” que decidiu que era melhor conversar com Cipião agora, e “procurar a paz enquanto seu exército estivesse intacto e não derrotado”.

Nenhuma explicação faz justiça à complexidade dos motivos de Aníbal. Um homem com sua profundidade e experiência não pediria uma reunião sem pensar bem. Nem estava pronto para se entregar. Ele certamente analisou os prós e contras desse movimento incomum antes de decidir seguir em frente.

Pedir a reunião era uma admissão de fraqueza da parte de Aníbal. Também deu tempo a Massinissa e seus homens para se familiarizarem com o exército romano e seu plano de batalha. Mas havia vantagens para Aníbal também. Como o homem mais velho e com um nome heroico – Aníbal tinha 45; Cipião, 32 –, Aníbal provavelmente queria intimidar seu oponente e juntar informação em primeira mão. Ao se encontrar com Cipião, medir seu estilo e observar suas reações, Aníbal poderia se preparar melhor para a batalha.

Contudo, o principal objetivo da reunião era, certamente, político. Servia a vários propósitos. Aníbal sabia que ele tinha uma boa chance de perder a

iminente batalha, assim fez uma última tentativa de fechar um tratado de paz. Como Cartago tinha rejeitado os termos de Cipião, Aníbal tinha uma tarefa mais complicada. Enquanto oferecia abandonar todas as posses além-mar de Cartago, como Cipião tinha exigido, ele não falou nada sobre a marinha, uma indenização ou grãos para o exército de Roma. Sem dúvida, ele esperava que Cipião rejeitasse a oferta, mas talvez estivesse esperando uma barganha. De qualquer forma, ele poderia estar fazendo apenas uma jogada para mostrar a Cartago. Se perdesse a batalha, pelo menos poderia dizer que tinha tentado a diplomacia. Como era de se esperar, Cipião rejeitou os termos.

Não importava, porque Aníbal tinha outros objetivos, mais pessoais – ele se importava com o que Cipião pensava sobre ele. Não queria que Cipião baseasse sua opinião acerca dele nas calúnias políticas cartaginenses, mas queria que visse o verdadeiro Aníbal – e o visse agora, antes da batalha, enquanto ainda eram iguais, e não mais tarde, quando Aníbal poderia ter de vir a ele ajoelhado.

A reunião foi privada. Constituiu-se apenas dos dois homens e seus intérpretes. O clima foi íntimo e intenso.

Reunir-se com Cipião foi um gesto de respeito, o equivalente a dois boxeadores tocando as luvas antes da luta. Foi uma reverência ao código não escrito de conduta entre guerreiros. Talvez tenha sido uma lembrança também de que os políticos não compartilhavam a mesma camaradagem.

Aníbal poderia ter adivinhado que Cipião, como ele, tinha problemas com seu próprio governo (talvez seus espiões tivessem confirmado isso). A reunião foi uma forma de mostrar a Cipião que ele e Aníbal tinham muito em comum. Eles eram oponentes, não inimigos, e poderiam ser úteis um para o outro, não importava o que acontecesse. O perdedor poderia obter misericórdia, enquanto o vencedor saberia que havia alguém do outro lado que o respeitava muito.

A reunião foi um golpe de mestre estratégico. Aníbal estava pensando não apenas no campo de Zama, mas também no mundo do pós-guerra. Ele queria se posicionar para que não parecesse meramente egoísta, considerando as lições de sua educação na política cartaginense. Aníbal era um militar, e mesmo assim tinha todos os motivos para acreditar que poderia dirigir uma república de forma mais sábia, mais eficiente e mais patriótica do que os políticos. Foi o que duas décadas comandando os exércitos de Cartago lhe ensinaram.

Se Aníbal ganhasse a batalha, ele poderia explorar um relacionamento pessoal com Cipião no final. Roma teria de decidir se continuaria lutando ou se aceitaria termos menos generosos do que os que queria. Aníbal poderia ser capaz de empurrar Cipião na direção correta.

Se Aníbal perdesse a batalha, Cipião poderia ajudá-lo a evitar o destino de ser enviado à Itália para marchar em um desfile romano que teria como clímax sua execução. Ao estabelecer uma conexão pessoal com o vitorioso romano, Aníbal aumentou sua fama em Cartago. Da mesma forma, poderia impressionar Cipião e mostrar que era o único cartaginense em quem Roma poderia confiar se tivesse de negociar com a cidade. Cipião poderia argumentar que Aníbal seria mais útil a Roma vivo e em Cartago, onde poderia servir como uma voz de moderação, castigado como tinha sido por sua experiência de guerra.

Finalmente, havia a história. Aníbal sabia que se morresse na batalha e Roma ganhasse a guerra, o inimigo escreveria os livros de história. Quando Cipião fosse questionado mais tarde, Aníbal queria que ele se lembrasse do homem que tinha conhecido em uma tenda antes da batalha.

No auge de sua última batalha campal, Aníbal prestou muita atenção ao mundo do pós-guerra. Nem Alexandre antes da batalha de Hidaspes nem César antes da batalha de Munda tinha feito algo parecido. Aníbal não era mais inteligente do que eles, mas tinha passado por uma escola mais dura. Ironicamente, a derrota tinha educado Aníbal.

Mas ainda havia uma última batalha, e ela aconteceu naquela mesma manhã. Era o outono de 202 a.C.

Zama contrapôs o melhor general de Cartago ao melhor general de Roma, e nenhum dos dois tinha perdido uma grande batalha. A longa Segunda Guerra Púnica entre Roma e Cartago veio abaixo esse dia.

As fontes antigas enfatizam o drama da ocasião. E, mesmo assim, Zama não significou o mesmo caos de Canas ou Ilipa. Não houve ataques pelos flancos. Por que Aníbal e Cipião desistiram de suas manobras mais famosas? Eles provavelmente queriam criar o desequilíbrio fazendo o inesperado. Aníbal mostrou audácia extraordinária em seus movimentos.

Aníbal sabia que estava em desvantagem contra Cipião, que tinha um exército melhor. Ele tinha mais cavaleiros do que cavalaria e uma infantaria experiente e veterana. (Aníbal tinha mais soldados de infantaria, mas em sua maioria eram novos recrutas.) Mesmo assim, Aníbal focou sua mente sempre

fértil no problema e criou uma solução engenhosa.

Contrário a sua prática comum, ele organizou seu exército em três linhas. Os romanos também organizaram seu exército em três linhas, mas as de Aníbal eram diferentes. Na organização romana, a primeira linha consistia nos homens mais jovens, a segunda linha continha os mais experientes e maduros, e na terceira estavam os soldados mais velhos – homens que tinham passado um pouco do seu auge. Normalmente, as duas primeiras linhas eram as que *realmente* lutavam; a terceira só participava se a coisa estivesse ruim mesmo.

Na ordem de Aníbal, o plano era o oposto e tudo se voltaria para a terceira linha. A primeira linha de Aníbal consistia em mercenários; estes eram os homens que tinham lutado na Itália com Magão, o irmão de Aníbal. A segunda linha era formada por recrutas vindos de Cartago e do campo norte-africano. A tarefa dessas duas primeiras linhas era cansar os romanos, deixar cega a ponta de suas espadas pelo uso e romper a ordem das linhas. Mas não eram soldados bons o suficiente para derrotar os romanos. Essa era a tarefa da terceira linha.

A terceira linha consistia em homens que tinham voltado da Itália com Aníbal. Era uma mistura de italianos, celtas do Vale do Pó e espanhóis, numídios e africanos. Em outras palavras, a terceira linha incluía homens que tinham marchado com Aníbal desde o começo da guerra. Eram suas melhores tropas. Aníbal planejou usá-los para derrotar os romanos depois que suas duas primeiras linhas tivessem cansado os inimigos. Eles aguentariam, descansados e firmes, para rechaçar o ataque dos romanos.

Mas o maior problema era a superioridade de Cipião na cavalaria. Com a combinação de cavalaria italiana e os magníficos cavaleiros da Numídia, Cipião poderia atacar o exército de Aníbal pelos flancos e a retaguarda da mesma forma que este tinha feito com o exército romano em Canas. Aníbal sabia que precisava evitar que isso acontecesse, então empregou duas estratégias – elefantes e iscas.

Aníbal tinha mais de oitenta elefantes com ele em Zama. Como Poro no rio Hidaspes, Aníbal os colocou na frente da sua primeira linha, esperando usá-los para romper a formação bem organizada do inimigo. Por mais terrível que fosse o ataque de 80 elefantes, não funcionou. Alguns dos elefantes entraram em pânico com o som das trombetas e fugiram, esmagando algumas das unidades da cavalaria de Aníbal. Outros simplesmente ficaram parados no

campo de batalha. Um terceiro grupo de elefantes atacou os romanos e matou algumas tropas de armas leves, mas, no geral, não causaram grandes danos. Como Alexandre antes dele, Cipião estava preparado. Ele tinha organizado aberturas tipo um beco entre suas formações legionárias, e seus homens afunilaram as bestas neles.

Os elefantes de Aníbal fracassaram; agora era a vez da cavalaria de Cipião. Ele a colocou, como sempre, nos flancos, com os romanos e italianos à direita e os numídios à esquerda. Cipião mandou que atacassem a cavalaria muito menor de Aníbal nos flancos. Em resposta, os cavaleiros de Aníbal se viraram e fugiram, com o inimigo os perseguindo de perto. Por muito tempo, simplesmente não havia nenhuma cavalaria no campo de batalha. É possível que Aníbal tivesse planejado as coisas dessa forma, esperando ganhar a batalha com a infantaria antes que os cavalos inimigos voltassem. Quando fizessem isso, ele poderia colocar seus homens em formação de quadrados para evitá-los.

Tudo se resumia então à infantaria. As coisas aconteciam de acordo com o plano de Aníbal. Suas primeiras duas linhas – os mercenários e os norte-africanos – conseguiram alguns bons golpes antes que os romanos os expulsassem do campo. Eles deixaram tantos cadáveres e armas caídas no campo de batalha depois da primeira fase de luta que os romanos tinham dificuldade em caminhar sem escorregar no chão ensanguentado para chegar à terceira linha de Aníbal – seus veteranos.

Foi um momento do mais alto drama. Veteranos de Canas dos dois lados. Para os romanos, foi uma luta rancorosa; para os cartaginenses, a chance final de salvar tudo. Equilibradas, as duas linhas lutaram por muito tempo, mas, no final, a cavalaria de Cipião voltou. Eles fizeram um ataque decisivo na retaguarda da linha de Aníbal e foi um massacre. Foi o contrário de Canas.

As batalhas antigas, às vezes, terminavam em termos desiguais. Quando um inimigo caía em uma armadilha, sem esperança de se render ou fugir, o resultado era o massacre, com um custo relativamente baixo para o lado vitorioso. O resultado era uma contagem desigual, mas crível de mortos. E assim, em Zama, os cartaginenses tiveram ao redor de 20 mil mortos e quase o mesmo tanto de prisioneiros. Os romanos só tiveram 1,5 mil mortos. Cipião conseguiu uma vitória esmagadora. Aníbal havia sofrido sua primeira derrota em uma batalha campal.

Aníbal foi criticado por não usar sua terceira linha para atacar os flancos de

Cipião em Zama. Os críticos também o censuram por não reagrupar seus elefantes ou os sobreviventes de suas primeiras duas linhas para proteger a retaguarda e os flancos de sua terceira linha. Sem dúvida, Aníbal pensou nesses movimentos, mas concluiu que não tinha o número suficiente de homens com experiência para fazer isso. Políbio diz que Aníbal foi admirável em Zama: ele fez tudo que um bom general com muita experiência prática poderia ter feito.

Depois da derrota, Aníbal galopou de volta à costa de Hadrumeto, a cerca de 190 quilômetros de distância, abandonando o que restava de seu exército. Logo depois, o Senado cartaginense enviou uma delegação a Cipião para negociar a paz.

Os termos de Cipião não eram muito mais duros do que os que Cartago tinha aceitado e depois rejeitado. Cartago tinha de abandonar todas as suas posses além-mar; tinha de pagar uma indenização e fornecer grãos às tropas de Cipião. Mas a indenização foi duplicada de 5 mil a 10 mil talentos e Cartago perdeu sua marinha e seus elefantes. Não poderia mais guerrear fora da África e precisava da aprovação romana antes de guerrear no continente. Os termos da paz também permitiam que Massinissa acossasse Cartago ao retomar a velha demanda de que “restaurassem” suas posses ancestrais.

Em Cartago, o Senado debateu o tratado. Apesar de tudo, ainda existiam ali falcões de guerra, mas eles tinham de lidar com Aníbal. Pela primeira vez em trinta e cinco anos, ele voltou à cidade em que tinha nascido.

Aníbal participou do debate. Literalmente arrastou um oponente do tratado da plataforma que os oradores usavam. Os senadores ficaram horrorizados, e Aníbal pediu desculpas pelo comportamento que tinha aprendido no campo de batalha. Mas ele já tinha mostrado sua visão. Para ele, depois de Zama, tudo estava perdido, sem esperanças. Não sobrava nada aos cartaginenses, exceto aceitar os termos de Cipião. E foi o que fizeram.

No ano seguinte, 201 a.C., o acordo de paz entrou formalmente em vigor. Depois de dezessete anos, a Segunda Guerra Púnica tinha terminado.

O leão no inverno

Poderíamos ter esperado que os romanos levassem Aníbal de volta à Itália como prisioneiro. Em vez disso, deixaram que ficasse em Cartago. É tentador dar crédito a Cipião por isso. Aníbal continuou a servir como general durante

200 a.C. Ele usou suas tropas como um tipo de força policial na Líbia, onde Cartago tinha perdido sua autoridade, e como um corpo civil de manutenção da ordem mais perto de casa, onde plantaram oliveiras para compensar a devastação deixada pelo exército romano.

Então Aníbal deixou seu cargo. Nos três anos seguintes, ele assistiu à luta de Cartago com a indenização romana e a corrupção política em larga escala. A facção Barca estava fora do poder e, por isso, as pessoas se voltavam para Aníbal. Em 197 a.C., ele concorreu ao cargo de *suffete*, o magistrado-chefe de Cartago – o equivalente ao cônsul romano. Ganhou um mandato de um ano em 196 a.C.

Depois de perder a guerra contra Roma, após perder o império de Cartago na Espanha, territórios no norte da África, muito sangue e tesouro, Aníbal começou uma nova carreira política em casa. Como magistrado-chefe, simplificou o governo de Cartago e tornou-o mais democrático. Realizou uma série de reformas econômicas que terminaram com o sistema corrupto de cobrança de impostos que afunilava a renda, levando tudo para as mãos de uns poucos. O novo sistema de Aníbal tornou possível que Cartago pagasse o tributo exigido por Roma sem criar novos impostos.

É raro o homem que serve a seu país como comandante no campo durante a guerra e também como reformador político em casa em tempos de paz. É ainda mais raro encontrar alguém que fracassa como general, mas é bem-sucedido como político; porém, Aníbal conseguiu essa distinção. Infelizmente, a combinação de sucesso político e fracasso militar pode ser tóxica. O sucesso cria a inveja.

Seis anos depois de aceitar a derrota, Cartago estava crescendo e prosperava. O governo romano percebeu. Os romanos não esperavam que o grande general provasse ser também um grande administrador, pois tinham aprendido, da pior maneira, a não subestimar a capacidade de Aníbal. Com cinquenta e poucos anos, ele ainda era vigoroso e isso preocupava, pois não sabiam para onde essa poderosa mão poderia levar Cartago.

Cipião falou para deixarem Aníbal em paz, mas o Senado romano rejeitou seu conselho. Assim, em 195 a.C., Roma exigiu que Cartago o entregasse. Aníbal fugiu para o Oriente, primeiro foi para Tiro, a cidade-mãe fenícia de Cartago e, depois, para a Anatólia e o reino de Antíoco III, outro inimigo de Roma.

Aníbal fracassou em sua tentativa de guiar Antíoco à vitória contra Roma.

Mais uma vez, foi forçado a fugir. Dessa vez, terminou no reino da Bitínia (no noroeste da Turquia). Em 183 a.C., os romanos encurralaram Aníbal no porto da Libyssa (perto de Istambul). Em vez de enfrentar a humilhação como prisioneiro, Aníbal tomou o veneno que supostamente carregava em seu anel. Deixou para trás uma carta amarga acusando os romanos de serem muito impacientes para esperar que um velho morresse.

Mas os romanos sabiam o que estavam fazendo. Apesar de ter passado dos sessenta anos, Aníbal ainda cuspia fogo. Como conselheiro militar do rei bitiniano, tinha acabado de ganhar uma vitória naval contra o aliado romano.

Cartago vivia no resplendor do sucesso de Aníbal. Graças ao valor de estadista de Aníbal, Cartago era mais próspera do que nunca, cinquenta anos após perder a Segunda Guerra Púnica. Isso era mais do que os romanos podiam aceitar.

Em 149 a.C., os romanos deram ao povo de Cartago um ultimato: ou entregavam a cidade e se mudavam uns vinte quilômetros para o interior ou teriam de enfrentar a guerra. Os cartaginenses escolheram lutar. Eles aguentaram três anos. Finalmente, na primavera de 146 a.C., os romanos tomaram a cidade de surpresa. Uma boa parte da população morreu de fome ou pela espada; o resto foi vendido como escravo. Um grande fogo destruiu a maior parte da cidade.

Se Aníbal não tivesse estabelecido uma base, Cartago poderia não ter se tornado tão próspera a ponto de ameaçar Roma. Mais uma vez, se Aníbal não tivesse invadido a Itália em primeiro lugar, Roma não teria temido a prosperidade de Cartago.

Essa não é a ironia final, no entanto. Um século depois que Cartago foi destruída, ela renasceu. Em 46 a.C. foi decidido que a cidade passaria a ser uma colônia romana e que seria povoada por imigrantes da Itália. O novo fundador de Cartago foi ninguém menos que Júlio César!

CÉSAR

Depois de Munda, César não tinha mais inimigos militares. Políticos eram outra questão. Todos os romanos admitiram a preeminência de César no campo de batalha, mas poucos estavam dispostos a garantir sua supremacia em casa. Roma ainda era uma república e a liberdade permanecia sendo um

ideal. A maioria das pessoas estava disposta a desistir de alguns privilégios em nome da paz, mas quantos privilégios e em quais termos tinham de ser negociados?

Para trazer a paz para casa, César precisava deixar de comandar os romanos para cortejá-los.

O homem que não seria rei

Tudo dependia, claro, do que César queria. Mas o que ele queria exatamente?

Temos uma vaga ideia, mas não podemos ter certeza. César não escreveu nenhum manifesto. Teve menos de dois anos para viver depois de celebrar seus quatro triunfos em 46 a.C., e isso não era suficiente para mudar Roma profundamente. Mas César obteve muitas realizações durante esses dois anos e deixou alguns comentários importantes durante sua última década, então não ficamos totalmente no escuro.

César queria dominar Roma; isso está muito claro. Uma vez falou, depois de passar por uma vila nos Alpes, que ele preferia ser o primeiro homem ali do que o segundo em Roma. Apesar de ser reconhecidamente egocêntrico, ele também era um patriota e um reformador. Ao mesmo tempo, não estava disposto a ficar preso a uma constituição específica – e talvez isso fosse uma mostra de sabedoria. Quando os homens propõem grandes mudanças, os detalhes se tornam alvos.

Quando César cruzou o Rubicão em 49 a.C. e começou a guerra civil, ele citou dois motivos. Disse que estava defendendo o poder dos tribunos – os representantes do povo comum. Também falou que estava defendendo sua própria honra. Então, em uma carta de 48 a.C. para Metelo Cipião, que estava lutando por Pompeu, César falou das três prioridades: “a tranquilidade da Itália, a paz das províncias e o bem-estar do império”.

O que é interessante é o que César *não* menciona, e é o Senado romano. Para os oponentes de César, o Senado era a coroa gloriosa do sistema romano. O Senado, eles pensavam, fazia Roma ser sábia e livre. Como conselho de anciãos formado por antigos magistrados experientes, o Senado guiava o Estado. O Senado também garantia a liberdade, porque ele sozinho permitia o debate livre e aberto. Era o que argumentavam seus defensores.

César não ficou impressionado. “A república”, ele falou uma vez, “não é nada, só um nome sem forma ou substância”. Seu comportamento entre 46 e

44 a.C. demonstrou o que estava falando.

César acreditava que o Senado tinha evitado que Roma fizesse reformas essenciais, tanto na Itália quanto no império. Ele considerava que os senadores só pensavam em seus interesses. Era verdade – e ainda sentiam orgulho disso. César os insultou de diversas formas, por meio de atos de omissão e comissão – recusando-se a se levantar quando eles entravam na sala, por exemplo, ou fazendo que esperassem para vê-lo. O Senado se juntou ao coro de romanos que ofereciam honras sem precedentes a César, tantas que eles chegavam perto de venerá-lo como a um deus – mas não tanto. A velha aristocracia se odiava por isso e odiava César.

Ele se considerava além de tais mesquinharias. Acreditava que só um homem de suprema sabedoria e talento poderia trazer mudanças. César era este homem – pelo menos como ele via. Muitos dos seus compatriotas estavam dispostos a conceder sua grandeza. Pelo menos estavam dispostos a conceder status semidivino a ele. Mas autoridade política suprema era outra questão.

César queria ter o poder de um rei, mas sem o título. Em Roma, "rei" era uma palavra suja. A república romana foi fundada em 509 a.C. (para usar a data tradicional) em uma rebelião contra um rei. Aos olhos romanos, "monarquia" significava um regime corrupto e arbitrário – tirania, resumindo.

César flertava com as armadilhas da monarquia. Afirmava descender dos primeiros reis de Roma (e dos deuses) e usava botas especiais, as mesmas que aqueles supostamente tinham usado. Instalou sua amante, a rainha Cleópatra do Egito, em uma casa do outro lado do Tibre, o que parecia suspeito para os gostos republicanos. Ela trouxe seu filho, Cesarião, que afirmava ser filho de César.

Alguns de seus apoiadores ousavam chamá-lo de rei em público, mas ele rejeitava o termo. Talvez estivessem soltando balões de ensaio para ele, mas Roma não estava pronta para um rei. Em vez disso, César se autodeclarou *dictator perpetuo* – ditador perpétuo – em fevereiro de 44 a.C. Foi apenas uma extensão de três ditaduras mais curtas para as quais ele já tinha sido eleito desde que cruzou o Rubicão.

Um ditador perpétuo era inconstitucional em Roma, como seria em qualquer Estado moderno. César acreditava que merecia o título e que o país aceitaria isso em vez de correr o risco de voltar à guerra civil. O que ele não conseguia entender era que até mesmo muitos de seus próprios apoiadores

queriam que ele mostrasse respeito pelo Senado e pela constituição romana, mas ele não respeitava nenhum dos dois. Quando, por exemplo, um dos cônsules de 45 a.C. morreu no último dia do ano, César indicou um de seus aliados como cônsul – em menos de um dia.

César acreditava que sua ditadura servia ao bem público e trazia tranquilidade temporária a Roma – e um grande programa de reformas.

César não se preocupava realmente com os tribunos, mas se importava com as pessoas comuns de Roma e da Itália. Aprovou uma série de leis para beneficiá-las. A cidade de Roma estava sofrendo com o desemprego, a violência e a corrupção. César atacou as gangues políticas. Ofereceu empregos por meio de projetos públicos – um novo fórum e novos templos –, assim como diversão e comida pela realização de jogos e espetáculos. Encorajou doutores e professores a imigrarem para Roma e melhorou as bibliotecas públicas da cidade.

Ao mesmo tempo, limpou as ruas cheias e perigosas de Roma. Usava recompensas e punições para empurrar os pobres para fora da cidade. Por um lado, atacou os não cidadãos que estavam recebendo grãos de graça, o que era um benefício para os cidadãos romanos. Por outro, montou novas colônias para cidadãos. Oitenta mil cidadãos romanos, a maioria deles pobre, foram escolhidos para emigrar para a Anatólia, Grécia ou norte da África. Enquanto isso, deu terras a seus veteranos na Itália, Espanha e Gália.

As províncias também se beneficiaram com as reformas de César. Antes dele, todos os italianos eram cidadãos romanos, exceto os que viviam ao norte do rio Pó ou na Sicília. César incorporou os italianos ao norte do Pó e deu aos sicilianos “direitos latinos”, uma forma limitada de cidadania romana. Também levou alívio à província da Ásia (Turquia ocidental), onde os coletores de impostos romanos eram notórios pelos abusos. César acabou com isso.

Ele reformou o Senado também, aumentando de 600 para 900 membros e nomeando vários novos senadores. Eram leais a ele, claro, e incluíam homens desdenhados pelos velhos senadores: oficiais juniores, contratistas do exército e celtas do norte da Itália. Mas eles trouxeram sangue novo e talento aonde era necessário.

E no meio de todas essas reformas enérgicas, César fez planos para deixar Roma. Recebeu a autoridade para fazer a guerra contra o império parta. Um Estado iraniano fundado em uma revolta contra os sucessores de Alexandre,

o império parta ia do Iraque ao Afeganistão.

César tinha duas razões para fazer a guerra contra os partas: honra e segurança. Em 53 a.C., os partas tinham demolido um exército romano na batalha de Carras (hoje na Síria) e humilhado as legiões ao capturar seus estandartes. Em 46 a.C., os partas apoiaram uma revolta na Síria. César queria acabar com a rebelião e vingar os derrotados.

Ele planejava um empreendimento massivo. O Senado aprovou o maior exército que ele já tinha comandado. Consistia em dezesseis legiões (no papel, ao redor de 80 mil homens) e 10 mil cavaleiros. A campanha foi marcada para começar na primavera de 44 a.C. Depois de cruzar o mar Adriático, a expedição punitiva se moveria na direção do rei Burebista da Dácia (a moderna Romênia), cujos exércitos estavam atacando a província romana da Macedônia – e que tinha apoiado Pompeu. Então César cruzaria para dentro da Ásia.

César planejava invadir o império parta por meio da Armênia, um Estado fronteiriço. Ele insistiu em usar um bom tempo para estudar os partas e seus métodos de combate antes de atacar. Eram inimigos duros e excelentes cavaleiros.

Não está claro se César tinha em mente uma nova conquista territorial ou se simplesmente queria derrotar o exército parta. Há rumores de que ele queria conquistar o sul da Rússia no caminho de volta e, depois, abrir caminho até a Gália, mas pode ser um exagero. O certo é que César projetou uma longa campanha. Esperava estar fora de Roma por três anos.

E como ficaria o governo romano enquanto ele estivesse fora? César indicou funcionários antecipadamente para cobrir aquele período. Eles poderiam ajudar a manter seu sistema, mas não poderiam governar com a mesma autoridade de César. Roma nunca seria tão estável com César distante como tinha sido com ele presente.

Talvez essa fosse a questão. Talvez César quisesse que os romanos sentissem como era a vida sem sua mão forte guiando. Quando ele voltasse, ofereceria não só sua autoridade, mas, como ele esperava, novas riquezas e honrarias conquistadas para Roma, e contra um inimigo estrangeiro, não em outra guerra civil. César achou que o povo romano poderia receber sua ditadura com suspiros de alívio.

Ou é o que podemos supor. Talvez a real atração da Guerra Parta fosse a fuga. Melhor lutar contra os partas no campo da honra, César pode ter

pensado, do que trocar palavras com a elite cabeça-dura e traidora de Roma.

César se planejou para deixar Roma em 18 de março de 44 a.C. Aos 54 anos, ele não era mais jovem. Sabia que, quando deixasse Roma pela frente de batalha, poderia estar olhando para a cidade pela última vez. E talvez não se importasse.

Os Idos de Março

César nunca saiu de Roma, claro. Ele foi assassinado três dias antes da data marcada para sua partida. Uma conspiração de 60 senadores o atacou em uma reunião do Senado em 15 de março – os Idos de Março, como o dia era conhecido no calendário romano. Bruto e Cássio, Cinna e Casca – os nomes dos conspiradores líderes são familiares de qualquer leitor de Shakespeare. Eles estavam preparando o plano há meses e sabiam que era a última chance de atuarem.

Os senadores não estavam reunidos na Casa do Senado aquele dia, pois o prédio estava em reforma. Em vez disso, eles se encontravam em um projeto público recente do rival de César – o Pórtico de Pompeu. César morreu aos pés de uma estátua de Pompeu.

Os assassinos usaram adagas e feriram César 23 vezes. Centenas de senadores assistiram a tudo chocados, enquanto apenas dois tentaram ajudá-lo. O *imperator* lutou contra eles. Gritou indignado e furou um atacante com sua caneta. A história diz que ele só desistiu quando viu Marco Bruto entre os atacantes.

Bruto era o filho da ex-amante de César, Servília. Dizem que César era o pai, mas isso é pouco provável. Mesmo assim, isso acrescenta comoção ao comentário do homem ferido. Olhando para Bruto, César supostamente falou, em grego: “Você também, meu filho?” (Ele não falou: “*et tu, Brute.*”) E então caiu, para nunca mais se levantar.

Foi um dos assassinatos mais famosos da história. Foi também uma gigantesca rachadura no edifício das conquistas de César – um erro enorme que vai direto ao coração de seu caráter. No começo, parece um simples erro de segurança. Olhando mais profundamente, no entanto, dá para ver que o problema está na base de tudo que César fez em Roma. O grande general tinha todos os atributos para ser também um grande estadista – exceto o realismo. No final, César, o duro veterano de cinquenta batalhas campais nas

quais afirmou ter matado 1 milhão, 192 mil pessoas, era um romântico. Ele se importava com o que os romanos pensavam dele. Foi seu maior erro.

Se César tivesse sido apenas um ditador, teria se cercado de uma guarda pessoal e manchado as ruas de Roma com os cadáveres de seus inimigos. Mas ele não queria fazer nada parecido com o banho de sangue e os assassinatos que marcaram a ditadura de Sula, uma geração anterior. No lugar, César continuou sua famosa política de clemência.

Depois de voltar para Roma em 46 a.C., ele perdoou ainda mais inimigos e permitiu que voltassem à Itália. Indicou muitos ex-colaboradores de Pompeu para altos cargos. Não fez nada para impedir que os romanos publicassem obras elogiando seu arqui-inimigo, Catão, que agora era um mártir da liberdade.

Teria sido fácil para César se autoproteger. Tudo de que ele precisava era uma guarda pessoal, o que teria tornado quase impossível assassiná-lo. Como general, ele tinha usado guardas pessoais antes, como qualquer comandante romano. Normalmente, uma tropa de auxiliares espanhóis o protegia, mas, no começo de 44 a.C., ele os dispensara. O Senado, é verdade, tinha feito um juramento de lealdade e dado a César a permissão para formar um novo grupo de guardas de senadores e cavalheiros, mas César não teve pressa para estabelecê-lo.

Ter uma guarda pessoal significaria admitir que ele precisava viver com medo, mas não queria isso. Talvez houvesse outro fator também. César continuava a pensar em si mesmo como membro da elite da nobreza e da cultura de Roma. Fazia coisas como ir a festas e jantares na vila de Cícero e discutir literatura. Quando Bruto e Cícero publicaram livros elogiando Catão como romano ideal, César ordenou que seu assistente literário escrevesse uma resposta – e então, assim que o tempo permitiu, César escreveu seu próprio *Anti-Catão.* Mas o homem que tinha indiretamente causado as mortes de Catão, Pompeu, Metelo Cipião, Domício Enobarbo e muitos outros campeões da aristocracia romana não poderia facilmente reclamar seu lugar entre ela.

César possuía uma combinação de arrogância e carência. Queria que os aristocratas de Roma reconhecessem sua supremacia ao mesmo tempo em que o aceitassem como membro do clube. Ele não poderia ter as duas coisas. Se quisesse que seus colegas aristocratas dessem tapinhas em suas costas, não poderia forçá-los a se ajoelharem na frente dele. Se insistisse que ficassem de

joelhos, então deveria estar pronto para suas facas. Por mais sábio que fosse, César não via essa verdade.

César pode ter cometido outro erro ao pensar que era intocável. Talvez realmente acreditasse que estava protegido pela *Fortuna Caesaris* – "a boa sorte de César". Talvez seus cálculos fossem estritamente seculares, mas, nesse caso, eram arrogantes. O sentido de César de seu próprio gênio e a exagerada estimativa de sua própria superioridade fizeram que parecesse uma traição até mesmo imaginar que qualquer um dos homens inferiores que ele tinha vencido pudesse lhe fazer algum mal.

Metade de Roma, ele pensava, o amava e a outra metade o temia. Era irracional, ele ponderava, que alguém simplesmente o odiasse. Mas ele esqueceu a importância da *dignitas* ou honras – uma estranha omissão, na verdade, para um homem que justificava sua decisão de cruzar o Rubicão dizendo que sua *dignitas* era mais importante do que sua própria vida.

Alexandre, o Grande, desistiu de tentar fazer que os macedônios beijassem o chão na sua presença. César nunca tentou nada tão óbvio com os aristocratas orgulhosos de Roma, mas o que fez os ofendeu da mesma forma. Ele zombava das honras que eram importantes para eles. Flertava com a ideia de ser chamado de rei. E, pior de tudo, perdoava seus inimigos.

Os assassinos de 44 a.C. nunca perdoariam César por perdoá-los. César incitava ciúme e medo neles. Suas conquistas os deixavam menores. Sua demagogia ameaçava acabar com a riqueza deles e passá-la às pessoas comuns. Suas reformas ofendiam o conservadorismo romano inato. Mas, o pior de tudo, sua arrogância os humilhava. A mesma clemência que tanto orgulhava César era o nó central do ódio de seus inimigos. Como Catão supostamente disse, César não ganhava o direito de dominar as pessoas ao exonerá-los.

E assim os conspiradores se juntaram, uma hora guinchando como gansos, outra afiando suas facas como soldados.

Os homens que seriam César

Os senadores de Roma eram fechados e derrotistas. Eram avaros com os soldados de Roma e indesejados entre a elite do norte da Itália e da Gália. Por outro lado, estes dois grupos apoiavam César. Assim como as pessoas comuns da Itália – eram o principal alvo da exploração dos senadores. E

mesmo assim, esses mesmos senadores egoístas eram os defensores mais teimosos e magníficos da liberdade política que o mundo já tinha visto.

Era liberdade para poucos, mas era liberdade mesmo assim. Nada faria que abrissem mão do direito de fazer e falar o que quisessem. César teria de matar todos eles para que aceitassem. Ele era tão aristocrata romano quanto eles para fazer algo assim. César não poderia matar seus iguais como Bruto ou Cássio, porque gostava muito do que eles pensavam. No entanto, depois que o mataram, as regras mudaram.

Os homens que vieram depois de César não se importavam em matar grande parte da nobreza de Roma se isso fosse necessário para mantê-los seguros no poder. E foi o que fizeram.

Essa foi a tragédia dos Idos de Março. Em vez de restaurar a república, trouxe de volta a guerra civil, e com vingança. A guerra civil de César durou cinco anos; a nova explosão durou catorze. César tinha acabado com o que os romanos chamavam de "proscrição", quer dizer, publicar listas de inimigos cujas vidas e propriedades estavam perdidas. A nova guerra trouxe isso de volta.

A lista incluía 2,3 mil membros entre os mais ricos e proeminentes da elite romana. Muitos deles escaparam com vida, mas não com suas propriedades. Todavia, mesmo isso não foi suficiente para satisfazer ao desejo de saque, então dezoito das cidades mais ricas na Itália, com suas terras, foram dadas a soldados, que ainda apoiavam César, por seus comandantes.

Entre os que não sobreviveram estava Cícero. As mãos e língua do orador foram trazidas como troféus abomináveis ao homem que mandou matá-lo, Marco Antônio. O ex-tenente de César surgiu depois dos Idos de Março como um dos dois mais importantes líderes das tropas de César. O outro foi o sobrinho-neto de 19 anos de César.

Caio Otávio, o neto da irmã de César, era o herdeiro legal dele. César tinha viajado de volta da Espanha com o jovem Otávio em 46 a.C. e ficou impressionado com ele. Otávio era esperto, astuto e ambicioso. Não tendo nenhum filho próprio vivo e legítimo, César adotou Otávio postumamente, o que não era um procedimento incomum em Roma. Quando o testamento de César foi lido, Otávio se tornou Caio Júlio César Otaviano – geralmente chamado de Otaviano hoje.

Ao contrário de Alexandre, César tinha um herdeiro adulto. Mas, como Alexandre, César deixou uma luta pela sucessão atrás de si. Marco Antônio

não tinha intenção de deixar Otaviano liderar. Antônio era adulto, com uns 40 anos e um grande soldado. Otaviano não era soldado, mas tinha qualidades mais importantes. Otaviano não tinha apenas o nome de César, mas também tinha seu talento político. Começou a manobrar Antônio desde o começo.

Os dois lutaram na Itália, e as tropas de Otaviano ganharam. Eles juntaram forças contra o exército de Bruto e Cássio, que derrotaram na batalha de Filipos, na Macedônia, em 42 a.C. Antônio e Otaviano dividiram então o mundo romano. Otaviano ficou com a Itália e o Ocidente, enquanto Antônio ficou com o Oriente – e Cleópatra.

A antiga amante de César agora amarrava sua carroça à estrela de Antônio. Juntos, os dois planejavam construir um novo império oriental e, depois, derrotar Otaviano. Mas Antônio partiu para derrotar os partas, onde tentou e não conseguiu realizar a invasão que César tinha planejado.

Otaviano, enquanto isso, juntou suas próprias forças. Ele derrotou o último filho sobrevivente de Pompeu, Sexto Pompeu, em uma guerra naval na Sicília. Solidificou seu apoio na Itália e no Ocidente enquanto caricaturava Antônio como o escravo amoroso da rainha do Oriente.

A propaganda de Otaviano provou ser melhor do que os atos heroicos de Antônio. Em 32 a.C., o Senado declarou guerra contra Antônio e Cleópatra. O conflito foi decidido em uma batalha naval em Áccio em 31 a.C., uma vitória de Otaviano.

Em 30 a.C., Antônio e Cleópatra cometeram suicídio. Cesarião foi morto por ordem de Otaviano. Ele era, então, o único mestre do mundo romano. Conhecido pelo título de Augusto (“Majestoso”) a partir de 27 a.C., ele governaria Roma como seu primeiro imperador. Entre os dois, César e Augusto estabeleceram uma sucessão de imperadores que durou, em Roma, quinhentos anos.

Em 30 a.C., não havia ninguém mais que se lembrava como era a velha república. Anos de guerra e proscrição tinham acabado com todos. O campo estava aberto para Augusto terminar o que César tinha começado. Mas, ao transformar Roma de uma república em uma monarquia, Augusto aprendeu com o exemplo de César.

Augusto não teria o título de “ditador para toda a vida”. Ele simplesmente se chamava *princeps*, quer dizer, “primeiro entre os iguais”. Tampouco mostrou desrespeito pelo Senado. Ao contrário, Augusto afirmava que estava restaurando a república. Ele fingia seguir todas as velhas regras do jogo

político.

Mas ninguém se enganava. Toda Roma entendia que Augusto tinha estabelecido um novo regime, que trouxe lei e ordem, mas com a liberdade como preço a pagar. Entretanto, lei e ordem eram melhores do que guerra.

A ESSÊNCIA DA DECISÃO

Nenhum dos nossos três comandantes terminou bem sua guerra. Nenhum conseguiu combinar vitória militar com estadismo. E, mesmo assim, cada um fracassou de uma forma diferente.

O conflito de Aníbal terminou em desastre. Quando partiu para a Itália em 218 a.C., lançou o que poderia ter esperado ser uma guerra relativamente curta. Quando ficou claro que seria longa, ele provou ser incapaz de adquirir os recursos – homens e dinheiro – necessários para vencer. Não se adaptou bem à mudança de circunstâncias. Não demonstrou ter bons julgamentos nem uma estratégia clara.

Quando invadiu a Itália, Aníbal era a essência da audácia. Quando partiu da Itália, ele parecia ter sido golpeado. Depois da derrota de Asdrúbal em Metauro em 207 a.C., o fracasso da expedição italiana de Aníbal deveria ter ficado óbvio. E, mesmo assim, ele ficou na Itália mais quatro anos.

Se a escolha de ficar foi dele, isso demonstra teimosia e ilusão de sua parte. Se o governo cartaginense o estava forçando a ficar, então Aníbal mostrou falta de liderança ao não conseguir persuadi-los do contrário.

Quando, por fim, foi chamado à África em 203 a.C., Aníbal provavelmente se comportou tão bem quanto qualquer general sob essas circunstâncias. Mas já era tarde demais. Continua sendo uma pergunta aberta se ele deveria ter se recusado a continuar lutando.

Alexandre evitou o desastre, mas esticou seu império até o limite. Os últimos anos de guerra, de Sogdiana à Índia, tinham sido de limitado valor estratégico ou mesmo de nenhum. Espitamenes não era nenhuma ameaça para justificar as campanhas de Alexandre. A Índia oferecia muita riqueza, mas era quase impossível mantê-la.

César terminou sua guerra com bastante sucesso. Nem o norte da África, nem a Espanha foram campanhas tranquilas, e as duas ofereceram momentos de grande perigo. Mas ele resolveu de forma apropriada e continuou voltando

a Roma para manter os negócios políticos. Sua estratégia foi boa.

As coisas começam a mudar se olharmos as habilidades de cada homem nos momentos de paz. Alexandre demonstrou falta de interesse na organização da infraestrutura necessária para transformar sua afirmação de "rei da Ásia" em realidade. Prestou atenção insuficiente à nova classe governante, começando com sua própria dinastia. Aos 32 anos e depois de mais de uma dezena de anos no trono, ele só então tinha pensado em produzir um herdeiro legítimo. Demonstrou liderança na promoção de casamentos mistos, mas deixou aberta a questão sobre se as crianças dessas uniões poderiam governar o império. Tinha um novo exército, mas sua eficiência ainda não tinha sido testada.

Os persas não tinham conseguido manter seu império, e o reino de Alexandre era muito maior. Rebeliões eram uma conclusão prevista, mas a coesão não era. Alexandre fez pouco para fortalecer o controle sobre sua terra "conquistada à ponta da lança". Ao contrário, ele montava uma nova guerra na Arábia, com outras expedições em vista. O guerreiro tinha pouco interesse em se tornar estadista.

César se saiu melhor, até certo ponto. Político antes de se tornar general, César levou as questões internas de forma muito mais séria do que Alexandre. Mas César mostrou paciência limitada ao processo de reforma. Mostrou ser incapaz de gerenciar a velha aristocracia romana que entrou em seu caminho e pagou com a vida por isso. Mas, mesmo se tivesse sido mais diplomático, ele não teria se concentrado mais na tarefa que tinha nas mãos. Como Alexandre, sequer terminava uma guerra antes de começar a seguinte.

Em uma ironia da história, Alexandre e César morreram quando estavam a ponto de começar uma nova guerra. Nenhum dos homens podia aguentar a vida na capital quando o acampamento chamava.

Alexandre não conseguiu criar um novo grande império ou dinastia, mas conseguiu destruir um velho – o império persa. E estabeleceu a base para uma série de Estados sucessores sob uma nova classe dominante grega e macedônia. Nesse sentido, foi um estadista bem-sucedido.

César fracassou em sua tentativa de ter uma longa vida como ditador. Mas começou o processo de reformas em Roma que, sob o sucessor que ele escolheu, Augusto, transformou a república no império romano. A capacidade de estadista de César, apesar de problemática, parece muito maior do que a de Alexandre.

Cada homem também deixou uma marca. Dos sucessores de Alexandre até Pirro, passando por Aníbal e César, continuando até Trajano e Juliano, o Apóstata, todos os conquistadores olhavam para Alexandre como seu modelo. César teve tanto impacto como conquistador que não só todo imperador romano assumia seu nome, mas também governantes de Estados tão distantes como Alemanha, Áustria e Rússia, cujos nomes *kaiser* e czar são variações de "césar".

Contudo, o caso de Aníbal é o mais irônico de todos. No exato momento em que seus sonhos militares morriam, suas habilidades políticas começavam a aparecer. Ao estabelecer um relacionamento com Cipião, ele provavelmente fez a coisa mais importante que poderia ter feito para se salvar do exílio ou da execução. Passou, então, a se reinventar como estadista e reformador, fazendo por Cartago o que César fez por Roma – e muito mais. Poderia parecer egoísta se Aníbal se considerasse indispensável, mas era provavelmente verdade. Alguém além de Aníbal poderia ter salvado Cartago? Ninguém mais combinava o nome mágico com sua audácia e liderança, e com um bom julgamento que tinha sido forjado na adversidade.

Tragicamente, Aníbal não teve a permissão de ficar em Cartago para desfrutar de seu sucesso. Até pior, Cartago descobriu que sua prosperidade acabou trazendo a ruína pelas mãos de uma Roma vingativa. Mas, graças a Aníbal, as últimas gerações da grande metrópole do norte da África estiveram entre as mais pacíficas e bem governadas.

Poucos teriam esperado isso de um homem que já olhou a Itália do alto dos Alpes com assassinato nos olhos.

Conclusão

Na primavera de 322 a.C., as multidões se juntaram em todo lugar ao longo das antigas estradas da Babilônia e da Síria. O que elas viram passando, em direção ao oeste, era uma procissão diferente de todas. Primeiro vinham os engenheiros e a equipe de reparação de estradas para facilitar o caminho, depois a guarda militar, em seguida uma equipe de 64 mulas e – finalmente – o objeto que as bestas estavam puxando, um carro funerário. Era tão grande e magnífico que o carro levou dois anos para ser construído. Foi decorado com esculturas e quadros, coberto com ouro e joias suficientes para fazê-lo brilhar ao sol. Dentro do carro coberto, escondido da vista, enterrado sob um manto roxo bordado de ouro e um caixão com a tampa dourada, estava o corpo, embalsamado e cercado de especiarias. Eram os restos mortais de Alexandre, o Grande, morto já fazia dois anos.

Desde sua morte, os marechais de Alexandre tinham competido não só por seu império, mas por seu cadáver. O corpo dava prestígio e, se acreditasse nos profetas, o favor dos deuses. Alguns queriam levá-lo para o tradicional local de enterro dos reis macedônios em Vergina, na Macedônia. Outros queriam enterrá-lo no santuário de Amon, em um oásis na Líbia, onde Alexandre já tinha sido recebido como o filho de Zeus. O governador do Egito, Ptolomeu, filho de Lago, tinha a última palavra. Acompanhado por um exército, ele encontrou a procissão funeral na Síria e a trouxe para o Egito. Ptolomeu não tinha intenção de mandar o corpo para o deserto; em vez disso, deu-lhe um lugar de honra em sua capital, Alexandria.

Ali, a tumba de Alexandre recebeu visitas de reis e imperadores nos setecentos anos seguintes, até ser finalmente saqueada.

Quase trezentos anos depois da procissão de Alexandre, um funeral aconteceu no Fórum romano. Era 18 de março de 44 a.C., três dias depois dos Idos e do mais famoso assassinato na história do mundo ocidental. Não teria

ocorrido nenhum funeral se os assassinos – os liberadores, como se chamavam – tivessem seguido seu plano original. Eles tinham a intenção de jogar o cadáver de Júlio César no rio Tibre. Mas entraram em pânico e deixaram o corpo onde o haviam matado, o que permitiu que fosse levado à casa de César. Então, em vez de insistir em um funeral privado, concordaram com um funeral público no Fórum, com todas as honras. Foi um erro.

E assim foi montado o cenário para o famoso discurso "Amigos, romanos, compatriotas!" de Shakespeare. Apesar de a versão de Shakespeare ser fictícia, o discurso é baseado em fatos. Quando o corpo de César foi trazido ao Fórum para um funeral público, Marco Antônio realmente fez a oração do funeral. Foi um discurso curto e não teve as três famosas palavras, mas foi muito forte. Antônio misturou sua tristeza com a raiva contra os assassinos. Quando ele terminou, Antônio levantou o manto sujo de sangue de César e apontou para as feridas.

A multidão respondeu com caos. O povo comum de Roma tinha apoiado César quando ele estava vivo. Agora sentiam falta dele, especialmente quando ouviram que o testamento de César tinha deixado um presente em dinheiro para cada cidadão e um novo parque público para a cidade. As palavras e gestos de Antônio mostraram sua paixão. A multidão invadiu prédios próximos, arrastou bancos e prateleiras de madeira, e construiu uma pira. Apesar de o plano ser carregar o corpo de César até a tumba de sua filha do outro lado da cidade e cremá-lo ali, o povo não aceitou nada disso. Cremaram César ali mesmo. Então saíram em fila do Fórum com tochas e atacaram as casas dos homens que tinham assassinado o líder. O próprio César não poderia ter virado a mesa de forma tão espetacular.

O terceiro funeral – na verdade, um memorial – aconteceu dois mil anos depois, em 1934. O lugar era uma colina nos arredores da cidade industrial de Gebze, uns 50 quilômetros a leste de Istambul. O lugar está perto do golfo de Izmit, o antigo golfo de Astaco, na direção das colinas do outro lado. Ninguém menos que o próprio presidente da república turca, Mustafa Kemal Atatürk, fez o discurso fúnebre. Um dos generais e estadistas mais bem-sucedidos da história, Atatürk tinha vindo fazer as honras para outro general que tinha chegado a um beco sem saída aqui. Ele tinha terminado sua vida na costa, abaixo das mesmas colinas onde Atatürk estava parado, uns dois mil cento e quinze anos antes. Era Aníbal. Foi aqui, em uma antiga Libyssa em 183 a.C., que Aníbal preferiu tomar veneno em vez de permitir que os

romanos o agarrassem vivo.

Atatürk realmente admirava Aníbal, mas ele tinha outro motivo para o memorial. Em 1934, Benito Mussolini, ditador da Itália, estava tentando pressionar a Turquia. Atatürk respondeu com uma homenagem a Aníbal, um dos maiores inimigos que a Itália já teve. Mandou que fosse construído um monumento no tradicional, mas não confirmado, lugar onde estaria a tumba de Aníbal. Demorou quase cinquenta anos, até 1981, para que o monumento finalmente fosse construído.

"Os corajosos têm toda a terra como seu sepulcro", disse o general e estadista ateniense Péricles. A tumba de Alexandre na Alexandria há muito desapareceu. O templo de César no Fórum romano está em ruínas. Como é irônico que Aníbal, que fracassou contra Roma e morreu por suicídio, tenha um monumento moderno em seu local de morte.

Chegamos, finalmente, ao enterro de Alexandre, de César e de Aníbal. Vale a pena perguntar o que restou de bom, se houve algo, deles. Quais lições devem ser aprendidas das histórias dos três maiores generais do mundo antigo?

A reputação militar deles está segura. Eles estão listados entre os maiores comandantes da história. Conseguiram mais de pequenos exércitos do que a maioria dos generais é capaz de conseguir com uma horda. Foram líderes inspiradores. Triunfaram no campo de batalha contra inimigos que eram muito mais numerosos em termos de homens e dinheiro. Lideraram devotados exércitos sobre vastas distâncias, lutando coletivamente da Espanha à Índia. Apesar de não se encolherem com terror quando precisavam, eles apelaram às massas, mostrando-se como populistas e como favoritos dos deuses.

Ambiciosos e audaciosos, eles não quiseram nada menos do que as grandes ações. Aníbal fracassou como estrategista militar, mas foi bem-sucedido como comandante de combate. Alexandre e César triunfaram nas duas arenas. Claro que cometeram erros – e vários. Algumas de suas decisões poderiam ter sido fatais, mas estes dois capitães tiveram o apoio da Divina Providência.

Há lições permanentes aqui para estudantes da guerra, especialmente porque os três casos parecem tão similares na superfície. Todos os três comandantes ilustram certas coisas em comum.

Choque e pavor é o começo de uma campanha militar, mas não seu fim. Mesmo ataques bem-sucedidos invariavelmente encontram obstáculos. A história da guerra é a história dos erros, e a marca de um bom general não é tanto saber evitar erros, e sim ser capaz de se recuperar deles. Ele também deve saber como manobrar para alcançar a melhor posição. O lado com um exército melhor deve fazer tudo que puder para arrastar o inimigo a uma batalha campal, porque a alternativa é a guerra de atrito, e isso ajuda o outro lado.

Até agora, tudo igual, mas Aníbal se separou de Alexandre e César em relação ao próximo passo. Ganhar uma batalha campal é algo ótimo, mas guerras não são ganhas apenas por batalhas. Você precisa saber como usar a vitória. Um grande comandante continua para fechar o cerco de uma forma conveniente e eficiente. Esse estágio é a parte mais desafiadora e difícil da guerra, e é muito fácil esquecê-lo no meio do glamour de uma grande vitória. Aníbal não conseguiu, por exemplo, apesar do incrível esforço em Canas.

Alexandre e César conseguiram fechar o cerco, mas somente a um preço alto. Suas guerras se arrastaram por muito tempo e com um alto preço em sangue e dinheiro, fato que impediu a possibilidade de uma paz duradoura. E elas transformaram o comandante supremo em um viciado em guerra que preferia encontrar novos dragões para matar a construir uma sociedade estável em casa.

Quando se tratou de traduzir a vitória militar em capital político, Alexandre e César fracassaram. Nenhum deles conseguiu um sucesso duradouro, mas, mesmo assim, abriram caminho para que outros conseguissem.

Como políticos, eram grandes destruidores e, de uma forma indireta, grandes construtores. Alexandre destruiu o império persa; Aníbal destruiu seu próprio império; e César destruiu o governo da república romana. Alexandre tornou possíveis os reinos helenísticos; Aníbal estimulou Roma para se expandir do outro lado do Mediterrâneo; e César foi, na verdade, o primeiro imperador romano. Eles criaram uma gigantesca sombra cultural também. Graças a Alexandre, a civilização grega se espalhou em vasta escala. Graças a Aníbal, Roma começou a pensar como um império. Graças a César, os romanos começaram a se sentir como súditos de um imperador.

Se tivéssemos de somar as conquistas políticas dos três comandantes em uma única palavra, esta seria: *um.* Antes de Alexandre, a Grécia, Roma e Cartago eram Estados pequenos e independentes. Depois de César, eles eram

um império. O que Alexandre sonhou – uma monarquia universal – César e Augusto realizaram. Aníbal tentou parar o processo, mas, no final, só conseguiu acelerá-lo.

O governo de um homem – monarquia – era eficiente e ordenado. Depois de um longo período de guerra, a monarquia deixou o mundo mais pacífico. Mas também diminuiu a liberdade política. O mundo não era grande o suficiente para cidadãos e grandes capitães.

Enquanto escrevia este livro, um colega me perguntou no que estava trabalhando. Falei para ele que estava escrevendo sobre Alexandre, Aníbal e César. “Ah”, ele falou, “tiranos”. Não, protestei, apontando as complexidades, mas, no final, tive de admitir que ele estava certo. Alexandre e César eram tiranos. Aníbal não era, apesar de que alguns em Cartago tinham medo de que quisesse ser.

Alexandre promoveu a democracia aqui e ali, enquanto César perdoou seus oponentes, mas eram movimentos táticos. Nenhum deles tinha a intenção de dividir o poder. Alexandre executou seus próprios generais; César fez a guerra contra seus compatriotas. Alexandre era um rei que se inclinava para o absolutismo; César era um ditador por toda a vida que se inclinava para a monarquia.

Com a possível exceção de Aníbal, nenhum dos nossos três capitães aceitava governos constitucionais modestos e restritos. Eles queriam dominar o Estado pela fascinação de suas conquistas. Eram autopromotores que se vendiam como o máximo. Todos tinham apelo e talvez ainda tivessem com aqueles que gostam de líderes com carisma. Mas nenhum deles conseguiu se autopromover tão bem quanto Alexandre.

Alexandre, o Grande, Aníbal e Júlio César são modelos e avisos. Ignorá-los seria um perigo, mas deveríamos imitá-los com cuidado. A guerra sempre será um fato triste da vida, e eles eram bons demais na guerra para que não aprendêssemos com eles. Mas uma boa sociedade nunca deixa a guerra ser guiada por nada além do interesse público. O que guiou Alexandre, Aníbal e César foram seus próprios interesses.

ALEXANDRE

Alexandre nos espanta. Ele já apareceu no mundo como um fenômeno, um comandante de cavalaria conquistador, antes mesmo de se tornar rei aos 20

anos, e manteve a atenção de três continentes até o dia de sua morte – e muito além. Com charme, ganhou muito do que queria, e o resto conseguiu pela força. Conta a história que um de seus subordinados tremeu quando viu uma estátua de Alexandre, anos depois de sua morte. Acho que isso teria agradado Alexandre.

Raramente houve um líder cujas virtudes combinam com seus vícios de forma tão perfeita. Como o príncipe herdeiro da Macedônia, ele cresceu numa corte que combinava privilégio e paranoia. Sua ambição fez que crescesse e caísse. Ele queria ser nada menos do que o rei da Ásia, mas nunca determinou o que isso significava. Seu dom de fazer a guerra fez que ganhasse um império, mas sua administração o entediava. Seu talento para a liderança ganhou o amor dos macedônios, mas deixou-os com a fúria de uma pretendente abandonada quando ele foi embora. Sua profundidade de visão permitiu que brilhasse no novo papel de rei da Ásia, mas, depois seu papel como rei da Macedônia, parecia pequeno e paroquial, então ele o negou. Sua crença em seu próprio destino fez que corresse muitos riscos nas batalhas, o que levou ao sucesso militar, mas com o custo de sete feridas em seu corpo. Talvez tenham sido as feridas que o deixaram vulnerável a um vírus que o matou em seu trigésimo terceiro ano. Aníbal e César correram riscos nas batalhas, mas não no mesmo grau. Foram feridos com menos frequência e menos seriedade.

A Providência favoreceu Alexandre. Com o dom da coragem e da inteligência, ele recebeu uma educação ideal. Brigou com seu pai, o rei Filipe da Macedônia, mas Filipe foi assassinado quando Alexandre tinha 20 anos, deixando seu filho com um legado marcial: um plano para conquistar o império persa e as ferramentas para fazer isso. O inimigo persa de Alexandre tinha um grande general que poderia ter impedido sua invasão antes que ela acontecesse – Memnon de Rodes. Mas Memnon morreu subitamente, deixando somente homens menores para enfrentar Alexandre, os quais fracassaram.

Alexandre era um comandante de combate para todas as estações. Era um talento militar muito versátil. Mostrava igual maestria nas batalhas campais e nos cercos, e sentia-se muito cômodo tanto contra elefantes e saqueadores do deserto quanto contra falanges inimigas. No coração, ele era um cavaleiro, com a velocidade, a mobilidade e a agilidade de um cavaleiro. Nas batalhas campais, ele orquestrou a interação de infantaria e cavalaria com uma

habilidade que era tão elegante quanto mortal. Sua capacidade de avaliar o inimigo ou um campo de batalha e criar uma resposta rápida e eficiente o transformaram na personificação da intuição estratégica. Dario III da Pérsia não era um mau general, mas Alexandre era muito superior.

Alexandre era superior como líder dos homens. Liderava pelo exemplo. Compartilhava as dificuldades dos homens em campanha e seus perigos nas batalhas. Sabia o que era ser um soldado comum. Alexandre fez o melhor que pôde para evitar um grande número de perdas e recompensava bastante bem, de pagamentos a saques. Ele também foi além para cuidar das viúvas e órfãos de seus soldados.

Alexandre foi audacioso, mas ele tinha mais chances no nível tático do que no estratégico. Apesar de arriscar seu corpo na batalha, ele envolvia o inimigo passo a passo. Por exemplo, não avançou para o leste antes de resolver a situação na Anatólia. Ganhar batalhas era só o começo para Alexandre: ele também levantou dinheiro, ganhou apoio político entre a população local e neutralizou a frota persa.

Nesse último ponto, Alexandre fracassou. Ele não apreciou o poder marítimo o suficiente para criar uma resposta apropriada para a ofensiva naval de Memnon. A Divina Providência apareceu e o salvou.

Durante toda sua longa marcha para o leste, Alexandre raramente negligenciava sua infraestrutura. Em uma campanha relâmpago depois da vitória na batalha em Gaugamela, ele foi direto para os tesouros persas em Susa e Persépolis, e isso resolveu seus problemas financeiros de uma vez por todas. Manteve suficiente controle de seu governo em casa a ponto de conseguir mais soldados da Macedônia quando precisou. Provou ser extremamente criativo e adaptável quando se tratou de encontrar fontes novas e estrangeiras de mão de obra também.

Alexandre demonstrou excelente julgamento nas políticas domésticas. Por mais que quisesse se livrar da velha geração de comandantes, especialmente Parmênio e sua família, Alexandre sabia que precisava deles, pois conheciam mais da guerra do que ele e tinham forte apoio no exército. Mas, depois de derrotar Dario, Alexandre decidiu ajustar as contas.

Ele inspirou muitos com ideais de democracia, intervenção divina e glória militar. Entretanto, o terrorismo e o assassinato simples eram partes de seu caráter também. Ele destruiu a grande cidade grega de Tebas e massacrou ou escravizou seus habitantes. Um destino similar esperava dezenas de milhares

de civis em Sogdiana e na Índia. Mandou matar seus rivais e oponentes na corte macedônia antes que pudessem matá-lo.

Alexandre nunca foi tão impressionante quanto depois de suas maiores vitórias em Isso e Gaugamela. Nos dois casos, mostrou sua compreensão dos estágios da guerra. Depois de Isso, ele poderia ter ido para o interior ou diretamente para o Egito, mas preferiu parar para conquistar Tiro. Reconheceu que não poderia fechar o cerco no Ocidente enquanto a frota persa retivesse uma base como Tiro. Depois de Gaugamela, percebeu a necessidade de fechar o cerco capturando os tesouros de Dario – e o próprio rei. A vitória no campo de batalha não era suficiente. Alexandre demonstrou sua sábia compreensão dessa regra.

Infelizmente, sua estratégia foi menos comedida quanto mais ia para o leste. A prioridade de Alexandre deveria ter sido um império que fosse grande, mas administrável, e no qual gregos, macedônios e asiáticos pudessem chegar a um novo acordo administrativo, guiado por Alexandre e seus filhos. Isso teria significado terminar a guerra o mais rápido possível. Em vez disso, a prioridade de Alexandre foi a conquista, a glória e a superação de seus predecessores persas.

O resultado foi guerras desnecessárias em Sogdiana e Índia, guerras com tal custo que, no final, seus homens se amotinaram e forçaram seu retorno. Mas ele nunca voltou para a Macedônia. A Babilônia passou a ser sua capital, e ele planejava novas guerras gigantescas a partir dali, começando com uma invasão por mar da Arábia e continuando com expedições para o mar Cáspio, para Cartago e Itália. No final de sua carreira, Alexandre finalmente apreciou o valor do poder marítimo.

A coisa mais incrível dos anos finais de Alexandre foi a desconexão entre a profundidade de sua visão e a estreiteza de seu interesse na administração. Ele era um visionário, não um gerente. Mostrou uma grande flexibilidade ao adotar algumas das roupas da realeza e do protocolo da corte persas. Estabeleceu a base de um novo exército, com raízes asiáticas, que nunca foi testado em batalha, mas a própria audácia desses militares pós-macedônios foi impressionante. Integrou as elites macedônia e persa por meio do casamento.

Nada disso tinha a ver com a ideia de irmandade universal que, às vezes, foi atribuída a Alexandre. Ele queria que gregos e macedônios estivessem no alto de seu novo império. Simplesmente reconhecia a necessidade de

transformar os persas em parceiros no governo se o novo regime quisesse ter uma chance de ser bem-sucedido. Alexandre não era preconceituoso, mas era mais pragmático do que um crente no pluralismo.

Mesmo assim, Alexandre mostrou pouco interesse em questões básicas de seu novo império. Quais papéis os gregos e macedônios desempenhariam na sua administração? Eles migrariam para o leste e, se fosse assim, onde viveriam? Quais novas instituições apoiariam o novo regime? Como seria governado?

Em vez de enfrentar essas questões fundamentais, Alexandre preferiu voltar a fazer a guerra. Mas a guerra é o jogo dos jovens, e Alexandre era o avatar da juventude, assim como seu ídolo e suposto ancestral, Aquiles.

Outro ídolo de Alexandre era Ciro, o Grande, o rei que fundou o império persa, e em cujo trono Alexandre passou a se sentar. Ciro tampouco era administrador – era um rei guerreiro.

Os três comandantes afirmavam ter apoio divino, mas somente Alexandre insistia que era o filho de um deus – Zeus, o rei dos deuses gregos – e somente ele exigiu ser adorado durante sua vida. Todos esperavam deferência, mas apenas Alexandre exigia que seus súditos, pelo menos os orientais, fossem subservientes em sua presença.

Alexandre ofendeu antigas noções de governo constitucional de outra maneira, ao promover a juventude. As antigas repúblicas e democracias acreditavam que o bom governo exigia maturidade, o que começava ao redor dos 30 anos. Qualquer um mais jovem parecia muito inexperiente e emocional. Aníbal estava com quase 30 quando invadiu a Itália, e César com 50, mas Alexandre só tinha 22 quando invadiu o império persa. Mesmo assim, longe de esconder sua idade, ele a proclamava em esculturas e moedas. Isso pouco dava garantias aos amantes da liberdade na Antiguidade. Eles consideravam o governo dos jovens como o inimigo do governo livre e constitucional.

A triste verdade sobre Alexandre nunca foi tão aparente como em suas supostas últimas palavras. Quando questionado sobre para quem ele queria deixar seu império, respondeu: “Ao mais forte”. Isso, às vezes, é citado como um sinal de que, em sua morte, o rei já não estava mais pensando direito. Acredito que o oposto seja a verdade. Alexandre não tinha ganhado seu império com justiça, piedade ou sabedoria, mas com a força de um senhor da guerra. Havia melhor forma de escolher um sucessor?

ANÍBAL

Aníbal foi um comandante de guerra impressionante, tanto nas batalhas quanto nas campanhas, além de organizador e tático.

Políbio reverenciou a "liderança, bravura e capacidade no campo" de Aníbal. Maravilhou-se com a forma como ele conseguiu manter seu exército unido na Itália – quer dizer, no território inimigo – durante quinze anos de batalhas constantes. Podemos acrescentar mais dois anos de guerra na Espanha (221-219 a. C) e outro ano de guerra no norte da África (203-202 a.C.). Era um exército de raças diferentes, nacionalidades distintas e línguas diversas, conta Políbio, mas Aníbal fez que "escutassem um único comando e obedecessem a uma única vontade". Os três comandantes eram grandes líderes de homens, mas Aníbal recebe o prêmio. Seus soldados nunca fizeram motins, ao contrário dos homens de Alexandre ou de César. Aníbal manteve todos unidos "como o capitão de um bom navio".

Suas batalhas foram obras-primas de trabalho combinado de armas que só um exército unido sob "uma única vontade" poderia ter realizado. Ele rivalizava com a habilidade de Alexandre de coordenar infantaria e cavalaria, aperfeiçoando sua tática favorita de envolver o inimigo. E Aníbal acrescentou uma dimensão de astúcia e surpresa que, no geral, não existia nas batalhas de Alexandre. Dos soldados cartaginenses escondidos em Trébia à terceira linha de veteranos em Zama, Aníbal foi o mestre dos truques militares.

Isso não quer dizer que Aníbal foi perfeito como comandante de combate. Ele ganhou todas as suas batalhas campais até essa última – Zama. Raramente conseguiu muito usando o sítio, uma ferramenta central da arte da guerra em seu tempo. Pagou um alto preço por sua ousada travessia dos Apeninos, em 217 a.C., e outra ainda maior por atravessar os Alpes na neve no ano anterior, quando poderia ter escolhido uma estação mais amena. Na verdade, sua primeira campanha na guerra contra Roma, a longa marcha da Espanha à Itália, foi realmente a pior, pois custou metade de seu exército.

Mas um grande capitão precisa ser mais do que um comandante de combate, e é aí que Aníbal perde. Quando se trata de política e estratégia, ele simplesmente perde profundidade. Certamente, fez bem em se mostrar como liberador, populista e homem forte – um novo Hércules. Mas habilidades de

relações públicas não eram suficientes para ganhar a guerra contra Roma.

Aníbal não era bom estrategista. Ele mostrava uma completa falta de compreensão dos estágios da guerra. Simplesmente não tinha pensado muito em como transferir o sucesso no campo de batalha e, com isso, fechar o cerco ao redor do inimigo. Ao contrário de César, ele não conseguia pensar no futuro.

O coração do plano de Aníbal – invadir a Itália – não era novo. Pirro tinha aberto o caminho. O novo na estratégia de Aníbal era marchar por terra da Espanha à Itália. Era audacioso, pegou os romanos desprevenidos e forçou-os a desistir de sua invasão planejada do norte da África. Mas custou a Aníbal metade de seu exército. Foram as primeiras notas na marcha fúnebre de Aníbal, uma marcha cujo tema central era *soldados.*

Soldados – Aníbal tinha poucos, e os romanos tinham em abundância. Isso leva a seu fracasso estratégico mais profundo, a subestimação do inimigo. Aníbal esperava que a confederação de Roma se quebrasse depois da derrota no campo de batalha e achava que Roma iria negociar a paz logo depois. Mas ele não entendeu a força de Roma.

A constituição republicana de Roma criava solidariedade e patriotismo – e fazia isso em grande escala, por causa de uma astuta política de permitir que as elites locais tivessem a cidadania romana. Quando Aníbal invadiu a Itália, havia quase um milhão de cidadãos romanos por toda a Itália, um grande número pelos padrões antigos.

Em uma longa guerra, os recursos humanos de Roma significaram uma grande vantagem. Quando Fábio começou com a política de guerra de atritos – e com sua realização –, Roma conseguiu atrapalhar os planos de Aníbal. É por isso que Aníbal precisava de uma vitória rápida. Seu momento chegou depois de Canas. Ele deveria ter seguido o conselho de Maharbal e enviado sua cavalaria para atacar Roma. Seu exército, mesmo ferido e golpeado, o teria seguido.

Apesar de Aníbal não estar em posição de invadir a cidade, muito menos de tomá-la pelo cerco, seu ataque surpresa poderia ter levado um traidor amedrontado a abrir o portão. Poderia ter abalado um ou mais dos aliados principais de Roma. Talvez tivesse impressionado suficientemente o governo de Cartago, que poderia ter enviado reforços adequados. Poderia ter feito várias coisas para levar a um resultado melhor do que o que conseguiu.

No momento em que era necessário o máximo de audácia, Aníbal recuou.

Foi o maior erro e reduziu muito suas chances de vitória.

Nos anos seguintes a Canas, Cartago abriu uma segunda frente na Sicília e tentou, sem sucesso, abrir outra na Sardenha. Reforçou seu exército na Espanha, onde Roma tinha aberto uma segunda frente própria. Isso tirou o foco da campanha italiana, com efeitos desastrosos. Durante toda a Segunda Guerra Púnica, Cartago enviou ao redor de 80 mil tropas para a Sardenha, Sicília e Espanha, e somente 4 mil para Aníbal. Ele poderia muito bem ter ganhado a guerra com essas tropas adicionais.

Muito da culpa do fracasso final de Aníbal cabe ao governo de Cartago, que tinha prioridades fora da Itália. Mas o próprio Aníbal tinha um pouco de culpa. Ele também baseava a vitória no que acontecia fora da Itália. Depois que o governo cartaginense se recusou a mandar os reforços que pediu em 215 a.C., talvez tenha decidido aceitar a realidade política. Ele tinha uma forte influência em outros teatros da guerra por intermédio do comando de seus irmãos na Espanha e suas conexões com importantes homens na Sicília. E negociou uma aliança com Filipe V da Macedônia.

Nada disso funcionou. Nem os almirantes nem os generais de Cartago estavam à altura. Cartago não tinha outro Aníbal.

Porém, Roma tinha a capacidade de criar um Cipião Africano. Ele copiou as melhores qualidades de Aníbal, mas acrescentou habilidades políticas e estratégicas. O resultado, depois de uma longa guerra, foi a vitória total para Roma.

Ninguém poderia dizer que a Divina Providência favoreceu Aníbal na Segunda Guerra Púnica, mas permitiu que tirasse algo do fracasso que nem Alexandre nem César conseguiram com o sucesso. A Providência fez de Aníbal maior estadista do que general.

Várias histórias circularam sobre Aníbal no exílio. É perigoso dar muito crédito a elas. Mas, se forem verdadeiras, sugerem que Aníbal manteve sua inteligência e seu charme ao mesmo tempo que ia ficando cada vez mais amargo.

Uma história diz que Cipião veio até Éfeso, uma cidade na Anatólia, em uma embaixada para Antióquia e se encontrou com Aníbal. Cipião perguntou a Aníbal quem era o maior general de todos os tempos. Alexandre, disse Aníbal, porque conseguiu muito com um exército tão pequeno e porque viajou grandes distâncias. Em segundo vinha Pirro, por causa de seu talento para escolher o terreno certo e organizar bem seus homens, e por causa de sua

habilidade para ganhar o apoio dos italianos, mesmo sendo estrangeiro. Aníbal se colocava no terceiro lugar.

Então Cipião perguntou como seria a lista se ele, Aníbal, tivesse vencido a batalha de Zama. Sem piscar, conta a história, Aníbal respondeu que, nesse caso, ele se consideraria o maior general de todos.

Foi um elogio gracioso e astuto – o "espírito púnico", como conta Lívio. Mas Aníbal não desistia com tanta facilidade. Ele era muito astuto politicamente por não transformar Cipião em inimigo, mas Aníbal provou ser menos polido quando não estava encarando o maior general de Roma.

Conta a história que seus anfitriões em Éfeso convidaram Aníbal para uma conferência do renomado filósofo Formião. Ele falou sobre generais e elogiou todos, menos Aníbal. Desculpando-se primeiro como um falante de fenício cujo grego era imperfeito, ele então o atacou. Aníbal "falou que já tinha visto muitos velhos gagás, mas nunca tinha visto alguém mais senil que Formião".

Se a história é verdadeira, ela revela um homem inteligente que só usava a diplomacia para abrandar sua rudeza para a audiência. Ele ficou mais bravo e talvez mais sensível com a idade, pois tinha passado dos cinquenta na época, uma idade que seus dois heróis, Alexandre e Pirro, nunca alcançaram.

CÉSAR

César era maduro. Essa é uma das principais razões para seu sucesso. Ao contrário de Alexandre ou Aníbal, que eram comandantes supremos aos 20 anos, César só alcançou comando supremo aos 40. Isso foi na Gália; ele tinha 50 anos quando cruzou o Rubicão e começou a guerra civil.

César tinha outras vantagens em comparação com Alexandre e Aníbal. Era o último dos três e, assim, poderia aprender com os erros de seus predecessores. Quando começou a guerra civil, ele tinha a experiência, a autoconfiança e os veteranos de uma das campanhas militares mais bem-sucedidas da história, a conquista da Gália.

A Gália compensou o que poderia ter sido uma desvantagem para César – ele era mais ou menos um homem que conquistou o sucesso sozinho. César não era nem rei nem filho de um guerreiro famoso. É verdade que vinha de uma família aristocrática com importantes conexões, mas teve de crescer a

partir de seu próprio talento. Isso, tanto quanto a tradição da família, pode explicar o relacionamento com o homem comum que César sempre teve e que resultou em muito capital político.

Mas era seu status como adulto maduro que realmente o separou dos outros dois comandantes. Ele tinha visto o suficiente da vida para ser surpreendido. Não tinha nada a provar na batalha; poderia vencer a guerra por meio de subornos e recompensas. “Saber tudo é perdoar tudo”, como diz o ditado, e César sabia muita coisa aos 50 anos. Isso pode ter ajudado a explicar sua política de clemência.

Talvez sua idade também tenha contribuído para a famosa velocidade de César. Ele era velho e tinha pressa. César conquistou o império romano e ganhou a guerra civil em pouco mais de quatro anos. Alexandre demorou nove anos para conquistar o império persa, e uma força avançada do exército de Filipe já tinha enfraquecido um pouco os persas por dois anos, antes de Alexandre partir. A guerra de Aníbal com Roma durou dezessete anos.

A longa vida de César permitiu que mostrasse a extraordinária amplitude de seu talento. Ao contrário dos outros dois comandantes, ele era um político doméstico bem-sucedido antes de se tornar general. Sabia usar o poder. Também era excelente orador. Alexandre e Aníbal eram letrados, mas só César escreveu livros – e brilhantes. Mesmo dois mil anos depois, seus *Comentários* são trabalhos clássicos de narrativa militar e propaganda política.

Esses talentos ajudaram muito César, mas também tiveram custos. Por um lado, ele tinha dominado a arte de superar seus rivais ou evitá-los. E elevou a comunicação a uma forma de arte. Por outro lado, ele se identificou bastante com a classe em que entrou. Apesar de suas tendências populistas, ele era um completo aristocrata romano. César ainda queria a admiração e o respeito dos nobres com quem, no final, se enfrentou. Ele não era mais um deles, no entanto não queria aceitar o fato.

E mesmo assim, ao contrário de Alexandre ou Aníbal, César tinha aprendido que havia mais na vida do que os triunfos do campo de batalha. Ele sabia como era ótimo decretar leis que melhoravam o país; assim, depois de ganhar a guerra civil, ele promulgou várias leis novas.

César não conseguiu resolver os problemas políticos da república romana que tinham sido a causa da guerra civil. Mas mostrou mais interesse em governar do que Alexandre, mesmo se, no final, César seguiu Alexandre e

decidiu ir embora. Os dois homens preferiram novas guerras no exterior à tarefa confusa e frustrante de governar em casa. Mesmo assim, algumas das reformas de César tiveram consequências que duraram por séculos – e, no caso de seu calendário, por milhares de anos. Ele chegou mais perto de uma combinação correta do militar e do político do que qualquer outro dos comandantes.

Como Aníbal, César correu riscos moderados na batalha. Ele provou ser muito cauteloso no nível estratégico, entretanto. Não fazia grandes movimentos sem pensar antes, fossem dois, três, até cinco ou dez passos. Por exemplo, depois de ganhar o controle da Itália em 49 a.C., ele não partiu para o Oriente antes de conquistar primeiro a Espanha. Em nível operacional, por contraste, César era intrépido. De sua travessia do Adriático no final do outono de 49 a.C. até seu salto para a batalha em Alexandria em 48 a.C., a sua travessia pouco organizada da Sicília para a África em 46 a.C., César correu grandes riscos. Ele tinha todos os motivos para fracassar, mas, várias vezes, conseguiu vencer. Atribuía seu sucesso à boa sorte de César, mas podemos ver a mão da Divina Providência.

As táticas de batalha de César não tinham nada a ver com a elegância das de Alexandre ou de Aníbal, mas os romanos raramente eram elegantes na guerra. A cavalaria nunca foi um ponto forte romano, e sua infantaria era poderosa e flexível, mas raramente delicada. Felizmente para César, a maior parte dos seus inimigos também era romana. Ele tinha consideráveis vantagens sobre eles. Um grande número de seus homens era de veteranos que tinham ficado encorajados pelo sucesso na Gália.

Como comandante, César era um grande improvisador, fosse contra a cavalaria de Pompeu em Farsala ou contra o quase motim de seus próprios homens no começo de Tapso. Ele nunca perdeu a coragem, nem diante dos mortais cavaleiros numídios em Ruspina ou do súbito espectro da derrota em Munda.

E era um grande líder dos homens. Os soldados de César o amavam. Poucos generais poderiam ter mantido seu exército unido por momentos de quase fome total, como Dirráquio, ou a longa marcha que se seguiu à derrota ali. Só um comandante com instintos políticos tão precisos – e com sangue-frio – como César teria recompensado seu exército com a permissão para que saqueassem uma cidade. Olhando outra ocasião, apenas César tinha a habilidade oratória para terminar um motim com uma única palavra.

A logística não era o forte de César, como mostrado tanto na campanha de Dirráquio quanto na do norte da África. Ele deveria ter prestado mais atenção à infraestrutura. Mas certamente sabia a importância do dinheiro, como mostraram suas ações em todas as partes, em especial no Egito e no Oriente próximo. E habilidade organizativa tem uma importância limitada para um general. Pompeu era um grande organizador, mas não tinha o instinto assassino de César. Pompeu era muito cauteloso, por exemplo, para correr o risco de tentar acabar com César depois de vencê-lo em Dirráquio. César nunca teria duvidado.

César ganhou a guerra civil por sua audácia, por seu talento e por sua vontade férrea. Perdeu a paz por frustração e arrogância. A disputa política no Fórum romano estava muito abaixo das conquistas no campo militar. César certamente deve ter ficado aliviado em março de 44 a.C., quando estava se preparando para deixar Roma por três anos, para fazer a guerra no Oriente.

Mas havia o problema de sua arrogância. César se recusou a entender como os outros romanos se sentiam insultados por sua "clemência" ou, se entendeu, recusou-se a acreditar que alguém teria a coragem de tocá-lo. Então dispensou sua guarda pessoal e morreu nos Idos de Março.

Um líder deve ouvir não só seu coração e sua cabeça; deve estar com o dedo sentindo o pulso do corpo político. No final, César só conversava consigo mesmo e com os deuses que achava que estavam do seu lado. Como Alexandre, ele caiu vítima das ilusões de grandeza e onipotência.

O MELHOR ENTRE ELES?

Três grandes comandantes, mas quais deles foi o maior? Quando se trata de ambição e audácia, é difícil escolher. Todos os três usaram o terror contra os civis. Todos os três foram guiados pela mão da Divina Providência. E, mesmo assim, certas diferenças ficam claras.

Aníbal foi provavelmente o maior comandante, tanto em combate quanto no campo. Ele realizou um dos mais elegantes e destrutivos exemplos de vitória por envolvimento nos anais da história militar – Canas. Se Filipe e Alexandre começaram a arte da mobilidade no campo de batalha, Aníbal a levou à perfeição. Aníbal também manteve seu exército unido por quinze anos na Itália, sem nenhum motim. Isso era liderança verdadeira.

Aníbal também foi o pior estrategista. César era provavelmente o melhor. Não só conquistou o império romano rapidamente, em pouco mais de quatro anos, como também fez isso de uma forma metódica e organizada. Seu bom julgamento não era infalível. Alexandre era um grande estrategista também, mas errou feio contra Memnon e a frota persa. Só a intervenção da Divina Providência o salvou. Alexandre tampouco sabia quando ou como terminar a guerra. Ele continuou lutando por muito tempo.

Tanto Alexandre quanto César mostraram boa visão sobre os estágios da guerra, mas César ganha o prêmio. Ele nunca fez nada tão desnecessário quanto as guerras de Alexandre em Sogdiana e Índia. Aníbal não entendia os estágios da guerra.

Alexandre era quase tão bom comandante de campo quanto Aníbal e quase tão bom estrategista quanto César. Quando se tratava de operações militares, ele era o mais adaptável e ágil. Também foi o administrador mais bem-sucedido de logística e infraestrutura. Começou pobre e terminou como o homem mais rico do mundo. Sempre teve muitos soldados.

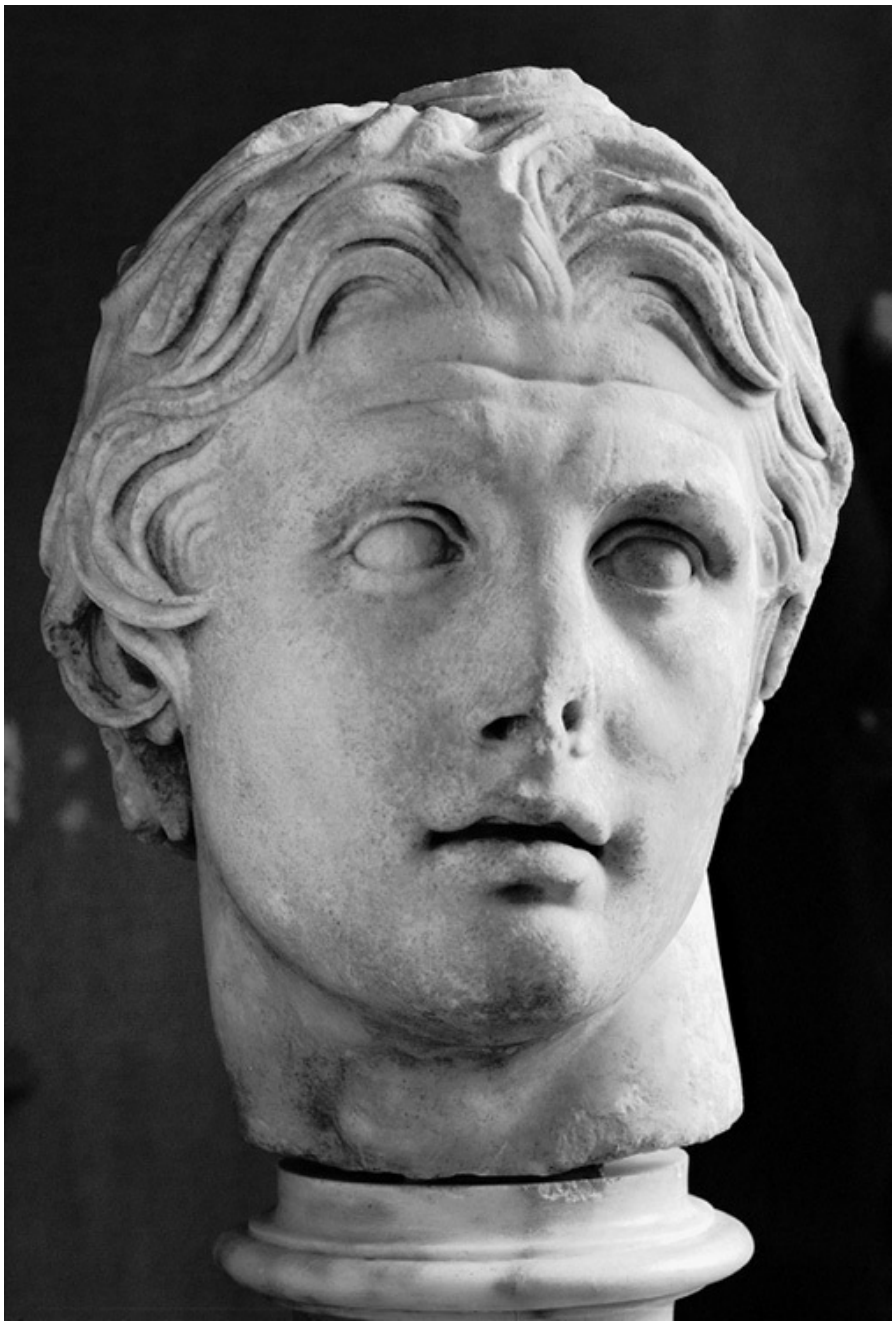
Alexandre era sem igual quando se tratava de sua reputação. O nome de César é inesquecível e seu sucesso está impresso em cada página de seus *Comentários.* Mas Alexandre estava vendendo juventude e carisma – literalmente carisma, em seu sentido original de graça divina. Nem a inteligência de *Veni Vidi Vici* nem a força de Aníbal como Hércules podem ser comparados a isso.

Conquistadores raramente fecham bons acordos de paz e são ainda piores como administradores. Aníbal conseguiu ser bem-sucedido como administrador, mas não como conquistador. Alexandre mostrou incrível grandeza de visão em seu novo império, mas prestou tão pouca atenção aos detalhes práticos que tudo colapsou depois de sua morte. Ele mudou o mundo ao eliminar o império persa e estabelecer a base dos reinos helenísticos, mas estes partiram para caminhos diferentes em vez de seguir seu exemplo.

César fechou a porta da república romana e sua liberdade limitada. Ele foi o primeiro rei pós-republicano de Roma, mesmo que evitasse o termo. César deixou um herdeiro, Otaviano, mais tarde Augusto, para completar o projeto que tinha começado. Finalmente, por mais equivocada e arrogante que tenha sido sua política de clemência, ele perdoou seus inimigos em vez de executá-los. Merece créditos por isso.

No final, César foi o maior comandante da Antiguidade. Aníbal é o herói

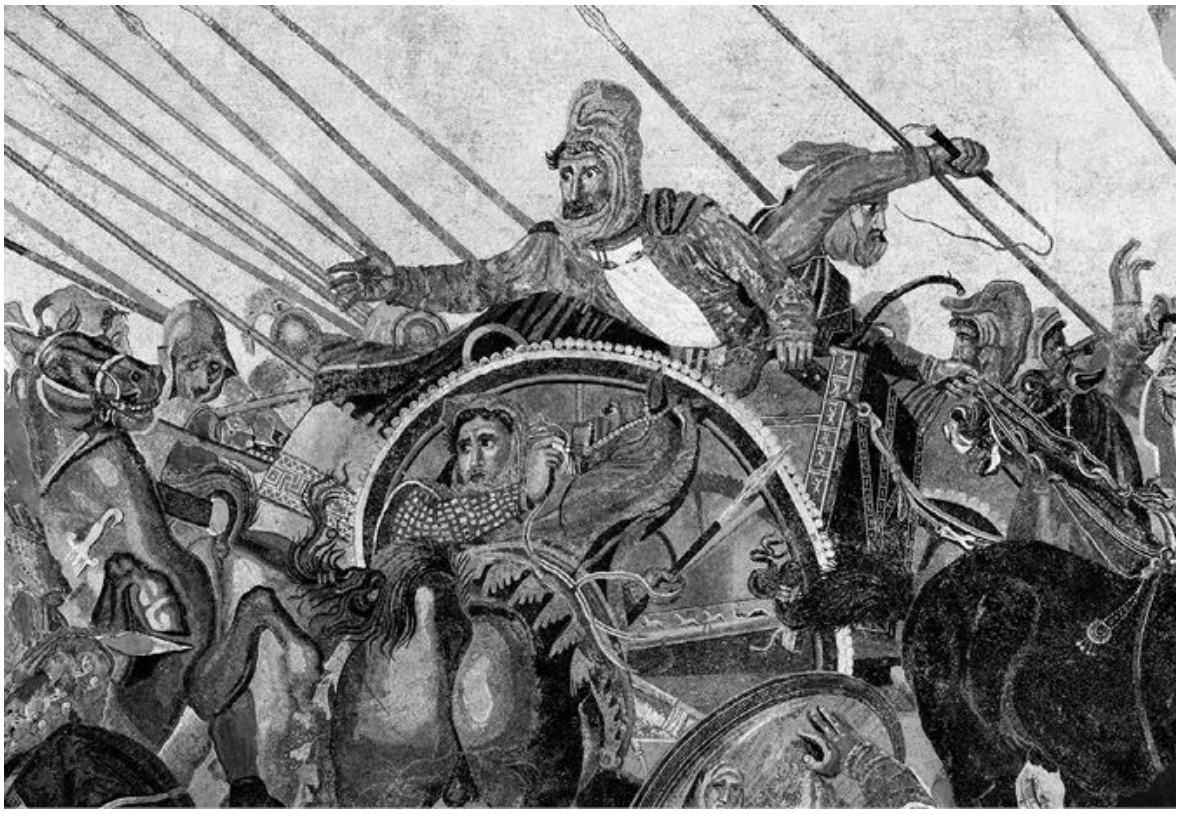
das causas perdidas e das batalhas perfeitas. Alexandre tem uma qualidade de estrela que não é alcançada por mais ninguém. César, com todos os seus erros, chegou mais perto de ser um estadista.



Encontrado em Pérgamo, na Turquia, este busto de Alexandre é uma reprodução do século III a.C. feita a partir de um busto original feito em vida. (*Erich Lessing/Art Resource, NY*)



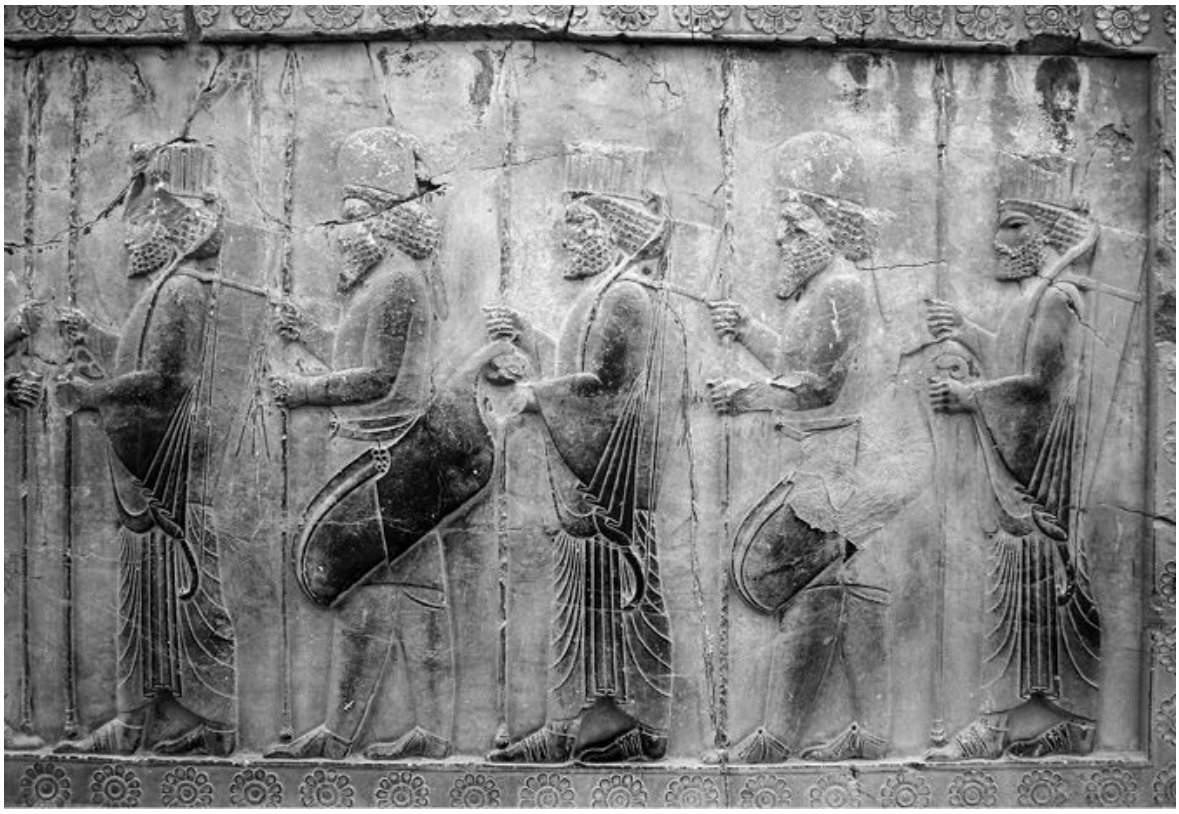
Detalhe de um grande mosaico de Pompeia que mostra Alexandre, o Grande, armado e a cavalo, prestes a enfrentar Dario na batalha, provavelmente em Isso em 333 a.C. (*Erich Lessing/Art Resource, NY*)



O mesmo mosaico mostra o rei Dario III da Pérsia em sua biga, com um olhar aterrorizado, prestes a enfrentar Alexandre. (*Erich Lessing/Art Resource, NY*)



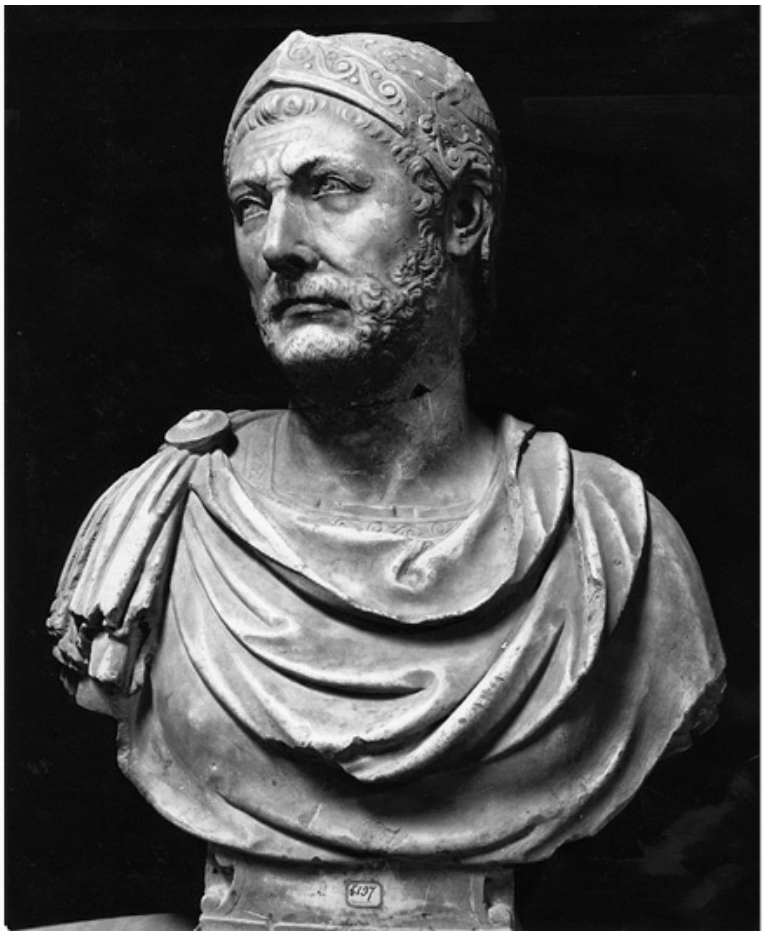
Esta moeda de prata equivalente a quatro dracmas da época de Alexandre, o Grande, mostra o rei de perfil, vestindo a pele de leão de Hércules. (*Berlin/Art Resource, NY*)



Um relevo esculpido no palácio real da capital da Pérsia, Persépolis, retrata os soldados do rei. Alexandre queimou o palácio em 330 a.C. (Serhan Güngor)



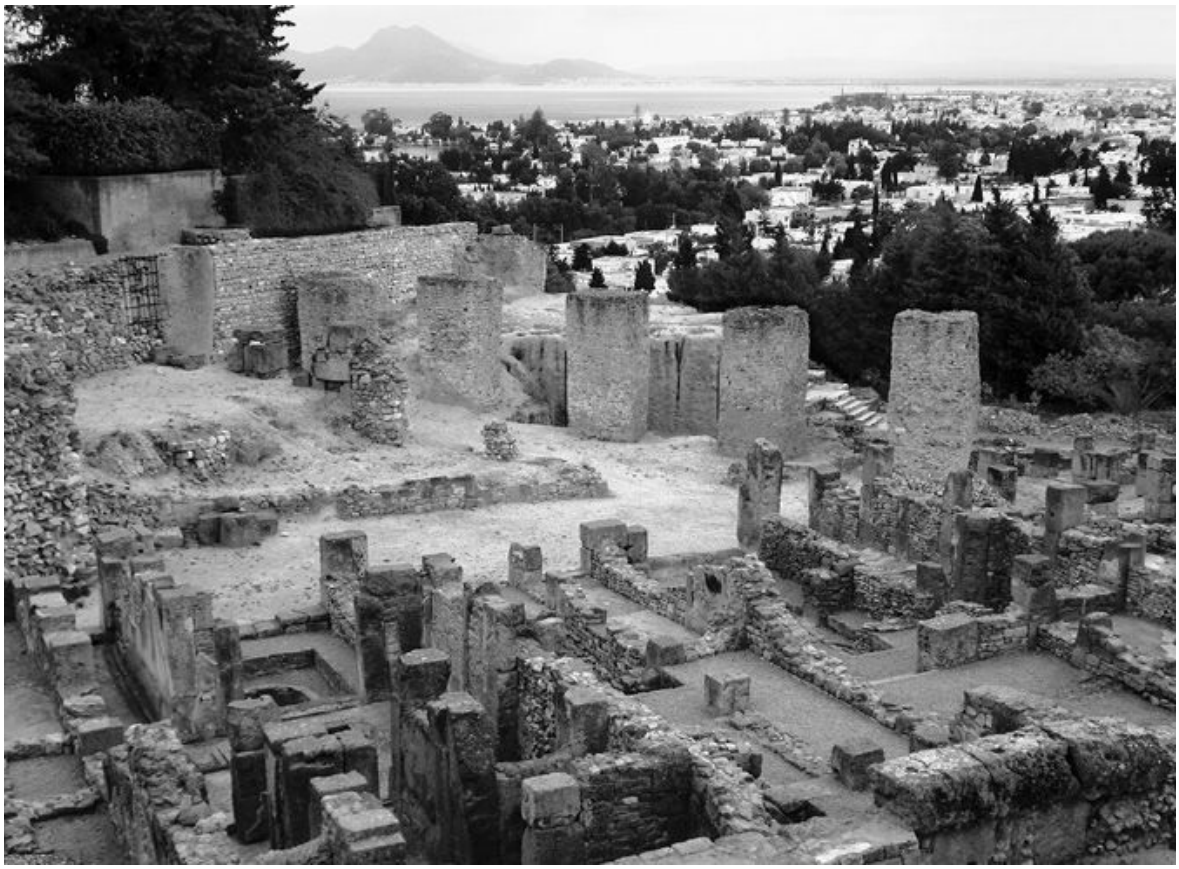
Um shekel duplo de prata cartaginense emitido pelos Barcas na Espanha, provavelmente por volta de 130 a.C. Ele anuncia o seu poder, mostrando o deus púnico Melcarte como Hércules, com uma clava por cima do ombro, de um lado, e um elefante de guerra na outra face. (Museu Britânico)



Este busto de mármore de Cápua talvez represente Aníbal, o grande comandante cartaginense. (*Alinari/Art Resource, NY*)



Um busto de bronze de Herculano supostamente representando Cipião Africano, o homem que derrotou Aníbal. (*Scala/Art Resource, NY*)



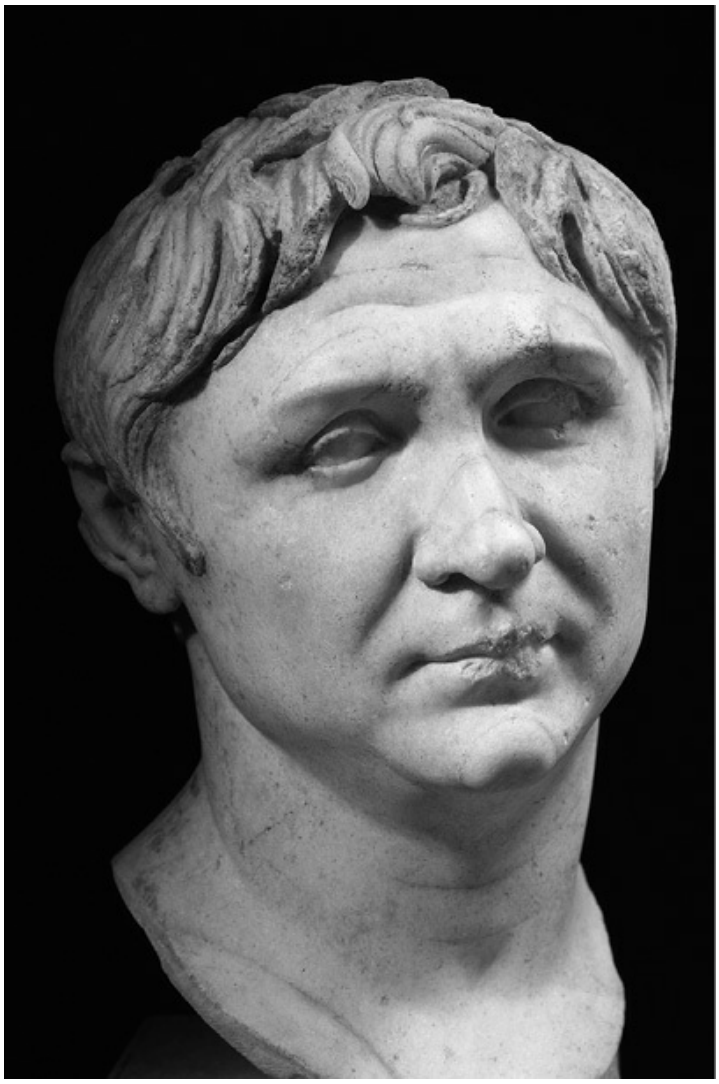
Fundações de casas púnicas alinhadas à inclinação de Byrsa Hill, as acrópoles da antiga Cartago. Ao longe se encontra o porto da grande cidade. (*Barry Strauss*)



Este busto de mármore representa Júlio César com um rosto fortemente castigado pelo tempo, e com entradas proeminentes. (*Vanni/Art Resource, NY*)



Um denário de prata, cravado em 44 a.C., retratando César vestindo uma guirlanda da vitória. Mostra o título de DICT PERPETUO, ou seja, ditador vitalício. (*Yale University Art Gallery / Art Resource, NY*)



Um busto de mármore de Pompeu, grande adversário de César, que foi derrotado na batalha de Farsala. (*Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz/Art Resource, NY*)



As ruínas das bases das colunas da Basílica Julia por todo o centro desta foto do Fórum Romano. A Basílica foi um grande edifício público dedicado originalmente a César em 46 a.C. e financiado pelo espólio de Gália. (*Barry Strauss*)

AGRADECIMENTOS

Michael Fronda e Jacob Nabel leram o manuscrito e fizeram comentários valiosos. Adrienne Mayor, Josiah Ober, Jan Parker, Matthew Sears, David Teegarden e Kevin Weddle fizeram o mesmo com capítulos individuais. Obrigado a C. R. Zwolinski pela edição e por ajudar na minha escrita.

Eu aprendi muito com as conversas e comentários de Andrew Amato, Hans Beck, David Blome, Max Boot, Flaminia Cervesi, Judith Dupre, Robert Faulkner, Michael Fontaine, Richard Fontaine, Charlie Goldberg, Victor Davis Hanson, Hanlin, Chris Harper, Bart Howard, Bettany Hughes, Isabel Hull, John Hyland, Ann E. Killebrew, Stephen Kling, Damien Lazar, Christopher Lynch, Sturt Manning, Luciana Mariotti, Kim McKnight, Katherine Milne, Ian Morris, Waller R. Newell, Brandon Olson, Marissa Valle Pittaluga, Richard Polenberg, Hunter Rawlings, Joseph Roisman, Jeffrey Rusten, Philip Sabin, Walter Scheidel, J. R. Son, Rob Tempio, Viviana Valenti e Theodora Zemek.

Serhan Güngör forneceu amizade e uma orientação especializada seguindo o caminho de Alexandre na Turquia. A American School of Classical Studies em Atenas foi quem primeiro me colocou para seguir os passos de Alexandre na Grécia há muito tempo. Jim Zurer forneceu conselhos profissionais de viagem na Itália. Susan Dixon fez um ótimo trabalho com meu *website*. Suzanne Lang fornece valorosa assistência em termos de logística e de secretariado.

É um prazer agradecer à faculdade, aos estudantes e à equipe dos departamentos de História e Clássicos em Cornell, assim como à equipe da Biblioteca John M. Olin.

Minha agente, Cathy Hemming, me deu sábios conselhos em cada fase do caminho, desde a primeira ideia até o manuscrito terminado. Meu editor, Bob Bender, deu ao manuscrito seu toque sábio e cuidadoso, ajudado por sua

assistente, Johanna Li.

Minha esposa, Marcia, me ofereceu mais sabedoria e apoio do que qualquer pessoa teria o direito de pedir. Mas ela ganhou méritos especiais por andar comigo pelo campo de batalha de Canas sob um calor de mais de 40 graus. Nossos filhos, Sylvie e Mike, sabiamente ficaram em casa.

Por fim, este livro nunca teria sido escrito sem a influência de três comandantes de classe, os falecidos Alvin Bernstein, Donald Kagan e Walter LaFeber. Dedico este livro a eles, com gratidão.

Uma nota sobre as fontes

Incluo os principais trabalhos em inglês, com alguns poucos textos essenciais em outras línguas, que usei para escrever este estudo e como guia para mais leituras.

Estudantes de história clássica e antiga deveriam ter o *The Oxford Classical Dictionary*, 3a edição (Oxford: Oxford University Press, 1999) a seu lado. Excelentes mapas do mundo antigo podem ser encontrados em Richard J. A. Talbert, ed., *The Barrington Atlas of the Ancient Greco-Roman World.* (Princeton: Princeton University Press, 2000).

ALEXANDRE

Nenhum dos nossos três comandantes gerou tantos livros de estudo e artigos quanto Alexandre. O que se segue é apenas um aperitivo.

Um bom lugar para começar é o recente *Alexander the Great* (Nova York: Simon & Schuster, 2011) de Philip Freeman, que oferece uma visão geral bastante boa. A introdução mais completa e acadêmica a Alexandre é A. B. Bosworth, *Conquest and Empire* (Cambridge: Cambridge University Press, 1988), mas não é uma leitura fácil. *Alexander the Great* (Londres: Penguin Books, 1973), de Robin Lane Fox, é uma narrativa poderosa e também com muita base acadêmica – e o autor escreve de uma forma mais leve. *Alexander of Macedon: A Historical Biography, 356-323 BC* (Berkeley: University of California Press, 1991, originalmente publicado em 1974), de Peter Green também é bom, mas não tanto, em questões militares. Green e Bosworth são mais duros com Alexandre do que Freeman e Lane Fox. *Alexander the Great* (Londres: Hutchinson University Library, 1973), de J. R. Hamilton, é bastante conciso.

Outras boas introduções recentes a Alexandre incluem Paul Cartledge,

Alexander the Great: The Hunt for a New Past (Woodstock/Nova York: Overlook Press, 2004); Waldemar Heckel, *The Conquests of Alexander the Great* (Cambridge: Cambridge University Press, 2008); Guy MacLean Rogers, *Alexander: The Ambiguity of Greatness* (Nova York: Random House, 2004) e Joseph Roisman, ed., *Brill's Companion to Alexander the Great* (Leiden/Boston: Brill, 2003).

Para introduções à história da Macedônia e Filipe II, veja Eugene N. Borza, *In the Shadow of Olympus: The Emergence of Macedon* (Princeton: Princeton University Press, 1990); Joseph Roisman e Ian Worthington, eds., *A Companion to Ancient Macedonia* (Malden: Wiley-Blackwell, 2010) e Ian Worthington, *Philip II of Macedonia* (New Haven: Yale University Press, 2008).

Acadêmicos lutam para manter o equilíbrio. Mesmo assim, Alexandre tem uma forma de despertar os extremos e alguns dos melhores historiadores de Alexandre tendem a se tornar admiradores ou detratores. O decano dos admiradores é W. W. Tarn, *Alexander the Great*, 2 vols. (Cambridge: Cambridge University Press 1948), que escreveu uma história clássica e influente com um retrato realista de Alexandre como proponente da irmandade universal. Um ano depois, em 1949, Fritz Schachermeyr descreveu Alexandre como um gênio perigoso e aterrador em um trabalho magistral, revisado em 1973 como *Alexander der Grosse: Das Problem seiner Persönlichkeit und seines Wirkens* (Viena: Österreichische Akademie der Wissenschaften; Philosophisch-Historische Klasse; Sitzungsberichte, 1973). Em inglês o principal cético do final do século XX foi Ernst Badian, que esboçou uma imagem de Alexandre como oportunista, falível e qualquer coisa menos idealista em uma série de ensaios influentes. Entre os melhores estão "Alexander the Great and the Unity of Mankind", *Historia* 7 (1958): 424-44; "Alexander the Great and the Loneliness of Power", *AUMLA* 17 (1962): 80-91, republicado em Badian, *Studies in Greek and Roman History* (Nova York: Barnes & Noble, 1964), 192-205; "Alexander the Great and the Greeks of Asia", em E. Badian, ed., *Ancient Society and Institutions: Studies Presented to Victor Ehrenberg on his 75th Birthday* (Oxford: Blackwell, 1966), 37-69; "Agis III", *Hermes* 95.2 (1967): 170-92; "Alexander the Great, 1948-1961", *Classical World* 65 (1971) 37-56, 77-83; "Alexander in Iran", em I. Gershovitch, ed., *The Cambridge History of Iran*, vol. II (Cambridge: Cambridge University Press, 1985), 420-501; "Darius III", *Harvard Studies*

in Classical Philology 100 (2000): 241-68. Badian também escreveu uma série de artigos curtos, mas fortes, sobre Alexandre para a *Encyclopedia Iranica*, http://www.iranica.com/, e *Brill's New Pauly: encyclopaedia of the ancient world* (Leiden: Brill 2007).

A. B. Bosworth é o mais importante cético que escreve sobre Alexandre atualmente. Além de seu *Conquest and Empire* (mencionado anteriormente), veja *Alexander and the East: The Tragedy of Triumph* (Oxford: Clarendon Press, 1996). Para uma argumentação estimulante, apesar de incompleta, de Alexandre como um fracasso estratégico, veja J. D. Grainger, *Alexander the Great Failure* (Londres: Continuum Books, 2007).

Frank L. Holt escreveu vários livros importantes sobre as campanhas de Alexandre em Báctria e Sogdiana, entre eles o intrigante *Alexander the Great and the Mystery of the Elephant Medallions* (Berkeley: University of California Press, 2003) e o provocador *Into the Land of Bones: Alexander the Great in Afghanistan* (Berkeley: University of California Press, 2005). Pierre Briant enfatiza a dívida de Alexandre com os persas em *Alexander the Great and His Empire: A Short Introduction*, traduzido por Amélie Kuhrt (Princeton: Princeton University Press, 2010).

A maioria das fontes antigas está publicada. O leitor deveria começar com Arriano, *The Campaigns of Alexander* (Harmondsworth, e Baltimore: Penguin Books, 1976), e, depois, continuar com Quinto Cúrcio Rufo, *The History of Alexander* (Harmondsworth: Penguin Books, 2004). Em seguida está "Vida de Alexandre" de Plutarco, que pode ser encontrado em Plutarco, *The Age of Alexander: Nine Greek Lives*, traduzido e comentado por Ian Scott-Kilvert (Harmondsworth, 1973). Outra fonte importante, Diodoro Sículo, é mais bem lido na edição Loeb Classical Library: C. Bradford Welles, tradutor; Diodoro Sículo, *Library of History*, Volume VIII, Livros 16.66-17 (Cambridge: Harvard University Press, 1963). Uma fonte antiga menor, a Epítome de Justino do *Philippic History*, de Pompeu Trogo, pode ser encontrada em tradução na http://www.forumromanum.org/literature/justin/english/index.html.

Sobre a forma macedônia de guerrear, *The Greek and Macedonian Art of War* (Berkeley: University of California Press, 1962), de F. E. Adcock, ainda é uma boa introdução. J. R. Ashley, *The Macedonian Empire: The Era of Warfare Under Philip II and Alexander the Great, 359-323 B.C.* (Jefferson/Londres: McFarland, 1998), é muito interessante apesar de nem

sempre ser preciso.

Sobre Alexandre como comandante, um bom lugar para começar é o esboço criterioso de John Keegan em seu *The Mask of Command* (Nova York: Penguin Books, 1988). O grande teórico militar JFC. Fuller oferece uma análise incisiva em *The Generalship of Alexander the Great* (New Brunswick: Rutgers University Press, 1960), apesar de nem sempre ter sido apoiada por acadêmicos posteriores. NGL. Hammond, *Alexander the Great: King, Commander, and Statesman* (Park Ridge: Noyes Press, 1980), é acadêmico e criterioso, apesar de cair na veneração às vezes; A. B. Lloyd, "Philip II and Alexander the Great: The Moulding of Macedon's Army", em A. B. Lloyd, ed., *Battle in Antiquity* (Londres: Duckworth, associado com Classical Press of Wales, 1996), 169-98; Nick Sekunda, *The Army of Alexander the Great* (Oxford: Osprey Publishing, 1984); Idem, *The Persian Army 560-330 BC* (Londres: Osprey Publishing, 1992).

Sobre as batalhas campais de Alexandre, veja os seguintes estudos, além dos livros acima: *Granicus* – E. Badian, "The Battle of the Granicus, A New Look", *Ancient Macedonia II* (Thessaloniki: 1977): 271-93; Clive Foss, "The Battle of the Granicus: A New Look", *ibid.*: 495-502; NGL. Hammond, "The Battle of the Granicus River", *Journal of Hellenic Studies* 100, Centenary Issue (1980): 73-88; Devine, A. M. "Demythologizing the Battle of the Granicus", *Phoenix* 40 (1986): 265-78; Nikos Th. Nikolitsis, *The Battle of the Granicus* (Stockholm: [Svenska Institutet i Athen], 1974); M. Thompson, *Granicus 334 BC: Alexander's first Persian victory* (Oxford: Osprey Publishing, 2007). *Issus* – A. M. Devine, "The Location of the Battlefield of Issus", *Liverpool Classical Monthly* 5.1 (1985): 3-10; Idem, "The Strategies of Alexander the Great and Darius III in the Issus Campaign (333 B.C.)", *Ancient World* 12 (1985): 25-37; Idem, "Grand Tactics at the Battle of Issus", *Ancient World* 12 (1985): 39-59. *Gaugamela* – E. W. Marsden, *The Campaign of Gaugamela* (Liverpool: Liverpool University Press, 1964); A. M. Devine, "Grand tactics at Gaugamela", *Phoenix* 29 (1975): 374-85; Idem, "Gaugamela, a Tactical and Source-Critical Study", *Ancient World* 13 (1986): 87-16. Hydaspes – A. M. Devine, "The Battle of Hydaspes, a Tactical and Source-Critical Study", *Ancient World* 16 (1987): 91-113.

Eu me beneficiei muito dos seguintes estudos sobre assuntos específicos: Ada Cohen, *The Alexander Mosaic: Stories of Victory and Defeat* (Cambridge: Cambridge University Press, 1997); Due, B. (1993),

"Alexander's Inspiration and Ideas", em Jesper Carlsen, ed., *Alexander the Great: Reality and Myth* (Roma: L'Erma di Bretschneider, 2002) 53-60; R. Edwards, "Two Horns, Three Religions. How Alexander the Great ended up in the Quran", *American Philological Association, 133rd Annual Meeting Program (Philadelphia, 5 January 2002) 36*, sob *Reception of Classical Literature, No. 5.*; D. W. Engels, *Alexander the Great and the Logistics of the Macedonian Army* (Berkeley: University of California Press, 1978); E. A. Fredricksmeyer (1982), "On the Final Aims of Philip II", em W. Lindsay Adams e Eugene N. Borza, eds., *Philip II, Alexander the Great, and the Macedonian Heritage* (Washington, DC: University Press of America, 1982): 85-98; E. A. Fredricksmeyer, "Alexander the Great and the Kingship of Asia", em A. B. Bosworth, ed., *Alexander the Great in Fact and Fiction* (Nova York: Oxford University Press, 2000), 136-66; A. Pasinli, *The Book of Alexander Sarcophagus* (Istambul: A Turizm Yayinlari, 1997); E. M. Anson, "The Persian Fleet in 334", *Classical Philology* 84 (1989): 44-89.

Sobre a rota de Alexandre, veja os clássicos estudos de Freya Stark, *Alexander's Path from Caria to Cilicia* (Londres: J. Murray, 1958) e "Alexander's March from Miletus to Phrygia", *Journal of Hellenic Studies* 78 (1958): 102-20; e o irresistível livro e documentário para televisão de Michael Wood, *In the Footsteps of Alexander the Great: A Journey from Greece to Asia* (Berkeley: University of California Press, 1997), e *In the Footsteps of Alexander the Great* (Londres: BBC Worldwide, 2010). Veja também Doganer, S. (2007), "Alexander the Great: Warrior King as Geographer", [em turco] *Türk Cografya Dergisi* 48: 19-58.

Dois livros muito diferentes sobre Alexandre como estrategista, pouco convencionais, mas muito valiosos são Partha Bose, *Alexander the Great's Art of Strategy* (Nova York: Penguin, 2003) e David J. Lonsdale, *Alexander the Great, Lessons in Strategy* (Londres/Nova York: Routledge, 2007).

Os dois excelentes romances de Mary Renault sobre Alexandre agora parecem um pouco ultrapassados: *Fire from Heaven* (Nova York: Vintage, 2002, originalmente publicado em 1969) e *The Persian Boy* (Nova York: Vintage, 1988, originalmente publicado em 1972). Para recriações perspicazes, imaginativas e excitantes das batalhas de Alexandre, veja dois romances de Stephen Pressfield, *The Virtues of War: A Novel of Alexander the Great* (Nova York: Bantam, 2005) e *The Afghan Campaign: A Novel* (Nova York: Broadway, 2007). Valerio Massimo Manfredi possui uma

trilogia sobre Alexandre: *Alexander: Child of a Dream* (Nova York: Washington Square Press, 2001), *Alexander: The Sands of Ammon* (Nova York: Washington Square Press, 2002) e *Alexander: To the Ends of the Earth* (Nova York: Washington Square Press, 2002). Minha favorita é *The Sands of Ammon*, por causa de seu impressionante retrato de Memnon de Rodes e sua evocação da paisagem da Anatólia.

ANÍBAL

Causas perdidas têm um apelo especial e Aníbal não é exceção. Ele apresenta algo terno a escritores, apesar de que os leitores devem saber que os livros mais antigos, em especial os publicados antes de 1945, geralmente trazem certa quantidade de besteiras sobre o "caráter semita".

Não existe esse problema em um excelente livro introdutório, recente e curto feito por um incrível estudioso das Guerras Púnicas, Dexter Hoyos, *Hannibal: Rome's Greatest Enemy* (Exeter: Bristol Phoenix, 2008). Um artigo introdutório de Hoyos também é esclarecedor, "Hannibal: What Kind of Genius?" *Greece and Rome*, 2nd series 30.2 (1983): 171-80. Três introduções mais antigas, idiossincráticas e normalmente charmosas a Aníbal são G. P. Baker, *Hannibal* (Nova York: Cooper Square Press, 1999, originalmente publicadas em 1929); Leonard Cottrell, *Hannibal Enemy of Rome* (Nova York: Da Capo Press, 1992, originalmente publicada em 1960); Ernle Bradford, *Hannibal* (Nova York: Dorset Press, 1981). O melhor e mais confiável academicamente volume em inglês é Serge Lancel, *Hannibal*, traduzido por Antonia Nevill (Oxford: Blackwell, 1988). Jakob Seibert escreveu uma magistral biografia em *Hannibal* (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1993), mas não foi traduzida do alemão para o inglês. Dexter Hoyos oferece uma excelente análise de Aníbal e sua família em *Hannibal's Dynasty: Power and Politics in the Western Mediterranean, 247-183 BC* (Londres/Nova York: Routledge, 2003).

A melhor introdução às Guerras Púnicas está em Adrian Goldsworthy, *The Punic Wars* (Londres: Cassell, 2000). Veja agora os ensaios em Dexter Hoyos, ed., *A Companion to the Punic Wars* (Malden: Wiley-Blackwell, 2011). Para uma análise perspicaz, veja Brian Caven, *The Punic Wars* (Nova York: St. Martin's Press, 1992). Veja também R. M. Errington, *The Dawn of*

Empire: Rome's Rise to World Power (Ithaca: Cornell University Press, 1972); N. Bagnall, *The Punic Wars: Rome, Carthage, and the Struggle for the Mediterranean* (Londres: Pimlico, 1999). T. A. Dorey e D. R. Dudley, *Rome Against Carthage* (Garden City: Doubleday & Company, Inc., 1972), é curto e sensato.

A melhor história militar da Segunda Guerra Púnica é *Hannibal's War* (Norman: University of Oklahoma Press, 1978), de J. F. Lazenby. John Peddie, *Hannibal's War* (Thrupp/Stroud/Gloucestershire: Sutton Publishing, 1997), é perspicaz e geralmente pouco convencional em seus julgamentos. Há muitas coisas boas nos ensaios em Tim Cornell, Boris Rankov e Philip Sabin, eds., *The Second Punic War: a reappraisal* (Londres: Institute of Classical Studies, School of Advanced Study, University of London, 1996). O livro de Terence Wise e M. Healy, *Hannibal's War with Rome* (Oxford: Osprey Publishing, 2002), é uma boa fonte de ilustrações.

Richard Miles oferece uma excelente introdução a Cartago, com especial atenção ao uso da comunicação por Aníbal e uma sóbria discussão de sacrifício infantil, em *Carthage Must Be Destroyed: The Rise and Fall of an Ancient Civilization* (Londres: Allen Lane, 2010). Uma incrível coleção de fotos de objetos de arte e descobertas arqueológicas de Cartago e do império cartaginense pode ser encontrada em *Hannibal ad Portas: Macht und Reichtum Karthagos/herausgegeben von Badesischen Landesmuseum Karlsruhe* (Stuttgart: Theiss, 2004); o texto do catálogo desse museu está em alemão.

Para uma introdução a Roma na era da Segunda Guerra Púnica, veja Michael H. Crawford, *The Roman Republic*, segunda edição (Cambridge: Harvard University Press, 1993). Veja também H. H. Scullard, *A History of the Roman World from 753 to 146 B.C.* (Londres: Methuen & Co, 1970).

Para o exército romano, veja "César" a seguir.

Sobre o homem que vence Aníbal, veja B. H. Liddell Hart, *Scipio Africanus, Greater than Napoleon* (Cambridge: Da Capo Press, 2004, originalmente publicado em 1926) e H. H. Scullard, *Scipio Africanus: Soldier and Politician* (Ithaca: Cornell University Press, 1970).

Sobre as origens da Segunda Guerra Púnica, Donald Kagan, *On the Origins of War and the Preservation of Peace* (Nova York: Anchor Books, 1996), oferece um capítulo de análise astuta e concisa. Para um registro detalhado, veja Dexter Hoyos, *Unplanned Wars: The Origins of the First and Second*

Punic Wars (Berlim/Nova York: Walter de Gruyter, 1998). Sobre a decisão de Políbio e de Aníbal de iniciar a guerra contra Roma, veja A. M. Eckstein, "Hannibal at New Carthage: Polybius 3.15 and the Power of Irrationality", *Classical Philology* 84.1 (1989): 1-15.

Alguns outros estudos valiosos de tópicos na Segunda Guerra Púnica incluem: *Sobre Aníbal e os aliados italianos de Roma*, veja Michael P. Fronda, *Between Rome and Carthage* (Cambridge: Cambridge University Press, 2010). *Sobre a estratégia de Fábio*, P. Erdkamp, "Polybius, Livy, and the Fabian Strategy", *Ancient Society* 23 (1992): 127-47. *Sobre Aníbal e a religião*, veja T. W. Africa, "The One-Eyed Man against Rome", *Historia* 19.5 (1970): 528-38; B. Corinne, "Melqart", em Lindsay Jones, editor-chefe, *The Encyclopedia of Religion* vol.9 (Detroit: Macmillan Reference USA, 2005): 846-9.

Sobre a batalha de Canas, comece com Robert O'Connell, *The Ghosts of Cannae: Hannibal and the Darkest Hour of the Roman Republic* (Nova York: Random House, 2010), ou Adrian Goldsworthy, *Cannae: Hannibal's Greatest Victory* (Londres: Cassell Military, 2001); veja também Mark Daly, *Cannae: The Experience of Battle in the Second Punic War* (Londres/Nova York: Routledge, 2002); Martin Samuels, "The Reality of Cannae", *Militärgeschichtliche Mitteilungen* 47 (1990): 7-29. *Sobre o resultado da batalha*, ver J. F. Shean, "Hannibal's Mules: The Logistical Limitations of Hannibal's Army and the Battle of Cannae, 216 B.C.", *Historia* 45.2 (1996): 159-87.

As duas fontes antigas mais importantes estão disponíveis em tradução ao inglês: Políbio, *The Rise of the Roman Empire*, traduzido por Ian Scott-Kilvert, seleção e introdução de F. W. Walbank (Harmondsworth, Nova York: Penguin, 1979); e Lívio, *The war with Hannibal; books XXI-XXX of The History of Rome from its foundation*, traduzido por Aubrey de Sélincourt, editado com uma introdução de Betty Radice (Harmondsworth: Penguin, 1965). As vidas de Fábio Máximo e Marcelo, dois importantes comandantes romanos da Segunda Guerra Púnica, podem sem encontrados em Plutarco, *Makers of Rome*, traduzido com uma Introdução de Ian Scott-Kilvert (Harmondsworth: Penguin, 1965). A história irregular de Apiano está disponível em Horace White, tradutor, *Appian's Roman History*, vol. 1 (Cambridge: Harvard University Press, 1930). Para as biografias curtas de Amílcar e Aníbal por Cornélio Nepos veja *Epitome of Roman History /*

Lucius Annaeus Florus [com tradução ao inglês de Edward Seymour Forster]. *Cornelius Nepos* [com tradução ao inglês de John C. Rolfe], (Cambridge: Harvard University Press, 1929). Para uma tradução dos fragmentos (quer dizer, das passagens que sobreviveram) de Diodoro Sículo, *Library of History*, Livros 26 e 29, sobre Aníbal, veja http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Diodorus_Siculus/26*.h e http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Diodorus_Siculus/29*.h e Livro 25, sobre Amílcar Barca, veja http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Diodorus_Siculus/25*.h

Pride of Carthage: a Novel of Hannibal (Nova York: Anchor, 2006), de David Anthony Durham, é uma narrativa excitante e agradável da Segunda Guerra Púnica. Ross Leckie, *Hannibal* (Washington, DC: Regnery, 1996), vívido e poderoso, é um romance escrito na forma de memórias. O clássico romance de Gustave Flaubert, *Salammbo*, está ambientado em Cartago logo depois da Primeira Guerra Púnica, durante a revolta mercenária ou a Guerra Sem Trégua (ca. 240 a.C.). Para um registro histórico, veja Dexter Hoyos, *Truceless War: Carthage's Fight for Survival* (Leiden/Boston: Brill, 2007).

CÉSAR

Há muitos bons livros sobre César. Para um resumo do homem, seria difícil melhorar o excelente volume de JPVD. Balsdon *Julius Caesar* (Nova York: Atheneum, 1967). Uma incrível biografia recente é a de Adrian Goldsworthy, *Caesar: Life of a Colossus* (New Haven: Yale University Press, 2008). Philip Freeman, *Julius Caesar* (Nova York: Simon & Schuster, 2008), é astuta e concisa. Um clássico de bons julgamentos e boa pesquisa é Matthias Gelzer, *Caesar: Politician and Statesman*, trad. de Peter Needham (Oxford: Blackwell, 1969). Christian Meier, *Caesar*, trad. de David McLintock (Nova York: Basic Books/Harper Collins, 1995) é um ótimo livro, acadêmico e fascinante, mas, às vezes, idiossincrático. *Sobre César como comunicador*, veja Zvi Yavetz, *Julius Caesar and His Public Image* (Ithaca: Cornell University Press, 1983). *Sobre o apoio que os pobres e os não cidadãos davam a César*, veja Luciano Canfora, *Julius Caesar: The Life and Times of the People's Dictator*, trad. de Marian Hill e Kevin Windle (Berkeley/Los

Angeles: University of California Press, 2007).

Para uma introdução à turbulenta era do final da república romana, veja Tom Holland, *Rubicon* (Nova York: Doubleday, 2003), ou Mary Beard e Michael Crawford, *Rome in the Late Republic* (Londres: Duckworth, 2009). Para um registro detalhado, veja Erich Gruen, *The Last Generation of the Roman Republic*, segunda edição (Berkeley: University of California Press, 1995).

Sobre César como comandante militar, veja JFC. Fuller, *Julius Caesar: Man, Soldier and Tyrant* (New Brunswick: Da Capo, 1965); Kimberly Kagan, *The Eye of Command* (Ann Arbor: University of Michigan Press, 2006).

Sobre César como escritor e fonte histórica, veja F. E. Adcock, *Caesar as Man of Letters* (Cambridge: Cambridge University Press, 1956); os ensaios em Kathryn Welch e Anton Powell, eds., *Julius Caesar as Artful Reporter: The War Commentaries as Political Instruments* (Londres/Duckworth/Swansea: Classical Press of Wales, 1998); J. E. Lendon, "The Rhetoric of Combat: Greek Military Theory and Roman Culture in Julius Caesar's Battle Descriptions", *Classical Antiquity* 18 (1999): 273-329; L. F. Raditsa, "Julius Caesar and His Writings", em H. Temporini, ed., *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt; Geschichte und Kultur Roms im Spiegel der neueren Forschung, Joseph Vogt zu seinem 75. Geburtstag gewidmet, I: Von den Anfängen Roms bis zum Ausgang der Republik*, vol. I.3 (Berlim/Nova York: De Gruyter, 1973): 417-56.

Sobre Pompeu, veja Peter Greenhalgh, *Pompey, the Republican Prince* (Columbia: University of Missouri Press, 1982), e Robin Seager, *Pompey the Great, A Political Biography*, 2a edição (Malden: Blackwell, 2002); Patricia Southern, *Pompey* (Stroud: Tempus, 2002). Ver também Kurt von Fritz, "Pompey's Policy Before and After the Outbreak of the Civil War of 49 B.C.", *Transactions of the American Philological Association* 74 (1942): 145-80; John Leach, *Pompey the Great* (Londres: Croom Helm, 1978).

Sobre a batalha de Farsala, veja W. Gwatkin, "Some Reflections on the Battle of Pharsalus", *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 87 (1956): 109-24; C. B. R. Pelling, "Pharsalus", *Historia* 22 (1973): 249-59; Matthew Leigh, *Lucan: Spectacle and Engagement* (Oxford: Clarendon Press, 1973), 77-157; J. D. Morgan, "Palaepharsalus – the Battle and the Town", *American Journal of*

Archaeology 87 (1983): 23-54; Graham Wylie, “The Road to Pharsalus”, *Latomus* 51 (1992): 557-65.

Sobre a forma como os romanos faziam a guerra, ver o velho, mas ainda bom F. E. Adcock, *The Roman Art of War under the Republic* (Cambridge: Harvard University Press, 1940). Para uma visão geral mais recente, ver tanto Adrian Goldsworthy, *Roman Warfare* (Nova York: Smithsonian Books/Collins, 2005) como Jonathan P. Roth, *Roman Warfare* (Cambridge: Cambridge University Press, 2009). Para uma introdução mais detalhada, veja Adrian Goldsworthy, *The Complete Roman Army* (Nova York: Thames & Hudson, 2003); C. M. Gilliver, *The Roman Art of War* (Charleston: Tempus, 1999), que oferecem análises interessantes. Veja também Kate Gilliver, Adrian Goldsworthy e Michael Whitby, *Rome at War* (Oxford: Osprey Publishing, 2005), e os relevantes ensaios em Paul Erdkamp, ed., *A Companion to the Roman Army* (Oxford: Blackwell, 2007). L. J. F. Keppie, *The Making of the Roman Army: From Republic to Empire* (Norman: University of Oklahoma Press, 1984), oferece uma análise detalhada da evolução do exército romano na república, e John Peddie, *The Roman War Machine* (Conshohocken: Combined Publishing, 1996), é bom na análise de seu comando. *Sobre logística*, veja Paul Erdkamp, *Hunger and the Sword: Warfare and Food Supply in Roman Republican Wars (264-30 B.C.)*, (Amsterdam: J. C. Gieben, 1998), e Jonathan P. Roth, *The Logistics of the Roman Army at War (264 B.C-A.D. 235)*, (Leiden/Boston: Brill, 1999).

Uma seleção valiosa de fontes, com comentários e bibliografia, pode ser encontrada em Matthew Dillon e Lynda Garland, eds., *Ancient Rome: From the Early Republic to the Assassination of Julius Caesar* (Londres/Nova York: Routledge, 2005). Júlio César, *The Civil War, with the anonymous Alexandrian, African, and Spanish Wars*, traduzido com uma introdução e notas de J. M. Carter (Oxford: Oxford University Press, 1997); Apiano, *The Civil Wars*, traduzido com uma introdução de J. M. Carter (Londres; Nova York: Penguin Books, 1996). Para a história de Roma por Dião Cássio, livros 41-44, consulte a edição da Loeb Classical Library, Dião Cássio, *Roman History*, vol. 4: livros 41-44 trad. Earnest [sic] Cary e Herbert Baldwin Foster (Cambridge: Harvard University Press, 1916); a tradução inglesa está disponível on-line em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Cassius_Dio/home.html. As vidas de Pompeu e César podem ser encontradas em Plutarco, *Fall of the*

Roman Republic, edição revisada, traduzida com introdução e notas por Rex Warner, revisada com traduções comparadas e um prefácio por Robin Seager, com prefácio da série de Christopher Pelling (Harmondsworth: Penguin, 2005); as vidas de Bruto e Marco Antônio podem ser encontradas em Plutarco, *Makers of Rome*, traduzido com introdução de Ian Scott-Kilvert (Harmondsworth: Penguin, 1965); a vida de César por Suetônio está disponível em Caio Suetônio Tranquilo, *The Twelve Caesars*, trad. de Robert Graves, revisado com introdução por Michael Grant (Londres/Nova York: Penguin, 2003).

Sobre Cleópatra, veja Stacy Schiff, *Cleopatra: A Life* (Nova York: Little, Brown 2010); Duane Roller, *Cleopatra: A Biography* (Oxford: Oxford University Press, 2010); Diana E. E. Kleiner, *Cleopatra and Rome* (Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 2005).

Estudos de assuntos específicos incluem: JVPD. Balsdon, "The Ides of March", *Historia* 7 (1958): 80-94; Elmore, J., "Caesar on the Causes of Mutiny", *Classical Journal* 20 (1925): 430-32; Peter Green, "Caesar and Alexander: Aemulatio, Imitatio, Comparatio", *American Journal of Ancient History* (1979) 3: 1-26.

Colleen McCullough, *Caesar: A Novel* (Nova York: William Morrow, 1997), é popular e fiel às fontes históricas; Steven Saylor, *The Judgment of Caesar: A Novel of Ancient Rome* (Nova York: St. Martin's Minotaur Books, 2004) e Steven Saylor, *The Triumph of Caesar: A Novel of Ancient Rome* (Nova York: St. Martin's Minotaur Books, 2008) são histórias de detetive cativantes. *Emperor: The Gods of War* (Nova York: Delacorte Press, 2006) de Conn Iggulden mostra um quadro da guerra civil com pinceladas gerais. *The Ides of March* (Nova York: Harper Perennial, 2003, originalmente publicado em 1948) de Thornton Wilder é um deleite sutil.

GUERRAS ANTIGAS

Não há um livro específico, mas, para algo próximo, veja John Gibson Warry, *Warfare in the Classical World: an illustrated encyclopedia of weapons, warriors and warfare in the ancient civilisations of Greece and Rome* (Norman: University of Oklahoma Press, 1995), e Simon Anglim et al., *Fighting techniques of the ancient world 3,000 BC-500 AD: equipment,*

combat skills, and tactics (Nova York: Thomas Dunne Books: St. Martin's Press, 2002). Harry Sidebottom apresenta uma aproximação temática em *Ancient Warfare: A Very Short Introduction*, (Oxford e Nova York: Oxford University Press, 2005). Peter Connolly, *Greece and Rome at War.* (Londres: Greenhill Books, 2006), apresenta ilustrações magníficas e uma história bem contada.

Sobre estratégia nas guerras antigas, veja os ensaios em Victor Davis Hanson, ed., *Makers of Ancient Strategy* (Princeton: Princeton University Press, 2010). Sobre psicologia nas batalhas antigas, veja J. E. Lendon, *Soldiers and Ghosts: A History of Battle in Classical Antiquity* (New Haven: Yale University Press, 2006).

Giovanni Brizzi apresenta uma visão geral dos conflitos antigos, com uma boa análise especial das táticas de Aníbal, em *Il guerriero, l'oplita, il legionario. Gli eserciti nel mondo classico* (Bolonha: Il Mulino, 2002), em italiano.

Philip Sabin, *Lost Battles: Reconstructing the Great Clashes of the Ancient World* (Londres: Hambledon Continuum, 2008), combina estratégia de guerra e pesquisa acadêmica para reconstruir os campos de batalha antigos.

Sobre a cavalaria, veja Philip Sidnell, *Warhorse: Cavalry in Ancient Warfare.* (Londres: Hambledon Continuum, 2006).

GRANDES COMANDANTES

Começamos com Theodore Ayrault Dodge, *Great captains: a course of six lectures showing the influence on the art of war of the campaigns of Alexander, Hannibal, Caesar, Gustavus Adolphus, Frederick, and Napoleon* (Boston: Houghton, Mifflin, 1892, *copyright* 1889). Dodge também publicou volumes detalhados e individuais sobre cada um desses seis comandantes.

Richard A. Gabriel oferece astuta análise e uma série de estudos de caso, incluindo Aníbal e Cipião Africano em *Great Captains of Antiquity*, prefácio de Mordechai Gihon e David Jablonsky (Westport: Greenwood, 2001).

Estudos profundos de comandantes posteriores que poderiam ser chamados de "grandes capitães", do período medieval ao século XX, incluem Sir Basil Henry Liddell Hart, *Great Captains Unveiled* (Freeport: Books for Libraries Press, 1967); Martin Blumemson e James L. Stokesbury, *Masters of the Art*

of Command (Boston: Houghton Mifflin, 1975); Martin van Creveld, *Command in War* (Cambridge: Harvard University Press, 1987); Eliot Cohen, *Supreme Command: Soldiers, Statesmen, and Leadership in Wartime* (Nova York: Free Press, 2002); John Keegan, *The Mask of Command* (Nova York: Penguin Books, 1988).

Para uma introdução sobre a ciência social moderna e seu estudo sobre a liderança, veja Bernard M. Bass com Ruth Bass, *The Bass Handbook of Leadership*, 4a edição (Nova York: Free Press, 2008) e várias entradas em George R. Goethals, Georgia J. Sorenson, James MacGregor Burns, ed., *Encylopedia of Leadership* (Thousand Oaks: Sage Publications, 2004).

Sobre os elefantes na guerra antiga, veja H. H. Scullard, *The Elephant in the Greek and Roman World* (Ithaca: Cornell University Press, 1974).

Sobre a intuição estratégica, veja William R. Duggan, *Coup d'oeil: strategic intuition in Army planning* (Carlisle Barracks: Strategic Studies Institute, U. S. Army War College, 2005) e Idem, *Strategic Intuition: The Creative Spark in Human Achievement* (Nova York: Columbia Business School Pub., 2007).

Encontrei muita sabedoria em dois livros recentes sobre grandes líderes, escritos por filósofos políticos: Robert Faulkner, *The Case for Greatness: Honorable Ambition and Its Critics* (New Haven: Yale University Press, 2007) e Walter Randy Newell, *The Soul of a Leader: Character, Conviction, and Ten Lessons in Political Greatness* (Nova York: Harper Collins, 2009). Também me beneficiei muito de Winston S. Churchill, *Great Contemporaries* (Chicago: University of Chicago Press, 1973, originalmente publicado em 1937).

Notas

1: Dez qualidades de comandantes bem-sucedidos

usando um peitoral encouraçado: os detalhes da armadura de Aníbal baseiam-se em uma provável reconstrução.

olhar brilhante e feroz: Lívio, *History of Rome* 21.4.

Livro de Daniel: 8:1-8, 15-22, 11:2-4.

"tribo da águia": Abraham Lincoln, "Address to the Young Men's Lyceum of Springfield, Illinois, January 27, 1838" em *Speeches and Writings 1832-1858.* Nova York: Library of America, 1989, 34.

"Não seguia a causa. Seguia o homem – e ele era meu amigo": paráfrase de Caio Matio em sua carta a Cícero de 44 a.C.: "*neque enim Caesarem in dissensione civili sum secutus sed amicum*", Cícero, *Letters to Friends* 11.28.2.

A visão de Aníbal em seu manto: Lívio, *History of Rome* 21.4.

"Porque ele amava a honra, amava o perigo": Plutarco, *Caesar* 17.2.

Só as necessidades de dormir e fazer sexo: Plutarco, *Life of Alexander* 22.6.

"E jovem", ele falou: Plutarco, *Life of Caesar* 35.11.

matou um milhão de pessoas: Plutarco, *Life of Caesar* 15.5.

Ou foi o que afirmaram os romanos: Lívio, *History of Rome* 31.20.6.

terra "conquistada pela lança": Diodoro Sículo 17.17.2.

Nenhum homem superou a proeza de Alexandre: Genghis Khan conquistou um império muito maior, mas ele demorou vinte anos para isso e viveu até os 65 anos.

2: Ataque

"esplendor do grande prêmio": Políbio, *Histories* 3.6.12, tradução de Loeb, disponível em http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Polybius/3*.html.

"Ele era, por sua própria natureza, um homem realmente maravilhoso": Políbio, *Histories* 9.22.6.

"jovem, cheio de ardor marcial": Políbio, *Histories* 3.15.6, tradução de Loeb, disponível em http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Polybius/3*.html.

primeiro homem em Roma: Plutarco, *Life of Caesar* 11.3-4.

"A república não é a questão em jogo": Cícero, *Letters to Atticus* 10.7.1.

"reputação e a honra": César, *Civil War* 1.7.

"a honra da república": César, *Civil War* 1.9.

“um benefício concedido a mim [César]”: César, *Civil War* 1.9.

“Ele [César] diz que está fazendo tudo”: Cícero, *Letters to Atticus* 7.11.1.

“O inimigo teria vencido”: Plutarco, *Life of Caesar* 39.8.

“tinham sido treinados constantemente para a guerra”: Políbio, *Histories* 3.89.5-6, tradução de Loeb, disponível em http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Polybius/3*.html.

“honra e o império”: Lívio, *History of Rome* 22.58.3.

68 “totalmente sob a influência”: Políbio, *Histories* 3.15.9.

“Não são os grandes exércitos”: Martin Blumenson e James Stokesbury, *Masters of the Art of Command* (Cambridge: Da Capo Press, 1990), p. 146.

“famoso por seus bons julgamentos como general”: Diodoro Sículo 17.18.2.

“defendeu uma política”: Diodoro Sículo 17.18.2.

colocando: Arriano, *Anabasis of Alexander* 1.15.2.

“cavalos lutando emaranhados com outros cavalos”: Arriano, *Anabasis of Alexander* 1.15.4.

“Porque seus homens não tinham apenas sofrido terrivelmente”: Políbio, *Histories* 3.60.3, tradução de Loeb, disponível em http://penelope. uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Polybius/3*.html.

“mais essencial a um general do que o conhecimento dos princípios e do caráter de seu oponente”: Políbio, *Histories* 3.81.1, tradução de Loeb, disponível em http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Polybius/3*.html.

os pontos fracos: Políbio, *Histories* 3.81.3.

“ele tinha vindo acima de tudo”: Políbio, *Histories* 3.77.3-7. trad. Penguin.

“Ele achava que surpreender”: Plutarco, *Life of Caesar* 32.2.

“costumava depender da surpresa”: Apiano, *Civil Wars* 2.34 [136], trad. Matthew Dillon e Lynda Garland, *Ancient Rome from the Early Republic to the Assassination of Julius Caesar* (Nova York: Routledge, 2005), p. 643.

“Ele fez isso”: César, *Civil War* 1.23.

“Que este novo tipo de conquista nos fortifique com piedade e generosidade”: (César em [Cícero] *Letters to Atticus* 9.7c (ca. 5 de março de 49).

“clemência insidiosa”: Cícero, *Letters to Atticus* 8.16.

“Homens são aptos a pensar”: Tucídides, 7.69.2.

3: Resistência

“não visualizam as consequências”, Políbio, *Histories* 11.2.4-6.

“O desafio da educação”: citado em Craig Mullaney, *The Unforgiving Minute: A Soldier’s Education* (Nova York: Penguin, 2009), p. 365.

Aristóteles tinha ensinado: Aristóteles, Política 4.1296a.

“baixo-ventre macio”: Richard M. Langworth, *The Definitive Wit of Winston Churchill* (Nova York: Public Affairs, 2009), p. 109.

O rugido ecoou: Cúrcio 3.10.1-2; Diodoro Sículo 17.33.4.

“em três batalhas”: Cúrcio 4.1.35.

“Eu aceitaria”: Plutarco, *Life of Alexander* 29.8.

perfeito para emboscadas: Lívio, *History of Rome* 22.4.1.

As fontes indicam um debate no alto comando cartaginense: Dexter Hoyos, “Maharbal’s Bon Mot: Authenticity and Survival”, *Classical Quarterly* n.s. 50.2 (2000): 610-14.

“que seu exército não conseguia carregar tudo”: Políbio, *Histories* 3.86.10, tradução de Loeb, disponível em http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Polybius/3*.html.

“em um campo cheio de todo tipo de produção”: Políbio, *Histories* 3.87.1, tradução de Loeb, disponível em http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Polybius/3*.html.

“suprimentos inesgotáveis de provisões e homens”: Políbio, *Histories* 3.89.9. tradução de Loeb, disponível em http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Polybius/3*.html.

“enviar ajuda a seus aliados” Plutarco, *Fabius* 2.5., tradução de Loeb, (vol. 3, 1916), disponível em http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Plutarch/Lives/Fabius_Maximus*.html.

“Ele, portanto, decidiu”: Plutarco, *Fabius* 5.3, tradução de Loeb, (vol. 3, 1916), disponível em http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Plutarch/Lives/Fabius_Maximus*.html.

“servo de Aníbal”: literalmente, “*paedagogus* de Aníbal”, um escravo grego que serviu como jovem assistente de um nobre romano.

“arte da fraude púnica”: Floro, *Epitome* 1.22.13.

129 “melhores estratagemas”: Plutarco, *Life of Pompey* 63.1.

“as guerras não são ganhas por evacuações”: Winston Churchill, Discurso para a Câmara dos Comuns, 4 de junho de 1940, disponível em http://www.churchill-society-london.org.uk/Dunkirk.html.

estava indo contra um exército sem líder: Suetônio, *Julius Caesar* 34.2.

“não por meio da leniência”: Suetônio, *Julius Caesar* 69.

“et devotissimi... et fortissimi”: Suetônio, *Julius Caesar* 68.1.

“a coisa mais potente na guerra é o inesperado”: Apiano, *Civil Wars* 53.

“Não pode existir paz entre nós enquanto não trouxerem a cabeça de César”: César, *Civil War* 3.19.

“boa sorte de César”: Apiano, *Civil Wars* 2.57.

animais, não homens: Apiano, *Civil Wars* 2.61.

escreveu para Cícero, seu famoso sogro, *Letters to Friends* 9.9.2-3.

“a sorte... produz grandes mudanças”: César, *Civil War* 3.68.

“Imperator!”: César, *Civil War* 3.71.

“Hoje o inimigo teria vencido”: Plutarco, *Caesar* 39; cf. Apiano, *Civil Wars* 2.62. Traduzido por Rex Warner: Plutarco, *Fall of the Roman Republic*, rev. edn. Trad. de Rex Warner, rev. Robin Seager, prefácio Christopher Pelling, Londres: Penguin Books, 2005, p. 294.

Em privado: Apiano, *Civil Wars* 2.64.

Em público: César, *Civil War* 3.73.

fé em seu pai – ele mesmo: Dião Cássio, *Roman History* 41.27.

“A guerra é um professor duro”: Tucídides, 3.82.2.

4: Conflito

“Por um curto período de tempo, tornou-se uma luta corpo a corpo”: Arriano, *Anabasis of Alexander* 3.14.3.

“o ar... com os gritos dos caídos”: Diodoro Sículo 17.60.4.

Não houve nenhuma lança voando: Arriano, *Anabasis of Alexander* 3.15.2.

“uma aparição estranha e aterrorizante”: Políbio, *Histories* 3.114.

poderiam muito bem ter se entregado para seus homens: Lívio, *History of Rome* 22.49.3.

“um massacre em vez de uma batalha”: Lívio, *History of Rome* 22.48.6.

muitos romanos morreram: os números de baixas mais críveis encontram-se em Lívio, *History of Rome* 22.49.13-18, mas eles não batem com o número total de soldados romanos no geralmente confiável Políbio, *Histories* 3.113.

Os homens de César, bêbados e inchados: Apiano, *Civil Wars* 2.64.

“homens disciplinados e desesperados”: Apiano, *Civil Wars* 2.64, tradução de Loeb, disponível em http://www.perseus.tufts.edu/hopper/t?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0232%3Abook%3D2%3Achapter%3D10%3Asection%3D66.

“o cálculo mais prudente”: Apiano, *Civil Wars* 2.64, tradução de Loeb, disponível em http://www.perseustufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0232%3Abook%3D2%3Achapter%3D10%3Asection%3D66.

“mais reservado”: Tácito, *Histories* 2.38.

Finalmente, Pompeu desistiu: César, *Civil War* 3.86; Apiano, *Civil Wars* 2.10.67; Plutarco, *Life of Pompey* 67.4-5; Polieno, *Stratagems of War* 8.23.14.

como o capitão de um navio entregando o leme: Lucano, *Pharsalia*, 7.126-128.

tinham que continuar se movendo: César, *Civil War* 3.85.

“Esperança”: Tucídides, 5.102.

A batalha provavelmente aconteceu: a exata localização dela é incerta. Aqui, sigo os argumentos de C.B.R. Pelling, “Pharsalus”, *Historia* 22 (1973), 249-59, e John D. Morgan, “Palaepharsalus – the Battle and the Town”, *American Journal of Archaeology* 87 (1983), 23-54.

Uma fonte afirma que César disse a seus soldados: Plutarco, *Life of Pompey* 68.4.

“Devemos estar prontos em nossos corações”: César, *Civil War* 3.85.

“a crise dos chefes”: Lucano, *Pharsalia*, 7.242-43.

incluía o peso dos gemidos: Lucano, *Pharsalia*, 7.571-73.

“suas alas espalhadas por toda a planície”: Lucano, *Pharsalia*, 7.506.

Arqueiros e dardeiros: Dião Cássio 41.60.1-2.

derretendo de calor: Lucano, *Pharsalia*, 7.511-13.

“Nenhuma circunstância contribuiu mais”: Frontino, *Stratagems* 2.22.

“Eles quiseram isso”: Asínio Polião como citado por Suetônio, *Julius Caesar* 30.4.

O resultado de Farsala: César, *Civil War* 3.99; Apiano, *Civil Wars* 2.82, que cita a agora perdida história de Asínio Polião, uma testemunha que lutou em Farsala do lado de César.

5: Fechando o cerco

ele não queria o cadáver de Dario: Justino 3.3.

um discurso que tocou em três temas: Plutarco, *Life of Alexander* 47.1-3, afirma estar parafraseando uma carta a Antípatro na qual Alexandre descreve o que ele realmente falou.

ele subestimou enormemente a distância: Quinto Cúrcio 6.3.16.

Magão: Lívio, *History of Rome* 28.46.7, 14; 29.4-5; 30.18-20. Magão tinha sonhado com a glória, mas hoje sua única aproximação à imortalidade aparece por meio de um molho de ovo. A cidade de Maó em Minorca afirma ser o lugar onde começou a maionese – e Maó também se orgulha de ter recebido este nome por Magão. Mas a etimologia da cidade está em debate e outros lugares também insistem que inventaram a maionese.

“daquele tipo usado somente por cavaleiros, e só pelos mais importantes”: Lívio, *History of Rome* 23.12.2.

“Agora eu entendo o destino de Cartago!”: Lívio, *History of Rome* 27.51.12.

“por si mesmos e por seu solo nativo!”: Políbio, *Histories* 3.118.5.

“Realmente, os deuses não entregaram”: Lívio, *History of Rome* 22.51.4.

“Acredita-se que esta decisão”: Lívio, *History of Rome* 22.51.4.

tem todo o peso dos homens que viveram a Segunda Guerra Púnica: Michael P. Fronda, *Between Rome and Carthage: Southern Italy during the Second Punic War* (Cambridge: Cambridge University Press, 2010), n. 106, p. 42, citando Hans Beck e U. Walter, eds. *Die frühen römischen Historiker*, vol. 1. (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2001), 4 F13-14.

“nem os cartaginenses nem seus inimigos”: Lívio, *History of Rome* 21.12.1.

Sula, segundo César, não conhecia da política nem o ABC: Suetônio, *Julius Caesar* 77.

“Fortis fortuna adiuvat”: Terence, *Phormio* 203.

“Só posso lamentar seu destino”: Cícero, *Letters to Atticus* 11.6.5.

“Exigi, apropriei-me, apoiei”: Dião Cássio, *Roman History* 42.49-50.

aritmética simples: Dião Cássio, *Roman History* 42.49.

“cidadãos”: Suetônio, *Julius Caesar* 70; Plutarco, *Life of Caesar* 51.2; Apiano, *Civil Wars* 2.13.92-94; Dião Cássio, *Roman History* 52-54.

Dizem que se livrou dos líderes: Dião Cássio, *Roman History* 42.55.2.

“manchado de culpa”: *The African War* 44.

“Eu deveria me levantar em armas”: *The African War* 45.

“Não o chamarei de comandante-chefe”: *The African War* 45.

229 Ele considerava César um tirano: Plutarco, *Cato the Younger* 72.2, pode ter inventado o discurso de Catão, mas parece verdade.

“Oh, Catão, não queria ter a glória”: Plutarco, *Cato the Younger* 72.2.

“Cada um de sua causa pode atestar um julgamento supremo”: Lucano, *Pharsalia* 1.127-28, traduzido por Sir Edward Ridley. *Pharsalia. M. Annaeus Lucanus.* (Londres: Longmans, Green, and Co., 1905), disponível em http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0134%3Abook%3D1%3Acard%3D33.

“Não têm vergonha de me entregar para estes meninos?”: Plutarco, *Life of Caesar* 56.2.

6: Saber quando parar

“várias bênçãos e especialmente”: Arriano, *Anabasis* 7.11.8.9, modificado da tradução de P. A. Brunt, *Arrian, Anabasis of Alexander, Books V-VII* (Cambridge: Harvard University Press), 1983, p. 241.

“Aqueles que sabem ganhar uma guerra raramente sabem fazer a paz”: Winston Churchill, *My Early Life: A Roving Commission* (Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1987), p. 331.

“Alexandre sempre foi insaciável”: Aristóbulo citado em Arriano, *Anabasis of Alexander* 7.19.6, e Estrabão, *Geography* 16.1.11, cf. Arriano *Indica* 9.11.

“O grande chifre se quebrou”: Livro de Daniel 8:8.

“A música sempre deve tocar”: W. H. Auden, “September 1, 1939”.

“o impróprio odor da morte”: W. H. Auden, “September 1, 1939”.

“o mais forte”: Arriano, *Anabasis* 7.26.3, Diodoro Sícolo 17.117.4, cf. 18.1.4; Quinto Cúrcio 10.5.5, Justino 12.15.8.

“grandes jogos funerários”: Diodoro Sículo 17.117.4.

“grandes esperanças”: Políbio, *Histories* 15.2.3.

“cuidassem de outros assuntos”: Políbio, *Histories* 15.5.2.

“espantado”... “sentiu a necessidade”: Políbio, *Histories* 15.5.8.

“abismado pela confiança do inimigo”: Lívio, *History of Rome* 30.29.4.

“procurar a paz enquanto seu exército estivesse intacto”: Lívio, *History of Rome* 30.29.5.

Políbio diz que Aníbal foi admirável em Zama: Políbio, *Histories* 15.15.3.

preferia ser o primeiro homem ali: Plutarco, *Life of Caesar* 11.3-4.

“a tranquilidade da Itália”: César, *Civil War* 3.57.

270 “A república”, ele falou uma vez, “não é nada”: Suetônio, *Julius Caesar* 77.1.

“Você também, meu filho?”: Suetônio, *Julius Caesar* 82.2.

cinquenta batalhas campais nas quais afirmou ter matado 1.192.000 pessoas: Plínio, o Velho, *Natural History* 7.91-92.

César não ganhava o direito de dominar as pessoas: Plutarco, *Life of Cato the Younger* 66.2.

Conclusão

“Os corajosos têm toda a terra como seu sepulcro”: Tucídides, *The Peloponnesian War* 2.43.3.

um de seus subordinados tremeu: a referência é a Cassandro, Plutarco, *Life of Alexander* 74.6.

“liderança, bravura e capacidade no campo” de Aníbal: Políbio, *Histories* 11.19, a fonte de todas as citações neste parágrafo. Todas as traduções neste parágrafo são versões modificadas de W. R. Paton, traduções de Loeb Classical Library, disponível em http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Cassius_Dio/42*.html.

Cipião veio até Éfeso: Lívio, *History of Rome* 35.14.5-11; Plutarco, *Life of Flaminius* 21.3.

“espírito púnico”: Lívio, *History of Rome* 35.14.11.

“falou que já tinha visto muitos velhos gagás”: Cícero, *On the Orator* 2.75.

Índice

CAPA
Ficha Técnica
Nota do Autor
Cronologia
Glossário dos nomes principais
Mapas
CAPÍTULO 1 Dez qualidades de comandantes bem-sucedidos
CAPÍTULO 2 Ataque
CAPÍTULO 3 Resistência
CAPÍTULO 4 Conflito
CAPÍTULO 5 Fechando o cerco
CAPÍTULO 6 Saber quando parar
Conclusão
Agradecimentos
Uma nota sobre as fontes
Notas